

J. W. ROCHESTER  
ARANDI GOMES TEIXEIRA

O  
CONDADO  
DE  
LANCASTER



J.W ROCHESTER

ARANDI GOMES TEIXEIRA

O  
C O N D A D O  
— DE —  
LANCASTER

© 2000 Arandi Gomes Teixeira

Editora Espírita Correio Fraterno  
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955  
CEP 09851-000 – São Bernardo do Campo – SP  
Telefone: 11 4109-2939  
correiofraterno@correiofraterno.com.br  
www.correiofraterno.com.br

*Vinculada ao Lar da Criança Emmanuel (www.laremanuel.org.br)*

Relançamento da obra publicada sob o título  
*O paradigma da humanidade*. O texto original foi revisto.  
A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio,  
somente será permitida com a autorização por escrito da editora.

(Lei nº 9.610 de 19.02.1998)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Cristian Fernandes

REVISÃO

Eliana Haddad e Izabel Vitusso

CAPA E PROJETO GRÁFICO DE MIOLO

André Stenico

CATALOGAÇÃO ELABORADA NA EDITORA

Rochester, J. W. (espírito)

O condado de Lancaster / J. W. Rochester (espírito);  
psicografia de Arandi Gomes Teixeira. – São Bernardo do Campo, SP :  
Correio Fraterno, 2013.  
ISBN 978-85-5455-022-6

1. Romance mediúnico. 2. Espiritismo. 3. Inglaterra/Reino Unido. 4. Turquia. 5. Literatura brasileira. I. Teixeira, Arandi Gomes. II.  
Título.

CDD 133.93

*“Luz!... sim; que a criança é uma ave,  
cujo porvir tendes vós;  
No sol – é uma águia arrojada,  
Na sombra – um mocho feroz.”*

CASTRO ALVES

(trecho do poema *O século*, publicado em  
1865 no jornal *O Lidador Acadêmico*)



## SUMÁRIO

- [Retratção](#)
- ['Oferenda'](#)
- [Na escócia](#)
- [Mudanças](#)
- [Ameaças...](#)
- [O amor](#)
- [Os feridos...](#)
- [As bodas](#)
- [O herdeiro](#)
- [Perfídia](#)
- [A vingança](#)
- [Perplexidade...](#)
- [Loucura](#)
- [A viagem](#)
- [Compensações](#)
- [Face a face](#)
- [Remorsos](#)
- [Adeus!...](#)
- [Em Istambul](#)
- [Depoimentos](#)
- [Kadir](#)

A certeza

Reencontro

Josafá

Diferenças

A revelação

Crise existencial

Atribuições

Despedidas

Em casa

Opções

O príncipe

Credos

Determinação

O paradigma

Epílogo



## RETRATAÇÃO

QUE O SENHOR Jesus nos abençoe!

Caros irmãos e leitores amigos:

Eu, Conde Rochester, aqui estou consternado, mas decidido a dizer-vos tão somente a verdade.

Sinto a alma dolorida e angustiado o coração, ao lembrar antigos conceitos que já não fazem mais parte dos meus veros sentimentos, sendo eu hoje o resultado de uma transformação sofrida, graças a Deus.

Nas sendas espinhosas das passadas existências, quase sempre acicatado pela dor e pela revolta, na desorientação de mim mesmo, enveredando por ínvios caminhos, tortuosos e altamente cobradores, muitas vezes reagi de maneira anticristã.

Defendendo aquilo que julgava ser ou ter, feri muitos irmãos de jornada, da forma mais abjeta possível.

Tendo conservado em mim o ódio e o desprezo a determinadas raças, apontei-lhes duramente suas nuances atávicas, na intenção declarada de denegri-las, se bem que eu também exibía as minhas, tão merecedoras de censura quanto como acontece com todos nós, seres humanos.

De todas as armas que este mundo conhece, o pensamento concretizado é uma das mais potentes. E, nesse sentido, o talento que exerço há tantos séculos coloriu e convenceu aqueles que tão imperfeitos quanto eu aceitaram tais abusos literários.

Cego pelo orgulho e pela vaidade, estigmatizei até a mim mesmo, nas personagens desta ou daquela época, oriundas das raças discriminadas.

A meu favor, tenho apenas a justificativa dos diferentes costumes e comportamentos, pertinentes a cada momento de nossa história. Afinal, estamos nos remetendo a outros tempos, nos quais falava-se pouco, ou quase nada, em justiça e fraternidade, exercitando-as menos ainda.

Os pensamentos eram eivados de muitos enganos, nos seus preconceitos e consequentes racimos e estes, ainda hoje, sobrevivem num resquício de barbárie.

Aquilo que hoje é censurado e considerado inadmissível, no passado fazia parte dos hábitos e costumes da maioria.

A cada regresso para o mundo espiritual e a cada nova oportunidade de reencarnação, eu tomava decisões certo de que poderia emendar-me. Mas, como sempre fazia, guindava-me ao poder e, uma vez nele, externava as minhas imperfeições espirituais.

Deprimido pela constatação aflitiva das dificuldades morais que carregava, difíceis de alijar, requisitei à misericórdia divina a sagrada oportunidade de narrar as múltiplas experiências ao longo das diversas civilizações, no passado que retratava as minhas vidas e as vidas daqueles que comigo caminhavam, no afã de penitenciar-me, enquanto esclarecia o público, ilustradamente, sobre a grande lei de ação e reação, à qual estamos todos submetidos.

Desta forma, atirei-me sem cessar às épicas narrativas, revivendo muitas existências que tornaram-se conhecidas e apreciadas pelos meus caros leitores.

Mas... oh!, Deus, apesar do grande entusiasmo e das primeiras intenções, ainda imbuído das minhas paixões desequilibradas, extravasei pareceres particulares, nocivos para as referidas obras, que visavam a minha evolução espiritual e também a daqueles que tivessem a oportunidade de lê-las (sem dúvida alguma, a batalha mais difícil que se trava na face deste planeta é a do homem contra as suas antigas e arraigadas imperfeições)... No exercício do nosso livre-arbítrio somos muitas vezes cegos da alma.

Atualmente, minha redenção revela-se na patente transformação íntima à qual me impus.

Perdoem-me a ousadia da assertiva, porém, sei o que digo e o quanto tem me custado esta modificação consciente e sacrificada.

O Conde Rochester hoje deplora sentimentos injustos por serem anticristãos e, neste diapasão, usa o pensamento, a pena e o papel para glorificar o bem e o belo, onde quer que estejam, abominando toda forma de discriminação e de preconceitos, principalmente o funesto racismo.

Já me enterneco mais, amo com mais liberdade, livre das peias antigas que algemavam os meus sentimentos às cadeias da vaidade e do orgulho, vícios morais que me têm feito sofrer duramente. Se ainda não atingi o patamar espiritual almejado, garanto-lhes que lhe estou ao encalço, esforçadamente.

Assim sendo, envolvido em novos e transformadores valores, lamento um passado de grandes equívocos.

Os prejuízos das obras editadas no século passado devem ser analisados à luz da razão esclarecida, diante das mudanças sociais evolutivas que o futuro-presente nos requisitou, requisita e requisitará, cada vez mais.

Se a razão e o coração estivessem trabalhando juntos, à luz do Evangelho de Jesus, sem dúvida não estaríamos passando por este constrangimento, porque primaríamos pelas verdades de Deus e não pelos enganos morais destes ou daqueles que já passaram por este planeta ainda tão imperfeito.

O espírito Erasto nos disse, muito sabiamente: “Mais vale rejeitar dez verdades do que admitir uma única mentira.”

“Aqui e agora”, nesta conscientização maior da minha enorme responsabilidade, e na retratação sincera que ora assumo diante de Jesus e do público, corajosa e humildemente, falece



a minha atuação concreta de interferência nos conteúdos das minhas obras literárias, porque o livre-arbítrio daqueles que respondem pelas edições é sagrado e intransferível, assim como os louros ou os prejuízos decorrentes.

Vale lembrar que, acima de qualquer autor, em qualquer época ou circunstância, deve-se primar pela divulgação tão somente das verdades que elevam e esclarecem de fato, segundo os códigos da grande lei.

Neste propósito, minhas obras, neste século, refletem a minha nova disposição e renovados objetivos..

No “orai e vigiai” estarei, continuamente, trilhando estes caminhos redentores junto aos afetos do meu coração e, entre estes, os meus queridos leitores.

Profundamente grato àqueles que me entenderem, abraço-os fraternalmente, esperando a compreensão e a indulgência daqueles que injustamente foram atingidos por minhas inverdades. Diante destes, inclino-me humildemente e peço-lhes perdão.

Rogando aos céus que o anjo que vela por nós continue nos amparando e iluminando sempre, fica aqui o meu apreço e consideração.

J. W. ROCHESTER  
São Paulo, 14 de abril de 2000



## ‘OFERENDA’

NUMA FARÂNDOLA DE colorido intenso e de ruídos característicos que acabam por misturar a diversidade de raças, ressaltada nos seus trajes típicos; barracas negociando os mais variados produtos; tecidos vistosos sendo oferecidos aos passantes ao desdobrar-se nas mãos dos comerciantes; discussões veladas ou ruidosas de cambistas; balidos de gado caprino; o tilintar de enfeites femininos; frutos e grãos expostos em compridas esteiras ao longo das ruas e calçadas; o zoar de camelos resfolegantes; os olhares mal-intencionados dos ladrões que espreitam perigosos uma oportunidade para roubar; letrados em diversos idiomas; encantadores de serpentes que tocam melancólicos as suas flautas, enquanto os ofídios, parecendo entendê-los, movimentam-se no ritmo sugerido; fanáticos flagelando-se ante a comiseração pública; magos, adivinhos, cartomantes, amoladores de facas e tesouras; remendões; pregoeiros etc., etc., nos surpreendemos com um menino de quase dez anos de idade (aparentando bem menos) a caminhar sem rumo.

Seu rosto é magro e triste, os olhos são negros como uma noite sem lua e sem estrelas.

Ele desconhece a própria origem. Mora num lugar mal-afamado com seu pai, que age como seu inimigo: nunca está presente quando se faz necessário, espanca-o cruelmente e jamais o defende.

Caminhando a esmo, leva a mão ao rosto e acaricia-o, na tentativa de aliviar a ardência que restou das bofetadas desferidas por um dos seus vizinhos. O homem chegara gritando impropérios contra seu pai. Possesso por não encontrá-lo, descarregou nele de maneira injusta e cruel o ódio que carregava no coração.

Desesperado, tolhido pelas fortes mãos daquele homem, gritou, esperneou e mordeu-o até conseguir soltar-se e correr para longe com todas as suas forças, em prantos. As lágrimas, de

certa forma, aliviam um pouco as dores físicas que sente...

Ninguém o defendera! Olhos esgazeados, implorou auxílio, socorro... Com risos escarninhos os outros pareciam divertir-se com os seus gritos... Entre o pânico e as defesas quase inúteis que fazia ainda ouviu:

– Mate-o de uma vez! Assim nos vingaremos do seu pai, aquele patife!

Sente dores pelo corpo e está faminto, mas a maior dor está na alma; a maior fome é de amor, de proteção...

Profundamente desiludido da vida, sente um grande desejo de morrer... Por que Allah não o leva de uma vez?... De que lhe serve viver assim?

Súbito impulso o faz pensar em procurar o pai, mas desiste, seria pior. Ele o espancaria também e... onde encontrá-lo, caso valesse a pena socorrer-se dele? Nunca sabe onde ele está!...

As fisionomias dos transeuntes o assustam. Parece-lhe estar vivendo um dos seus habituais pesadelos. Alguns olham-no com desprezo, outros com indiferença porque está sujo e maltrapilho.

As senhoras ao passar por ele seguram mais fortemente as suas bolsas. Os donos das diversas mercadorias dirigem-lhe olhares ameaçadores.

Em vertigens, sente-se flutuar. Parece-lhe que a qualquer momento tudo vai acabar e finalmente morrerá... Sob os próprios pés parece abrir-se um grande abismo no qual cairá, sem cessar... Como será morrer? – pensa...

Sem saber por que ou para quê, inicia corridinhas loucas e sem direção até extenuar-se. Estanca, boca aberta, olhos vazios, sem fôlego, como um peixinho fora d'água...

Depois, prossegue em ritmo mais lento, parando aqui e ali, a observar algo.

Como hipnotizado, para diante das comidas que estão sendo vendidas. Deseja desesperadamente algum alimento (comeria qualquer coisa!), mas é enxotado, impiedosamente.

Os comerciantes o escorraçam, ofendendo-o em altos brados, declarando raivosos que conhecem as ações de meninos como ele.

Se por acaso esbarra inadvertidamente em alguém, surpreende olhares de ameaça e foge depressa, antes que lhe chovam pancadas...

Vidinha triste, marginalizada, difícil! Sente-se um cão danado, perseguido sem dó e sem esperanças...

Lembra-se dos amigos que possui, mas não pode socorrer-se sempre com eles. Teme cansá-los porque, em verdade, vive constantemente numa penúria extrema e em meio a inúmeros perigos.

Sente-se desfalecer; suas pernas estão bambas, já não suporta mais caminhar. A fome vai-se tornando cruciante; aumentando, aumentando! Sente uma grande dor no estômago. Passa a mãozinha pela testa na tentativa de enxugar o suor.

Em momentos como este inveja intensamente as crianças que possuem família, casa, comida, roupas bonitas e limpas, brinquedos...

“Que Allah me perdoe – pensa –, mas chego mesmo a odiá-las! Elas têm tudo! Possuem tanto! Aquilo que deveria ser meu deve estar com elas também!... Quem dividiu todas as coisas no mundo deve ter-se enganado! Será que Allah sabe disto? E, se sabe, por que não faz nada?...

As crianças pobres e abandonadas como eu não possuem aquilo de que precisam. Por isso,

revoltadas, elas roubam e... oh!, Allah, fazem coisas bem mais feias!

Nunca me deixe agir assim, eu lhe imploro, senão, melhor seria que me matasse agora mesmo!"...

Por que sua vida é assim?! O que fez para merecer tal sorte?

Incapaz de prosseguir, ele se mete numa viela estreita, encolhe-se num cantinho escondido e dá vazão ao pranto. As lágrimas ardentes escorrem-lhe pela face crestada pelo sol e pelas impurezas.

Abomina de todo coração esta vida, mas não tem como mudar esse contexto deprimente. Não consegue trabalhar muito tempo por causa da sua aparência, das suas roupas e mais, quando descobrem onde mora e quem é o seu pai, despedem-no sem apelação.

Em meio aos seus iguais ele também é perseguido, porque apesar da pressão e dos sofrimentos, a sua boa índole impede-o de atos extremos.

Roga a Allah (e tem fé, Ele o atenderá!) o auxílio para modificar esse triste destino.

Se ainda tivesse forças, gritaria que odeia o mundo! Se pudesse, destruiria tudo!

A revolta comprime o seu coração tal qual um torniquete.

Sua sensibilidade tem sido agredida, seus sentimentos, espoliados.

Seu corpo se ressentem nas vestes grosseiras e malcheirosas. Os pés estão doloridos...

E os seus sonhos? Em momentos como esses, eles ficam distantes, fantasiosos, impossíveis!

De que o acusam? Por que não lhe concedem oportunidades para mudar essa situação que parece irreversível?! Não possui pontos de referência para compreender o que vive e o que sofre.

Por fim, ele adormece ali mesmo, faminto e trêmulo de frio; encolhido atrás de alguns cestos de vime vazios, sem condições de pensar que quando o dono destes cestos chegar e o surpreender encostado neles, provavelmente o despertará aos gritos e pontapés... Se não tiver tempo de safar-se, receberá mais pancadas que imprimirão mais sofrimento nos lugares já feridos... Oh!, então, as dores serão insuportáveis, a vergonha maior e a revolta sem medidas, sem limites!...

\*

\* \*

NUM CORAÇÃO COMO esse brotará com muita facilidade a semente da violência.

O mundo nada lhe concede e tudo lhe cobra.

Ele poderá vir a ser mais um delinquente a exercitar o roubo e o crime, se fatores novos não entrarem em pauta, modificando esse trágico prognóstico.

Ele é apenas mais um dos muitos infelizes que vagam sem proteção e sem orientação. Quantos pés como esses caminham sem rumo, sem amparo e sem amor!

A quantos deserdados do mundo, independentemente das circunstâncias ou das suas idades, falta o estritamente necessário, enquanto a tantos outros sobeja até o supérfluo!

Muitas vezes, no desespero que domina esses desafortunados encontramos as explicações para os seus gestos tresloucados, nas tragédias que deprimem e assustam a opinião pública.

O instinto de sobrevivência, a fome, a dor e a revolta os fazem agir de forma crua e violenta.

E a vítima é esta mesma sociedade que, silenciosa e indiferente, tal qual um avestruz que esconde a cabeça na areia para não enxergar, consente nesse estado de coisas, voltada obsessivamente para os seus interesses imediatistas.

Quando nascemos, trazemos direitos inalienáveis. Todavia, o egoísmo, o orgulho e a vaidade que grassam livremente nos corações insensíveis legislam e exercem direitos arbitrários, açambarcando tudo e roubando dos filhos de Deus (porque somos todos) as condições elementares de sobrevivência e as diversas oportunidades que os colocaria num mesmo patamar ou simplesmente lhes permitiria viver em paz, sem serem garroteados paulatinamente, como acontece.

Igual a este pequeno personagem que já conhece a dor e o desencanto, muitos outros perambulam em busca das suas identidades perdidas, como se já tivessem nascido mortos!

E o mundo lhes assiste, indiferente, aos sofrimentos.

Perdoe-me, caros leitores, pintar este quadro de horror, mas as cores ainda estão muitíssimo esmaecidas!

A este menino dedico este livro, esperando que num futuro não muito distante os homens daqui deste planeta ainda de provas e expiações e que alcança, aos poucos e timidamente, um outro patamar mais evoluído, amem-se como irmãos, pois que são filhos do mesmo Pai!

No reflorescimento de novas épocas, na renovação das ideias, das crenças e das filosofias, nos admiráveis avanços da ciência os ventos já sopram mudanças consideráveis aos ouvidos atentos.

Há a urgente necessidade de novas atitudes e providências eficientes para evitar que seres humanos vaguem, tal qual zumbis, num mundo que lhes pertence, tanto quanto a qualquer outro, sob um céu do qual somos todos herdeiros!

Alguns mais afoitos e desavisados dirão que cada qual traz a sua sorte, usando como sofisma a lei de ação e reação que gera as nossas expiações.

Nesse sentido, recordaremos a resposta luminosa e desafiadora do nosso mestre Jesus diante da mulher (onde estava o homem?) considerada adúltera:

“Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado.”

Quem pode aquilatar as origens das diferentes situações, que afinal são simples molduras neste mundo de formas?

Quais as causas que levaram tais infelizes a trilharem caminhos tão desgraçados, vagando como párias, sem bússola e sem porto seguro?

Uma delas é patente e insofismável: a insensibilidade da sociedade, estribada no velho e arraigado egoísmo desta Humanidade que depois de tantos milênios ainda não aprendeu a amar!

Somente Deus conhece cada ser em profundidade e sua história individual.

Cabe-nos urgentemente sanar esse estado de coisas, auxiliando esses nossos irmãos a se curarem das suas mazelas físicas e espirituais, reintegrando-os na sociedade, como cidadãos capazes de acompanhá-la e concorrerem para o seu progresso incessante, material, intelectual e moral.

Trabalhemos com vontade férrea, baseados nos direitos humanos que finalmente devem sair do papel para serem cumpridos fielmente, em cada ser, de fato e de direito.

Contemplando de mais alto, os ‘anjos’ do Senhor velam por todos, esperando que cumpramos os nossos lídimos deveres; amando a Deus e ao nosso próximo!

Somente assim alcançaremos um dia o porvir glorioso a nós destinado, desde todos os tempos!

J. W. ROCHESTER

Rio de Janeiro, 12 de abril de 1986



## NA ESCÓCIA

NUM BELÍSSIMO RECANTO da Escócia, verdadeira joia da Natureza, os dourados raios do sol refletem-se luminosos sobre a superfície azul do lago quase deserto.

Ao redor, luxuriante vegetação, numa policromia de folhagens, flores e frutos. Árvores frondosas ladeiam caminhos sinuosos e escondidos que são trilhados por poucos. Animais silvestres e pássaros canoros se misturam, alegrando esse ambiente bucólico.

Num paraíso assim, a alma reverencia a grandeza divina.

Na margem, onde a água marulha mansamente agitada pelo vento, divisamos bela moça de quase dezoito anos.

Sua pele é clara e rosada. Os cabelos longos são castanhos dourados e brilhantes. Ela é de estatura mediana e bem proporcionada. No rosto de traços infantis baila um sorriso que reflete a pureza da sua alma. Seus olhos grandes, verdes e transparentes, brilham admirando a beleza natural do lugar. O nariz bem feito é pequeno e a boca parece uma rosa em botão.

Um artista bem inspirado se realizaria tendo-a como modelo de beleza perfeita.

Deitada na areia, ela se beneficia agradavelmente do calor do sol, após o seu banho matinal no lago.

Pensa no pai que está doente. Moram nesse lugar aprazível há muito tempo. Recebem do povoado próximo os mantimentos e tudo de que precisam.

Levanta-se, sacode os cabelos para secá-los, envolve-se num roupão macio e regressa a passos rápidos para casa. Em poucos minutos ela vence a distância que a separa da casa rústica, feita de troncos de árvores, onde mora. Seu pai mesmo a construiu quando ali chegou com ela nos braços, quase recém-nascida.

Corajoso, ele lutou tenazmente contra todas as adversidades, mas a saudade da mulher falecida e as dificuldades da vida foram abatendo-lhe o ânimo, somando-se a uma enfermidade do coração que acabaram por atirá-lo ao leito.

Ele ama com devoção a filha e lamenta ser-lhe pesado. O futuro dela o preocupa demais, roubando-lhe a tranquilidade. Teme o momento em que terá de deixá-la só. Conhece a sua bondade e a sua inocência. Daria sua própria vida por ela, se pudesse. Ela é a sua alegria, a sua força e o perfume de sua alma. Angustia-se imaginando-a desamparada.

Envolvido nesses pensamentos, ele não percebeu que a filha já chegou e está a observá-lo, entristecida.

– Papai – ela chama suavemente –, perdoe-me a demora, por favor. Quando saí você dormia tão tranquilo! Como eu gostaria de vê-lo novamente com saúde! Vou preparar-lhe o desjejum.

Olhando-a com extrema ternura, ele pede:

– Filha do meu coração, não se amofine! Estava pensando no seu futuro... Como viverá quando eu me for?

– Eu não quero nem pensar nisto, papai! E não fale nessas coisas! O médico pediu que se mantivesse tranquilo e em repouso, senão pode piorar. Confiemos em Deus!

Disfarçando a emoção e a insegurança, ela vai até a cozinha, preparar a dieta do pai. Pensamentos assustadores enchem-lhe a bela cabecinha:

“Que farei, meu Deus, sem o meu querido pai? Sinto que ele aos poucos se despede deste mundo! Sustentai-me, Senhor!”...

Subitamente ouve a voz do pai a chamá-la.

Atendendo prontamente, percebe-lhe a cor avermelhada do rosto e a dificuldade de respiração. Providencia a medicação cordial e amparando-o, ajuda-o a ingeri-la. Roga auxílio aos céus; teme que aquela crise o leve de vez.

Aos poucos ele melhora e após alguns minutos, que a ela pareceram séculos, ele adormece.

Agasalha-o carinhosamente e deita-se ao lado, noutra cama coberta com bela colcha bordada, vigilante.

Decide chamar o médico e levanta-se sem fazer ruído. Vai até a cocheira e abre a baia, onde está soberbo cavalo marrom escuro com uma mancha branca na testa. Ele relincha de prazer ao ver sua dona e sai, obediente.

Constance cochicha baixinho na orelha do animal, dando-lhe a ordem a qual ele já está acostumado.

Sacudindo a cabeça elegante e altiva, Estrelinha se dirige à determinada trilha, primeiro devagar e em seguida desabaladamente.

Com carinho, ela sussurra:

– Vá, meu Pégaso! E traga sem demora o nosso amigo doutor!

Quando o animal chegar à casa do médico, ele entenderá o recado; atrelará Estrelinha à sua charrete e o levará de volta. Assim foi feito.

Examinando o doente, ele constata a gravidade do seu estado. Ministra-lhe alguns remédios e sai para providenciar internação num hospital.

Constance ficou aterrada com o diagnóstico. Sabe que está a um passo da temida separação...

Procurando fortalecer-se na fé, disfarça a sua apreensão e dirige ao pai palavras de conforto, de coragem e de esperança.

Ele, por sua vez, finge acreditar naquilo que ouve, mas sabe que aos poucos suas forças físicas se esgotam.

Instantes depois, ele passa a tossir convulsivamente, cansando-se demais. A cada esforço geme, segurando o peito com ambas as mãos.

Debatendo-se num grande conflito íntimo, decide falar enquanto pode:

– Filha, onde viverá após a minha morte? O que será de você?

– Papai, não fale em morte, por favor... Fale em viver para mim, para nossa vida...

– Filha querida, precisamos enfrentar a realidade. Você nunca saiu daqui! Como poderá discernir os diferentes caracteres das pessoas?

Por que, meu Deus, eu a trouxe comigo? Pensava, por acaso, que era eterno, invencível? Que tolo fui!

Pago muito caro pela minha imprevidência! Morro sem tranquilidade, sem paz! E deixo você desprotegida!

– Por favor, eu lhe peço, acalme-se! Se for mesmo a sua hora derradeira, vá em paz! Com a orientação e os exemplos dignos que recebi de você, serei feliz, haja o que houver, acredite! Eu saberei viver porque aprendi isso com o melhor pai do mundo! – Assim dizendo, ela o beija, carinhosa.

Pensando no futuro, Constance teme o que virá, mas não acredita que algum dia possa vir a sofrer mais que nesse momento cruciante...

Asserenando-se, ele adormece novamente.

Ela vigia, mas não consegue dominar a estranha letargia que aos poucos se instala... Os seus olhos estão pesados e ela os fecha. Ouve ainda o rressonar do pai.

Surpresa, vê uma bela senhora a sorrir-lhe, afetuosa. É tão bonita que faz



lembrar a mãe de Jesus. A aparição abraça-a e lhe diz palavras carinhosas.

Principia a discorrer sobre o passado, o presente e o futuro, alertando-a para fatos que a alcançarão, fazendo-a sofrer muito. Aconselha-a a ter fé e muita coragem para superar as dores que virão.

Fala do verdadeiro amor que vence a própria morte, continuando a existir, forte e eterno.

Constance sente uma grande paz. A senhora fala-lhe com bondade, numa voz melodiosa e balsamizante.

Quanto tempo durou este monólogo? Difícil precisar.

Agora, ela lhe avisa que o médico está de volta e que chegará dentro de alguns minutos.

Antes de despedir-se, confirma a promessa de protegê-la sempre em sua caminhada e, beijando-a na testa, se desfaz aos poucos, deixando no ambiente uma luz azulada.

Com o coração a bater forte, Constance levanta-se e fita o pai. Ele está extremamente pálido.

O ruído da charrete confirma que o médico chegou.

Ele entra, examina novamente o seu paciente e grande amigo e conclui que a internação deve ser sustada. Aquele coração está cessando de bater...

Olha significativamente para Constance e ela, abraçando o pai, chora desconsolada.

O doente abre os olhos que já são quase vítreos e num esforço sobre-humano exclama:

– Deus a abençoe, minha querida... Estou partindo... Minha vida chega ao fim! Que os céus a protejam, filha amada!... Perdoe-me!...

Com a voz embargada de emoção, ela responde:

– Perdoá-lo de quê, meu pai? De ter-me feito feliz e de ter-me protegido por todos esses anos? Em vez de perdoar, tenho muito a agradecer! Que nosso Pai que está no céu o receba de braços abertos neste mundo no qual você agora está entrando! Jamais o esquecerei! De onde estiver, eu lhe imploro, nunca me deixe sozinha!

Para o verdadeiro amor não existem distâncias e nem separação definitiva! Eu o amo e prosseguirei amando-o, eternamente!

Abraçando-o, ela beija-lhe a testa e as mãos calosas.

Esforçando-se para retribuir os últimos carinhos da filha, nesta vida, ele a abraça. Dirige ao médico um olhar de agradecimento e rogativa, com relação a ela.

– Tranquelize-se, meu amigo, e vá em paz. Farei por ela tudo aquilo que puder,

prometo.

Apertando a filha contra o peito, ele exala o último suspiro. Seus braços afrouxam e caem; seus olhos se fecham e, agitando-se levemente, inteiriça-se. Está morto. Desliga-se da carne para adentrar o mundo maior, amparado pela mesma senhora que consolou Constance.

Constance não suporta mais, solta as amarras do coração e extravasa sua grande dor.

O doutor ministra-lhe um calmante. Quando ela finalmente adormece, ele arruma o cadáver na maneira tradicional, deixa um bilhete sobre a mesa e sai para providenciar os funerais.

A casa mergulha no silêncio. Ouve-se apenas a respiração da moça adormecida. Este fato será decisivo em sua vida. O seu futuro agora é uma incógnita...



## MUDANÇAS

SOZINHA E SAUDOSA do pai querido, Constance sente o peso atarrador da solidão. Em cada canto, a presença amada...

Consciente de que não poderá ficar ali sozinha, decide procurar os seus parentes na Irlanda.

Sequer os conhece. Somente o tio visitava-os, vez por outra. Viveu sempre ali, com seu pai, esquecida por eles.

Auxiliada pelo médico, conseguiu vender a propriedade para uma madeireira. É o progresso chegando aos lugares mais distantes, destruindo a beleza natural para fabricar a artificial.

Combinadas as formas de pagamento e a data de entrega, ela se organiza para sair definitivamente dali.

Escreveu ao tio Edward, informando-o do passamento do seu irmão e pedindo-lhe permissão para ficar ao seu lado, até que decida o que fazer da sua vida. Algum tempo depois, recebeu o seu consentimento através de fria e lacônica carta.

Nos dias que antecedem a viagem, ela passa acondicionando os seus pertences e fazendo prolongados passeios pela propriedade, despedindo-se. Entre lágrimas, grava na retina cada detalhe, cada lugar...

Abraçou as árvores, suas amigas; despediu-se dos animaizinhos; aspirou reverente o perfume das flores e meditou longamente à beira do lago...

Ali viveu os seus melhores anos. Naquele belíssimo lugar foi feliz, sorriu e correu pelos prados em flor... Mergulhava no lago quase todos os dias e deitada na areia, à margem daquela massa líquida e azul, sonhava com um futuro feliz...

Admirando o céu, imaginava que um dia chegaria alguém que ela amaria muito, e juntos, os

três, seriam muito felizes, como nos contos de fadas!

Nos últimos dias tem contado com a solicitude do doutor que a viu crescer. Admira-o e lhe tem afeto, mas ele, pobre querido, está muito velhinho.

De súbito, entre pensamentos de prévia saudade e preocupações com o futuro, recorda que não poderá levar Estrelinha. Solta um gemido, leva a mão ao peito e explode em soluços... Ele deve ficar ali, onde sempre viveu! Deus, como viver sem o seu companheiro de folguedos? Juntos cresceram e tornaram-se unidos!

Montada nele, ela cavalgava tardes inteiras!

Cansada, deitada na relva, ela ouvia-o relinchar feliz enquanto comia a grama, esperando que ela decidisse quando regressar para casa. A ele, ela contava baixinho os seus sonhos... Entendiam-se maravilhosamente!...

Separar-se dele será extremamente difícil... Constance chora inconsolável. Chorar é o que mais tem feito nos últimos dias...

Mas, apesar dos recentes sofrimentos, tem fé em Deus e acredita que o futuro será bom. Sente-se preparada diante de tudo que aprendeu com seu querido pai. Haja o que houver, terá coragem e forças. Recorda os conselhos da bela senhora...

Os dias passam...

A primeira providência será enviar Estrelinha para o doutor. Desta vez ele não retornará. Combinaram isto.

Vai até a cocheira, abraça Estrelinha pelo pescoço, beija-o inúmeras vezes entre lágrimas. O animal, sem entender muito bem o que se passa, fica confuso e balança a cabeça. Ela sussurra ao seu ouvido, entre soluços, a urgente necessidade de se separarem.

Parecendo entendê-la, ele cava o chão, relincha e sacode a crina, aparentemente contrariado. Empurra Constance com o focinho, fazendo-lhe desastrados carinhos que a desequilibram.

Buscando forças dentro de si mesma, ela abre a portinhola e ordena-lhe que se vá pela trilha de sempre.

Ele rejeita fortemente a impulsão que ela lhe dá e mantém-se firme sobre as patas. Dá voltas sobre si mesmo parecendo sofrer.

O coração de Constance aperta-se dolorosamente. As lágrimas caem abundantes. Como suportar essa separação?

Os olhos saltados de Estrelinha parecem perguntar-lhe por que ela age assim.

Quase gritando, ela repete a ordem, desta vez com mais energia. O animal obedece a contragosto; sai da baia, a princípio devagar e caminha alguns metros. Em seguida, tenta voltar ao ponto de partida, balançando-se inquieto e inseguro.

Ela imprime mais força na voz de comando e ele, relinchando, obedece. Alcança a estrada e, trotando indeciso, vence alguma distância...

Ouve a voz de Constance gritar:

– Vá, meu querido Estrelinha, obedeça!

Finalmente, ele submete-se e dispara na direção indicada, levantando muita poeira sob as patas velozes...

Constance fica ali, arrasada, vendo-o desaparecer aos poucos... Deseja-lhe sorte; roga aos céus proteção para ele. Não mais lhe divisando o vulto, levanta a cabeça, altiva, e entra novamente em casa para ultimar as providências atinentes à viagem.

Dias depois, na estação, ela e o doutor despedem-se entristecidos. Sabem que provavelmente

nunca mais se verão...

O bom amigo abraça-a, afetuoso, e dá-lhe alguns conselhos, desejando-lhe sorte e felicidades.

Já no trem que corre nos seus ruídos característicos, a cada apito ou parada, ela sobressalta-se.

Admirando sua bela Escócia, enquanto viaja, chorando exclama:

– Adeus, minha terra amada! Jamais a esquecerei, mesmo que o destino me impeça de revê-la novamente! Levo-a inteira dentro de minh'alma!

Ah, meu pai querido! Se estivéssemos juntos, tudo seria tão diferente!...

Os seus pensamentos se misturam; ora pensa no recente passado, ora imagina o futuro que a aguarda...

Finalmente adormece, ficando assim por longas horas. Algumas vezes desce nas paradas do trem para repousar o corpo e espairecer; além de alimentar-se frugalmente.

Desta forma, vê a viagem completar-se. Começa a divisar pessoas nas ruas, as chaminés fumegantes das fábricas... A pequena estação...

Está na Irlanda!... Seu coração começa a bater forte... Relembra mais uma vez o som das patas do seu querido Estrelinha, rumo a um porvir diferente; assim como ela também se encontra nesse instante...

Ralentando e soprando fortemente, como um dragão raivoso, o trem vai aos poucos parando na estação.

Expectante, ela olha pela janela antes de descer.

Divisa os cabelos grisalhos do tio e sua face avermelhada. Ali está ele; metido num terno negro, magro e irascível, como sempre. Respira fundo e apanhando as suas bagagens, desce vacilante e temerosa.

Aproxima-se dele cumprimentando-o, amável. Agradece-lhe em poucas palavras o favor.

Olhando-a com frieza, ele responde secamente e tomando-lhe algumas valises, sai a sua frente apressado, fazendo-a quase correr para não perdê-lo de vista.

Contrata um coche, espera ela subir e senta-se no banco oposto. Não esconde sua contrariedade. Eles viajam em silêncio.

Outra vez, os sons das patas dos cavalos relembram Constance do seu querido Estrelinha... Como estará ele? Que sentimentos terá nesse momento longe dela?... O pensamento de que o querido amigo o tratará bem, como ele está acostumado, tranquiliza-a.

Disfarçadamente, analisa seu tio. Seu aspecto é assustador. Nunca houve entre eles qualquer afinidade. Nas poucas vezes em que ele fora à Escócia, deixou ali muita tristeza...

O que encontrará na casa dele? Como será sua vida dali para frente? Arrependida de ter vindo, sente ímpetos de regressar imediatamente.

Após um tempo que lhe pareceu interminável, chegam a uma residência senhoril, apesar do seu aspecto arruinado.

À volta da casa, árvores frondosas e jardins. As amplas varandas estão desbotadas. Ao fundo divisa-se um pomar.

Sob o império de mãos femininas, o portão range nos gonzos e se abre, deixando o veículo entrar.

É Matilde, a governanta, que já os aguardava. Ela é uma bela matrona, despertando de pronto simpatia em Constance.

Auxiliando a moça a descer, ela se apresenta e, amável, abraça-a carinhosa, dando-lhe as boas-vindas.

Constance aconchega-se nos seus braços maternos e diante de tal acolhida desejaria chorar muito, desabafando enfim todas as mágoas que carrega e toda insegurança que no momento caracterizam a sua existência. Todavia, se contém e retribui-lhe o abraço e as palavras afetuosas.

Depois de um banho reconfortante e uma refeição leve, Matilde aconselhou-a a repousar para refazer-se, o que sem dúvida vem ao encontro de sua grande necessidade e, em alguns quartos de hora, Constance adormece profundamente, num leito limpo, macio e perfumado. Seu corpo relaxa na cama. Por instantes julga estar em casa. Imagina que seu pai ainda vive e que nada aconteceu para mudar-lhe a vida...

Algumas horas depois, sua respiração torna-se ruidosa; vez por outra ela estremece, externando forte desequilíbrio nervoso.

Quase à hora vespertina, desperta encharcada de suor; sente muito frio. Tenta levantar-se, mas não consegue; desaba novamente sobre o leito, está febril.

Matilde, preocupada, foi vê-la e percebe que ela adoecera. Chama o médico. Ele receita-lhe calmantes, compressas frias, alimentação leve e muito repouso. Declara que os nervos da moça estão à beira de um colapso.

Constance passa três dias acamada. Não mais vira o tio. E ele nem soube que ela está doente.

Seus primos são quatro: três rapazes e uma moça. Estão curiosos e crivaram-na de perguntas. Nos dias seguintes visitaram-na várias vezes no quarto.

Finalmente curada e convalescente, mas extremamente abatida e magra, Constance parece um bichinho perdido recolhido na rua... Todavia, se esforça para adaptar-se e agradece a Deus por ter parentes e estar junto a eles, protegida.

Aguarda tempos melhores que certamente virão.

Aos poucos ela vai conquistando a todos; menos ao tio que foge da sua presença.

Julgando-o indiferente a sua pessoa, descobriu que, ao contrário, ele a observa veladamente. Por vezes dirige-lhe um olhar duro e ameaçador. Esta descoberta produziu-lhe uma natural insegurança, principalmente quando o tem por perto.

Os primos mais jovens, Will e Richard, são estouvados e não raras vezes a magoam, seja por palavras, seja por atos. Em meio a brincadeiras de mau gosto, eles são muitas vezes grosseiros.

Tolerando-os e se impondo com delicadeza, ela espera ser respeitada e entendida. Com o passar do tempo isto acontece. Eles compreendem o seu temperamento dócil e delicado e ficam, por fim, amigos.

Paul é o mais velho e o mais sensato, além de ser calmo e amável.

Celeste é uma moça sofrida e insatisfeita, principalmente com o pai que parece ignorá-la todo tempo. Extremamente nervosa, cria situações de embaraço por causa da sua saúde instável.

Matilde ama-os como se eles fossem seus filhos.

Ela é o anjo bom. Afeioou-se à Constance e completa aos poucos a sua educação, naquilo que lhe falta com respeito à convivência em sociedade. Deixando-a à vontade, integrou-a à rotina familiar e à organização da casa.

Adaptada, Constance sente-se mais feliz, quase esquecida dos sofrimentos recentes e assim passam-se alguns anos.

Neste espaço de tempo, ela aprendeu a portar-se muito bem socialmente; a tocar piano e violão com maestria e é o braço direito de Matilde em todos os cometimentos domésticos.

Encanta a todos com o seu jeito sensato e ao mesmo tempo afável. Menos ao tio Edward...



## AMEAÇAS...

A GUERRA SE instala, trazendo todos os horrores decorrentes, implantando o medo, a insegurança e as consequências funestas desse flagelo do homem.

Para infelicidade da família, Will e Richard foram convocados e partiram sob a profunda tristeza dos seus e o patente desespero de Edward. Este sempre os mimara, em prejuízo dos outros dois filhos, os quais sempre ignorou.

Os dois rapazes jamais regressariam. Perderam, ambos, a vida na guerra, deixando dor e muita saudade.

Edward, enlouquecido, pranteou-os, causando piedade o seu desespero. Ele jamais se recuperaria dessa imensa dor e, mais que nunca, aumentou seu ódio pela sobrinha que julga uma intrusa.

Superando a dificuldade de relação e ousando romper a barreira que o tio levantou entre eles, Constance aproxima-se, solidarizando-se com a sua grande dor, mas, para seu espanto, ele reage violentamente às suas palavras de conforto:

– Afaste-se de mim, sua víbora! Você é a maior causadora da minha desgraça! Ainda me vingarei, sua maldita! Aguarde e verá!

Seu pai já deve estar no inferno! Eu avisei Marta contra ele, mas ela não quis ouvir-me! Casou-se com ele e foi muito infeliz! Vingarei-me de você, mesmo que essa seja a última coisa que eu faça nesta vida! Eu prometo!...

Tudo isso ele disse de punhos cerrados, ameaçador. Por vezes aproximou-se tanto de

Constance, dedo em riste, que ela, aterrada, temeu uma agressão física.

Trêmula, olhos arregalados, incapaz de pronunciar-se e pálida de morte, ela ouviu sem entender...

O que ele quer dizer? Por que se dirigiu dessa forma a ela? Por que retribuiu tão mal à sua boa intenção de consolá-lo na sua justa dor?...

Matilde acorre pressurosa para ampará-la, enquanto Edward sai alucinado, batendo a porta com estrépito.

Senta Constance no sofá e vai preparar-lhe gotas calmantes, enquanto Celeste tenta consolá-la:

– Acalme-se, minha prima! Meu pai nunca se esqueceu de Marta! Sua lembrança tornou-se para ele um tormento. Vive o passado como se fosse presente... Não leve a sério as suas ameaças e perdoe... Com o tempo poderá entender o quanto ele se sente desgraçado!...

Paul se aproxima e igualmente tenta justificar a atitude insana do pai; recorda a perda irreparável que ele sofreu com a morte dos dois filhos mais novos, levando-o a perder os freios diante da sobrinha, a quem escolheu, lamentavelmente, para descarregar toda a sua dor e revolta.

Incapaz de ouvi-los e muito menos de entendê-los nas suas tentativas de explicarem o incidente familiar, Constance atormenta-se intimamente:

“Por que tio Edward fala com tanta intimidade e revolta o nome de minha mãe? Eu não a conheci, mas aprendi a amá-la através do grande amor de meu pai... Sei que eles foram muito felizes até que ela se foi, trocando a sua vida pela minha, num parto difícil...”

O que ele pretende, dizendo que se vingará de mim?! Como pôde falar-me assim? Que lhe fiz eu? Sequer o conheço direito! Nunca me permitiu aproximação! Por que me odeia tanto? Oh, meu Deus, socorrei-me!...”

Matilde, consternada, pressente-lhe as naturais indagações. Ela deve ser esclarecida acerca daquilo que viveu há poucos minutos...

Tomando-lhe as mãos, principia a falar, sob o olhar complacente de Paul e Celeste:

– Acalme-se, filha e ouça o que tenho para contar-lhe:

Seu tio enviudara havia pouco tempo, quando surgiu por aqui, linda como uma flor, Marta, então sua futura mãe.

Vinha visitar parentes próximos daqui e fez amizade conosco. Conheceu seu pai e os dois apaixonaram-se, perdidamente.

Sem se importar com esse fato, amplamente conhecido de todos nós, Edward passou a assediá-la com promessas de felicidade, injuriando e desconsiderando o irmão. Inventou pretensos defeitos para seu pai, a fim de que ela o deixasse. Num amor insano, ele ignorava a harmonia que havia entre os dois e criava-lhes todo tipo de contrariedades, na tentativa de separá-los.

Marta, todavia, forte e determinada, declarava sempre que amava seu pai e que jamais se casaria com Edward.

Possesso, ele reagiu violentamente e jurou persegui-los, profetizando-lhes uma futura infelicidade.

Edward perseguiu-os sistematicamente, mas eles resistiram bravamente e finalmente se consorciaram, venturosos.

Foi uma festa deslumbrante, filha! Ainda me lembro de cada detalhe, de cada momento



feliz!

Estávamos alegres, de corações unidos, na expectativa da felicidade deles, que seria uma decorrência do grande e verdadeiro amor que os levava a dar um passo tão importante e decisivo nas suas vidas!

Seu tio, derrotado nas suas loucas ilusões, desapareceu de casa por vários meses, como sempre faz quando está contrariado.

Seus pais foram felizes até que um dia uma tempestade de neve impediu seu pai de chegar a tempo para o seu nascimento e sua mãe morreu de parto, apesar dos competentes cuidados médicos que recebeu.

Horas depois, ao chegar, ele era o retrato da dor.

Beijou você, amoroso e com o rosto banhado em lágrimas, apertou-a docemente nos braços vigorosos. Em seguida, deixando-a comigo, foi providenciar os funerais de sua mãe. Era um espectro e não um homem que ali estava, pobre querido!

Catatônico, ele acompanhou até a última morada o maior e o único amor da sua vida.

Aproveitando a ocasião, Edward lançou-lhe ao rosto injustas acusações, aumentando a grande distância que sempre existiu entre os dois.

Você, cara filha, hoje é o retrato vivo de sua mãe e isto traz para o seu tio o passado que ele nunca esqueceu...

Todos nós lamentamos o seu jeito infeliz de viver, mas nada podemos fazer, porque ele mesmo não deseja modificar-se. Nós todos nos esforçamos, diuturnamente, para resgatá-lo desse mundo de sombras, ao qual ele se recolheu e no qual caminha como um ébrio da alma...

Depois do seu nascimento, Edward torturou tanto seu pai que em desespero ele pegou você e saiu daqui, definitivamente, procurando paz. Já naquele tempo seu tio demonstrava rancor por você, uma frágil criança!

Nunca mais os vimos e concluímos que o melhor para vocês dois seria mesmo ficarem distantes de nós para proteger-se de Edward.

Devo confessar-lhe minha surpresa quando ele nos comunicou que você viria morar conosco. Nunca mais ele havia falado no irmão e nem na sobrinha, dando-nos a impressão de que finalmente havia esquecido.

Ainda bem que ele consentiu na sua vinda, já que está sozinha e seu pai de onde estiver, terá a desejada paz.

Não leve a sério as ameaças de Edward.

Invigilante, ele lhe cobra culpas que você não carrega.

Com o passar do tempo, eu espero, ele entenderá que por mais que amemos as pessoas, não podemos modificar-lhes as vidas e nem poupá-las dos sofrimentos que lhes chegam ao longo da existência.

Com a morte dos filhos mais novos, ele deveria estar refletindo de maneira mais amena; em vez disso, revolta-se cada vez mais. Tenho pena dele, minha filha... Que futuro o espera?

Ao ouvir isso, Paul torna-se pensativo... Também ele pensa como Matilde. Não prevê futuro equilibrado para o pai...

Olhando-os agradecida, mas incapaz de pronunciar-se, Constance sobe para o quarto amparada por Celeste.

O calmante começa a fazer efeito e ela adormece sob o olhar diligente e carinhoso da prima.

Nos dias seguintes, torna-se arredia, quase não saía do quarto, temendo deparar-se com o

tio. Deixa-lhe todos os espaços. Recua e se protege.

Mais que nunca, sente saudades da sua Escócia... Ah, se pudesse voltar! Em preces, pede auxílio ao pai.

Algum tempo depois, porém, a mocidade estuante, a solicitude dos primos e o carinho de Matilde tiram-na da anterior prostração, fazendo-a retomar a vida de antes.

Meses e meses se escoam...



## O AMOR

ENTRANDO NUM SOFISTICADO restaurante, Paul depara-se com seu velho e querido amigo, *Sir Peter George de Lancaster*, proprietário do condado do mesmo nome na Inglaterra. Este se dirige para casa, aproveitando alguns dias de licença; em seguida, retornará aos campos de batalha.

Abraçam-se efusivos e jantam juntos, felizes e descontraídos. Sem conseguir vencer a insistência de Paul, Peter consente em acompanhá-lo até a sua casa.

Reverendo Matilde e comentando as estripulias da infância naquela casa junto a Paul, abraça fraternalmente Celeste, a quem elogia o desenvolvimento e a beleza, quando é apresentado à Constance.

Perdendo momentaneamente a fluência verbal que o caracteriza, ele fita a moça como se sonhasse...

Que estranhos sentimentos o alcançam?... Como entender o que se passa consigo neste instante imprevisível e mágico?!... O tempo parou? Faz parte, como todos os presentes, de um clichê perdido no tempo e no espaço?...

De pronto, enamora-se dela. Jamais amou de fato. Namoradas teve muitas, naturalmente. Seu coração é sedento de afeição, mas tudo tem sido passageiro, sem maiores compromissos...

Constance, por sua vez, apesar de cortejada por vários rapazes, nunca se comprometeu com nenhum; com muito tato e delicadeza dispensou-os sempre.

Nesse momento, diante de Peter, extasiada com o olhar sedutor que se derrama, admirado sobre a sua pessoa, sente-se em perigo. Deseja fugir e, ao mesmo tempo,

permanecer, submetida a esse poder inesperado que se impôs sem se anunciar...

Parece-lhe que o céu se abriu sobre a sua cabeça, banhando-a de estranhas sensações até então desconhecidas...

Frente a frente, corações descompassados, encontram-se visivelmente emocionados, surpreendendo aqueles que os observam.

Numa memória intuitiva, eles se reconhecem, tornando único esse instante. No aperto de mão, o reconhecimento físico, no olhar, o reencontro de almas afins...

Há música no ar? Constance quase pode ouvi-la, e é celestial!

Intencional, Peter mergulha o seu olhar transparente nos olhos de Constance e, voltando ao chão que pisa, dono de si mesmo, declara:

– Sinto um prazer imenso em conhecê-la, senhorita!

Difícil descrever as emoções que ora me alcançam!

Constance é o seu nome? Fica-lhe muito bem e faz jus à sua beleza incomparável!

Com estrelas a brilhar nos olhos, ela responde, amável:

– Obrigada, *Sir*. Sinto igualmente muita alegria em conhecê-lo.

– Mora aqui?

– Sim. Vim para cá depois da morte de meu querido pai!

– Lamento, senhorita Constance. Paul elogia sempre esse tio que deixou na vida dele boas lembranças.

– A saudade dele ainda me atormenta, acredite. Éramos muito felizes.

– E onde moravam?

– Na Escócia.

– Ah, na bela Escócia!

– Onde mora, *Sir*?

– Chame-me pelo primeiro nome, se lhe agradar, sim?

– Naturalmente! E quanto a mim, declino de qualquer tratamento formal.

– Fico encantado com isto, Constance. Mas deixe-me informá-la de que resido na Inglaterra e estou indo para lá passar alguns dias de licença. Brevemente regressarei aos campos de luta.

– Oh, Deus! Lamento tanto...

– Eu também lamento esta ou qualquer outra guerra. Para elas não existem justificativas.

Todos os homens são irmãos e como tal deveriam primar pela fraternidade! Enfim, que fazer, não é? Não somos nós que fazemos as leis e esse é um contexto bem antigo, concorda?

– Sim. Veja a perda irreparável de Will e Richard! Tão jovens, tão alegres!

– Tem razão. Pobres Celeste e Paul! Perder dois irmãos dessa forma brutal! Você perdeu os primos e Matilde, os queridos filhos de criação! E o seu tio? Quanto deve estar sofrendo!

Recordando as ameaças do tio, Constance desvia-se do assunto em pauta, levando-o a outros pensamentos mais alegres.

Em dado momento, Peter requisita:

– Constance, enquanto estou de licença, gostaria de visitá-la outras vezes. Se me permitir

e se for do seu agrado, naturalmente – isto ele diz olhando-a de forma significativa e com um sorriso incomparável nos lábios.

– Permissão concedida, caro *Sir Peter*! – ela declara, brincando para disfarçar a emoção. Sorri, mostrando dentes perfeitos e, o que encanta e extasia Peter.

– Obrigado. E quando regressar à luta posso contar com as suas orações? Desejo regressar o mais rápido possível e inteiro!

– Por certo Deus o protegerá! Vou rezar todos os dias, prometo! Regressará bem, para a vida e para a felicidade!

– Que os anjos digam amém!

Eles permanecem conversando, monopolizando-se mutuamente, o que faz os outros observarem, alegrando-se com a feliz expectativa de algum romance entre eles. Parecem ter nascido um para o outro... Juntos sentem-se felizes. Isto é plenamente visível.

No dia da viagem de Peter, Constance despede-se dele com lágrimas nos olhos. Privou da sua amável companhia por dias seguidos e o tempo que os separava desta data prevista encurtou rapidamente. No olhar dos dois, saudades antecipadas, promessas de amor, ânsias de reencontro...

– Volte em paz, Peter! Deus o proteja!

– Ele há de ouvir-lhe as preces e, protegendo-me, trazer-me de volta. Ao regressar, cara Constance, quero falar-lhe mais seriamente sobre nós e sobre o futuro. Por enquanto devo aguardar os próximos acontecimentos. A partir deste instante tudo é incerto na minha vida. Promete esperar-me?

– Sim, prometo, de coração!

Abraçam-se fortemente e despedem-se com extrema dificuldade.

Nos dias em que Peter frequentou a casa de Edward, arredio, ele observou-os os dois sem comentários.

Peter, que de longa data conhece-lhe os maus bofes, trata-o com delicadeza, mas sem intimidade.

Constance descobre-se perdidamente apaixonada por Peter, num sentimento que a surpreende. Nunca imaginou amar assim, com tal intensidade.

Enquanto pede a Deus que o proteja, envolve-se nos seus afazeres rotineiros e assim o tempo passa.

Com a sua dedicação à casa, Celeste fica livre dessas incumbências que detesta.

Observando os olhares que o tio, vez por outra, lhe lança em silêncio, Constance recorda as discussões de seu pai com ele, quando este ia visitá-los e agora compreende o que naquela época era-lhe impossível, por falta de pontos de referência.

Finalmente recebe uma missiva de Peter, transbordante de carinho e de saudade. Beija a carta inúmeras vezes. Ama aquela letra. Sente uma saudade imensa...

Roga àquela senhora que prometeu protegê-la que defenda Peter nos campos de batalha.

Com o tempo, outras cartas chegaram, fazendo-a viver na esperança do reencontro. Um ano se passa e ele ainda não sabe quando regressará...



## OS FERIDOS...

DE DENTRO DE um carroção coberto de lona, que trafega com dificuldade, devido ao lamaçal e às enormes poças d'água, ouvem-se gritos lancinantes de dor.

São feridos de guerra sendo conduzidos para um hospital. Quadro doloroso de se ver:

Amontoados, tentando suportar as dores, sangrentos, com ferimentos envoltos em ataduras improvisadas, malcheirosos, uniformes desmantelados, pálidos de morte e rilhando os dentes para gritar menos, unhas crispadas pela dor, alguns mutilados... São eles o retrato vivo do que é o flagelo da guerra.

Entre eles, com um profundo corte na coxa esquerda, está Peter, suportando bravamente as dores e lamentando os sofrimentos dos seus companheiros.

Essa expectativa de sobrevivência ou de morte deixa-o sem fôlego e pessimista.

Sofreu muito e agora regressa. Em seu peito, a angústia e o desencanto.

Assistiu perplexo à morte de muitos companheiros de luta; alguns estraçalhados pelas bombas e outros fulminados pelas armas dos inimigos.

Viu os horrores da guerra em todos os seus matizes. Está à beira de perigosa depressão.

Seu único oásis tem sido a lembrança e as cartas de Constance. Recorda os bons momentos vivenciados ao lado dela com muita saudade.

Próximo a ele, um rapaz de dezessete anos chora e geme; no seu desvario chama pela mãe... Julga estar sonhando e declara desejar ardentemente que ela o desperte do pesadelo!

Lágrimas ardentes correm pelo rosto de Peter. Ele deplora profundamente a situação do adolescente. Suas costas são um farrapo sangrento. Fora estraçalhada por petardos.

Pela madrugada, ele parou de gemer e sua respiração tornou-se ruidosa, anunciando a morte iminente. O fim se aproxima...

Peter, fazendo um grande esforço, arrasta-se para perto dele, toma-lhe a cabeça e sustenta-a sobre a perna sã. Acariciando-lhe suavemente os cabelos, procura confortá-lo neste momento extremo, como um pai faria a seu filho.

Após alguns minutos, ele abre desmesuradamente os olhos e exclama eufórico:

– Graças a Deus! Era mesmo um pesadelo! Não sinto mais dores! Estou despertando desse sonho ruim! Que bom, mãe querida! Obrigado por despertar-me!...

Tenta erguer-se, olhos febris, braços estendidos na tentativa de abraçar alguém que somente

ele vê; estremece e desaba sem vida... Aquieta-se... Seus olhos estão brilhando de contentamento... Um doce sorriso paira nos seus lábios ressecados.

Peter cerrou-lhe as pálpebras, respeitoso, e explodiu em soluços... Chora pelo rapaz, por si mesmo e por todos os que sofrem as consequências da ambição daqueles que fazem da guerra um meio de vida (de vida?), incentivando e alimentando a nefasta indústria bélica.

O corpo do menino foi retirado do veículo e deixado insepulto à beira da estrada... Urge levar os feridos ao hospital...

Dias depois, numa enfermaria, combalido e refazendo-se do ferimento, Peter pensa em Constance com saudades e preocupação. Mandou avisá-la do seu regresso, do endereço do hospital e aguarda que ela possa vir vê-lo.

Encontra-se absorvido pelas lembranças das batalhas. Roga aos céus por todos aqueles que pereceram nas lutas. Em sua memória revê cada um em particular que dividiu com ele os perigos, os atos de bravura e as dores... Nas suas agonias, a dor e o desaire... Nunca esquecerá as imagens que traz na retina... Nunca mais será o mesmo...

Constance tarda... Terá sido avisada? O que sentirá ao revê-lo? Sente-se tão mal, tão diferente dos dias em que estiveram juntos e felizes... Parece-lhe ter vivido séculos e experimentado todas as dores e tormentos que o mundo pode oferecer às criaturas...

Assim abstraído, não percebeu que ela já chegou e tenta recuperar-se da emoção, ao surpreendê-lo tão magro, tão abatido, tão triste... Amparando-se num dos leitos, ela respira fundo e a custo contém as lágrimas.

Quanta saudade vivenciaram!...

Como que atraído pela magia da sua presença, ele se volta e depara-se com a figura amada. Julga estar sonhando. Extático, goza aquela visão dos céus...

Num elegante vestido de lã azul, chapéu de feltro caído às costas, um buquê de flores naturais preso à cintura, olhos marejados de lágrimas, ela lhe estende os braços e exclama docemente:

– Caro Peter! Finalmente regressou! Graças a Deus!

Ele recebe nas suas as mãos dela e beija-as, ardente, muitas vezes.

A muito custo consegue expressar-se:

– Constance! Quanta saudade! Temi que não tivesse sido avisada do meu regresso! Doce Constante! Estarei sonhando?

– Não, nós estamos despertos, Peter.

A um movimento mais brusco para alcançá-la, ele geme, assustando-a:

– Está ferido? O que está sentindo?

– Acalme-se – ele esclarece –, já estou melhor. Tenho um ferimento na coxa que ainda me causa certa dor; resultado da baioneta de um inimigo que, instantes depois, explodiu diante dos meus olhos; fora alcançado por uma granada.

Perdoe-me esta narrativa, minha cara, todavia sinto-me emocionalmente desequilibrado, diante de tudo que presenciei... Trago imagens horríveis em minha mente!... Tenho insônia e cruéis pesadelos!...

Liberando o pranto, ele solta as amarras da emoção e chora como uma criança.

Constance abraça-o, enquanto lhe diz palavras de conforto e estímulo:

– Esqueça tudo que viu, Peter! Deus há de recompensá-lo por tanto sofrimento, fazendo-o

muito feliz daqui para frente!

– Tem razão! Devo esquecer! Preciso curar-me!...

– Rezei muito para que fosse protegido e regressasse são e salvo, Peter! Agora, do fundo do meu coração, eu agradeço aos céus! Você está aqui, vai ficar bem e esquecerá todas as tristezas que viveu!

Olhando-a com uma imensa ternura, embevecido, ele sussurra emocionado:

– Como pude viver longe de você por tanto tempo, minha querida? Como suportei?

Quer casar-se comigo, logo eu esteja bem? Quero ser feliz ao seu lado, Constance! Já não posso disfarçar esse amor que me invade a alma, querida! Amo-a, com todas as forças do meu coração!

Apanhada de surpresa, ela sente o coração explodir de felicidade. Incapaz de falar, balança a cabeça afirmativamente, demonstrando a alegria que a invade, num sorriso incomparável.

Atraindo-a para si, enlaçando-a pela cintura, ele deposita-lhe um beijo ardente nos lábios, fazendo os outros internos do hospital aplaudirem entusiasmados. Constance, surpreendida, abaixa a cabeça ruborizada.

Encantado pelo constrangimento dela, ele sorri, divertido.

– Ao menos fiz você sorrir – ela exclama, tímida.

– Com você ao meu lado, Constance, sorrirei sempre! Mesmo que a vida venha a ser amarga! Só não suportarei ficar sem você! Rogo aos céus que nunca faça isso comigo!

Em sua voz soava tal angústia que Constance estremeceu. Estará ele pressentindo dores futuras, separações?

Sacode a cabeça, corajosa, e complementa:

– Seremos muito felizes, Peter; haja o que houver! Nosso amor será mais forte que qualquer adversidade!

Esse ambiente hospitalar influencia você, deixando-o pessimista, é isso! Quando terá alta?

– Dentro de uma quinzena, mais ou menos. E quando sair, estarei sepultando esta fase negra da minha vida. Você, bela e amada Constance, é o meu presente e o meu futuro! Far-me-á sem dúvida o homem mais feliz do Universo!

– Do Universo, Peter? Arre, quanto exagero! – e dessa vez foi Constance quem sorriu.

– Pois vá preparando os seus; brevemente eu a arrebatarei deles!

– Eles já estão conformados e apostam nisso, meu caro!

– Então tramavam a minha perda à minha revelia? Que Deus os guarde por serem cúmplices da minha ventura!

Sentir-me-ei honrado em ser-lhes parente, já que somos amigos há tanto tempo!

– Esta felicidade, Peter, compensa-me das tristezas que vivi com a doença e com a perda de meu querido pai. Tenho certeza que de onde ele estiver, sentir-se-á feliz e aprovará plenamente a minha escolha!

Amar e ser amada é a suprema ventura! Entregarei a você todo o carinho que carrego em minh'alma e, se Deus nos uniu, há de conservar-nos assim!

Após as despedidas, Constance regressa para casa, leve como uma pluma, com o coração cheio de esperanças de felicidade...

Em casa, a notícia do seu próximo casamento transforma a rotina caseira numa festa esfuziante.



Recebe abraços e votos de felicidades.

Numa algaravia deliciosa, eles se congraçam em meio aos planos do enxoval, vestido de noiva, festa etc.

Somente Edward não se envolve e observa tudo com ar sinistro, pensativo...



## AS BODAS

SAINDO DO HOSPITAL, Peter agiliza os seus negócios e as diversas providências para o enlace. Os preparativos se intensificam com a colaboração dos parentes.

Matilde se esforça para Constance apresentar um enxoval digno da posição social do noivo.

Assim, sedas, rendas, brocados, gobelinos, fitas, veludos e bordados arrancam elogios entusiasmados daqueles que admiram as diferentes obras de rico artesanato que saem das mãos de Matilde, Constance, Celeste, costureiras e bordadeiras.

Depois do casamento, Constance irá morar no castelo de Lancaster, na Inglaterra. Com saudades antecipadas, Celeste e Matilde prometem visitá-la muitas vezes.

Paul sorri àquela agitação febril que transformou a casa antes tão tranquila.

Uma mudança inesperada surpreende a todos: Edward modifica seu comportamento com relação à sobrinha.

Deixando de lado a anterior perseguição, passa a ser-lhe solícito, presenteando-a com alguns mimos para a sua futura casa. Sabendo que ela residirá na Inglaterra, cria laços para poder visitá-la mais tarde.

A moça, em sua natural bondade, esqueceu-lhe as ameaças e alegrou-se com a reconciliação. Entendeu que na ocasião ele estava arrasado com a perda dos filhos queridos e abriu-lhe o coração, recebendo-lhe a amizade sem reservas. Feliz com a aproximação do casamento, não deseja albergar ressentimentos no coração.

Finalmente o grande dia chega, alvoroçando a todos.

Constance está deslumbrante num vestido de renda francesa rebordada de minúsculas pérolas; véu comprido, esvoaçante e preso à cabeça por riquíssima tiara, rara obra de artesanato, presente de Peter; buquê de rosas brancas naturais atadas por muitas fitas estreitas que caem até o comprimento do vestido; sapatos de cetim branco. Ela parece uma nuvem muito branca e graciosa, num céu azul de felicidade.

Peter, extremamente elegante, faz muitas moças suspirarem, invejando a sorte de Constance. Os dois formam um belo casal; nisto todos concordam. Foram feitos um para o outro. Estão talhados para a felicidade que lhes acena.

Edward chega às lágrimas de tanta emoção. Desejou muitas felicidades aos noivos e deu-lhes um rico presente.

Matilde e os filhos observam-no, estupefatos. Nunca viram Edward mudar de opinião e ainda menos gastar em presentes... Mas, de certa forma, isto os alegra. Quem sabe Constance conseguira o milagre de transformá-lo?

Os salões estão repletos de convidados. Gente bonita, bem vestida e elegante. Músicos enchem o ar de melodias românticas.

Os pares dançam vertiginosamente; alguns apaixonados e sonhando com os próprios casamentos. Flores em profusão enfeitam e perfumam os diversos ambientes.

Iguarias apetitosas e sofisticadas fazem a alegria dos mais gulosos.

Peter e Constance, enlaçados, dançam em meio à aclamação geral e vivas entusiásticos.

A festa termina ao amanhecer, quando os convidados retornam para seus lares, cansados. Durante muitas horas comentam e comentarão por muitos dias ainda toda a alegria que fruíram na festa de casamento de *Sir Peter* e Constance.

Bons augúrios foram ouvidos nos quatro cantos do salão e nas despedidas foram reforçados por quantos agradeceram os momentos de alegria, desejando-lhes felicidades.

Enfim, sozinhos, os recém-casados dão vazão ao seu grande amor. Dia seguinte, viajarão para Paris, em lua de mel.

Três meses depois, Constance já está investida nas suas funções de castelã. Competente e vitoriosa, parece ter nascido para aquela vida.

Peter admira reverente e orgulhoso a facilidade com que ela assume as suas diversas atribuições.

No castelo de Lancaster, a beleza natural faz moldura para a artificial. O luxo é decorrência da tradição e da herança. Mesmo tendo conservado o aspecto medieval, o castelo oferece segurança e conforto.

Aos poucos, Constance conquistou todos os amigos de Peter e todos os seus serviços.

Faz frequentes incursões pela redondeza, através do condado, junto a Peter, no reconhecimento das providências referentes aos seus moradores, que contam com a bondade deles para viverem com dignidade, enquanto servem aos interesses do castelo.

Para Matilde, Constance deixou um grande vazio, na casa e no seu coração...

Peter tem escritórios na cidade e ali passa a maior parte do seu tempo. Ao regressar para casa, encontra a mulher querida, bela e ansiosa pelos seus carinhos.

Ela descobriu que nele a nobreza maior não é a dos brasões e sim a de sua alma boa. Ama-o e admira-o profundamente pelo seu caráter ímpoluto.

Matilde e os primos, saudosos, decidiram visitá-los.



## O HERDEIRO

NUMA REALIZAÇÃO MAIOR, Constance descobriu-se grávida.

Peter é a felicidade em pessoa. Espera ansioso esse filho que o céu lhes promete. Diminui as suas atividades fora de casa para acompanhar de perto a gestação e apoiar Constance.

O castelo fica em polvorosa; todos se alegram, colocando-se à disposição para as providências atinentes. As adaptações necessárias vão sendo providenciadas.

A própria Natureza parece engalanar-se mais, solidarizando-se com os futuros venturosos pais.

Matilde, informada, apressa a viagem para visitá-los na Inglaterra, sendo acompanhada por Celeste e Paul.

Uma vez ali, deslumbrados, concluíram que Constance está feliz e muito bem integrada na nova vida.

Os meses se passaram e, numa belíssima manhã de primavera, alvoroçando a todos, chegou o esperado herdeiro.

É um bonito menino, parecido com Peter e de olhos negros como a noite.

Recebeu, como já havia sido previsto, o mesmo nome do pai.

Profundamente emocionado, Peter beijou-o nos braços da mãe que, exaurida, exibia-o com um débil sorriso. É o seu troféu de amor, promessa de maior felicidade e realizações! É a perenidade do ser através da multiplicação da espécie!

Abraçando-a, ajoelhado ao seu lado, Peter chora emocionado escondendo as lágrimas na colcha de cetim.

Mais contido, exclama ainda a chorar:

– Obrigado, minha adorada Constance! Que Deus a abençoe e nos conserve juntos e muito unidos neste amor!

Ele é tão lindo, meu amor!... Tão frágil... Temo tocá-lo... Parece um anjo saído dos pés da Virgem Maria!

Extremamente esgotada, Constance ouve-o, acaricia-lhe os cabelos e em seguida cai num sono profundo. O parto fora-lhe muito difícil. Por vezes, o médico temeu por sua vida.

Embevecido, Peter admira o bebê que a ama colocou no cesto de vime enfeitado de sedas e rendas.

Introspectivo, ele reflete:

“Deus, que coisa grave é o nascer! Como ele é pequenino e frágil! Necessita de proteção. Serei tudo aquilo que este filho espera de mim?... Terei eu o poder de livrá-lo dos perigos?...”

Seu coração aperta-se cheio de dúvidas e de medos...

Lutando contra pensamentos pessimistas, busca repousar; há muitos dias não dorme direito.

Em seu leito adormece e em poucos minutos está em meio a pesadelos:

Surpreende-se num lugar desconhecido e depara-se com jovens e crianças maltrapilhos a estender-lhes as mãos pedindo pão, auxílio, piedade, amor...

Em seguida, revê os companheiros mortos na guerra; aquele rapaz desesperado pelas dores e desilusões; suas costas sangrentas e o seu cadáver insepulto...

Debatendo-se no leito, desperta encharcado de suor, coração aos pulos. Levanta-se e abre todas as janelas; aspira sofregamente o ar que entra balançando as cortinas.

“Parece que através dos meus pesadelos recebi as respostas que procurava – pensa.

Sim, nem tudo podemos prever ou evitar... Neste mundo, a sorte muda de

direção e nos surpreende, às vezes dolorosamente...

Mas não me deixarei abater diante da nossa fragilidade com relação ao mundo que nos rodeia! Não é dia de pessimismo e sim de muita alegria! Devo e tenho direito a essa felicidade pela chegada do filho amado!

Dar-lhe-ei tanto amor que ele crescerá protegido e será feliz!

Ao lado da minha adorada Constance, educá-lo-ei dentro dos princípios que norteiam as nossas vidas!

Ele, sem dúvida, será um vitorioso. Deus nos auxiliará!”

Nestes pensamentos procura se tranquilizar.

Retorna ao quarto e Constance ainda está dormindo.

Beija-a suavemente na testa, arranja-lhe as cobertas e vai até o bebê, admirá-lo novamente. Este pequeno ser chega cobrando-lhe maiores cuidados. Parece-lhe estar neste momento carregando o mundo nas costas...

O pequenino agita as mãozinhas e resmunga baixinho.

Uma réstia de luz do sol reflete-se nas sedas do pequeno cesto, tornando o quadro luminoso.

Inclinando-se, reverente e carinhoso, Peter fala-lhe baixinho e pausadamente, imprimindo ao tom de voz muita doçura.

De onde está deitada, Constance os observa encantada. Guardará para sempre na retina esse momento grandioso, solene.

Sob a inflexão amorosa da voz de Peter, o bebê adormece.

Nesse momento, Constance pensa em seu pai e espera que ele esteja muito feliz com o neto.

Peter retorna até ela e, deparando-se com seu olhar luminoso, toma-lhe as mãos e beija-as, enquanto lhe diz:

– Meu amor, já me apresentei a ele! Combinamos que faremos de você a mulher mais feliz do mundo!

– Do mundo? – ela indaga sorrindo. – Do Universo, meu Peter!

– Sim, faremos de você a mulher mais feliz do Universo!

Acariciando-lhe a cabeça, ela declara profundamente grata:

– Meu amado, se eu for mais feliz do que sou, por certo meu coração não aguentará!

Beijando-lhe os lábios e os cabelos, Peter deita a cabeça no peito dela plenamente realizado como homem.

Ambos ouvem uns gritinhos e percebem que o recém-nascido tem necessidades as quais é preciso atender. Não é hora de ficar namorando.

Peter chama a ama e sai do quarto.



## PERFÍDIA

AS VISITAS AO pequeno lorde sucedem-se ininterruptas.

Há alegria e paz coroando a enorme felicidade que passou a reinar ainda mais naquelas paragens por si mesmas tão belas, produtivas e venturosas.

Muitos presentes chegam; ricos, vindos da nobreza ou, simples, oferecidos pelos empregados e pela gente humilde do condado.

Ouvidos atentos poderiam captar o cântico celestial “Hosanas ao Senhor”, tal a ventura reinante.

Edward acompanhou Matilde e os filhos até o castelo. Assumindo brilhantemente o papel de tio-avô emocionado e orgulhoso, fala à sobrinha com lágrimas nos olhos:

– Na minha idade, depois de tantos desgostos na vida, este menino chega para alegrar o meu coração!

Cara Constance, Deus a recompense por esta alegria que me concedeu! Peterzinho é tão lindo! Parece um anjo!

Como pude não entender a sua chegada às nossas vidas, minha querida? Perdoe-me os rompantes e aceite o meu arrependimento!...

E, beijando a mão da sobrinha, confessa orgulhoso que comprou um lindo cabriolé para Peterzinho!

Aqueles que assistiram à cena ficaram sinceramente comovidos e convencidos da sinceridade de Edward.

Até mesmo Matilde que, não conseguindo de fato crer no que vê e ouve, sentiu remorsos. “Afim, ele também tem um coração e provavelmente está se sentindo muito sozinho depois da perda dos filhos que ele amava tanto...” – pensa.

Paul e Celeste, surpresos, agradeceram a Deus; parece que o pai finalmente se modificara.

Hospedado no castelo, Edward não regressou à Irlanda com Matilde e os filhos. Decidiu ficar mais tempo junto ao sobrinho-neto.



Envolvido na rotina do castelo, ele fez camaradagem com os criados. De um deles, muito falante, ouviu uma história:

– Imagine, caro senhor Edward que este castelo já passou por muitas peripécias e uma delas aconteceu quando os Cruzados adquiriram-no e fizeram dele uma fortaleza, da qual saíam para impor, a ferro e fogo, aos outros povos a crença em Jesus Cristo, nosso Senhor!

Desta época ficaram algumas adaptações e, dentre elas, algumas entradas e saídas secretas.

– Ah, sim? E onde estão estas preciosidades? Isso me interessa muito! Sou um admirador da história antiga!

– Algumas foram seladas, mas os vestígios ainda são possíveis de serem vistos. Outras, perderam-se nos corredores, nos subterrâneos ou atrás de portas embutidas que nunca foram encontradas. Ficaram apenas os ecos das suas antigas existências!

– Não é possível que não se possa ver uma raridade dessas! Eu ficaria muito feliz se me fosse permitida esta chance!

– Bem, senhor Edward, não sei se devo... *Sir Peter* recomendou-me sigilo absoluto!...

– Ora! E não sou seu parente? Como tal, estou investido no poder de entender tudo que se passa aqui!

Afinal amo meus sobrinhos! Diga, homem, ainda existe alguma destas passagens secretas por aqui?

Coçando a cabeça, indeciso, o criado finalmente revela:

– Bem, ainda existe uma, atrás de um grande móvel antigo. Meu patrão recomendou-me fechá-la quando da sua descoberta. Certamente ele pensa que eu já providenciei, todavia, é trabalho difícil que deixei para depois e ainda não executei.

– Isto é providencial! Se já a tivesse fechado, eu não poderia vê-la! Bravo! Quero que me mostre. Não se preocupe, nada direi a Peter, prometo!

– Quando eu puder lhe mostrarei, senhor Edward, aguardaremos uma boa oportunidade. Por enquanto, rogo-lhe que guarde segredo de tudo que lhe contei. Preciso trabalhar e minha mulher também.

– Descanse, seu trabalho será preservado. Vou esperar ansiosamente; nunca desisto daquilo que desejo.

Cobrar-lhe-ei o cumprimento desta promessa brevemente! Não se esqueça!

– Sim, senhor! – responde o criado, surpreso e desconfiado com o interesse de Edward por algo tão simples...

Peter, observando a inesperada bonomia do tio, fica ensimesmado quanto à sua mudança de comportamento. Não gosta da sua presença e jamais consegue manter com ele uma conversa mais longa. Seus interesses são profundamente diferentes.

Coriolano, o criado, cada vez mais à vontade e vaidoso da nova e inusitada amizade, e porque não dizer intimidade, convida Edward para conhecer sua mulher e ali, nos aposentos deles, Edward descobre por algumas falas dos dois que são invejosos e

traíçoeiros.

Passou a convidá-lo para beber com ele num povoado próximo e em pouco tempo eram amigos inseparáveis.

Falando com Constance, Peter desabafa:

– Minha querida, seu tio me espanta cada vez mais. Se veio e permaneceu aqui por causa de Peterzinho, por que não aproveita mais ficando-lhe próximo, como seria de esperar? Você já o viu junto a ele?

– A bem da verdade, não. Todavia, meu amor, ele é excêntrico e, assim sendo, nada de racional podemos esperar dele...

– Essa sua afirmação me incomoda... Não me pergunte a razão, porque não sei... Ele me deixa inseguro e inquieto... Sua presença tira-me a tranquilidade.

– Peter, meu querido! Você tem trabalhado demais e geralmente o cansaço nos traz aflições descabidas.

– Sim, deve ser isto... Desculpe os comentários, afinal ele é seu tio.

– Não se desculpe, Peter! Eu mesma custei a me convencer da transformação de tio Edward!

Ele deve estar sofrendo os prejuízos da idade; nem sabemos quantos anos ele tem! Algumas pessoas idosas têm comportamentos contraditórios. Deve ser esse o caso de nosso tio Edward; tenhamos paciência com ele, sim?

– Me esforçarei para isso, prometo.

Certo dia, Edward insiste com Coriolano para ver a passagem secreta e ouve:

– Caro senhor, poderei mostrar-lhe a saída, mas nunca deverá usá-la porque é extremamente perigosa! Vai desembocar, abruptamente, em rochedos pontiagudos e negros como a noite! Ali, o mar violento parece ser a morada de demônios! Há um caminho íngreme e estreito. Sabemos que alguns mais afoitos ousaram enfrentar esses perigos e pereceram, desaparecendo para sempre nas águas agitadas do oceano!

– Não esperarei mais, Coriolano! Você já está me aborrecendo! Mostre-me esta passagem de uma vez por todas! Ora, homem, quanto medo é esse? O que teme de fato?

– Que *Sir* Peter saiba ou nos surpreenda no ato. Eu estou em falta com ele; não cumpro as suas ordens, lembra?

– Sim, lembro-me do que me disse! E lhe dou uma contraordem: não diga a ninguém que me mostrou esta saída, entendeu? Se o fizer, garanto-lhe que se arrependerá amargamente! – Edward já está avermelhado pelos vapores do álcool, sua língua está pastosa; mesmo assim ameaça o criado. Os seus olhos brilham, sinistros...

Coriolano já se arrepende dessa amizade e de ter falado demais. Agora é tarde e pior será se Edward queixar-se ao sobrinho de alguma coisa. Ele e sua mulher ficarão muito mal.

Apreciando a bebida que Edward pagou, decide fazer-lhe a vontade.

Poucos dias depois, Edward despede-se com lágrimas nos olhos, beijando Peterzinho.

Peter detesta quando ele se aproxima de Peterzinho. Já o surpreendeu a olhar com ódio para Constance... Isto o deixa muito intranquilo...

Teme que ele, na sua ausência, maltrate Constance ou o bebê, nos seus rompantes, tão bem conhecidos daqueles que privam da sua companhia.

Respira aliviado quando ele finalmente regressa para a Irlanda.

Todavia, Peter se engana. Saindo dali, Edward não foi para casa. Albergou-se numa mal-afamada taberna pouco distante do condado. Ali se reúne uma súpria de malfeitores; ali se fazem negócios dos mais inesperados e tramam-se todas as formas de crimes.

Ele passa alguns dias à espera de seu particular amigo, Andrew, velho capitão de um navio pirata que por dinheiro aceita qualquer encargo. Sendo informado de que o navio fundeava finalmente naquele porto, Edward aguarda.

Chegando à taberna, desagradavelmente surpreso com a presença de Edward, fixando-lhe as feições alteradas pelo álcool, Andrew senta-se à mesa, de frente a uma boa quantidade de garrafas vazias e algumas cheias.

Em poucos minutos, eles estão conversando em altos brados. Contam piadas, soltam exclamações descabidas e chavões de homens do mar. Batem na mesa com estrépito e fazem um barulho infernal.

Matilde e os filhos julgam que Edward ainda está na Inglaterra e Peter e Constance imaginam-no na sua casa, na Irlanda.

Depois de inúmeros brindes a tudo e a todos, abaixam o tom de voz e inclinam-se um para o outro tramam algo.

Andrew sorri malicioso, fazendo um ou outro comentário.

Veza por outra, Edward ri, saboreando a bebida e as ideias que tem em mente. Nestes termos, eles prosseguem por um bom espaço de tempo nos seus conchavos.

De repente, se desentendem e soltam sonoros palavrões, de parte a parte.

Parece que não chegaram a um acordo, mas finalmente concluem, de forma equilibrada, se assim se pode dizer, aquilo que dependerá de ambas as partes.

Combinados os detalhes, Edward sai, trôpego e rindo, sinistro. Como se falasse a invisível interlocutor, ele sacode as mãos na intenção de alguns gestos que lhe saem lerdos, sem expressão...

Entre dentes, Andrew, ainda sentado à mesma mesa de antes, exclama revoltado e cheio de ódio:

– Seu velho mesquinho! Você ainda me paga, irlandês prepotente! Quem pensa que é? Seu rato de esgotos!... – e numa gargalhada mais afoita, ele desaba no chão. Levanta-se com dificuldade, senta-se novamente, bebe mais um gole e cai sobre o braço, dormindo ali mesmo, de boca aberta, roncando ruidosamente a expelir uma baba pegajosa...

Alguns dias depois, Edward chega em casa, radiante, surpreendendo a todos com a sua alegria.

Sem dar muita atenção a ninguém, ele se tranca, como é de seu costume, no quarto e ali medita sobre aquilo que pretende:

“Que fazer com o menino? Deixo Andrew matá-lo ou não? Com a criança viva ele me explorará interminavelmente! Devo pagar bem a Coriolano e a sua mulher. Quanto ao dinheiro que deverei desembolsar, inclusive para o ambicioso Andrew, preciso evitar estas inesperada despesa...”

Prontamente se lembra de um fato que vem mesmo a calhar: Vira Constance abrir um belíssimo cofre de joias para tirar uma rica peça e dar de presente a Celeste. Logo em seguida, ela abriu uma gaveta e de lá retirou para dar à Matilde um par de brincos de beleza incomparável, arrancando exclamações das duas...

Sem dúvida, já sabe de onde tirar o pagamento para a sua transação.

Ele gargalha tão alto que assusta a todos que podem ouvi-lo na casa.

Matilde lamenta-o; julga que ele está novamente numa fase desequilibrada.

Esfregando as mãos, Edward prossegue no seu terrível solilóquio:

– Quem suspeitará do tio-avô, tão amável?! Imaginem! Nunca saberão quem lhes roubou tal preciosidade! Oh, como eu odeio esse menino!...

E você, Constance, sofrerá! Enfim, estarei vingado!

Você e seu pai, mesmo depois de morto, me devem isso! Minha Marta finalmente descansará em paz!...

Nos dias e noites seguintes, ele passa falando sozinho, planejando os mínimos detalhes.

Abateu-se a olhos vistos e rechaça toda a forma de ajuda que Matilde e os filhos lhe oferecem.

Grita-lhes, inconformado, que está sentindo a falta de Peterzinho, ao qual se afeiçoara demais e declara que brevemente retornará ao castelo para revê-lo.

Condoídos, eles concluem que, em idade avançada, Edward de fato apegou-se demais ao sobrinho-neto.

Alguns dias depois, Edward sai de casa pela janela, deixando o quarto trancado.

Reencontra-se com Andrew para os acertos finais.

Contrataram mais dois homens e convocaram os criados do castelo. Dão-lhe ordens para manterem, em determinado dia e hora, a passagem secreta aberta. Prometeram-lhes uma boa recompensa e ameaçaram-nos de morte em caso de traição.

Nos dias que antecedem a execução do plano, Edward, de maneira surpreendente, sente algum remorso: que culpa tem o menino do seu ódio por Constance e da trágica sorte de Marta? E se Paul e Celeste soubessem o que ele pretende fazer? Ficariam surpresos e profundamente decepcionados!

Por instantes sente-se fraquejar e pensa em desistir de tudo. Mas já fora longe demais... As ordens já foram dadas, Andrew conta com a quantia prometida... Ele não é inimigo que se deseje!...

Sentado em sua cama, cabeça inclinada, ele olha para os sapatos e vacila entre

deixar tudo como está e executar a vingança tanto tempo acalentada em seu coração revoltado...

Recorda Marta, sua beleza, sua infelicidade ao lado do irmão, sua morte prematura... Por causa dela! E agora ela embala nos braços o filho? Que direito tem de fazê-lo? Não! Não perdoará e muito menos a livrará dos tormentos que virão! Sim, seu cérebro brilhante engendrou um plano infalível! Além do mais, ninguém saberá que foi ele!...

Enquanto isso, Constance é a felicidade vestida de mãe e de esposa realizada.

Peterzinho já tem quase um ano de idade. É bonito, saudável, alegre como poucas crianças da sua idade, inteligente e muito querido!... Digno herdeiro dos valores morais dos seus pais e dos brasões da sua família!...

No castelo de Lancaster é tempo de paz e de prosperidade.

\*

\* \*

CELESTE CASA-SE NA Irlanda.

Peter e a família comparecem com régios presentes para os noivos.

Edward sequer notou o evento, alheio como vive, trancado em seu quarto.

Celeste contou, como sempre, com a dedicação incomparável de Matilde.

Paul deu-lhe total apoio e solidifica cada vez mais a amizade com o seu simpático cunhado, Roger Still. Ele é louro, robusto, de feições bonitas e porte avantajado. Os cabelos encaracolados dão-lhe um aspecto grego.

Ama profundamente a Celeste e, espontâneo como é, não faz segredo disto.

Bulhento, quando chega, tira todos do sério com as suas brincadeiras. Perto dele é impossível ficar triste.

Ao conhecer Peter, entusiasma-se, elogiando-lhe as patentes qualidades. Fica deslumbrado com a beleza e a doçura de Constance. Põe o bebê no colo e com ele diverte-se fazendo-o rir muito com as suas brincadeiras e os seus carinhos.

Conquistou de pronto a todos que chegaram para as bodas.

Paul não cansa de elogiar-lhe a constante alegria e disposição para as coisas boas da vida.

Constance fica constrangida com os seus elogios; afinal ele é um parente que ela mal conhece. Apesar disso, tem de confessar que simpatiza muito com ele.

Após o casamento, o casal parte para Veneza, em lua de mel e cada qual regressa à rotina de suas vidas.

Na volta, os dois irão residir numa bela casa nas proximidades.

Celeste chorou muito ao partir. Agora assumirá uma vida diferente; será esposa e dona de casa; provavelmente futura mãe dos filhos que deseja ter.

Sua única mágoa foi o pai, indiferente a tudo que lhe diz respeito, ainda mais num fato que decidirá a sua vida para sempre.

Matilde consolou-a, maternal e solícita, como é de seu hábito.

Conformada, ela conclui que é muito feliz com Still, que a ama devotadamente e ao qual ela corresponde, com todas as forças do seu jovem coração apaixonado.



## A VINGANÇA

SATISFEITO, ENFIM, COM a conclusão do seu plano criminoso, Edward decide executá-lo sem demora.

No dia escolhido, ele sai de casa pela janela, ao nascer da Alva, deixando o quarto trancado. Assim ganha mais tempo. Viaja em silêncio e com ansiedade. O casal de cúmplices o aguardará na entrada da passagem secreta.

Horas depois, alcançando o ponto desejado, ele percorre pela primeira vez o caminho aterrador sobre os arrecifes, que o introduzirá na intimidade do castelo sem ser visto.

Balançando-se, tal qual um ébrio, equilibra-se sobre os negros rochedos molhados e escorregadios. Por vezes falseia o pé e quase despenca sobre as águas bravias. Reequilibrando-se, todavia, ele prossegue.

Veloz por outra, para e descansa tomando fôlego em algum espaço mais amplo e mais seguro.

Durante esse temerário percurso desaba forte tempestade. Os raios que riscam o céu escuro iluminam tetricamente sua fisionomia dura e impassível.

Ele fala sozinho, como se confabulasse com comparsas invisíveis. Pragueja a cada ribombar de trovão. Já está encharcado até os ossos.

O bater violento das águas revoltas contra os arrecifes, que parecem ganhar vida e movimento

na intenção de puxá-lo pelos pés para as profundezas, o assusta, mas ele prossegue, indiferente (exaltado e cego, ele sofre o assédio de entidades trevosas que com ele se afinam).

Nos intervalos que faz para um rápido repouso, traz à baila velhas ideias das quais tira conclusões estapafúrdias. Logo depois, agitado, levanta-se e recomeça a arrojada caminhada.

Exausto, pálido de morte pelo esforço despendido durante tanto tempo sem refazer-se de fato nem alimentar-se, aproxima-se do seu destino. À distância, divisa um chão de pedras grandes e irregulares, úmidas e lisas. Prossegue até lá e alcança finalmente a terra firme.

Reconhece o casal a esperá-lo do lado de fora da passagem secreta, naquele flanco ignorado por quase todos do castelo.

Aproxima-se deles. Em silêncio, sorrateiros, os três entram e selam novamente a grande passagem com um pesado armário.

O casal recepciona Edward nos seus próprios aposentos, sem que tenham sido vistos por ninguém. Dão-lhe roupas secas e o alimentam.

Combalido, Edward deita-se e dorme por algumas horas, confortável e muito bem escondido. Os sobrinhos sequer imaginam que o tio é novamente hóspede do castelo.

Despertando, refeito, ele se organiza, transmitindo ordens bem detalhadas.

A primeira providência será fazer com que todos do castelo bebam uma forte dose de narcótico que será adicionado aos alimentos e às bebidas.

Enquanto Coriolano e a mulher agem, Edward aguardará o momento certo para agir livremente.

E assim, após a ceia, todos estão estranhamente cansados e sonolentos. Em poucos minutos buscam o repouso em seus leitos, caindo rapidamente em profunda letargia.

Avisado, Edward sai do seu esconderijo. Devagar e vigilante, ele vai até os portões; destranca-os, deixando-os apenas encostados e retorna para dentro.

Em seguida vai até o aposento dos sobrinhos conferir se eles estão adormecidos; o que faz com cuidado, escondendo-se, a princípio, para logo após andar seguro e confiante.

O bebê, à pequena distância, resmunga sozinho. Ao ver Edward, estende-lhe os bracinhos, quer sair do berço. Edward apanha-o, mostrando-lhe sorridente os pais dormindo, ao passar pelo amplo e principesco aposento.

O pequeno chama pela mãe, mas não é atendido. Ela não pode ouvi-lo. Peter dorme igualmente um sono pesado.

Levando o menino até os aposentos dos criados, entrega-o à sua cúmplice.

Retorna aos aposentos dos sobrinhos em busca das joias. No ambiente contíguo, ao passar pela ama do feliz herdeiro, pode confirmar-lhe o sono e sorri maquiavélico.

Olha ao redor e se dirige ao móvel onde vira Constance guardar o cofre com as valiosas peças.

Com uma ferramenta adequada, conseguida com Coriolano, ele abre as gavetas.

Depara-se com o cofre de aljófar. Força o fecho e consegue abri-lo. Deslumbra-se com a beleza e a fortuna que tem diante dos olhos. Da outra gaveta, ele retira tudo que lhe interessa. Numa sacola de veludo preto ele coloca as melhores peças. Abandona o restante e sai.

Retornando à criada, ordena-lhe que mantenha Peterzinho distraído, até que seus cúmplices cheguem, o que por certo não tardará.

Insensível, a infeliz mulher brinca com Peterzinho. Nesses momentos decisivos, ela poderia mudar-lhe o destino...

Peterzinho, alegre, agita-se em seu colo avantajado.



– Afinal – ela pensa, para eximir-se da culpa –, não é o próprio tio quem o leva? Não irá fazer-lhe mal... Essas pessoas ricas são bem esquisitas... E o que me importa a sorte dessa criança? Seremos bem recompensados!...

A sorte deste precioso e amado herdeiro está em suas mãos. Ela não conhece os pormenores do plano, não foi informada; apenas pediram-lhe obediência e ela age automaticamente, movida por seus interesses.

Após algum tempo, o menino adormece confiante nos seus braços. Será elogiada por Edward. Dormindo, ele dará menos trabalho. As horas passam...

Madrugada alta, uma carruagem sinistra e silenciosa, conduzida por carroceiro de face patibular, estaciona à frente do grande portão de ferro do castelo. Empurrado levemente, o portão se abre, dando passagem ao veículo fatídico que entra e contorna os jardins. Para diante do frontispício da nobre residência daqueles que, fora de ação, nada podem fazer para defender-se...

Andrew desce sorrateiro e recebe das mãos de Jônia a criança placidamente adormecida.

Passando-a ao comparsa que está dentro do coche, ele retorna até Edward e principiam acalorada discussão por causa do pagamento:

– Seu velho mesquinho, espera que eu arrisque o meu pescoço por tão pouco? Você enlouqueceu de vez! Sou um capitão, lembra? Estou pondo a minha reputação em jogo!

– Que reputação, Andrew? A de pirata? Por dinheiro você venderia a própria mãe! – responde Edward, debochado.

Avermelhado, possesso, ele retruca ameaçador:

– Quer que eu desperte o castelo todo e devolva o menino aos pais, dizendo-lhes que descobri o seu plano e vim para salvá-lo? Eles por certo me pagarão regamente! Não acha que será uma ótima estratégia?

Saltando no mesmo lugar, dedo em riste, Edward ameaça:

– Não se atreva, seu crápula! Está bem, leve mais joias, tome-as! Você é insaciável como uma lagarta! Da próxima vez que atravessar o meu caminho, esconda-se antes que eu o mate! Saia daqui depressa senão porá em risco toda a empresa!

Recebendo outro punhado de joias, as quais examina silencioso, ele parece contentar-se, mas avançando para Edward, segurando-o fortemente pela goela, quase a levantá-lo do chão, com saliva a saltar-lhe da boca, explode:

– Diante da sua arrogância, sinto-me tentado a denunciá-lo ao seu sobrinho, *Sir Peter George de Lancaster*! Omitindo a minha participação, claro!

Ora, por que a surpresa? Pensou que eu não soubesse? Você me subestima, Edward! Sei mais do que você pensa! Quando precisar de mais dinheiro eu lhe procuro! Até a vista!

Soltando-o bruscamente e cuspiendo de lado, ele se afasta, enquanto Edward tenta recompor-se.

Andrew sobe no veículo e ordena ao cocheiro que fustigue os cavalos; tem pressa. Ainda uma vez volta-se para Edward, ameaçador, chispas de ódio nos olhos.

O veículo se movimenta e as marcas das rodas vão ficando no chão úmido, levando aquele que é a ventura de todos, a esperança da continuidade de paz e de prosperidade daquele condado...

Dentro da carruagem, Peterzinho desperta assustado; debate-se inutilmente; é fortemente tolhido por mãos rudes que além de impedir-lhe os movimentos, tapa-lhe a boca.

Não conhece aqueles homens... Estava no colo daquela criada tão amorosa! Onde estará ela e o que houve? Onde estão os seus pais? Por que não o defendem desses homens estranhos?...

Horas depois, exausto e aterrorizado, ele adormece.

Após acertar as contas com Coriolano, Edward garante o silêncio de Jônia, dando-lhe uma bela joia. Ela ficou encantada com o presente.

Mais uma vez, auxiliado por eles, Edward sai do castelo. Deve apressar-se, está amanhecendo, teme ser surpreendido pelos sobrinhos quando acordarem. Desconhece a quantidade de narcótico usada pelos seus cúmplices.

Seguindo pelo bosque, já distante do ângulo de visão do castelo, dá gargalhadas estrondosas, gozando o sucesso da sua vingança. Em alto e bom som, grita, erguendo o punho ameaçador, sentindo-se vitorioso:

– Eu consegui, Constance! Vinguei a minha Marta! Você nunca mais verá seu filho e sofrerá muito! Ninguém saberá jamais! Eu sou muito esperto! Ah, ah, ah! – ele gargalha, sacudindo-se todo, convulsivo.

Para trás deixou os sobrinhos indefesos narcotizados no castelo, para despertarem num terrível pesadelo...



## PERPLEXIDADE...

QUANDO O CASTELO despertou, o sol há muito se levantara.

O casal, cúmplice de Edward, fingiu estar dormindo pesadamente como todos os outros para não levantar suspeitas.

Os moradores e todo corpo de serviço sentem dificuldades patentes para sustentar-se nas próprias pernas. Parecem embriagados; entreolham-se surpresos e vacilantes. No ar, algo de indefinível, pesado, tétrico... O silêncio é mortal.

A muito custo, Peter ergue-se e olha a sua volta.

Constance está muito pálida. Por mais que se esforce, ele não consegue despertá-la.

Com o coração descompassado, num grande esforço, vence a distância que o separa do berço do filho e depara-se com a sua ausência.

Hebetado, dispara pelos corredores, olhando os aposentos próximos, à procura da ama. Depara-se com ela sentada numa cadeira tentando raciocinar. Com as mãos na cabeça, atordoada, ela indaga confusa:

– *Sir*, por acaso tirou o bebê da cama tão cedo? Despertei há pouco e não o vi no berço! Estranho... Não me sinto bem... creio que estou doente...

Peter leva a mão ao peito e geme; não consegue responder. Julga estar vivendo um terrível pesadelo. Retorna ao quarto e depara-se com Constance cambaleando, encostando-se no

espaldar de uma poltrona. Ao vê-lo, ela dirige-lhe um olhar indagador, enquanto balbucia indecisa:

– Peter, o que se passa comigo? Tudo gira ao meu redor! Peterzinho já despertou? Ele está com Elizabeth?

Na garganta de Peter um nó invisível parece garroteá-lo... Não consegue entender o que se passa, mas pode perceber que a situação é extremamente grave. Onde está seu filho? No castelo todos estão muito estranhos... E fazem-lhe perguntas esquisitas. Tenta controlar-se e responde enquanto a ampara carinhosamente:

– Não, ele não está com ela. Elizabeth, como todos no castelo, sente-se mal. Perguntou-me se eu havia tirado o bebê do berço...

– Então – diz ela –, o que há? Será que fomos envenenados, Peter?

– Provavelmente narcotizados, Constance...

– Tem razão, mas como? Todos? E onde está nosso filho? Oh, Deus, socorrei-nos, assim enlouqueço! O que se passa? – abatendo-se sobre a poltrona, ela esconde o rosto entre as mãos e desata em pranto. Todo seu corpo se agita.

Igualmente confuso, Peter solicita:

– Acalme-se, meu amor. Vou revistar o castelo de ponta a ponta. O nosso querido talvez tenha saído por aí, sozinho. Fique aqui e procure tranquilizar-se, peço-lhe! Provavelmente algum serviço já o encontrou nos corredores ou mesmo nos jardins. Descanse que eu vou verificar!

Constance tenta erguer-se, mas desaba sentada, novamente. Em seu coração, um terrível presságio: algo sucedeu ao seu filho! Juntando as mãos em prece, ela cai de joelhos sobre o luxuoso tapete, enquanto Peter sai apressado. Ele está desfigurado, sua palidez é assustadora.

Procura por Elizabeth e ordena-lhe que faça companhia a Constance. Precipita-se para o salão e ali convoca a todos, do mais humilde ao mais graduado morador do castelo. Em alto e bom som, informa:

– Ouçam todos com muita atenção: Acordamos hoje estranhamente adoentados e zonzos. Não sabemos a razão e nem temos muito tempo para indagações. Rogo a todos, indistintamente, que vasculhem todos os recantos do condado de Lancaster à procura de Peter George, meu filho, que desapareceu do seu berço!

Ouve-se um clamor geral e Peter prossegue:

– Não sabemos o que sucedeu aqui, durante a noite! Que as buscas sejam feitas escrupulosamente e sem muito alarde!

Encontrando-o, por favor, não o assustem!

Aos meus serviços ordeno, sob pena de prejuízo geral, que o bebê seja procurado acima de qualquer outro interesse particular! A partir desse momento, tudo para e vamos todos em busca do herdeiro deste castelo! Desde já agradeço a disponibilidade e a dedicação de quantos se empenharem nessa empresa que para mim é de importância vital!

Antes de sair devemos nos organizar para agirmos com mais cautela e de forma produtiva. Dividam-se em pequenos grupos e escolham roteiros. Um líder de cada grupo me trará as informações a respeito dos resultados!

Começaremos por uma sindicância interna e logo após nos espalharemos pelos arredores. Não haverá limites para essa procura! Vamos todos e que Deus nos ajude!

Assim dizendo, cala-se e se precipita para os portões de saída do castelo que, assustadoramente, estão sem as travas de segurança e sem os respectivos ferrolhos. Encontram-se levemente encostados e provavelmente assim estiveram por toda a noite.

Agora Peter teme o pior. Enquanto se movimenta, reflete amargurado:

“Por que o meu filho? Será que pedirão resgate? Jamais imaginei um dia passar por isso!... Peçam o que quiserem, eu lhes darei tudo, até a minha própria vida se preciso for! Mas, se tocarem em um só fio do seu cabelo, tenham a minha ira, resultante da minha dor e do meu desespero!...”

Os diversos grupos espalham-se internamente, enquanto Peter anda pelos jardins à procura de possíveis pistas e, ali se depara horrorizado com marcas de rodas de uma carruagem no chão úmido. Exclama em pânico:

– Meu Deus! Que vestígios são esses? Que veículo esteve aqui ontem? – Apertando convulsivamente as têmporas, ele olha para o céu, rogando auxílio. Anda a esmo, confuso e desesperado. De súbito, vê brilhando ao sol, caído no solo, um brinco de brilhantes que pertence à Constance. Apanha a joia e conclui que o castelo fora assaltado por ladrões. Mas e Peterzinho, onde poderá estar?...

Prossegue procurando ao redor do castelo até esgotar cada espaço.

Retornando, os diversos grupos se pronunciam: Ninguém vira o menino. Todos os lugares foram rastreados inutilmente!

Informado do resultado infrutífero das buscas, Peter recorda-se subitamente da saída secreta que ordenara fosse selada e para lá se precipita, bruscamente.

Ao chegar ao local constata, lívido, que a passagem fora mexida, provavelmente usada recentemente e que suas ordens não foram cumpridas. Lamentando dolorosamente não haver conferido antes, clamou pelo criado responsável:

Cabisbaixo e assustado, o homem comparece e titubeia ao responder as perguntas do patrão encolerizado:

– Oh, Coriolano! Não ordenei que essa passagem fosse devidamente selada?

– Sim, meu senhor! Mas eu fiquei muito doente e não pude executar as suas ordens... Perdoe-me.

– E quando foi que você adoeceu, homem? Eu não fui informado e tenho-o visto trabalhar alegre e satisfeito!

Dissimulado, Coriolano responde em tom humilde e quase inaudível:

– Oh!, *Sir*, eu procuro fazer o meu trabalho, mesmo quando estou doente, pois amo os meus senhores acima de tudo. A gota, porém, tem-me feito sofrer horrivelmente...

– Por que não me comunicou? Eu teria designado outro para o serviço! Volte aos seus aposentos e guarde lá. Provavelmente eu o arguirei com mais calma.

Em seguida, Peter sai montado em seu cavalo mais veloz, pelas propriedades, indagando a todos sobre o bebê e pedindo ajuda na procura. Oferece prêmios aos que mais se esforçarem.

Após horas intermináveis de loucas cavalgadas, suado, avermelhado pelo sol, ele regressa para saber notícias no próprio castelo.

Enfim, decepcionado com todas as tentativas vãs, decide avisar as autoridades policiais.

Antes, vai rever Constance para saber como ela está, diante dos fatos, indo encontrá-la desacordada, enquanto Elizabeth tenta reanimá-la com saís. Em prantos, a ama explica a Peter o que sucedeu ali:

– *Sir*, a criada de quarto entrou aqui espavorida e gritando em altos brados:

Raptaram o nosso querido bebê! Ninguém o encontrou em parte alguma! Quem sabe se já o mataram e esconderam o corpo? Oh, meu Deus! Que horror!”

Ouvindo estas exclamações, *Lady Constance* caiu como que fulminada!... Não consigo

despertá-la, Sir!

Afastando a ama, Peter chama:

– Constance, desperte! Eu a amo, ajude-nos! Estamos em meio a uma tempestade. Precisamos ser fortes e unidos... Não acredite em rumores irresponsáveis e me auxilie a raciocinar com clareza... Precisamos tomar as providências adequadas... Por favor, minha querida, nada de mal pode ter acontecido ao nosso filho! Deus não permitiria...

Ao influxo do amor de Peter, ela desperta aos poucos alquebrada. Atira-se nos braços do marido e os dois choram copiosamente, enquanto Elizabeth sai discretamente, formulando uma petição aos céus.

Aconchegados fortemente, eles tentam somar forças para, equilibrados, prosseguirem nas diversas providências.

Dividindo as dúvidas e os temores, assim como a fé e a esperança, eles decidem pedir ajuda adequada às autoridades competentes; anotando convenientemente que a demora na queixa pode facilitar a saída do filho da região e do próprio país. É preciso impedir que qualquer criança da idade de Peterzinho seja levada, por terra ou por mar.

Para isso, Peter sai rapidamente, após deixar Constance novamente com Elizabeth.

E então, policiais especializados se fazem presentes para levantar pistas e descobrir suspeitos.

Enquanto isso, grupos comandados por Peter vasculham novamente os arredores, numa busca desesperada e estafante, fazendo aquele pobre pai pressentir que seu querido bebê já deve estar distante, que as probabilidades de encontrá-lo são mínimas. Todavia, ele prossegue até a exaustão.

Quando regressa, participa das confrontações entre os criados para se inteirar das investigações. Que alguém dali deve ter auxiliado os raptos é certo, mas quem?

Depois saiu e, ao lado dos investigadores, inspecionaram estradas, rodovias e portos.

Desgraçadamente, ninguém vira uma criança com aquelas características. Surge a suspeita de que os raptos ainda estejam no país a esperar que os ânimos se acalmem. Todas as ideias aparentemente salvadoras redundam em fracasso.

Peter, extremamente abatido, parece ter envelhecido dez anos em poucas horas.

Regressa e desaba numa poltrona, com a cabeça entre as mãos. Sente-se enlouquecer. O que dizer a Constance? Terá de confessar o fracasso das investigações... Chora desesperado e suas lágrimas ardentes caem em profusão entre os seus dedos crispados.

Constance, igualmente aflita, sai a procurá-lo e surpreende-o naquele pranto desconsolado. Entende tudo prontamente... Não precisa ouvir dos lábios amados a notícia trágica. Sente-se estranhamente calma, como se estivesse anestesiada, insensível... Parece-lhe não estar viva. Tem vagado pelos corredores, observando os acontecimentos como se eles não lhe dissessem respeito. Sua alma parece distante...

Por que lhe levaram o filho querido? Para quê? Para onde?...

Vendo Peter naquele desespero, conclui que ele também faz as mesmas indagações.

“Pobre querido – pensa –, como viveremos daqui para diante? E se nunca mais virmos nosso querido bebê?” – do seu peito sai um gemido que retira Peter da sua abstração.

– Constance! Que faz aí em pé, minha querida?

– Olhava você, Peter, temo por sua saúde...

Levantando-se, ele a enlaça pela cintura amparando-a, carinhosamente, enquanto indaga magoado:

– E a sua própria, meu amor? E que me importa minha saúde, se devo procurá-lo sem

descanso? Como se sente?

– Eu? Tentando controlar-me, por você, Peter. Deus há de nos auxiliar a encontrá-lo são e salvo, confiemos!

Na tentativa de animá-lo, dissera aquilo, mas no fundo de sua alma sente-se aniquilada. Voltando-se para Peter declara:

– Peter, há algo que de certa forma me mantém viva...

– E posso saber o que é?

– A certeza de que ele está vivo!

– Meu amor, como pode saber? E ainda por cima ter certeza como diz?

– A intuição me socorre, Peter! Ouço sua voz me chamando entre lágrimas! Ele retornará, eu sei!

– E quando, você sabe?

– Não...

Abraçando-a fortemente, ele a conduz ao quarto onde a agasalha e implora-lhe que repouse, enquanto ele prosseguirá incansável a procurar pelo filho... Para tranquilizá-lo, ela acede.

O castelo está em polvorosa. A rotina foi quebrada de forma brusca. Todos falam baixo e à aproximação de Peter calam-se amedrontados e penalizados.

Peter não reconhece o seu próprio lar. Tudo está revirado e confuso. Os ânimos estão exaltados. Há ainda a queixa dos serviçais que se veem incluídos nas diligências. Alguns estão profundamente ofendidos e não escondem isso. Outros se encontram assustados como lebres. Peter desculpa-se, mas ordena o prosseguimento das acareações até quando se fizer necessário.

Os próximos dias são terríveis. Constance adoce e é preciso chamar o médico várias vezes. Todos temem por sua vida que fica por um fio...

Esgotados todos os recursos, as investigações no local são suspensas.

Peter é o retrato da dor. Emagrecido em excesso, amargo e silencioso, parece um espectro a vagar pelos corredores do castelo ou pelos campos. Seus olhos, vermelhos de chorar e insones, são duas brasas acesas.

Cavalga desesperado pelos arredores inutilmente por horas intermináveis.

Extenuado, depara-se com a necessidade de parar por alguns dias, dar-se a si mesmo uma trégua.

Aos poucos Constance melhora. Assim que ela estiver bem de saúde, Peter pretende procurar o filho em lugares mais distantes...

Os parentes fazem-se presentes tentando auxiliar de todas as maneiras.

Matilde, prestativa e carinhosa, só retornou à Irlanda quando viu Constance fora de perigo.

Constance, melhor fisicamente, tenta manter-se de pé ao lado do marido. Não mais sorriu. Passa horas a acariciar as roupas e os objetos do filho. Às vezes adormece abraçada aos brinquedos preferidos dele. Peter teme pelo equilíbrio dela. Sente-a distante. Desdobra-se solícito e, com seu extremado carinho, ela finalmente demonstra melhoras. Apesar da tristeza que persiste nos seus belos olhos, ela volta a interessar-se pelos afazeres domésticos e pelas atividades do castelo.

E tudo parece querer retornar à normalidade. O casal, todavia, não é mais o mesmo. Somente o verdadeiro amor que os une os mantém vivos. Poderão ter outros filhos. Aquele, entretanto, que mãos criminosas arrebataram jamais será esquecido!...



## LOUCURA

CELESTE NÃO PÔDE visitar a prima; encontra-se em repouso absoluto para preservar o filho que se anuncia através de uma gravidez difícil. Todavia, envia-lhe correspondência amorosa, incentivando-a a ser forte e ter muita fé em Deus.

Intimamente, questiona-se:

“Como agiria se fosse comigo? Se já amo demasiadamente esse filho que ainda não vi, que sentiria depois de conviver com ele, caso o levassem para longe?... Pobre e querida Constance!...”

Na missiva promete visitá-la assim que puder.

Matilde, ao regressar, surpreende-se com o estado deplorável de Edward: trancado no quarto, por dias inteiros, sem alimentar-se e sem os mínimos cuidados de higiene; conversa sozinho, dá estridentes e sinistras gargalhadas que ecoam dentro da casa, assustando a todos.

Paul, a muito custo, consegue por vezes fazê-lo alimentar-se, ingerir algum líquido ou lavar-se e trocar as roupas sujas e rotas. Só ele consegue aproximar-se do pai. Extremamente agressivo, Edward maltrata brutalmente e investe contra aqueles que tentam ajudá-lo.

Nas redondezas já correm boatos de que o senhor Edward enlouquecera. Ao ouvir esses comentários, Paul sofre muito. Ama seu pobre pai, acima de tudo.

Fica-lhe ao lado inúmeras vezes, acalentando-o tal qual criança pequenina e, nesses momentos, seu coração de filho se enternece profundamente ao vê-lo tão frágil, tão sofrido e tão desequilibrado...

Durante a noite, enquanto todos dormem, Edward sai, muda os móveis de lugar, conversa com parceiros invisíveis, ri e, à aproximação de alguém, ameaça agredir, fugindo logo em seguida para o seu quarto, onde se tranca novamente.



Impossibilitado de levá-lo ao médico, Paul trouxe um neurologista até ele.

O diagnóstico foi assustador: estado psicótico grave, com possibilidades de ataques violentos e destrutivos. O médico prescreveu-lhe alguns calmantes e aconselhou uma urgente internação em nosocômio especializado.

Paul ficou arrasado; seu coração amoroso sofre terrivelmente. Sente-se só, apesar da solicitude de Matilde, que nada pode fazer e de Celeste que, com a saúde inspirando cuidados, precisa ignorar o estado real do pai.

Eles concluem que Edward tivera o seu estado agravado pelo desaparecimento de Peterzinho, ao qual se afeiçoara demais.

Matilde, porém, guarda para si as dúvidas que carrega no coração.

As investigações foram intensas e se estenderam por espaços consideráveis. Peter custeou tudo e sempre. Jamais desistiu de procurar pelo filho que parece ter sido tragado pela terra. A cada nova possibilidade, ele vai conferir, para logo depois regressar decepcionado.

Jamais se convenceu da transformação de Edward para com Constance e de seus afetos por Peterzinho. Já foi informado sobre a doença mental dele. Lamenta-o, mas não pretende visitá-lo. Na sua presença sente-se mal, como se fosse observado por uma fera selvagem e traiçoeira. Mas Constance, apesar de tanto sofrimento defende-o, confia nele e em seu proclamado afeto.

Peter retoma os seus negócios e o faz de forma intensa para esquecer um pouco a dor da grande perda. Quando está em casa, tranca-se no gabinete por horas infindáveis.

Procurando melhorar o estado de ânimo do marido, Constance tira-o do trabalho sempre que pode.

Hoje em particular esmerou-se na sua *toilette*, como há muito tempo não fazia. Apesar da tristeza, tenta viver sua vida conjugal; afinal ama Peter com veras d'alma.

Neste momento, ela caminha em direção do gabinete do marido. Está bela, elegante e suavemente perfumada como ele gosta, com joias discretas que realçam o brilho e a cor dos seus olhos verdes.

Corajosa e determinada, decide salvar o seu casamento e viver o seu grande e único amor. Luminosa, ela segue pelos corredores surpreendendo agradavelmente a quantos encontra pelo caminho.

Diante da porta cerrada, respira fundo, controlando-se.

Bate levemente e abre a porta devagar; depara-se com o olhar de Peter, expectante.

Entra e ele a observa, analisando-a detidamente.

Ele está fascinado com sua beleza. Os traços infantis que antes caracterizavam Constance dão agora lugar a uma beleza mais maturada. A dor tornou-a mais diáfana, tal qual bela estátua grega saída das mãos de Fídias. Apesar de mais retraída e mais circunspecta, não perdeu a alegria de viver, a elegância, o charme e o brilho natural.

Peter encontra-se extasiado; está agradavelmente surpreso. Enquanto ela fixa nele seus belos olhos com solicitude e preocupação, ele indaga carinhoso:

– Que houve, minha querida? Alguma novidade?

– Sim – responde ela, enigmática.

– Sobre o nosso filho? – indaga-lhe pressuroso.

– Não. São novidades sobre mim mesma, com relação as nossas vidas, meu querido Peter...

– E quais são, meu amor? Diga-me, quero saber.

– Desejo renascer junto a você, Peter... Preciso cada vez mais de você, meu querido. Decidi regressar deste mundo de sombras e buscar novas luzes no nosso amor! Voltemos a viver, meu amado! Deus nos auxiliará. Tenho saudades dos nossos momentos de verdadeira paixão, de amor e de plena entrega! Eu o amo! Mais que tudo, mais que a mim mesma!

Peter, que já se levantara, toma-a nos braços, arrebatado, e beija-a, ardentemente.

Deitando a cabeça no ombro do marido, ela sussurra comovida:

– Que esse amor que nos une nos conserve fortes e unidos! Juntos, enfrentaremos todos os desafios!

Peter está sem palavras, é pura emoção. Aperta-a mais de encontro ao peito; peito no qual o coração bate, feliz e descompassado.

– Peter – Constance declara –, ontem sonhei com papai...

– E daí, minha querida? – ele pergunta, enquanto beija-lhe os cabelos perfumados, arranjados no alto da cabeça e presos por minúsculas pérolas.

– Ele me disse, Peter, que nosso filho vive e que regressará...

– E você crê nisso, Constance?

– Sim, Peter, eu creio.

Perguntei-lhe ansiosa: “Ele regressará logo para nós, meu pai?”

E ele, meu amor, com voz entristecida, respondeu-me:

“Não, minha filha, isso demorará algum tempo!... Mas ele regressará para Peter!...”

O coração de Peter apertou-se dolorosamente... Entendeu perfeitamente o 'recado' do pai de Constance. Apertou-a ainda mais de encontro ao seu coração e intimamente rogou auxílio aos céus.

Ignorando a secretária cheia de papéis e de documentos, abraçado a ela dirigiu-se aos seus aposentos.

Escusado dizer que naquele dia Peter não retomou as suas atividades no gabinete...



## A VIAGEM

ACOMPANHEMOS AGORA, AMIGO leitor, o roteiro de Andrew e de seu pequenino fardo:

Em meio a perigosas situações, nas quais a vida da criança esteve muitas vezes em perigo, eles chegam a Istambul, na Turquia, onde Andrew tem conhecidos e pretende se fixar definitivamente, para fugir ao cerco policial que segue de perto as suas pegadas criminosas. Ali poderá mais livremente dar vazão às suas más tendências, enquanto se esconde.

Recuemos no espaço e no tempo para saber de que forma Peterzinho foi levado para longe dos seus:

Na madrugada daquele dia fatídico, o navio Grand Captain fundeava nas costas da Inglaterra. Sua tripulação conhece bem Andrew e está habituada aos seus ‘negócios’. Por isso, ele tramou a fuga por mar.

Narcotizou levemente o infante e acomodou-o dentro de um enorme cesto de vime, com fundo falso e forrado estrategicamente para esse mister. Na parte posterior, arranjou, disfarçadamente, tecidos leves e variados.

O cesto foi cuidadosamente misturado aos outros que comportavam as mais variadas mercadorias, com destino ao Oriente. Andrew marcou aquele que levava o garoto com pequena mancha vermelha e vigiou-o até a partida do Grand Captain.

Os fiscais sequer suspeitaram que uma ‘carga muitíssimo preciosa’ saía daquele país.

Em alto-mar, Andrew tirou Peterzinho do esconderijo, despertou-o e alimentou-o em sua peculiar rudeza. Cuidava, assim, para que ele não sucumbisse antes que pudesse decidir-lhe a sorte.

“Talvez eu possa explorar mais a Edward ou aos próprios pais, quem sabe?” – pensa.

Desembarcando em Istambul, procurou por Yasmine, mulher sórdida e ambiciosa, sua parceira de crimes. Entregou-lhe o bebê, ordenando que ela o criasse, até que ele tivesse idade para acompanhá-lo. Pagou-lhe com riquíssima joia, que a fez exclamar eufórica:

– Andrew, sua raposa velha, de onde vem isso? Que riqueza! Dê-me o mapa da mina!

Reagindo rudemente, ele ameaça:

– Fale baixo, senão eu acabo com você, sua víbora! Conte-se com isso e não me faça perguntas, sua bisbilhoteira! Cuide bem desta criança, senão você se arrependerá, eu lhe prometo! Ele é meu filho. A mãe dele morreu, pobrezinha, e eu não posso andar por aí com esse pirralho pendurado em mim! Quando eu vier buscá-lo, dar-lhe-ei outro mimo como esse. Se você merecer, claro! Eu preciso deste menino vivo, entendeu?

Com as mãos nos quadris, balançando-se para um e outro lado, Yasmine, desganhada e suja, indaga maliciosa:

– E para quê, pode me dizer? Se gostasse dele não o deixaria assim! E veja, ele está morrendo de medo de você! Hum... aqui tem coisa!... Você vai me colocar numa enrascada, não vai, seu verme?

Agarrando-a, torcendo-lhe o braço, a ponto de fazê-la gemer, ele repete as ameaças:

– Cuidado com a língua, senão pode ficar sem ela, Yasmine! Não diga depois que eu não lhe avisei. Você me conhece muito bem!

Soltando-se dele com violência, ela confirma encolerizada:

– Sim, eu o conheço bem, seu selvagem! Vá-se embora daqui e quando voltar, traga-me outra joia dessa! Mas, afinal, qual é o nome do ‘seu filho’?

– Apanhado de surpresa, Andrew fica confuso e começa a gaguejar:

– O nome dele? O nome? Ah, deixe ver... Preciso me lembrar... – batendo na própria testa, ele exclama eufórico:

– O nome dele é Kadir! Imagine, eu havia esquecido! Foi minha mulher quem escolheu!

Com ar ladino e descrente, ela ainda comenta:

– O menino já deve ter um ano de idade mais ou menos e você não sabe o seu nome? E deseja que eu acredite que ele é seu filho? Refinado desse jeito e vestido luxuosamente? Está bem, Andrew, vou fingir que acredito!

Vou mantê-lo vivo e cuidar dele, se você prometer que depois de tudo receberei uma boa recompensa! Afinal... eu preciso viver, criança dá muito gasto e muito trabalho! Ao menos isso você deve saber...

– Faça o que lhe mando e não se arrependerá!

– Farei, farei, seu maldito lobo do mar!

Assim falando, ela arrasta Peterzinho pela mão, enquanto ele choraminga, tremendo de pavor. Incomodada com o choro, ela entra com ele numa pocilga, sacudindo-o e ordenando-lhe que se cale.

Andrew, finalmente livre, pôde dar vazão à sua sede de prazeres. Dinheiro é o que não lhe falta. Este negócio rendeu-lhe bastante. Possui agora uma pequena fortuna.

Dito e feito. Ele percorre os bares mal-afamados, embriagando-se com as mais caras bebidas. Reintegrou-se à súpria de malfeitores do lugar, da qual faz parte, e inteirou-se das novidades. Visitou os bordéis mais sofisticados, esquecido do mundo e dos seus problemas... Alimentou-se das comidas mais refinadas; pagou boa hospedagem e dormiu muito bem. Diante dessa vida que aprecia, exclama:

– Isso é que é viver, Andrew! Quando o dinheiro terminar, nós sabemos onde buscar

mais! – e explode em gargalhadas estúpidas.

Por sua vez, Peterzinho, ou melhor, agora Kadir, nas mãos de Yasmine, tornou-se em breve tempo uma criança triste e infeliz. Transformou-se em um menino mirrado e chorão. Passa por todo tipo de privação, em meio a humilhações e violências. Ele fica grande parte do dia nas ruas, junto a meninos maltrapilhos que, como ele, não recebem educação e nem os cuidados de que precisam.

Yasmine em nada mudou sua vida libertina. Não se prende pela criança que, afinal, atrapalha bastante, como ela mesma diz a quantos possam ouvi-la, quando, embriagada, fica ainda mais violenta.

E assim ele cresceu, esquecido do único ano de vida, no qual recebeu amor e proteção.

Assimilou os maus hábitos da rua; sofre os rigores do tempo e os maus tratos de Yasmine. Quando ela volta para casa embriagada, descarrega nele, com brutalidade, a sua revolta.

E desta forma infeliz, passaram-se alguns anos...

Num dia, talvez pior que todos os outros, Andrew decidiu reclamar-lhe a posse. Concluiu que agora o garoto pode acompanhá-lo.

Pagando a Yasmine com outra joia, carrega-o, arrastando-o rudemente.

Chorando muito, Kadir leva alguns safanões para calar-se. Apavorado, ele engole o choro. Não conhece aquele homem que o maltrata e que diz ser seu pai. Nunca o vira antes!...

Andrew pretende iniciar Kadir em pequenos ‘expedientes’, nos quais ele levará vantagem, obtendo lucros fáceis e cômodos. Esse é o seu jeito de viver. Essa a sua escola...



## COMPENSAÇÕES

AO LONGO DO tempo, Peter e Constance jamais relaxaram a busca do filho amado. A presença dele é sagrada em seus corações.

Passaram pelas mais variadas experiências, desde o dia do rapto. Aqui ou ali, dizia-se ter encontrado Peterzinho e eles acorriam, cheios de esperança. Surgiam rumores de que determinado corpo de criança havia aparecido e com os corações angustiados eles iam conferir.

Alguns profissionais da investigação criminal prometeram muito e nada conseguiram fazer, desaparecendo por fim, não antes de terem embolsado grandes somas em dinheiro...

Viagens desgastantes e decepções sem conta eles viveram; até que, cansados de servirem de joguetes para pessoas mal-informadas ou mal-intencionadas, passaram a rejeitar a maioria dos apelos que lhes chegavam sem cessar.

A cada nova decepção, a saúde de Constance foi-se abalando.

Um ano depois do desaparecimento de Peterzinho, ela dá à luz uma linda menina, parecida com ela. Batizam-na de Caroline.

A chegada desta filha, de certa maneira, confortou-os. Abraçados, choraram emocionados, gratos aos céus. Todo o condado alegrou-se, festejando esse novo nascimento.

Mais um ano se passou e nasceu Constantine, irrequieta ao extremo e fisicamente parecida com Peter.

As duas meninas são a compensação que Deus lhes envia, confortando-os pelos sofrimentos vivenciados.

Elas crescem vivas e saudáveis, amenizando o vazio deixado pelo primogênito.

Durante as gestações e os partos, Constance esteve entre a vida e a morte. Com estoicismo, ela superou as dificuldades. Agora conduz as filhas no crescimento e na educação.

Apesar de todas as dores e de todas as alegrias, ela jamais esqueceu sua bela e amada Escócia,

seu lago, sua casinha... seu saudoso pai... A essas recordações, soma-se agora, a de seu querido Peterzinho desaparecido...

Conserva-o vivo em sua memória: recorda sua alegria contagiante, sua risada infantil e cristalina, suas primeiras palavrinhas ainda balbuciadas com dificuldade, seus passeios ao sol nos jardins do castelo...

Fechando os olhos, ela o revê sentado em seu cabriolé (rico presente do bom tio Edward, coitado! Ele sentiu tanto a falta de Peterzinho que adoeceu, amava-o demais!)

Agora recorda-o a rir do trote do animal; cabelos louros ao vento, olhos negros e brilhantes, as mãos rechonchudas e rosadas tentando segurar as rédeas, dando gritinhos de alegria...

Nesses momentos, ela sofre mais...

Guardou suas roupinhas, tão lindas e ricamente confeccionadas, até que finalmente resolveu doá-las aos filhos dos serviçais do castelo.

Abraçada aos brinquedos dele chorou muitas vezes, enquanto pedia aos céus forças para prosseguir vivendo e auxílio para resgatá-lo para o seu amor...

Neste momento, recorda-se do sonho que teve, no qual seu pai declarou que seu filho retornará – para Peter! Todos poderão comemorar o grande acontecimento, menos ela, porque provavelmente não mais estará entre eles...

Desiludido, Peter não acredita mais que possa reaver o filho querido... Julga-o morto. Não diz isso à Constance, preservando-a de maiores dores.

Juntos, protegem e amam ardentemente as filhas, que por sua vez são dóceis e amorosas. Eles não permitem que os seus sofrimentos e as suas saudades recaiam sobre elas, fazendo-as sofrer.

Caroline é sensível e doce como a mãe.

Constantine é mais racional, como seu pai. Possui um temperamento forte e apaixonado, sendo bastante impulsiva.

Ambas são loiras, de belíssimos olhos azuis, translúcidos como o lago de Constance, na Escócia.

São admiradas e mimadas por todos. E a vida prossegue, renovando-se a cada instante...

\*

\* \*

RETORNEMOS À IRLANDA para sondarmos o estado de espírito de Edward:

Acicatado pelas consequências do seu ato criminoso, ele se debate: entre a satisfação da vingança cruelmente perpetrada e o remorso da sua mente doentia.

Os vizinhos dizem que Edward está ‘variando’, ao ouvirem sua voz estridente a falar de forma desconexa e as suas gargalhadas assustadoras.

Ele dialoga em altos brados com companheiros invisíveis. Está cadavérico. Agora nem mesmo a Paul permite aproximação.

Durante a noite, prossegue em seus passeios pela casa. No surgimento de alguém, foge e tranca-se no quarto.

Seu aspecto é horrendo. Barba longa e suja, cabelos igualmente compridos e maltratados, palidez marmórea, roupas rasgadas, olhos insanos...

Observado-o à distância, Matilde o deplora, sinceramente.

Quando o dia amanhece, ela se depara com pratos sujos de comida e panelas reviradas, pacotes de alimentos abertos e derramados pelo chão, garrafas vazias, algumas quebradas.

Nessas horas, avizinhandando-se do quarto de Edward, ouvem-se-lhe os fortes roncos, indicando que ele dorme, embriagado. Ao pôr do sol, ele desperta e recomeça o alvoroço.

Os vizinhos reclamam e a família desculpa-se, sinceramente, lamentando nada poder fazer.

Alguns mais afoitos e impacientes aconselham a internação do doente, para resgatar a paz da redondeza.

Atualmente, estendendo ainda mais o seu insano comportamento, na madrugada, Edward abre as portas e caminha pelas ruas, ruidoso e, não raras vezes chama em altos brados por este ou por aquele vizinho, de quem recorda o nome, convidando-o para beber a saúde do seu querido sobrinho-neto, Peterzinho, que acaba de nascer na Inglaterra, no condado de Lancaster.

Noutras ocasiões, mais descontrolado, ele sobe ao telhado e encena uma dança tétrica, assustando a todos cada vez que ameaça cair, juntando gente ao redor da casa.

Diante disso, Paul e Celeste não têm alternativa senão interná-lo o mais rápido possível. Providenciam tudo, com os corações penalizados.

No dia da internação, Edward é arrastado por enfermeiros, aos berros, gritando que todos querem o seu dinheiro e por isso tentam livrar-se dele.

Paul cai em prantos e Celeste precisa ser socorrida pelo médico da família, tal o seu desequilíbrio emocional.

Recentemente dera à luz o segundo filho; um robusto menino que ao nascer quase lhe tira a vida. Ainda se recupera desse parto difícil, mas deparou-se com a urgente necessidade de decidir o triste destino do pai, ao qual sempre temeu e jamais aprendeu a amar. Respeita-o apenas. Apesar de tudo, lamenta-lhe a sorte.

Na saída dele em circunstâncias tão infelizes, ela desmaiou, custando muito a despertar, mesmo com os medicamentos e os cuidados médicos, preocupando a todos.

Há algum tempo Edward por vezes não se reconhece a si mesmo. Quando chamado pelo nome, revolta-se e declina outros nomes, que também se modificam constantemente.

Após as primeiras dificuldades, asilado em competente nosocômio, ele recebe tratamento adequado. No período de uma semana, demonstra alguma melhora, trazendo esperança aos corações dos filhos e da boa Matilde.

Paul vive agora um conflito inesperado.

Consciente de que seu pai está no auge da sua insanidade, ficou perplexo ao ouvi-lo repetir certas frases, como: “estou vingado, Constance! Eu lhe avisei! Finalmente consegui! Nunca mais você será feliz!”...

Arrepiando-se, Paul se nega a entender os desabafos alucinados do pai. Por fim, justifica as declarações que considera descabidas pela situação de desequilíbrio na qual ele se encontra. Sacode a cabeça e tenta esquecer suas terríveis suspeitas, na intenção de proteger aquele que lhe deu a vida.

E mais alguns anos se passam...

Com a esperança renovada no coração, Constance insta com o marido, a fim de que ele não desista de procurar pelo primogênito.

Peter jamais deixou as sindicâncias, apesar de muitas vezes sentir-se derrotado. Peterzinho parece ter desaparecido no ar... E não se cansa de indagar aos céus o que poderia ter acontecido naquela trágica noite...

Mantém detetives ativos e muito bem pagos para continuarem investigando. Ele recebe periodicamente relatórios que são sempre pouco satisfatórios.



Certo dia, porém, um desses homens contratados por ele informa-lhe que ouviu de um marujo embriagado uma estranha narrativa a respeito do rico castelo de Lancaster e de seu herdeiro, um belo menino de olhos negros, que nunca mais regressou para casa...

Arguto, fazendo uso do seu peculiar traquejo, o investigador entabulou um diálogo sutil e intencional, descobrindo que o tal menino fora sequestrado e embarcado no porto da Inglaterra com destino ao Oriente. Entre uma frase e outra, o marujo desabafou debochado:

– Imagine você que o autor do rapto foi o próprio tio-avô! Já viu algo assim?

Fingindo surpresa e pouco interesse, o investigador indagou, entre um gole e outro:

– Ora, é mesmo? E como foi isso? Que tio, hein? Belo pilantra!

– Pois é! Ele é um homem avaro e muito rico! De maus bofes também, segundo sei, insuportável!

Meu companheiro Andrew, velho capitão de navio, um verdadeiro pirata, detesta-o! Ele me disse que talvez conservasse o garoto consigo para explorá-lo futuramente, atormentando aquela raposa velha e arrogante!

– E você sabe o nome desse homem tão detestável?

Desconfiado, o marujo indagou, olhando-o de esguelha:

– E em que isso pode lhe interessar? Ora, ora! Não percebe que é perigoso para mim estar lhe contando estas coisas? Estou falando demais!

– Desculpe! Não tenho outros interesses, a não ser, quem sabe, usar os ‘préstimos’ desses seus amigos, caso eu venha a precisar.

Afinal, eu também sou um marinheiro, um velho lobo do mar! E eles me parecem muito eficientes!

– O velho não é marinheiro, homem! É um irlandês, ‘meio pancada’, entende?

– Se é da Irlanda, pode ser que eu o conheça. Se me disser o seu nome...

– Isso nem eu sei! Ganhei uma boa soma em dinheiro para manter o menino quieto, evitando que ele gritasse na hora do rapto!

– Entendo... Se ele gritasse, vocês, além de não ganharem dinheiro algum, ainda seriam presos, certo? Mas, me diga, quantos anos tinha esse menino?

– Tinha mais ou menos um ano de idade, segundo me disse Andrew. Foi-me difícil mantê-lo quieto, ele era robusto e esperto, mas finalmente adormeceu ou desmaiou, não sei ao certo! No meio do caminho recebi o meu pagamento e desapareci.

Findas estas declarações, o policial identificou-se e deu voz de prisão ao comparsa de Andrew.

Agora, finalmente, uma ponta da meada aparece, e o resto por certo virá depois.

Assustado e enfraquecido pelo álcool, o homem não opôs resistência alguma.

Peter foi avisado e que ele se encontra à sua disposição na delegacia do condado.

Prudente, ele reflete que Constance deve ignorar esses fatos, por enquanto. Seu estado de saúde inspira cuidados.

Com o coração aos saltos, vai ouvir as declarações do acusado e as explicações do investigador.

Ali, certifica-se de que é real a pista conseguida e pede uma acareação mais apurada. Tem certeza de que o tio fatídico é Edward. Impreca várias vezes na direção dele. Seu coração se revolta duramente. Guardará para si as investigações do momento.

Decide ‘visitar’ Edward. Para isso, convida Constance e as filhas, que se entusiasmam com a ideia da viagem.

No dia aprazado, bagagens prontas, embarcam e seguem rumo à Irlanda.

Constance vai dizendo às filhas para se comportarem muito bem, porque o tio Edward é nervoso e vem se desequilibrando a passos largos. Lembra-lhes que Matilde e os primos ficarão radiantes com a chegada deles. As meninas seguem tagarelando durante todo o percurso.

O móvel de Peter é bem outro. Quer defrontar-se com aquele tio covarde e criminoso. Para isso, pretende primeiro falar a Paul sobre suas verdadeiras intenções, conseguindo-lhe assim, consentimento e ajuda.

Mantém-se circunspecto durante todo o trajeto.

Constance observa-o, disfarçadamente e, pressente-lhe algo importante a ocupar-lhe os pensamentos. Interpela-o sem resultado algum. Delicadamente ele nega qualquer preocupação. Quer poupá-la.

Algumas vezes a alacridade das filhas fá-lo sorrir levemente.

Finalmente chegam e são calorosamente recepcionados por Matilde e por Paul. Acomodam-se e descansam, enquanto Peter solicita a Paul uma rápida entrevista a sós.

Impressionado pelo aspecto sombrio de Peter, seu velho amigo de infância, o rapaz o convida para acompanhá-lo e ambos trancam-se na biblioteca.

Uma vez ali, Peter informa-o das recentes descobertas a respeito do rapto do filho.

Paul empalidece mortalmente. Julga estar sonhando. Recordar-se imediatamente das suas suspeitas. Aperta a fronte, de cabeça baixa, extremamente envergonhado. Deplora profundamente o que acabou de ouvir. Levanta a cabeça e se depara com o olhar desesperado e indagador de Peter. Tentando manter-se calmo, pergunta magoado:

– Peter, por que não me comunicou os seus receios há mais tempo?

– Ora, Paul, seria extremamente desagradável dizer ao querido e digno amigo que você é que não aprecio seu pai, que o julgo ameaçador, perigoso... Há de convir!

– Sim, tem razão. Desculpe-me. Você é um *gentleman*.

– Obrigado. Agora me diga, por favor, onde está o seu pai? Desejo vê-lo, imediatamente.

– Ele não se encontra aqui, Peter. Está internado num hospital psiquiátrico. Seu estado é lamentável. Nem sei se terá condições de entendê-lo e muito menos de esclarecer as suas dúvidas...

– Ele terá de ouvir-me, caro Paul! De qualquer forma! Somente ele poderá levar-me até o meu filho! Esse filho amado, que jamais esqueci por um instante sequer! Nem você e nem ninguém pode aquilatar o quanto temos sofrido ao longo destes anos!

Peter está exaltado, toda a sua revolta explode. Sente-se agora capaz de reencontrar o filho. Urge fazer algo para não perder a oportunidade.

Abatido e triste, Paul roga:

– Calma, Peter. Se você sofre por seu filho, eu sofro por meu pai. Respeite a minha dor, como eu respeito a sua!

– Paul, não há termo de comparação! Meu filho é uma criança indefesa e inocente! E seu pai, um criminoso! Perdoe-me a franqueza!

– Meu pai, Peter, é um homem doente!

– Apesar de tudo que me disser ou de qualquer outra alegação que possa vir a fazer, necessito vê-lo com urgência! Tenho o direito de arguí-lo! Posso, se for preciso, acionar as autoridades competentes, Paul, não esqueça que ele está incluso na lei!

– Peter, Peter! Aviso-o; apesar da nossa amizade tão antiga e do nosso parentesco, protegerei meu pai, não deixando que ele seja molestado por ninguém, nem mesmo por você!

A essa altura, Paul chora, não se contém mais. Sente uma imensa vergonha e uma dor muito grande à simples suposição de ver seu pai na prisão... Pressente-lhe a impossibilidade de raciocinar normalmente, de ser responsável por seus atos...

Condoído com a emoção de Paul, Peter controla-se. Abraça-o e lhe pede:

– Perdoe-me, Paul, perdoe-me os rompantes. A dor que carrego há tanto tempo me envenena. Prometo acalmar-me, meu amigo. Todavia, quero saber o que aconteceu com meu querido Peterzinho e conseguir pontos de referência para uma busca mais acertada que, desta vez, eu sinto, será vitoriosa! Sei que você pode entender-me...

– Você está no seu direito, Peter. Não resta dúvida. Vou marcar uma entrevista. Eu posso entrar lá todos os dias... Não se preocupe, serei diligente, apressando esse momento que você aguarda com uma ansiedade compreensível. Eu o informarei quando conseguir.

– Está bem, confio em você. Perdoe-me por trazer-lhe sofrimentos, meu amigo.

– Descanse, posso aquilatar a sua dor. Peço-lhe igualmente perdão para meu pai...

Peter silencia, não consegue perdoar Edward. Abaixa a cabeça entristecido. Num fio de voz, no qual pressente-se um pranto represado, desabafa:

– Deus nos auxiliará aos dois, a mim e a você, caro Paul...

No desdobramento do interrogatório, o comparsa de Andrew confessa que Edward teve cúmplices dentro do castelo. Isso deixa Peter muitíssimo decepcionado. Suas antigas suspeitas começam a tomar corpo. Todavia, lembra-se das acareações feitas na época do sequestro... Todos se saíram bem... Regressando, vai apurar essa denúncia.

Antes de viajar deu ordens para que o castelo seja vigiado disfarçadamente. Que a qualquer tentativa de fuga de alguém, haja a prisão flagrante. Lamenta sentir-se traído por aqueles que recebem dele e de Constance tudo que necessitam e muito mais.

Durante a espera da visita a Edward, Peter sente-se irritado, o que não foge à observação de Constance. Ela percebe que ele lhe esconde algo. Todavia, aguarda. Confia plenamente no marido. Conclui que ele deve ter razões para agir assim. Certamente, depois ele lhe falará a respeito...

Assim, ela aproveita alegremente os dias que passa ao lado de Matilde e dos primos. Suas filhas são queridas e admiradas por todos.

O cunhado, Roger Still, não se cansa de mimá-las e de louvar em Constance a dedicação maternal. Também ele e Celeste têm dois belos garotos, saudáveis, alegres e inteligentes. Celeste é igualmente uma boa mãe.

Estando todos reunidos na grande cozinha da casa, Still irrompe abrindo ruidosamente a porta. Ausentes, apenas Paul e Peter.

As mulheres confabulam amigavelmente.

Divertido, ele indaga-lhes quais são os segredos trocados, ao que Celeste responde amorosa, sorrindo:

– Ora, meu amor, e eu cá tenho segredos para você?

Rindo com a resposta, enquanto destampa as panelas fumegantes, ele replica:

– Bem que eu gostaria de saber o que vai nos corações destas lindas mulheres!

– Still – brinca Matilde rindo também –, o que você quer mesmo é saber quais são os segredos que estão dentro destas panelas!

– Vejam só que mulher esperta! Descubra rapidamente as minhas artimanhas! – E assim dizendo, abraça Matilde, levantando-a nos ares, enquanto finge declarar-se:

– Paixão da minha vida!

Matilde, um pouco temerosa, ordena:

– Still, seu grande estouvado, ponha-me já no chão, senão jamais provará as iguarias que acaba de ver!

– Subjugado pelos seus encantos, obedecerei humildemente, mulher deslumbrante!

– Cozinha excelente, você quer dizer, não é Still? Ah, menino, tenha juízo e me coloque no chão, senão lhe dou umas palmadas e deixo-o com fome!

– Bem, com esses argumentos não há quem resista, minha bela Matilde!

Uma vez no chão, rindo muito, ela dirige-se ao fogão para servir ao rapaz que lhe segue os passos de perto a aspirar o aroma convidativo da comida.

Prato na mão, sentando-se, ele olha para Constance e indaga-lhe solícito:

– Como está, Constance querida? Melhor e mais conformada?

– Melhor sim, caro Still, conformada jamais. Quero meu filho de volta e sei que ele voltará.

– E como pode saber? O que lhe dá essa certeza?

– Bem, meu pai me disse...

– Mas ele morreu há tanto tempo! Como pode ser isso?

– Apesar de ter morrido há muito, sinto-o presente e atuante em minha vida. Assim sendo, vez por outra, sonho com ele e num desses sonhos, que para mim são realidade pura, ele me disse que Peterzinho ainda voltará...

– Constance – diz o rapaz segurando-lhe as mãos, carinhoso –, faço votos de que ele esteja certo. Ficarei radiante quando isso acontecer. Comemoraremos juntos! Até faremos uma festa para esse querido sobrinho!

– Obrigada, Still... mas penso que eu mesma não poderei comemorar, porque meu pai me disse que ele regressará para Peter e não para mim. O que pressupõe que ainda levará algum tempo e que... eu já não estarei entre vocês...

Matilde e Celeste se entreolham de maneira significativa. Acercando-se de Constance, abraçam-na. A boa Matilde, inclinando-se para ela, diz com carinho:

– Constance, não vamos tirar conclusões precipitadas dos sonhos que temos de vez em quando e que nos parecem reais, minha querida.

Peterzinho há de voltar para os seus braços maternos e também para o nosso convívio, ocupando o lugar que lhe pertence de fato e de direito.

– Espero que esteja certa, Matilde, todavia acredito nos avisos do meu saudoso pai...

Still, que mantém o garfo suspenso, olha para Constance e suspira profundamente. Naquele instante, nada de importante ou bastante convincente lhe ocorre para dizer. Retorna à mastigação, mas entristece-se.

Matilde e Celeste retomam a conversa buscando distrair Constance.

Terminando a refeição, Still sai do salão de refeições, silencioso e pensativo. As três mulheres prosseguem analisando os mais diversos assuntos entre si.

Paul conseguiu permissão para a visita de Peter ao hospital. O tempo concedido será de pouco mais de uma hora.

Depois de uma noite maldormida, Peter levanta-se pela manhã e Constance, ao saber que ele visitará seu tio, oferece-se para acompanhá-lo, no que é peremptoriamente recusada. Ele alega que o local é triste e mórbido, que lhe fará mal aos nervos e que ela não deve ter emoções fortes. Convencida, ela pede-lhe que lhe transmita os seus e os beijos das meninas, com os votos

de breve recuperação. Peter promete dar os recados.

Os primos, sem terem conseguido almoçar, prometendo que fariam isso ao regressarem, saem apressados e taciturnos. Sofrem ambos por motivos diferentes com relação à mesma pessoa.

Eles fazem todo o percurso sem trocar palavras. Cada qual imerso em seus próprios pensamentos.

Finalmente Paul indica a Peter um edifício alto de cor escura, com muitas janelas e fachada sombria. A tristeza e a dor parecem morar ali.

Entram. As paredes do *hall* são nuas. Há uma divisória, rematada no centro por poderosas grades, separando e protegendo a entrada do nosocômio propriamente dito. Os funcionários parecem deslizar como almas penadas, falam baixo e respondem de mau humor às perguntas que Paul formula na portaria.

De longe, ouvem-se lamentos, imprecensões várias e gritos lancinantes. Edward parece ter encontrado ali o seu castigo. Peter arrepia-se, muito mal-impressionado.

Segue Paul que parece habituado a essa forma de atendimento. Com cautela, eles são introduzidos no interior, após o que a pesada grade se fecha rangendo.

Os seus passos soam tétricos pelos corredores.

Aqui e ali surgem figuras desgrenhadas a gargalhar ou a chorar. Algumas se agarram a estranhos fardos, defendendo-os, como se fossem valiosos; geralmente pequenas trouxas de panos rotos e encardidos, canecas velhas, pedaços de pão, sapatos etc., etc.

Alguns sorriem à passagem dos dois e outros levantam os punhos ameaçando-os, apesar de estarem tolhidos por correntes que fazem muito ruído aos seus movimentos. Outros ainda olham-nos com verdadeiro terror, como se estivessem vendo fantasmas.

Passando por vários corredores, finalmente chegam às celas, numa das quais deve estar Edward.

Paul, esquecido de Peter, precipita-se e chega primeiro. Em seguida retorna, com olhar decepcionado e indagador. Seu pai não está ali. Inquire outro funcionário e é informado de que Edward encontra-se na enfermaria, porque se ferira num dos seus passeios noturnos pelos telhados, o que faz sempre que consegue burlar a vigilância.

Extremamente pálido, Paul dirige-se para o local e encontra-o já recuperado, aprontando-se para retornar ao seu cubículo.

Vendo o filho, Edward anima-se, mas ao topar com Peter estremece e muda subitamente a fisionomia, fingindo não reconhecê-los.

Já na cela, Paul abraça-o ternamente; mostra-lhe as frutas e os doces que lhe trouxe. Fala-lhe de Celeste e de Matilde. Tenta alegrá-lo com a narrativa das peripécias dos seus netos, mas ele finge nada entender. Não olha para Peter, que por sua vez, num estranho estado de espírito, anseia falar-lhe.

Sentindo-se ameaçado, Edward encena um desequilíbrio nervoso. Os enfermeiros dominam-no e lhe aplicam poderoso sedativo que o faz aquietar-se imediatamente, abortando por completo a expectativa de Peter.

Extremamente penalizado, Paul, esquecido de Peter, mima o pai, acariciando-o delicadamente até vê-lo totalmente adormecido e tranquilo.

Aconselha Peter a adiar a tão esperada entrevista.

Profundamente contrariado, Peter é forçado a concordar e ambos regressam mais circunspectos que antes.

Enquanto isso, Matilde e as duas jovens mulheres conversam animadamente.

Subitamente, Constance torna-se lívida, corpo frouxo, cabeça caída ao peito, braços pendentes, ela silencia parecendo inconsciente.

Assustadas e sem saberem o que fazer, as duas chamam-na, sem, contudo, obterem resultado positivo.

Molham-lhe as têmporas e os pulsos, salpicam-lhe água fresca no rosto e aos poucos, gemendo baixinho e respirando com dificuldade, ela segue reabrindo os olhos.

– Constance! Por favor – suplica Matilde –, desperte, querida, não nos assuste dessa maneira, por Deus!...

Matilde sacode-a levemente. Conhece os problemas cardíacos da moça e teme que ela esteja morrendo.

Como alguém que regressa de muito longe, olhando as duas, ela exclama:

– Matilde! Que beleza! Ah, se você pudesse ver o que eu vi! Oh, Deus! creio que fui aos céus!... Extasio-me e desejaria nunca mais regressar! Mas, não... Não posso! Peter e as meninas sofreriam tanto... Aguardarei o meu momento...

– Constance – diz Celeste –, não diga isso, por Deus! Não nos deixe! Nós a amamos e sofreríamos muito!

Consolando Celeste, Constance responde muito tranquila:

– Acalme-se, minha querida prima. Meu pai me disse que falta algum tempo para isso. Aquela bela senhora que me acompanha também estava conosco. E que músicas! Ah, se eu conseguisse descrevê-las! Mas é impossível, não haveria como!

Apertando-a de encontro ao coração com extremado amor, Matilde pede:

– Constance, se você pode ver tudo isso, aproveite para pedir muita saúde e forças para criar suas filhas e fazer Peter cada vez mais feliz!

Retribuindo os carinhos de Matilde, ela tenta sossegá-la:

– Descanse, Matilde, há tempo para tudo. Todavia, precisamos nos conformar com a vontade do Criador.

Paul e Peter que chegam se deparam com a cena e se surpreendem. Peter precipita-se para a mulher e indaga-lhe temeroso:

– Constance, o que há? Por ventura está doente? Diga-me querida e eu irei buscar o médico imediatamente! Não me esconda nada, por Deus!

– Peter, perdoe-me se eu o preocupei, assim como aos demais! Não foi nada sério, acreditem! Essas ausências estão se tornando frequentes! Não se preocupem, por favor!

– E nunca me contou, minha querida? Como pôde?

– Acalme-se, meu amor! Não contei para não perturbá-lo, como está agora. Após esses fenômenos geralmente sinto-me bastante bem!

Ajoelhado, mantendo as mãos frias de Constance entre as suas, olhos súplices, ele pede carinhoso:

– Por favor, não me esconda nada daqui pra frente, sim?

– Eu prometo, Peter. Agora já estou bem, como podem constatar. E tio Edward, como vai? Puderam falar-lhe?

– Não, Constance, adianta-se Paul, sentindo a dificuldade que Peter tem para referir-se ao tio – ele não pôde nos receber, estava doente. Fui encontrá-lo na enfermaria, cheio de curativos.

Enquanto Celeste olha intrigada, Matilde pergunta interessada:

– Meu Deus! E o que houve?

– Burlando a vigilância, fez o que sempre faz quando pode, subiu ao telhado! Escorregou nas telhas molhadas e feriu-se, mas já está bem, descansem! – esclarece Paul.

– Oh!, Paul, até quando papai vai comportar-se dessa maneira? Quanta imprudência! – observa Celeste consternada.

– Não poderia ser de outra forma, querida irmã, no estado em que ele se encontra. Precisamos rezar muito por ele e nos prepararmos para outras notícias talvez piores...

Constance, que já se levantara, acorre com palavras de conforto, tentando fortalecer o ânimo dos primos.

Peter imóvel, observa tudo sem ver, escuta sem ouvir. Em seu cérebro, duas questões capitais: a saúde de Constance e a malograda entrevista.

Saindo silenciosamente, vai para os seus aposentos.

Ali Constance o encontra, de cabeça inclinada, a remexer distraidamente em alguns papéis que trouxera, referentes aos seus negócios mais urgentes na Inglaterra.

– Peter – chama-o docemente.

Ele levanta os olhos e convida:

– Constance, meu amor, venha até aqui. Estou extremamente perturbado. Seu recente mal-estar me deixa aflito. Diga-me sinceramente o que houve?

– Fui sincera, Peter, não há nada de anormal, creia.

– No entanto, Matilde e Celeste estavam muito assustadas...

– Por serem boníssimas. Alardeiam perigos que não existem. Como você, se afligem à toa.

– Está bem. Mas peço-lhe que se cuide, certo? E não me esconda nada!

– Se você não me esconder nada também, Peter. Noto-o entristecido por algo que desconheço e, assim sendo, não posso ajudá-lo.

Fico a meditar sobre o aspecto de sua visita ao tio Edward. Por que foi visitá-lo, se jamais se aproximou dele antes?

Peter sente o coração afligir-se. Como contar-lhe a verdade, ainda mais agora que a nota tão frágil? Não, ela não suportará as tristes revelações... Disfarçando, responde:

– Porque Edward tem piorado muito de algum tempo para cá e Paul é um bom amigo. Devo dar-lhe apoio nesse sentido. Posso afiançar-lhe, todavia, que o faço por um dever filial, simplesmente.

– Admiro-o, meu querido Peter. De você só se pode esperar atitudes como essa.

– Não se precipite, querida e nem me julgue melhor do que realmente sou. Tenho muitos defeitos que você desconhece ou finge ignorar, por delicadeza...

– É mesmo? E quais são? – responde ela, divertida, desfazendo com seus dedos afilados os caracóis dos cabelos do marido, na sua habitual ternura, enquanto senta-lhe ao colo, dengosa e meiga.

Deitando a cabeça no ombro dele, sussurra:

– Você é o melhor e o mais carinhoso dos maridos. Eu o amo e só lhe conheço qualidades. Não seja tão modesto, Peter!

Sem responder-lhe, Peter aperta-a de encontro ao peito e beija-a apaixonadamente, com todo fôlego de sua alma.

Em silêncio, interiorizado ele implora: “Deus, conservai-a para mim!...”

Decide prepará-la quanto à viagem que fará em busca de Peterzinho.

- Minha amada, decidi sair à procura do nosso filho.
- Muito bem, Peter! Poderemos deixar as meninas aqui com Matilde e procurarmos por ele, só regressando quando o encontrarmos! – Os olhos de Constance brilham de entusiasmo.
- Peter precisa dissuadi-la de tal empresa:
- Ouça, minha querida, é provável que essa viagem seja longa e perigosa. Não podemos deixar as meninas indefinidamente sem você. Estou me preparando para isso, deixando os meus negócios em dia. Irei somente quando tiver pistas certas.
- E por que acha que as terá finalmente? Há algo que eu não sei, Peter?
- Eu explico: seguirei um roteiro preparado por diversos investigadores. Há de convir que não podemos sair por aí sem destino. A viagem será muito bem programada. E nesse sentido, não tenho previsões de tempo. Posso demorar-me mais ou menos. Se for necessário, viajarei por etapas, regressando de vez em quando para casa. Sua saúde não lhe permitiria tais aventuras, além do que, deverá ficar com nossas filhas, entende?
- Como sempre, você é sensato e justo, Peter. Todavia, essa expectativa me mortifica...
- Por isso quis preveni-la antes. Assim irá se acostumando com a ideia.
- Entendo. Como eu gostaria de ir com você!...
- Você será o meu ponto de referência mais importante à espera das notícias que enviarei. Ao mesmo tempo, conduzirá tudo na minha ausência.
- Silenciosa, ela se aconchega mais ao marido que a abraça com os olhos marejados de pranto. Teme perdê-la enquanto estiver distante.
- Constance – ele acrescenta –, só irei se você estiver bem de saúde. Não será tão logo. Dependendo de informações decisivas, levará ainda algum tempo. Não se agaste pensando nisso, sim?
- Está bem, Peter. Deus me auxiliará. E tio Edward, quando irão vê-lo de novo?
- Assim que seja possível.
- Quando for, conte-lhe das suas intenções em procurar o nosso querido filho. Ele ficará muito contente ao saber!
- Farei isso, Constance...
- Abraçados fortemente, quedam-se silenciosos. O amor os sustenta e fortalece...

\*

\* \*

AS AUTORIDADES ADUANEIRAS agora investigam o itinerário do Grand Captain, no qual Andrew embarcou naquela madrugada.

Nessas averiguações, Peter tem desembolsado grandes somas. Paga regamente a tantos quantos se empenham nesse sentido. Quer resultados concretos, o mais rápido possível.

O plano de Peter agora tem um tríplice aspecto: ouvir Edward, fazer pequenas reformas no castelo a pretexto de melhorá-lo, enquanto observa cada servidor, e em seguida fazer a viagem por mar, refazendo o percurso do Grand Captain, nas diversas escalas, porto por porto.

Muita coisa dependerá de Edward e daquilo que ele possa vir a declarar, ou melhor, confessar.

Matilde vem tentando montar o quebra-cabeça que tem em mente:

“As idas de Edward ao castelo de Lancaster sempre me pareceram suspeitas... O apego dele ao pequeno herdeiro... Os presentes... Seu repentino perdão com relação a Constance e conseqüente solidariedade...



É tudo muito esquisito, tratando-se dele, pessoa extremamente rancorosa...

Agora Peter visitando-o, quando o detesta declaradamente... Suas entrevistas com Paul e a consequente tristeza deste após cada conversação... Tudo isso me intriga. Que temos aqui em verdade? O que descobriremos?”...

E ela vai relembrando alguns fatos que a intrigara: Edward trancou-se no quarto e durante alguns dias não dera sinal de vida... nem de dia e nem de noite... Depois desse tempo, apareceu inusitadamente alegre. Às suas indagações, respondeu possesso:

– Meta-se com sua vida, velha bisbilhoteira! – E mais não disse, encerrando-se em seu mutismo habitual.



## FACE A FACE

CHEGA FINALMENTE PARA Peter o dia da segunda visita a Edward. Paul e ele seguem silenciosos como da primeira vez.

Indagando pelo pai, Paul é informado de que ele se encontra no pátio, tomando sol.

O encarregado requisita alguns momentos enquanto vai chamá-lo. Os dois aguardam.

Peter, impaciente, procura pelas janelas e através delas divisa a desagradável figura de Edward; cabeça raspada, uniforme azul hospitalar, rosto avermelhado, postura arrogante, magreza gritante.

Revendo-o, Peter sente-se estremecer. Teme pelos próprios atos na confrontação. Assiste ao funcionário avisá-lo sobre as visitas.

Edward olha para cima. Surpreende o rosto do sobrinho através dos vidros e estremece. Naquele olhar lúcido, Peter tem certeza de que foi reconhecido. Ali está o raptor de seu filho! Revoltado vocifera:

– Abutre! Fera desalmada! Sinto-me tentado a livrar o mundo da sua peçonha! Gostaria de enviá-lo para o inferno!

Paul, ao seu lado, ouve-lhe o desabafo e admoesta-o:

– Peter, não me faça mudar de ideia! Posso impedir essa iminente entrevista. Falando com o médico, conseguirei suspendê-la facilmente...

Não se esqueça de que ele é meu pai e está gravemente doente. Aviso-o, mais uma vez: não permitirei que ele seja prejudicado. Nem por você e nem por ninguém! Somente Deus pode julgar com acerto...

– Conhecendo o que me move, Paul, você deveria ser mais complacente comigo! Ponha-se no meu lugar!

– Peço-lhe a mesma coisa. Apesar dos seus motivos, advirto-o de que interferirei, caso seja necessário. Use essa oportunidade sem descontroles, por favor.

Peter não responde, sente o sangue fervendo nas veias. Olha de novo para o pátio e vê Edward relutante, negando-se a subir. Dois funcionários agarram-no pelos braços com energia e levam-no escadas acima. Ele demonstra medo e inquietação. Quase arrastado, chega à cela, onde um guarda posta-se ao lado. Conhecendo as reações violentas de Edward, avisa Peter, que tenta aproximar-se:

– Muito cuidado, senhor. Ele é extremamente agressivo!

Ignorando o aviso, Peter caminha na direção de Edward, com o intuito de defrontar-se com ele. Este desvia o olhar, fugindo à confrontação. Em seguida, vira-lhe as costas e começa a dizer coisas incompreensíveis em som inaudível.

Respirando fundo, tentando controlar-se, Peter declara:

– Edward, estou aqui contra a minha vontade. Entre nós nunca houve amizade e o seu estado de saúde não me interessa, muito pelo contrário. O que nos une é a sua consciência culpada. Tentarei me conter por respeito ao meu querido primo e amigo, Paul, seu sofrido filho. Todavia, não abuse da minha tolerância. Posso me esquecer de tudo e arrancar-lhe o que desejo saber.

Diga-me, onde está o meu filho que você raptou, arrancando-o dos nossos braços? Por que fez isso e para onde o levou? Responda! Sei que está lúcido e que entendeu tudo que eu disse!

Edward estremece. Arranha a parede com as unhas, balbuciando frases desconexas.

Desesperando-se, Peter agarra-o pelo braço e grita furioso:

– Onde está Peterzinho? Diga-me!

O guarda dá um passo à frente e faz um sinal, advertindo Peter. Ele solta Edward e prossegue:

– Onde está o meu filho, Edward?

Sem se voltar, ele responde sarcástico:

– Que filho? Se eu sequer o conheço, como posso saber quem é o seu filho? Ora, vá-se embora e me deixe em paz!

Baixando o tom de voz, ameaçador, Peter esclarece:

– Meu filho Peterzinho, que por infelicidade é seu sobrinho-neto, Edward, que você raptou, entregando-o a Andrew, aquele pirata! Não adianta negar, nós já sabemos de tudo!

– Ora, se já sabe de ‘tudo’, por que vem me aborrecer? Não vê que sou um homem doente?

– Preciso saber para onde Andrew levou o meu filho! Por que fez isso, Edward? A própria Constance reza para vê-lo curado! Envia-lhe abraços e votos de pronto restabelecimento! Que razões o levaram a fazer o que fez? Esclareça-me, por Deus! Tenho sofrido as penas do Amenti todos esses anos!

Você foi vil e traiçoeiro! Amenize um pouco as suas culpas, dizendo onde Andrew o escondeu! Não suporto mais essa saudade! Constance é resignada, mas tudo que sofreu por causa do rapto de Peterzinho abalou profundamente a sua saúde! Devolva-nos o filho querido! Você pode!

Por momentos fugidios, Edward parece titubear e amolecer seu duro coração, mas logo em seguida desequilibra-se de novo e dá uma gargalhada.

Buscando forças para controlar-se, Peter dá continuidade à acareação:

– Edward, não adianta negar. O comparsa de Andrew está preso e em breve tempo nós o alcançaremos também. Temos investigadores espalhados em várias partes do mundo! Eu próprio irei procurá-lo e por Deus que o encontrarei!

Em nome dos seus amados filhos, que já regressaram para Deus durante a guerra na qual eu também lutei, eu lhe imploro pelo meu filho! Dê-me pistas certas; abrevie esse

sofrimento! Rogo-lhe em nome de seu filho Paul, que o ama tanto, ajude-me!...

Ao ouvir o nome do filho, ele empalidece e sente-se tocado; aquele querido filho o tem amparado amorosamente nesses anos de desequilíbrio mental. Mas levanta a cabeça e indaga, desesperando Peter:

– Afinal, o que você deseja de mim? Está me atormentando! Isso deveria ser proibido, afinal sou velho e doente!...

Peter insiste mais uma vez:

– Edward, em nome de tudo que você ama, me ajude a reencontrar o meu querido Peterzinho...

Olhando para o lado, Edward, parece falar a alguém:

– Você conhece algum Peterzinho? Não foi este o nome que ele disse? Eu nunca o vi, e você?

Observando-lhe as feições dantescas, Peter fica horrorizado. Tem consciência de que está sendo um brinquete nas mãos de Edward.

Suspira profundamente e deixa-o por instantes, enquanto pervaga pela cela. Corre os dedos por entre os cabelos, desalinhando-os desesperado. Olha para Edward, que prossegue seu ritual inteligente e ao mesmo tempo insano.

Paul a tudo assiste sem interferir. Atrás de Peter, observa cuidadoso o comportamento de ambos.

Girando nos calcanhars, Peter decide recomeçar.

Reaproxima-se devagar, pigarreia e Edward estremece.

Com voz pausada, tentando aparentar uma calma que não possui, dirige-se novamente ao tio:

– Edward, por tudo que mais ama na vida eu lhe peço, diga-me para onde foi meu filho naquele dia. Se me disser, renovando as esperanças que já naufragam em meu coração por falta de estímulos, eu perdooarei seu ato criminoso, deixando que se retrate diante da justiça divina, quando chegar o seu momento. Eu, porém, buscarei forças e compreensão para perdoá-lo, em nome de Constance, que acredita na sua amizade e em nome de seu querido filho Paul. Que me diz?

Edward dá uma gargalhada de arrear; todo o seu corpo delgado e seco se sacode.

Apruma-se com arrogância, volta-se para Peter, encara-o frente a frente, olhar coruscante, ameaçador, e explode em voz rouca e cavernosa que deixa Peter com calafrios:

– Escute; não o conheço, mas você está me aborrecendo! Pare de atormentá-lo! Não o tente com promessas de perdão! Ele não pode e nem deve ser perdoado! Há muito nos pertence! É, assim que deixar neste mundo a carcaça que usa e que nos permite agir, seremos mais unidos ainda! É assim o nosso viver! Deixe-o em paz! Será melhor para você!

Quando ele quer fazer algo que nos interessa, nós o secundamos e executamos, entende? Não nos importa absolutamente o que ou a quem ele estará prejudicando.

Para nós, interessa submetê-lo, de acordo com os nossos caprichos e, a ele, essa convivência agrada, não percebe? – À estupefação de Peter, ele explode em gargalhadas horríveis que ecoam pelos corredores.

Peter não pode e nem quer responder. Não entendeu muito bem, mas este que lhe fala não é Edward. Todavia o corpo é dele... Pensa nas duplas personalidades e conclui que está diante de um caso específico.

Enquanto ele reflete, tentando analisar o comportamento do tio, este cai pesadamente ao solo.

Assustado, Paul acorre auxiliando Peter a colocá-lo sobre o leito.

Paul chama-o, suavemente. Aos poucos, ele desperta para assustar-se com o olhar inquiridor de Peter. Esconde o rosto nos lençóis e finge não vê-los.

Dirigindo-se a Paul, Peter desabafa num gesto de desalento:

– Meu amigo, não sei mais o que dizer ou o que fazer..

Paul retira o lençol do rosto do pai e pede amorosamente:

– Pai querido, diga a Peter o que ele quer saber, em nome de sua amada Marta...

Ao ouvir esse nome, ele retruca agressivo:

– Cale-se! Não pronuncie esse nome aqui dentro e nem na frente dele! Você não sabe que a mulher dele matou Marta? Então cale-se!

Desistindo, alquebrado, Peter se dirige para a saída, quando ouve uma voz autoritária, firme, de timbre metálico e agradável:

– Fique em nome de Deus e ouça-me!

Peter volta-se e com o olhar interroga Paul, que igualmente espantado demonstra surpresa.

‘Edward’ fala a Peter agora sem tiques, sentado no leito, ereto, com ar digno:

– Preste atenção: Eu vim porque você amenizou os seus sentimentos com relação a este infeliz que agora me permite esta comunicação.

Domine no seu coração a revolta, porque o ódio que ele sente por você e pelos seus foi plantado num passado distante, no coração dele por vocês, incluindo a participação do seu filho desaparecido.

Edward, pobre infeliz, não sabendo perdoar, complicou-se mais uma vez, agindo no mal devido às suas más tendências... É espírito recalcitrante, necessitado de perdão e de piedade...

No momento ele é vítima dos seus próprios erros, presentes e passados, sofrendo-lhes a injunção. Um dia, redimido, será bom e feliz, mas até lá colherá as dores que tem plantado. Esse o caminho que ele escolheu.

Não havendo criminoso sem esperança e nem inocente totalmente sem culpa, modere os seus julgamentos e veja-o como um ser doente, que ainda não aprendeu a amar.

O seu presente sofrido, *Sir Peter*, é consequência do seu passado culposo. Deus é justo. Seu amado filho, inserido no mesmo contexto, resgata também dívidas antigas.

A misericórdia divina não desampara ninguém e tanto ele quanto você estão sendo auxiliados e socorridos, no tempo certo e de acordo com a necessidade de evolução espiritual de cada um.

Dia virá que agradecerão a Deus a oportunidade que estão tendo de desenvolverem as asas da sabedoria e do amor, tecendo assim a túnica nupcial de que nos fala o mestre Jesus, na “Parábola do festim das bodas”!

Retrate-se diante do Pai!

Você terá seu filho de volta, mas com condições que não poderão ser esquecidas e nem abreviadas.

Constance é a maior compensação que Deus lhe deu, agradeça e encontre forças para perdoar incondicionalmente e será feliz, apesar dos suores e das lágrimas que ainda virão.

Ao deixar o corpo desta ovelha desgarrada, faço votos de que você saia vitorioso da empresa a que se propõe.

Voltando-se para Paul, que a tudo assiste, mudo e perplexo, diz:

– Paul, que Deus o abençoe e o fortaleça cada vez mais. Ampare-o, pois o seu amor é o único que ele possui na Terra. Ele sabe disso. Lá no fundo de si mesmo, lamenta a vida que tem vivido. Falta pouco tempo para que ele os deixe, definitivamente, retornando ao mundo maior.

Desesperado, Peter indaga:

– Por Deus, e o meu filho? Não pode dizer-me onde ele se encontra? Afinal que auxílio está me dando? Agradeço-lhe os esclarecimentos providenciais, mas ajude-me de forma mais concreta, dando-me uma pista do paradeiro do meu querido filho!...

– Ele mesmo lhe dirá – a ‘voz’ responde, apontando o próprio peito – para que você fique lhe devendo isso e ele comece a resgatar os seus erros.

Indague-lhe, quando eu me for. Deixá-lo-ei condicionado para responder-lhe o que deseja saber. Depois, deixe-o em paz, nunca mais o moleste. Perdoe-o, pois brevemente ele dará contas dos seus atos a quem de direito.

Minha saudação de paz, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo!

Edward estremece e cai nos braços de Paul. Como hebetado, abre os olhos sem transparecer emoção alguma.

Peter, ansioso, inicia as perguntas e Edward vai narrando tudo, como se estivesse na noite do rapto. Refez todos os passos e falou dos cúmplices, sem declinar-lhes os nomes. Relatou, minuciosamente, como tudo se deu, sem vacilar e sem demonstrar emoção ou medo.

Concluindo, informa a Peter que o navio que ganhou o oceano, naquela manhã com Peterzinho, tinha por destino Istambul, onde Andrew se radicaria.

Ao findar a narrativa, despertou. Olhando-os, surpreso, indagou-lhes o que dizia, sendo informado de que apenas se sentira mal e, por isso, eles o socorreram, colocando-o no leito.

Desconfiado, Edward fita Peter e deitando-se, vira-se para a parede, caindo num sono profundo.

Paul chora copiosamente, extremamente envergonhado com tudo o que ouviu. Após alguns minutos de pranto, enxuga as lágrimas, beija o pai, agasalha-o e sai com o primo, sem comentário algum.

Ambos regressaram, tristes e abatidos, sem condições de se expressarem. Refletem a respeito dos mistérios da vida. Precisam pensar muito e tirar suas próprias conclusões.

Ao descerem do veículo, Peter pede ao primo:

– Paul, quero pedir-lhe segredo de tudo que vimos e ouvimos. Pelo menos por enquanto. Quanto ao seu pai, sinto que já o perdoei e meu coração encontra-se mais leve. Entrego a

Deus os meus sofrimentos, porque agora sei que eles têm raízes profundas no passado.

Apertando-se as mãos fortemente, num acordo de cavalheiros, eles adentram o lar, deparando-se com as indagações dos que ficaram à espera de notícias.

Enquanto Paul relata-lhes o estado melindroso do pai, Peter, absorto, está envolvido em seus pensamentos, refazendo toda a trajetória dos fatos em seus detalhes e minúcias.

Constance, após ouvir o primo, aproxima-se do marido que está sentado em confortável poltrona e quer saber:

– Peter, você está penalizado com o estado do nosso tio, não é?

– Sim, Constance – responde ele, tomando-lhe as mãos com carinho.

Matilde, observadora e experiente, sabe que algo de grave sucedeu no manicômio. Paul está extremamente comovido e Peter introspectivo.

Voltando-se para Celeste, Paul solicita:

– Minha querida irmã, vá ver o nosso pai. Faça-o enquanto pode...

– Céus, Paul! Que está tentando me dizer?

– Nada, Celeste. Quero apenas alertá-la de que ele não se encontra bem. Talvez não o tenhamos por muito mais tempo...

– E, por acaso, algum dia nós o tivemos? – replica ela. – Paul, Paul! Papai nunca se aproximou de nós! De mim principalmente! Sabe você que ele nunca me fez um carinho?

– Celeste, isso não justificará em nós igual comportamento.

– Eu sei, Paul, perdoe-me. Creio que ando muito nervosa. Essas duas gestações me têm desequilibrado. Os meus nervos vivem à flor da pele.

– Mas seu marido é tão bom, minha filha – atalha Matilde –, tem-lhe dado apoio e carinho. Que ele possa compensar essas suas carências tão antigas.

Veja em seu pai um homem doente e sofrerá menos. Vá vê-lo, Celeste, Paul tem razão. Eu irei com você e a protegerei de tudo, se Still permitir.

– Ora, minha boa Matilde, é claro que ele permitirá. Você é e sempre tem sido o meu pai e a minha mãe.

Abraçando-a afetuosa, Matilde olha para Paul, fazendo-o entender que Celeste irá visitar o pai.

Celeste sobe a escada para o segundo andar onde os filhos brincam, alegres e bulhentos. Os dois se parecem com o pai. São fortes, ruivos e bonachões, afetuosos e dóceis. Ela abraça-os, um de cada lado, beijando-os com ternura.

Na parede, o retrato do pai e de sua saudosa mãe. Olhando-os, ela reflete sobre o passado e sobre o presente. Seu presente e seu futuro são o amor de Still e dos filhos, que lhe requisitam dedicação constante...

Paul interna-se na biblioteca. Aos poucos, recorda as cenas vividas ao lado do pai. Lamenta-o, profundamente... Seu coração lhe diz que ele está encerrando sua existência na Terra; existência triste e desarmônica. Gostaria que tudo tivesse sido diferente... Precisa aceitar a realidade e tentar superá-la. Sua consciência está tranquila, disso tem certeza.

Pressente que Matilde adivinha a verdade; assim que puder, conversará com ela.

Nos próximos dias pretende visitar o pai diariamente. Quer privar o máximo de sua companhia enquanto pode. Roga a Deus por ele.

Constance entra para apanhar um livro e se surpreende com sua presença:

– Perdoe-me, Paul – desculpa-se –, não queria perturbá-lo. Vim apenas apanhar um livro.

– Não se preocupe, Constance, estou apenas refletindo. Ouça-me, querida, você já perdoou o meu pai?

– Sim, Paul, já o perdoei, do fundo do meu coração. Lamento tanto ele ter adoecido... Ele amava muito a Peterzinho e provavelmente não suportou sua ausência... Pobre tio Edward!

– Constance – prossiga Paul, olhando-a bem nos olhos –, se algum dia você descobrir que meu pai não é tão bom quanto você imagina, ainda assim você o perdoará?

– Sim, Paul, entenderei que ele precisa de perdão!

– Mesmo que ele tivesse trazido prejuízos graves para sua vida?

– Mesmo assim. Sei das dificuldades mentais e espirituais que carrega, antigas e talvez intransponíveis para ele... Jamais lhe retirarei o meu perdão. Descanse, querido primo. Sei o quanto o ama...

– Eu lhe agradeço do fundo do coração, você é indulgente. Aquele pai há muito transformou-se para mim num filho, doente e frágil.

Que felicidade para Peter ter você ao lado dele, para trilharem os caminhos difíceis desta vida! Tomara eu possa encontrar alguém, tão boa quanto você, para fazer feliz este meu coração solitário!

– Por certo que encontrará alguém à sua altura, Paul. Você merece ser feliz e será. Agora, dê-me licença; vou ler este livro enquanto Peter cuida dos seus papéis...

– E que livro é este?

– Um romance, Paul. Eu gosto de acompanhar os passos e as emoções das personagens e finalmente vê-las felizes e realizadas após tantas peripécias.

Paul sorri, comovido.

As crianças brincam no jardim e os seus risos cristalinos fazem-se ouvir, alegrando a todos.

Peter, em verdade, não está trabalhando como disse. Anota, pormenorizadamente, tudo que se passou entre ele e Edward. Agora pode sair em busca do filho. As chances de reencontrá-lo são grandes.

Pensa em Constance, em sua saúde abalada... Como viajar? Todavia deve ir, na tentativa de recambiar Peterzinho e entregá-lo são e salvo nos braços dela, contrariando os tristes prognósticos.

Aguardará que ela se fortaleça. Enquanto isso, providenciará outros assuntos. Confia naquela voz que lhe dirigiu palavras de confiança e coragem, sem, contudo, enganá-lo a respeito das ‘montanhas’ que terá de remover.

Evitará que Constance venha a saber da implicação de Edward em tudo.

Lamenta a tristeza de Paul e pretende ser-lhe solidário. Daqui para frente, conseguirá entender aquele infeliz que lhe roubou o filho.

Medita profundamente sobre as razões da vida e da morte, do amor e do ódio... “Com que então, se somos viajores no tempo, quantos erros não teremos cometido, uns contra os outros?”

Buscando fé e esperança nas mais recônditas reservas, conclui fortalecido:



– Eu conseguirei, em nome de Deus! Circunstâncias favoráveis se estabelecerão, auxiliando-me! Estarei atento às menores chances. Por enquanto, esperarei confiante.

Constance, que chega para vê-lo, sorri e indaga:

– Agora fala sozinho, Peter? Por acaso o manicômio o influenciou tanto assim?

Abraçando-a, carinhoso e apaixonado, ele responde enigmático:

– Sim e você nem imagina o quanto!



## REMORSOS

DE VOLTA AO castelo, Peter principia uma reforma geral, tendo para isso de revirá-lo, desalojando os seus servidores temporariamente.

Constance, surpreendida com tais providências, colabora mesmo assim. Conhece bem o marido e nele confia plenamente.

Aos poucos, todos os setores de vida do castelo de Lancaster vão sendo remodelados, movimentando engenheiros, arquitetos, mestres de obras, artesãos, jardineiros, técnicos, etc.

Atento, Peter fiscaliza não apenas as reformas, mas também a cada ser que lhe priva a vida diária. Aposta nessa desestabilização geral para conseguir aquilo que de fato deseja. É uma forma de sindicância generalizada. Lamenta o incômodo que está causando àqueles que não merecem, mas os seus objetivos são nobres, urgentes. Afinal, todos serão beneficiados com os melhoramentos.

Aos poucos, as novas instalações vão surgindo, alegrando a todos e principalmente às meninas que, ruidosas, participam de tudo, dando sugestões impraticáveis, de acordo com as suas cabecinhas fantasiosas, fazendo Peter rir muito. Acompanham os pais nas compras dos materiais exigidos e se entusiasmam a cada novidade instalada.

Peter analisa Coriolano mais que aos outros e não disfarça o seu desagrado com o que ele fez. Não esqueceu as suas explicações tolas sobre a ordem não cumprida de vedar definitivamente a passagem secreta. Outras iguais já haviam sido neutralizadas. O castelo é muito antigo e ainda provoca, vez por outra, surpresas aos seus moradores.

Quando viajar, sem dúvida, não o deixará ali com a sua família. Não crê em sua fidelidade, pressente-o falso e perigoso.

Na delegacia do condado tem planejado minuciosamente, ao lado de especialistas em investigação criminal, um plano de ação que porá em prática logo seja possível. Está seguindo, fielmente, as suas intuições; sente-se conduzido e amparado por Deus, no propósito de descobrir o paradeiro de Peterzinho.

A reforma já se aproxima do fim e ele, infelizmente, não flagrou nada que pudesse valer-lhe, com respeito às suas veras intenções. Caso esta estratégia não surta o efeito desejado, pensará noutras mais eficientes.

Certa manhã, supervisionando as novas adaptações nos aposentos de Coriolano, Peter surpreende a mulher dele a chorar copiosamente. Com o bebê ao colo, doente e febril, ela demonstra uma grande inquietação.

Interessado na sorte da criança e penalizado da situação, quis saber porque ela não avisara Constance, que cuida com desvelo desses e de outros problemas domésticos. Espantado, ouve:

– Não quero a ajuda dos senhores. Coriolano quando chegar cuidará disso.

– Mas, mulher – responde Peter –, o seu marido está viajando e vai demorar-se por mais dois dias! Esta criança não pode esperar!

Silenciosa, ela vira o rosto para o outro lado, demonstrando contrariedade, enquanto embala o filho. Apesar desse comportamento inesperado, Peter avisa Constance e esta se propõe a resolver o problema pelas vias normais.

Ao vê-la, Jônia empalidece e reage:

– Senhora, não se incomode comigo... Eu já disse isso a *Sir Peter*... Agradeço-lhes, mas não é preciso...

– Deixe-me socorrer a criança, Jônia, por favor! Observe como ele está febril! Provavelmente vai piorar. Não entendo sua forma de agir! Jamais nos intrometemos nas suas vidas. Quero simplesmente auxiliá-la; isto faz parte das minhas atribuições, permita-me!

– Eu não preciso, já disse. Deixe-me sozinha, por favor!

Paciente, Constance acerca-se dela e retruca solidária:

– Percebo que está zangada por algo que eu ignoro, Jônia; mas nesse momento precisa pensar em seu filho. Noto-a extremamente nervosa e não consigo precisar a razão, mas isso, por enquanto, pode esperar; depois conversaremos se desejar.

Ainda que não queira, devo ajudá-la. Veja, esse anjo arde em febre. Por quanto tempo ele suportará? Vou levá-lo ao médico e para isso requisito os meus direitos de senhora deste castelo, perdoe-me... Estou surpresa com esta hostilidade que julgo não merecer, assim como Peter.

Em prantos, Jônia balança afirmativamente a cabeça.

Constance, movimentando-se rapidamente, leva-os ao médico. O diagnóstico é muito grave: o bebê está com pneumonia.

O médico prescreve-lhe remédios, mas não vê muitas esperanças de cura. O bebê deveria ter sido socorrido antes, ele declara, fazendo Jônia chora, envergonhada.

Penalizada e comovida, Constance os traz de volta; entrega os medicamentos à mãe, orienta-a, quanto à maneira de ministrá-los e vela ao lado deles.

Jônia já não reage; está assustada com a possibilidade de perder o filho querido. Ele demorou tanto a chegar... Após anos de aparente infertilidade, Deus a premiou com a almejada gravidez.

Estranhando muito o comportamento da criada, Constance auxilia-a sem comentários.

Deixará para depois quaisquer indagações. Jônia não tem motivos para agir como agiu.

O bebê passa vários dias e noites entre a vida e a morte, vindo finalmente a melhorar, após estafantes vigílias e cuidados de Jônia e de Constance.

Enfim, para alegria das duas, ele fica fora de perigo. Exultantes, as duas se abraçam jubilosas. Profundamente tocada, Jônia exclama:

– Senhora, me perdoe!...

Surpresa e intrigada, Constance indaga:

– De quê, Jônia?

Desconcertada, ela disfarça:

– Ora, de tanto trabalho que nós lhe demos todos esses dias... E principalmente do meu comportamento anterior. Ando extremamente nervosa e cansada com essas desarrumações. O bebê me cansa demais e estou insone.

– Ora, Jônia, não há do que perdoar. Vou providenciar para que não seja tão incomodada. Acalme-se e se alegre com a cura do bebê. Mas não se descuide, ele poderá ter uma recaída.

– Sim, senhora, Deus a abençoe!

Constance sai convencida de que não será mais preciso preocupar-se com Jônia.

Peter, todavia, vê algo mais naquele incidente.

Há tempos vem notando os olhares medrosos de Jônia em sua presença. Tem surpreendido, algumas vezes, o olhar ameaçador de Coriolano sobre ela. Seu coração lhe avisa que ali há algo a ser cuidadosamente investigado.

Dias depois, informado do regresso de Coriolano, sai à sua procura. Anseia por falar-lhe. Coriolano deve dar-lhe conta dos gastos e das provisões dos víveres comprados. Vencendo a distância que o separa dos seus aposentos, aproxima-se, quando ouve nitidamente:

– Oh, mulher estúpida! Por que não cuidou logo do nosso filho? Custou-nos tantos anos de ansiedade e espera e você quase o deixa morrer!

– Coriolano – respondia ela se defendendo a choramingar –, escondi a doença dele para não aceitar a ajuda dos patrões! Assim que você se foi ele adoeceu...

Depois de concebê-lo, por misericórdia de Deus, sinto remorsos cada vez maiores... Afinal, se o nosso filho fosse levado daquela forma, o que sentiríamos? Não quero nem pensar!...

– Então não pense, sua tola! E não seja imprudente! Agindo assim vai nos denunciar! Terminaremos na prisão, sem ele, que terá de viver longe de nós! Por isso, cale essa boca!

– Ah, se eu tivesse pensado nestas coisas antes do que fizemos! Mas eu não conhecia o amor de mãe como agora... Como avaliar a dor alheia sem senti-la? Hoje sou outra, porém é tarde... Será que o nosso querido Peterzinho sobreviveu, Coriolano? Isso me martiriza!

– Cale-se, mulher dos demônios! Assim nos denuncia, já lhe disse! Vou providenciar nossa mudança daqui, sem demora, não confio mais em você! Vou me libertar dos compromissos com *Sir Peter* para sumirmos daqui, de uma vez por todas!

Jônia prossegue chorando cada vez mais. Coriolano precipita-se pela porta afora e quase colide com Peter. Este, chumbado ao chão, aterrado e pálido de morte, ouvira tudo!... O seu olhar diz mais que mil palavras.

Coriolano entendeu tudo; suas feições se modificam do vermelho para a palidez extrema. Abaixa a cabeça, não consegue fitá-lo.

Com voz soturna, tentando se controlar, Peter dirige-se a ele:

– Coriolano, venha me prestar contas da viagem e das compras. Garanto-lhe que esse foi o último serviço que fez para nós. Logo depois, iremos até a delegacia do condado, onde você prestará contas dos seus atos criminosos; assim como sua mulher.

Coriolano segue-o, maquinalmente, como um sonâmbulo.

Horas depois, diante das autoridades, o casal confessa tudo; explicam como auxiliaram Edward, recebendo-o e acobertando-o. Do uso da passagem secreta e do narcótico usado nos alimentos e nas bebidas.

Chorando muito, Jônia narra como ‘cuidou’ zelosamente de Peterzinho, enquanto Edward aguardava a carruagem com os cúmplices, que receberam nos braços o bebê adormecido.

Ao ouvir-lhes as narrativas, Peter sente-se mal. O chão parece faltar-lhe sob os pés. Num silêncio mortal, acusa com o olhar aqueles servidores que traíram a sua confiança. O pranto convulso sacode o corpanzil de Jônia.

Coriolano parece impassível. Sua expressão é dura, mas está apavorado. Na testa, vincos muito fortes.

Desesperada, Jônia atira-se aos pés de Peter, suplicando:

– Perdão, *Sir!* Em nome de Deus, me perdoe! Não consigo mais conviver com este remorso!

Extremamente revoltado, Peter não se contém:

– Mulher desgraçada! Você tem ideia da dor que nos trouxe? Infeliz! Pelo ato criminoso de vocês, Constance adoeceu e provavelmente terá sua vida abreviada! Nós sofremos os horrores da incerteza e da perplexidade!

Você que nos devia fidelidade o teve nos próprios braços e não o protegeu! Em vez disso, entregou-o aos facínoras! Pensou por um instante que poderia ser o seu próprio filho?...

Tentando agarrar as mãos de Peter que lhe escapa, ela roga:

– Por compaixão, não me diga isso! Eu, na ocasião, não conhecia a felicidade de ser mãe! Como sabe, esse que agora temos nos chegou na madureza da vida!

Ah, como eu invejava *Lady Constance!* Para ela, tudo! Riqueza, poder, beleza, títulos! E finalmente um filho! E que filho! Belo como um serafim! Corado, alegre, perfeito de corpo e de alma! Mimado por todos!

Eu nunca tinha tido filhos e desejava-os tanto! Revoltada, cheguei a odiá-la muitas vezes!

Ela jamais suspeitou dos meus sentimentos, em sua costumeira bondade...

Poder atingi-los me fez bem! Senti-me intimamente vingada! Oh!, Deus, se eu soubesse que sofreria os horrores desse remorso...

Por outro lado, *Sir Peter*, seu tio Edward nos tentou com promessas de lucro fácil e rápido! Recebemos dinheiro e joias. E o tempo passou...

Quando Deus me concedeu a graça de ser mãe, meu coração se enterneceu e passei a deplorar o que fiz com Peterzinho. Nunca mais tive coragem de fitar de frente *Lady*

Constance; ela, entretanto, nunca deixou de premiar-me com sua solidariedade...

O remorso se intensificou em meu coração depois da doença do meu querido Francesco, que teria morrido, não fossem as providências tomadas por ela... Sempre boa e nobre, auxiliou-me com o prejuízo de sua própria saúde...

Em nome da Virgem Maria, *Sir Peter*, perdoe-me e peça a *Lady Constance* que me perdoe também, pois não tenho sequer a coragem de pedir-lhe!... Os olhos inocentes de Francesco pareciam acusar-me sempre!...

A cena patética deixa a todos surpresos e extáticos.

Auxiliando-a a levantar-se, Peter fala com dificuldade:

– Que Deus a perdoe, mulher... Estou arrasado com tudo isso; meus sentimentos com relação a você e ao seu marido se confundem, em meio à revolta e à grande decepção... Apesar de tudo, espero continuar acreditando na criatura humana... Lamento por seu filho; ele não tem culpa dos seus erros, mas sofrerá as consequências deles.

Quanto à Constance, farei tudo ao meu alcance para que ela ignore tais fatos, preciso protegê-la...

Coriolano assiste a tudo sem nada dizer. Informou às autoridades que nunca mais viram Edward.

Amedrontada, Jônia indaga em prantos:

– E o nosso Francesco, o que será dele sem nós?

– Como o menino ainda não está curado completamente – informa-lhe o delegado –, a senhora poderá regressar sob custódia e ficar com ele por algum tempo mais. Seu marido fica detido, e a senhora, após o tempo concedido o será igualmente. Ambos aguardarão julgamento na cadeia.

A justiça determinará onde e com quem seu filho ficará durante o tempo em que estiverem presos.

Cabisbaixa, Jônia se despede do marido que é conduzido para o interior, rumo às celas.

Acompanhado de Jônia, Peter regressa.

Ela será discretamente vigiada enquanto a criança se restabelece totalmente.

Já nos seus aposentos, Jônia abraça o filho e chora amargamente.

Peter, alquebrado, profundamente magoado, busca por Constance e pelas filhas. É informado de que elas se encontram no jardim. Segue para lá sem demora e depara-se com um quadro belíssimo e caro ao seu coração:

Constance, sentada na confortável *chaise longue*, vigia as meninas a correrem atrás de bonito galgo de pelo sedoso e brilhante. O pobre animal foge às carícias exageradas de Caroline e de Constantine, que tentam a todo custo vesti-lo com a touca da boneca.

Constance ri muito. Ela está belíssima, num vestido de gaze branco que se espalha elegantemente pelo assento. Apesar de emagrecida, tem as faces coradas.

Respirando fundo, Peter encena um ar jovial:

– Ora, ora, aí estão as minhas queridas! Que fazem? Eu as proíbo de me esquecerem dessa forma!

Olhando-o enternecida, Constance estende-lhe as mãos.

As meninas deixam o cão, por momentos e precipitam-se para ele, pendurando-se ambas

em seu pescoço. Ele as abraça e beija.

– Pai querido, por onde andou? – indaga curiosa Caroline.

– Eu, minha vida, estive ocupado com os negócios!

– Ora, papai, sempre os negócios! Deixe disso e fique mais tempo conosco!

– Não posso, meu amor. Preciso trabalhar muito para garantir o futuro de vocês!

– Eu também acho que você trabalha demais, papai! – confirma Constantine.

Soltando-se do pai, elas retornam à perseguição ao pobre animal que já se julgava livre delas.

Sentando-se no braço da cadeira de Constance, Peter inclina-se e beija-a longamente nos lábios, sendo aplaudido entusiasticamente pelas meninas. Constance, emocionada, abraça-o docemente e assim ficam por algum tempo.

Peter presente-lhe alguma intenção.

Buscando coragem, ela respira fundo e fala:

– Peter, precisamos conversar sobre algo bastante sério, mas temo aborrecê-lo...

– Isso jamais acontecerá, minha querida.

– Todavia, sinto que você não está muito bem. O que há?

– Não há nada, Constance. Estou apenas cansado dos assuntos que me envolveram todo o dia e que não devem preocupar sua linda cabeça. Fale! O que queria me dizer?

– E não estarei cansando-o ainda mais?

– De forma alguma. Tudo que vem de você me interessa e me refaz, minha querida.

– Pois bem. Preciso preveni-lo, meu amor...

– Prevenir-me de que, Constance? – indaga-lhe, com o coração apertado. O que este dia ainda lhe reserva?...

– Do futuro que nos aguarda.

– E não será melhor ignorá-lo, minha querida? Para que nos precipitarmos? Poderemos sofrer por antecipação, não acha?...

– Talvez, Peter. Todavia devo prepará-lo para acontecimentos que dizem respeito às nossas vidas.

– Constance, não se agaste e poupe sua saúde, minha querida.

– Peter, parece-me que você teme aquilo que pretendo dizer...

– Assim é, e não me envergonho. Preocupo-me com o seu bem-estar. Esforço-me, sobremaneira, para protegê-las e gostaria de sentir-me mais seguro quanto a isso...

– Deus o abençoe e guarde, meu querido, pelo esforço que faz para nos tornar a cada novo dia mais felizes! Posso dizer-lhe que, nesta empresa, você sai vitorioso!

Mas... apesar da ventura que nos alcança, preciso preveni-lo, como já lhe disse, sobre o nosso próximo futuro...

Rogando forças a Deus, ele indaga tentando parecer descontraído:

– E como será nesse futuro?

– Nesse futuro, meu amado, eu não estarei com vocês...

– Constance! Eu sabia que chegaria a isso! Por Deus, eu não suportarei viver sem você! Uma simples hipótese nesse sentido me desespera! Por que insiste neste assunto que me mortifica, querida?

– Porque é importante que esteja preparado! Nossas filhas precisarão de você, como nunca!...

Peter cala-se. Gostaria que ela não prosseguisse. Sente ímpetos de sair dali, todavia, jamais a desconsiderará.

Ela, tomando-lhe as mãos fortes, beija-as, docemente e continua:

– Peter, eu vi papai!

– Já me disse isso antes, querida. Você o viu em sonhos, não foi?

– Não, Peter, desta vez eu o vi enquanto estava desperta! Ouça:

Extremamente cansada por cuidar do filho de Jônia, eu rezava antes de dormir, quando perto da janela, ao lado do aparador, vi uma chama azulada que, espreado-se, tomou uma forma oblonga e luminosa.

Surpresa e atenta, assisti àquela forma movimentando-se rapidamente e adquirindo contornos humanos.

Com um grito preso na garganta, tal a minha emoção, reconheci meu saudoso pai, sorrindo, rejuvenescido, saudável como nos bons tempos!

Ele estendeu suas mãos, tocando-me suavemente na cabeça e no rosto, enquanto me dizia com voz carinhosa, a qual não sei dizer se soava pelo quarto ou dentro do meu pensamento:

– Constance, filha querida! Quanta saudade!

– Pai querido! Louvado seja Deus! Estou diante de você! Posso vê-lo! Sinto o seu toque!

– Muitas vezes eu estou com você, filha; protegendo-a naquilo que posso. Ouço as suas petições e elevo o pensamento a Deus, rogando-Lhe bênçãos para você e para a sua família.

Muitas vezes nós dois conversamos em sonhos, quando seu corpo adormecido liberta o espírito.

Sofri a dor de vê-la em desespero pela ausência de Peterzinho... Um dia você entenderá melhor tudo que tem vivido. Preciso instruí-la, quanto à obediência que devemos ao Criador. Sua vontade está acima de tudo, até das nossas próprias vidas que, como sabe, são frágeis e passageiras!

Alcançados os nossos reais objetivos na Terra, temos de retornar ao mundo maior!

– Pai amado, quer me dizer algo importante para o qual necessito de resignação?

– Sim, Constance, você alcançou com propriedade a minha intenção. Ouça-me: brevemente você retornará ao mundo espiritual. Seu tempo de peregrinação neste mundo sofrido chegou a termo. Daqui para frente Peter e os seus filhos prosseguirão sozinhos.

As lágrimas me desciam pelo rosto, Peter, causadas pela grande emoção de revê-lo e por ver confirmados os meus pressentimentos. Conformada, cabeça baixa, eu respondi:

– Papai, repetirei as palavras da Virgem Santíssima, ao anjo Gabriel: “Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a sua palavra”...

Ele acariciou-me os cabelos e acrescentou amoroso:

– Deus a protegerá sempre, Constance; em qualquer plano de vida e em qualquer circunstância. E nós que a amamos estaremos aguardando-a...

Indaguei chorosa:



– E os meus, papai?...

– Os seus, ou melhor, os nossos, ficarão bem. A providência divina velará por cada um em particular. Nós também estaremos vigilantes; dentro das nossas possibilidades e com a permissão de Deus, os protegeremos.

– Papai, quem é a bela senhora que me protege?

– É um espírito elevado e amigo que lhe ampara há séculos, filha querida. Ela prosseguirá zelando por você e quando você vier até nós, a reconhecerá, porque então estará livre do peso da carne que impede uma visão espiritual mais ampla.

– Como morrerei, papai?

– Em paz como tem vivido, filha querida. Aguarde o momento abençoado e libertador. Prepare o seu marido e providencie a respeito das meninas. Meu tempo se esgotou. Devo ir-me. Adeus, ou melhor, até a vista e fique em paz! Amo vocês!...

Desesperada, tentando retê-lo, estendi meus braços em sua direção, mas ele esfumou-se no ar, deixando réstias de luz por todo o quarto.

Agradecida a Deus, rezei e em seguida adormeci profundamente. Acordei refeita e consciente daquilo que me espera.

Profundamente amargurado, Peter ainda encontra forças para indagar:

– E eu, Constance, onde eu me encontrava nesses momentos?

– Ao meu lado, querido. Dormindo profundamente, alheio a tudo que se passava comigo.

– Perdoe-me...

– Não se culpe, esse procedimento é o natural. Mesmo que desejasse, não poderia participar daquele fenômeno que naquele momento se instalou por minha causa. Se você não estivesse dormindo, nada teria acontecido, porque haveria a sua interferência e eu não estaria tão concentrada. Já li alguns livros a respeito.

Ambos silenciam. Peter não quer mais falar. Necessita de introspecção. Sente-se exausto pelas emoções vivenciadas, todas de uma vez...

Gostaria de ser ainda um menino e deitar-se na relva, como fazia para chorar muito, escondido de todos... Seu coração aperta-se fortemente... Mas é preciso manter-se aparentemente calmo e dar à Constance o apoio de que precisa, esquecendo-se de si mesmo... Por outro lado, não deseja estender um assunto que o incomoda dolorosamente...

Eles observam reverentes os últimos raios de sol a dourar ainda mais as cabeças das filhas queridas.

Aquele quadro grandioso e a conversa que tiveram os comovem mais que o normal.

À Constance, parece que a Natureza se despede dela... Grava na retina aquele momento incomparável...

Remete seus pensamentos à sua amada Escócia, às margens do lago; rememora tudo, ponto por ponto, a beleza natural, sua casinha... Provavelmente, há muito tempo foi derrubada e ali instalada a madeireira... O local deve estar muito diferente...

Fazendo hercúleo esforço, confessa:

– Peter, não sei como agradecer aos céus a ventura que você me trouxe. Os anos de felicidade que você me concedeu e a bênção da maternidade por três vezes. Jamais estaremos separados. Preciso agradecer a sorte de tê-lo conhecido e o amado

perdidamente, por todos esses anos de vida em comum...

Peter aperta-a fortemente de encontro ao peito e roga-lhe, num fio de voz:

– Querida, amor da minha vida! Peça a Deus a permissão para ficar conosco... A você, Ele concede tudo.

– Não é assim, Peter. Estamos todos submetidos às leis que nos regem acima da vida e da morte!

– Constance, eu não conseguirei prosseguir vivendo sem você, não percebe?

– Mas deverá, Peter. Por elas – diz Constance apontando para as filhas – e também por Peterzinho, que dependerá de você quando regressar...

– Eu o trarei para você, prometo meu amor...

– Não prometa, Peter. Não poderá cumprir essa promessa, foge ao seu poder e vontade. Peço-lhe que prossiga forte e dedicado, para que eles não sintam demais a minha falta. A fim de que cumpram os seus destinos, como nós temos cumprido os nossos. Prometa-me isso e ficarei mais aliviada.

– Eu prometo tudo o que você quiser, mas espero envelhecer ao seu lado! Nada que diga ou faça poderá tirar-me essa esperança! Não posso imaginar a vida sem você!

Peter aconchega-a fortemente e chora. Não pode mais. Esgotaram-se-lhe as forças. Beija-a nos cabelos e nos olhos molhados de pranto; ela também está chorando e suas lágrimas se misturam.

Enlaçados, eles entram e buscam os seus aposentos, enquanto as filhas, que nada perceberam, à distância, embevecidas os admiram entusiasmadas... Adoram vê-los unidos...

Caroline diz à irmã:

– Vê como eles são felizes? Eu só me casarei com alguém que seja igualzinho ao papai!

– E eu me casarei com um príncipe! – retruca a outra.

– Um príncipe, Constantine? Você conhece algum?

– Não, ainda não! Mas conhecerei! Ele será belo eu o conquistarei e nos casaremos!

– Eu acho que você anda lendo histórias demais!

– Você verá, Caroline, aguarde!

O sol escondeu-se totalmente, deixando revérberos avermelhados no horizonte.

Ao passar pelos corredores, abraçado fortemente à mulher, Peter olha à sua volta e conclui que se ela se for, ser-lhe-á extremamente difícil ver tudo como antes. Aquele castelo ficará vazio, como vazio ficará o seu coração amante... Implora aos céus para que as 'premonições' de Constance não se concretizem...



## ADEUS!...

ALGUNS MESES SE passaram. Peter pensa ter conjurado os prognósticos de Constance com seus rogos a Deus.

A vida tem sido uma rotina saudável e feliz.

Hoje, porém, ele despertou ao nascer da Alva, ansioso e inquieto; sente-se extremamente angustiado, num estado de espírito difícil de descrever.

Encilhando seu cavalo mais veloz, sai pelos prados em louca disparada. Com isso, pretende acalmar-se antes que Constance desperte. O vento bate-lhe no rosto e penetra-lhe os pulmões fazendo-o respirar a haustos. Sente-se desesperado e em perigo sem saber por quê. Tem medo de algo indefinível. De onde virá o perigo que o ameaça? Como reagir?... “Sinto no ar algo transcendental, como nascer e morrer... pensa. Morrer... por que essa palavra me agride, magoa e incomoda tanto, azorragando-me a alma?”

Imprime mais velocidade ao cavalo e o feroso animal parece voar.

O sol principia a dourar tudo com seus raios deslumbrantes enchendo a Terra, fecundando-a...

Ele percebe ter-se distanciado demais do castelo.

Faz meia volta, forçando a montaria a regressar quase na mesma velocidade. O cavalo relincha, surpreso, mas obedece cegamente.

Os seus cabelos desfeitos pelo vento caem-lhe na testa; seu corpo jovem e bem formado, sobre o cavalo, faz bela figura.

Aqueles que o veem passar tentam cumprimentá-lo, sem sucesso. Ele não os percebe. Normalmente, apeia e conversa com os camponeses, brinca e afaga as crianças. Agora, porém, não se detém um instante sequer.

Decide falar à Constance, ouvi-la, vê-la, abraçá-la; somente ela o entenderá. Ela é o seu anjo querido, sua força, sua paz, seu repouso... É a sua ‘alma gêmea’, o seu amor maior.

Salta agilmente do cavalo e intempestivamente atravessa os corredores, rumo aos seus

aposentos. Os criados, surpresos, observam-lhe a pressa inusitada.

Respirando fundo, ele penetra a ala que o conduzirá até o quarto. Diminui a marcha e entra em silêncio, evitando despertá-la subitamente. Ela ainda está deitada sobre o leito macio e quente. Senta-se na poltrona ao lado e aguarda alguns momentos, mas não resiste por muito tempo; aproxima-se mais, toma-lhe as mãos e chama-a, baixinho:

– Constance querida, minha vida, desperte e ouça-me...

Sobressalta-se. As mãos dela estão frias demais... Volta a observá-la melhor após correr as cortinas das janelas. Espantado, nota-lhe a extrema imobilidade. Seu perfil maravilhoso visto contra a luz está seráfico...

Aproxima-se e debruçando-se sobre o seu peito, tenta ouvir-lhe os batimentos cardíacos... mas não ouve som algum!... Deve estar sonhando em meio a um horrível pesadelo! Sim, deve ser isso...

Já em pânico, chama por ela várias vezes, mas ela continua imóvel... Sacode-a inutilmente... Ela não pode mais atendê-lo... Ela... está... morta!...

Afastando-se um pouco, fica a olhá-la sem querer acreditar no que vê. Olha para o alto e de seu peito sai um grito rouco que nada tem de humano. Inclina-se novamente e toca-lhe o rosto, as mãos, pede, implora:

– Constance! Não, por favor, não se vá! Meu Deus, eu vos pedi que não a levásseis de mim! Como poderei sobreviver sem ela? Constance, desperte por favor! Sem você eu morrerei!

Tenta erguê-la, sem resultado; os braços dela caem ao longo do corpo; o pássaro abandonara a gaiola, libertara-se...

De joelhos, abraçando-a, beija-a nos lábios descorados e frios. Fica assim por um tempo difícil de precisar, tentando infundir-lhe vida, calor, energias; quer trazê-la de volta... Em seguida, cai num pranto convulsivo.

Soltando-a suavemente sobre os travesseiros, dirige aos céus fervorosa prece pela alma de sua amada Constance, que ultrapassa os pórticos da eternidade.

Ergue-se automaticamente, como um zumbi, olha em volta e tenta retomar o fio dos pensamentos. Será que morrera também? Sente-se entorpecido... Morrera por dentro, apesar de respirar e ter todos os seus órgãos funcionando. Sem dúvida sua alma acompanhou a de Constance. Passa as mãos pelos cabelos em desalinho e sai pelos corredores.

Ordena a um serviçal que chame o médico da família. O criado, assustado, sai correndo obediente. Achou seu patrão pálido de morte e nem teve coragem de indagar o que aconteceu.

Peter prossegue pelos corredores amplos e polidos, com sua estatuária ladeando-os. São obras de arte riquíssimas que ele adquire a longo prazo e nas quais tem investido verdadeiras fortunas.

Após andar em círculos, dirige-se ao quarto das filhas. Ali estão elas prontas para a primeira refeição do dia. A ama das meninas esmerou-se em suas vestimentas e adereços. Elas estão bonitas e graciosas.

Peter se detém no pequeno *hall* dos aposentos. Respira profundamente. Sua cabeça gira e

lhe parece que a qualquer momento sucumbirá à dor. Como dizer-lhes? De que maneira reagirão? Ele deve manter-se lúcido; elas precisarão de ajuda competente. Esperam dele toda a proteção possível, ainda mais agora...

Deparando-se com ele, Constantine percebe-lhe de pronto as feições alteradas:

– Papai, que se passa? Você chorou?...

Caroline dirige-lhe um olhar indagador.

Penetrando no aposento ricamente mobiliado e adornado com figuras de histórias de fadas, ele se senta em confortável poltrona e busca forças dentro de si mesmo, esforçando-se para manter-se calmo. Dirigindo-se a elas principia a falar:

– Meus amores, aconteceu algo muito grave e eu preciso lhes contar. Ajudem-me e se esforcem para entender-me... Eu mesmo mal consigo me conter, todavia devo...

Ansiosas, elas se entreolham e Caroline, já choramingando, ousa perguntar:

– Paizinho, o que aconteceu? E onde está mamãe? Aconteceu algo a ela?

Abraçando-as carinhosamente, Peter responde entre lágrimas:

– Mamãe partiu... Deixou-nos...

Constantine, exaltada, solta-se do abraço do pai e exclama:

– E por quê? Para onde foi e por que não nos levou? Você está dizendo a verdade, papai? Ela jamais nos deixaria!

– Ouça, Constantine, e acalme-se: para onde mamãe foi nós não podemos ir, pelo menos por enquanto...

Caroline, mais intuitiva, já entendera, e escondendo o rosto no peito do pai pergunta-lhe num gemido:

– Ela partiu... para Deus?

– Sim, Caroline, ela retornou para o céu, de onde certamente veio para nos amar. Precisamos ser corajosos, como era da vontade dela.

Emitindo um grito rouco, Constantine precipita-se pelos corredores em busca da mãe.

Peter, pesaroso, levando Caroline pela mão, acompanha-a de perto. Constantine, de temperamento forte, terá dificuldade para suportar a dor. Ser-lhe-á extremamente penosa a separação. Revoltar-se-á...

Entrando logo em seguida, eles podem ver Constantine a sacudir a mãe e a chamá-la aos gritos. Tentando erguê-la a todo custo, ela se desespera. Em pânico, atira-se ao chão, a puxar os cabelos e as roupas, apesar do esforço do pai para contê-la.

Abraçando-a fortemente e mantendo-a assim entre os braços vigorosos, o pai consegue acalmá-la um pouco. Após a explosão e os esperneios, ela desmaia. Peter molha-lhe as têmporas com água fresca e esfrega-lhe fortemente os pulsos. Ele deseja ardentemente que o médico chegue logo.

Enquanto isso, Caroline, ajoelhada ao lado da mãe, beija-a muitas vezes; no rosto, nas mãos e no corpo, enquanto chora baixinho dizendo-lhe palavras de ternura e de despedida. Acaricia-lhe os cabelos, deita a cabeça sobre o seu peito e depois se senta ao seu lado a admirá-la. O pranto lava-lhe o rosto bonito. Enquanto faz Constantine aspirar saís, Peter a observa, admirando-lhe o comportamento contido e equilibrado.

Aos poucos, Constantine recobra os sentidos e retorna ao choro.

Um criado entra para avisar que o médico chegou. Peter respira mais aliviado e manda-o entrar imediatamente. Informa-o da necessidade do atestado de óbito para sua mulher, falecida há horas, e de um atendimento específico para as suas filhas.

– E para você, meu amigo?

– Para mim, caro doutor, não há medicamento eficaz. Com Constance perdi a paz e a alegria. Julgo enlouquecer e gostaria de que isso acontecesse de fato...

– Peter, lembre-se de que ela era um espírito forte e que espera de você muita força e resignação. Deixe-me ajudá-lo a superar este transe doloroso.

– Não quero, perdoe-me. Desejo estar lúcido para aproveitar os últimos instantes ao seu lado nesta existência. Cuide bem das meninas, por favor. Quanto a mim, deixe-me em paz, rogo-lhe...

– Respeito sua vontade, Peter. Todavia deixe-me ainda lembrar-lhe que o coração é um órgão sensível e traiçoeiro! Suas filhas agora precisam de você, mais do que nunca!

– Obrigado, mas dentro das possibilidades, eu estou razoavelmente bem. Este momento é crucial, mas ela mesma me preparou para ele.

E sem esperar resposta, ele se dirige incontinentemente para o lado de Constance, não antes de recomendar as meninas à preceptora.

Entra no aposento devagar, respeitoso; sente em profundidade a gravidade daquelas horas para a alma de sua querida. Não a perturbará, ela precisa de paz... Todavia, deseja despedir-se...

Ajoelha-se reverente ao seu lado, segura-lhe as mãos frias e inertes, cheio de dor:

– Amada, por que você partiu? Nem nos despedimos! Sem você, meu amor, serei como o galho seco arrancado da árvore que lhe dava vida! Quisera poder acompanhá-la nesse mundo de sombras... Deus, socorrei-me! Fazei-me digno dela! De sua elevação espiritual, de sua nobreza!

Desesperado, ele a aperta fortemente contra o peito que estruge de dor. Permanece assim por tempo indefinido, até que sente algo estranho como um leve roçar de dedos no seu rosto e nos seus cabelos... Ouve um frufu de sedas em movimento... O perfume de Constance invade tudo e penetra-lhe as narinas dilatadas pelo pranto...

Julga estar sonhando e como se os sons vibrassem dentro do seu próprio cérebro, ele ouve uma voz muito conhecida:

“Peter, acalme-se, meu amor, e desprenda-se desses despojos! Este corpo foi simplesmente a roupagem que meu espírito imortal usou durante os anos de vida terrena! Eu estou aqui, viva e inteira, em plena consciência de mim mesma, da minha individualidade e do meu amor eterno por vocês!

Você prosseguirá por mais tempo no mundo e os dias que virão lhe exigirão tudo que traz de bom e de forte dentro de si mesmo! Viverá por nossas filhas e para resgatar brevemente o filho querido há tanto arrebatado dos nossos braços! Daqui já posso vê-lo e divisar-lhe o futuro de amor e segurança ao seu lado!

Faça-me feliz, sendo-o igualmente! No momento justo nos reencontraremos junto a Deus para avaliarmos, mais uma vez, os méritos e os deméritos de nossa existência.

E, então, programaremos novas caminhadas para o futuro; temos compromissos eternos

de progresso! Lembre-se sempre de que eu o amo! Oportunamente, estarei ao seu lado e ao lado dos nossos amores. De onde eu estiver, velarei por vocês! Deus os abençoe e guarde! Até breve, alma de minh'alma!"

Repondo-lhe o corpo inerte sobre o leito, soluçando, ele responde em alto e bom som:

– Até breve, minha vida!... Descanse! Eu serei digno do seu amor e da sua luz! Você sempre foi a alegria e a paz da minha existência! Siga feliz e me aguarde! Rogo aos céus que abrevie essa espera o mais possível!

O perfume se evola, deixando um ar balsâmico em todo o recinto e o silêncio se instala no aposento.

Ao se erguer, Peter sai à procura das filhas. Está diferente. Sente-se numa paz reconfortante...

Ah, se ele pudesse apreciar a cena que se passou logo após a sua saída ficaria extasiado: Constance alçou aos céus, guiada e sustentada por espíritos luminosos, rumo à sua nova vida, sem, contudo, esquecer-se dos amores que ficaram na retaguarda...

Matilde, Paul, Celeste e Roger Still fazem-se presentes ao funeral e prometem auxiliar Peter na condução das meninas.

A dor de todos é sincera e profunda. Pranteiam a morta querida.

Ao lado do esquife, Matilde e Celeste aconchegam ao coração as pequenas, transfundindo-lhes forças e serenidade.

Paul desdobra-se ao lado de Peter, que é o retrato da dor.

O condado comparece em peso, lamentando tão grande perda. *Lady Constance* era admirada, respeitada e muito amada por todos.

As mulheres simples enxugam as lágrimas. Os homens, chapéu na mão, trazem os semblantes entristecidos. Respeitosos, todos parecem fazer parte de um cenário trágico. O silêncio é total.

Flores em profusão enfeitam a morta.

Os parentes, amigos e conhecidos de Peter também vieram prestar suas últimas homenagens à Constance.

Após alguns dias de total reclusão, Peter sai pelos campos em loucas cavalgadas. Só retorna quando a exaustão o domina.

As meninas, com os mimos de Matilde, de Celeste e dos primos vão se esquecendo da dor e retornam aos seus folguedos. Todas as noites, porém, comove vê-las de mãos postas a rezarem por mamãe que está no céu junto ao menino Jesus. E nesses momentos sempre acabam em pranto. Celeste, providencialmente, as coloca nas camas, conta-lhes belas histórias, que são ouvidas com atenção e interesse. Logo depois, leva Will e Richard, seus belos e queridos tesouros, para os seus aposentos e igualmente lhes propicia os mesmos cuidados maternos.

Depois de um mês, Celeste retorna à Irlanda. Still já anseia por sua volta e a dos filhos. Ele retornara logo após as exéquias.

Matilde permanece no castelo. Não sabe ainda como fazer para cuidar das meninas e ao mesmo tempo estar com Paul na Irlanda. Confiando na providência divina, vai ficando. Espera ver Peter melhor e mais conformado.

Durante a viagem de regresso, Paul conhece uma bela moça que o encanta; isto nunca havia acontecido, ele é um solteirão convicto. Ela é loura e robusta, de sorriso franco e bonitos olhos azuis que fazem Paul sonhar. Chama-se Sonja e é russa.

Após algum tempo de namoro, Paul a pede em casamento e avisa a família. Todos vibram de contentamento. Há muito desejam vê-lo casado e feliz.

Matilde pensa na possibilidade de radicar-se na Inglaterra ao lado de Peter e das meninas, que já se apegaram fortemente a ela. Conhece os planos de Peter quanto à busca de Peterzinho e com ela ali ele poderá, sem muitos cuidados, ausentar-se pelo tempo que for preciso.

Paul, apaixonadíssimo, resolve casar-se rapidamente. A cerimônia será simples, devido ao passamento de Constance. Dentro de alguns meses, ele viajará a negócios para Katar, na Índia, e aproveitará para prosseguir viagem com Sonja, em lua de mel.

Edward vem a piorar. Paul, extremamente penalizado, constata que seu estado físico e mental é deplorável. Não se alimenta mais e dá trabalho aos funcionários do manicômio com sua extrema rebeldia. Tem passado quase todo o tempo narcotizado por várias drogas, usadas para domá-lo e protegê-lo de si mesmo.

Paul recebe, certo dia, um recado urgente do hospital e se dirige para lá.

Ao chegar, encontra Edward internado na enfermaria com equimoses por todo o corpo, a cabeça enfaixada por ataduras sangrentas e incapaz de expressar-se com clareza. Ele tenta comunicar-se com aquele pai, mas não consegue. Indagando a razão para tantos ferimentos, é informado de que seu pai durante a noite subiu nos telhados e começou a dar berros dantescos, exprobrando a tudo e a todos.

Pulando daqui para ali, ameaçava atirar-se do alto, cada vez que alguém tentava detê-lo ou tirá-lo de lá.

Assim, ele passou toda a noite. Pela manhã, exausto e enfraquecido, num movimento infeliz, falseou o pé e caiu, desgraçadamente, batendo nos vários patamares até chegar ao chão.

Aconchegando-o ao coração, Paul chora. Suas lágrimas ardentes caem-lhe sobre o rosto.

Edward estremece e abre os olhos fundos, cercados de olheiras roxas. As órbitas parecem duas brasas vermelhas. Em seu rosto esquelético e desfigurado, difícil reconhecer-lhe os traços antigos. Parece dormir.

Paul o chama; primeiro baixinho e depois mais forte. Ele abre novamente os olhos; suas feições parecem ganhar expressão... Ele identificou o filho. Com o coração na voz, Paul exclama:

– Pai querido, eu estou aqui. Você vai ficar bom e retornaremos ambos para nossa casa.

Tentando entender, ele balbucia com extrema dificuldade:

– Paul, eu não mereço o seu amor. Perdoe-me se puder e peça a Celeste que também o faça. Sinto que darei contas dos meus atos a Deus! Vou me reencontrar com Will e Richard, filhos queridos do coração!... Que todos vocês possam me perdoar... Agora se livrarão de mim, finalmente... Deus o abençoe por tanta dedicação. Adeus...

Paul aperta-o mais forte e beija-o, desesperado. Grossas lágrimas escorrem dos olhos de Edward e seu corpo se sacode violentamente. Crispa os dedos nos braços fortes do filho



para logo depois cair para trás, inteiriçando-se. Paul chora e prossegue com ele nos braços, sentindo o cheiro forte de sangue e de medicamentos, até que um funcionário intervém, fazendo-o deixar ali o corpo inerte do pai.

Desatinado, Paul busca a capela do hospital e ali dá vazão ao seu desespero. Lamenta aquele ser que lhe dera a vida e que parece nunca ter se dado conta disso. Somente a Will e a Richard ele amara; a ponto de estragá-los. Para ele e Celeste, a indiferença e a agressividade... Sim! Sem dúvida ele perdoa aquele ser que trilhara na Terra caminhos tão sombrios!

– Você foi o meu pai e eu o amei muito, acima de tudo! – exclama entre lágrimas ardentes.

Após o desabafo providencial, ele volta a procurar o corpo do pai, que já se encontra no necrotério.

Em seguida, sai à procura da irmã e de Still. Não avisará a Peter, não existe razão para isso.

Enterrou o pai de forma discreta e simples, acompanhado da irmã, do cunhado e de alguns poucos amigos.

Ao sair do cemitério, numa tarde que se fez gris e fria, na qual o *fog* toldava a visão, dando um ar de terror ao cortejo que se desfazia após o enterro, meditou longamente sobre os mistérios da vida e da morte...

Ao saber da morte de Edward, Peter sentiu-se em paz consigo mesmo por tê-lo perdoado antes do seu passamento.

Matilde chorou e lamentou-o, recomendando-o a Deus.

Peter escreveu a Paul confortando-o. Ao receber a resposta, soube dos detalhes da tragédia. Com elegância, ofereceu-se para auxiliá-lo na regularização do inventário. Edward, imprevidente e arredo, nada deixou que orientasse os filhos.

Informou-o a respeito do andamento das investigações em Istambul. Confessa que se demora a viajar porque se preocupa com as meninas. Seu coração sofrido apega-se a elas de forma intensa, numa desvairada compensação.

Entre outros assuntos, ele narra a Paul:

“Estou deixando os meus aposentos conjugais e retornando aos antigos, do tempo de solteiro. Não suporto mais as duas ausências. Primeiro a de meu querido filho e depois a dela. Os fatos se somam fazendo-me sofrer horrivelmente...

Deixei as loucas cavalgadas que embriagavam-me o espírito, mas me afastavam dos meus dois anjos, descuidando-me da atenção que elas me merecem.

Elas têm sido a minha força e o meu consolo. Fico agora a imaginar (veja você que insanidade!): e se eu vier a perdê-las também?... Eu não suportarei, caro amigo, creia-me!

Em meio a tanta dor, tenho recebido, por acréscimo de misericórdia divina, uma ajuda bastante inusitada. Já lhe explico:

Após algum tempo, arrefecida a maior dor, eu me propus a orar todas as noites na capela do castelo, onde meu grande amor foi velado, assim como meus queridos e saudosos pais e meu irmão Godofredo (que o Senhor os tenha!...).

Pois bem, ajoelho-me no mesmo lugar do esquife, abaixo a fronte reverente, submisso a

Deus, oro fervorosamente e não raras vezes choro copioso pranto.

Antes de reportar-me ao que desejo contar-lhe, preciso regressar, no espaço e no tempo, para narrar-lhe o que me sucedeu ao lado de Constance já morta, ainda em nossos aposentos... (e Peter narra tudo a Paul).

Agora, Paul, os fatos voltam a repetir-se todas as noites. São raras as que terminam sem algo de estranho e transcendente. Uma paz inaudita me invade e me sustenta. Ouço-lhe a voz maviosa a dizer-me:

‘Meu amor, Deus o guarde e aos nossos filhos! Eu os amo e estou sempre com vocês! Sejam fortes e felizes!...’ E, como num sonho, tudo silencia, como se jamais eu tivesse ouvido algo.

Que canais trazem-me essas consolações? Não sei!

Não me julgue insano. Creio que nunca fui mais lúcido e racional!

Seja generoso comigo e confie no que lhe conto. Faça-o com respeito e carinho, como o faria a Godofredo, meu saudoso irmão, se ainda o tivesse comigo...

Diante da minha narrativa, você deve imaginar que ou ela realmente vem para consolar-me ou fantasio aquilo de que necessito.

Seja como for, sinto-me renovado a cada nova visita dela. Sinto-a, Paul, viva e inteligente como sempre o foi em vida.

Agradeço profundamente aos céus as bênçãos que recebo e a prova incontestável de que o amor verdadeiro vence todas as barreiras!

Iremos todos ao seu casamento com a bela Sonja.

Mais uma vez lamento a infelicidade que se abateu sobre seu pobre pai e abraço-o, fraternalmente.

Meus respeitos a Celeste e Still.

O amigo de sempre,

Peter George de Lancaster”

Ao ler tão agradável missiva, Paul sente-se profundamente emocionado.

Penalizado pelos sofrimentos de Peter, admira-se dos mais variados recursos que emanam de Deus, socorrendo os seus filhos nesse doloroso ‘vale de lágrimas’. Ele mesmo tem recorrido inúmeras vezes aos benefícios da oração.

Meditando a respeito da pretendida viagem de Peter a Istambul, conclui acertadamente que o seu casamento o auxiliará nesse sentido. Casado, poderá prescindir da atuação de Matilde, atribuição que caberá futuramente a Sonja.

Sente na boa Matilde a intenção de substituir Constance junto a Caroline e Constantine. Falará a ela na primeira oportunidade.

Quando Matilde chega à Irlanda para os preparativos do casamento, interpela-a a respeito:

– Minha querida Matilde, como você já sabe, dentro de poucos dias unirei o meu destino ao de minha bela e querida Sonja...

Em lua de mel, viajaremos primeiro a Katar, onde tenho negócios urgentes. Depois, passaremos alguns meses na Dinamarca. Regressando, residiremos definitivamente aqui.

– Fico satisfeita, Paul. Deseja que eu regresse para cá?

– Não, Matilde. Ouça-me: eu sei que você se preocupa com a situação de Peter, agora viúvo, com as meninas. Além do mais, ele precisa viajar para procurar o filho.

– Paul, perspicaz como é, conseguiu entender-me. Confesso que perco noites inteiras buscando uma solução para os problemas de Peter.

– Então, pode descansar sua cabeça, Matilde. Sei que seu coração anseia ficar ao lado das meninas enquanto Peter viajar.

– Meu filho, Constance espera exatamente isso de mim!...

– Pois vá, siga os impulsos do seu coração generoso e maternal! Nós contrataremos uma boa empregada que jamais a substituirá em nossos corações. Nunca conseguiremos pagar-lhe ou sequer agradecer-lhe à altura, por tudo o que recebemos das suas mãos abençoadas e laboriosas. – Isso diz Paul, enquanto beija-lhe as mãos calosas e os cabelos embranquecidos e muito bem arranjados num coque, preso no alto da cabeça.

– Meu filho, o amor de vocês foi o melhor pagamento. Que você seja muito feliz no seu casamento com Sonja. Você bem o merece!

– Obrigado, Matilde. Eu pensei que jamais me casaria!... Olhe que já estou ‘meio passado’...

– Você? Ora, Paul, belo e bom como é? Um homem maduro e bastante interessante, é isso que você é um belo partido! Sonja viu isso e o amou como você merece, meu querido! Na verdade, você sempre fugiu a compromissos sérios.

– Lá isso é verdade. Acho mesmo que esperava por ela. Sinto-me seguro quanto à minha escolha.

– Tudo a seu tempo, meu filho; assim é a vida.

E assim falando, ela se dirige à cozinha para providenciar as refeições do dia.

Paul a olha ternamente. Ela nem suspeita das saudades antecipadas que alcançam o coração dele. Ele sente ímpetos de contradizer-se e impedi-la de deixá-los, mas não o fará. Sabe aquilatar os problemas de Peter e dos seus filhos. Deve, portanto, renunciar a Matilde, a única mãe que conheceu em toda a sua vida... Por outro lado, pensa em Peterzinho, que terá finalmente a oportunidade de ser recambiado e, quiçá, arrebatado em tempo, de um trágico destino...

E assim, diante do comportamento fraterno de Paul e da determinação de Matilde, Peter pôde ultimar as últimas providências para a sua viagem rumo ao Oriente.

Durante dois meses, instruiu Matilde à respeito da rotina de vida das meninas e à supervisão do castelo, investindo-a das funções que eram de sua amada Constance.

Os dias escoam-se céleres, e o chegando o momento das despedidas.

É difícil para Peter a separação. Caroline e Constantine abraçam-no fortemente, inconformadas:

– Papaizinho querido não quero que se vá! Não quero! – e lágrimas ardentes rolam do rosto de Constantine.

Peter sente-se desfalecer e quase desiste de tudo, mas tenta convencer Constantine pela milésima vez:

– Querida, eu preciso ir em busca de Peterzinho que pode estar sofrendo muito, longe de nós que o amamos... Eu também sofro com essa despedida, mas é preciso ser forte para

tomar decisões como essa... Ajude-me e não faça tanto alarde, por favor.

E Constantine o aperta cada vez mais, ignorando tudo que ouviu.

Caroline, choramingando, diz ao pai:

– Vá, papai. Eu sei que você trará de volta o nosso querido irmão. Nós estaremos aqui esperando ao lado de Matilde. Eu prometo me comportar direito e estudar bastante, pode ir... Constantine depois se consolará, não é, Matilde?

– Sim, minha pequena. Você é mais ajuizada que sua irmã. Ela é impulsiva e imatura.

– Eu sou impulsiva e imatura, Matilde? – indaga a menina, curiosa, soltando-se do pescoço do pai.

– Sim, minha querida, você age sem refletir e às vezes se comporta de maneira estouvada.

– Vou sentir muito a sua falta, papai! Não demore demais, por favor! – ela acrescenta, olhando para Matilde, demonstrando o esforço que faz para controlar-se.

– Está vendo? Desta vez não foi nem impulsiva e nem imatura, parabéns, Constantine!

Satisfeita com a observação elogiosa de Matilde, ela enxuga as lágrimas que caem sobre sua bonita *toilette*.

– Não pretendo demorar-me muito, minhas queridas. Caso as providências atinentes à procura de Peterzinho se prolonguem em demasiado, eu virei vê-las algumas vezes. Sentirei muitas saudades!

– Ao menos você voltará... Mamãe nunca mais voltará... Constantine comenta.

Profundamente angustiado, Peter beija-as muitas vezes. Dos seus olhos, as lágrimas teimam em cair.

Caroline beija-o, num forte amplexo, enquanto chora silenciosa.

Solícita, Matilde as acolhe, uma de cada lado, após ter abraçado longamente Peter, desejando-lhe boa sorte e a proteção divina.

Agradecido, Peter lhe diz, tentando conter-se:

– Matilde, minha boa amiga, esse é o meu maior tesouro. Cuide bem delas e eu lhe serei eternamente grato. Regressarei assim que puder e enquanto isso, escreverei regularmente. Peço-lhe que responda às minhas cartas dando-me notícias detalhadas sobre a vida das duas.

Se houver algum imprevisto, dirija-se incontinentemente à embaixada e eles me localizarão de imediato. A cada nova missiva, enviarei o endereço certo, pois estarei quase sempre em trânsito.

Entrego as minhas filhas e o castelo a você e à sua boa alma. Parto tranquilo porque confio plenamente nesse amor que banha o seu coração e na razão que ilumina a sua mente.

Que nossa querida Constance esteja sempre aqui secundando-a e junto a mim, por onde eu for, nessa empresa arriscada, na qual eu me proponho. Adeus ou até breve. Fiquem em paz!

Apertando novamente as filhas de encontro ao coração, e beijando-as mais uma vez, ele se precipita na direção da carruagem que o aguarda. Acena para Matilde e para as meninas, assim como para um grupo de pessoas que vieram se despedir.

Coriolano e Jônia continuam presos.

Francesco, uma vez curado, ficou aos cuidados de parentes da mãe.

Felizmente Constance ignorou as maldades do tio e a traição dos criados.

No trajeto que medeia a saída do castelo e o embarque no grande navio, Peter sofre as agruras da insegurança e da incerteza. Sente-se pessimista quanto ao sucesso de sua busca e quanto ao fato de deixar as filhas tão pequenas, sem a certeza de que regressará...

Afinal, o futuro é uma grande incógnita. Renteará com povos e costumes totalmente diferentes, sem contar que aqueles que lhe levaram o filho são criminosos contumazes e não têm escrúpulos de espécie alguma.

Intimamente, roga aos céus a ajuda de que necessita.

“Desta vez, Constance – pensa –, eu não tenho você como compensação, mas tenho aqueles dois anjos queridos que são o prosseguimento de você mesma! De onde você estiver, ajude-me e perdoe-me as fraquezas; continue sendo a minha força!”

Recostado nas almofadas do veículo, sacode a cada movimento mais brusco, devido aos declives do chão acidentado da velha estrada. Aos poucos, tudo vai ficando para trás. Seus olhos úmidos fixam atentamente a beleza daquela manhã de fim de primavera... Espera agilizar os seus propósitos e regressar o mais breve possível à sua amada Inglaterra.

Fecha os olhos e relaxa. Precisa confiar em Deus acima de tudo. Sim, retornará brevemente e com o seu querido filho!



## EM ISTAMBUL

VENCENDO POUCO A pouco as etapas da viagem, Peter aproxima-se do seu destino.

A bordo do navio, admirando o oceano e o infinito, sozinho em sua cabine ou ainda a conversar com os outros passageiros, seus pensamentos jamais se desviaram, um instante sequer, dos verdadeiros objetivos da viagem.

Durante as noites sonha com as filhas, sente saudades. Imagina-as de mãos postas como fazem todas as noites a rezar por Constance. Provavelmente agora também rezam por ele.

Recomendou à Matilde os cuidados com a capela e a troca constante das flores que são depositadas aos pés da Virgem Maria.

Em cada porto, dirige-se imediatamente às autoridades alfandegárias, procurando pistas e declarando o porquê da sua viagem à Turquia. Constata que vários países reclamam a prisão de Andrew.

Chegando, vai à embaixada e confirma os objetivos da sua presença em Istambul. Depois ocupará os seus aposentos reservados no Grande Hotel Flórida, de proprietários ingleses, com o conforto ao qual está acostumado.

A tarefa de descobrir o paradeiro de Peterzinho será complicada e morosa, afinal já se passaram quase dez anos desde o dia do rapto.

Após um banho reconfortante e algumas horas de repouso, Peter sai a andar pelas ruas. Quer examinar detidamente aquela cidade. Observa-a nas suas nuances mais delicadas. Caminha pelas ruas de comércio intenso e pelo cais, analisando as particularidades do povo.

Surpreende-se com tudo que vê: os homens nos seus trajes típicos de calções amplos e coloridos, turbantes volumosos, feitos de várias dobras, aumentando-lhes o tamanho da cabeça, seus sapatos de formatos diversos, alguns macios e justos nos pés, outros grosseiros e ainda alguns com bicos virados para cima.

Nas cinturas, largas faixas de pregas onde guardam, cuidadosos, as moedas adquiridas nas

vendas.

Em grande quantidade, cestos de vime, vazios e amontoados. Peter, inspiradamente, imagina seu querido bebê escondido dentro de um deles e sacode a cabeça.

Aquele mercado é intenso e ruidoso! Tecidos, joias, comidas, artesanato, ervas estranhas etc. Os mercadores oferecem tudo em altos brados. Algumas barganhas também são efetuadas.

Agora a atenção de Peter recai sobre um grupo de meninos maltrapilhos e sujos que pedem esmolas... Seu coração se confrange; ele reconhece as crianças do seu sonho...

É arrancado bruscamente dos seus devaneios por um forte alarido. Um gordo comerciante ameaça com uma faca que brilha à luz do sol, aos gritos, um garoto que foge vertiginosamente por entre a multidão.

Em sua fuga, ele colide desastrosamente com as bancadas e as mercadorias dos outros negociantes, que se revoltam e saem igualmente ao encalço.

O que farão ao pobre infeliz, caso o alcancem?... Peter estremece só de pensar. Decide conferir, quando surgem alguns policiais a correr atrás de todos os outros.

O quadro é desolador e Peter regressa ao hotel mal-impressionado. Deita-se e procura descansar.

Dois dias depois, batem à porta do seu quarto e lhe entregam um recado da delegacia, requisitando-lhe a presença.

Sai no mesmo instante e, lá chegando, é informado de que Andrew, o antigo capitão de navio mercante, fora localizado.

Peter sente-se animado, finalmente inicia a ansiada procura. Os policiais lhe exibem um bem urdido plano para chegar até Andrew sem despertar suspeitas.

Ciente dos detalhes e de que deve aguardar o momento propício, Peter regressa ao hotel excitado e comovido. Pensa que seu filho pode estar-lhe bem próximo...

Nas ruas, observa atentamente as feições dos meninos que têm a mesma idade de Peterzinho, querendo surpreender entre eles o semblante querido, mas conclui: "Ele deve ter-se modificado em todos esses anos!..."

Mesmo assim prossegue na esperança de deparar-se com ele. Seu coração salta sempre que julga reconhecê-lo em algum garoto...

No dia da sindicância policial, Peter fica sabendo que as autoridades locais possuem documentos comprometedores contra Andrew. Sua prisão será efetuada com base na lei.

O endereço leva-os a um lugar de péssima aparência. As feições dos frequentadores são assustadoras. Olhos maus e maliciosos os observam.

Homens de rostos congestionados pelos vapores do álcool abraçam desrespeitosos mulheres com as mesmas características.

Elas, à chegada de Peter e do policial, desinteressam-se rapidamente dos companheiros e acercam-se dos dois, que lhes aguçam a curiosidade e a cupidez.

Atrás de um balcão sujo, outras mulheres igualmente grosseiras servem as bebidas. Convívio infeliz, nauseabundo e degradante.

Numa sala vizinha, a porta entreaberta deixa ver uma grande quantidade de pacotes malfeitos, trouxas de roupas de todas as cores, caixas vazias, cestos de frutas, garrafas de

bebidas, objetos de decoração e obras de arte. Tudo numa terrível desarrumação.

No chão encharcado de bebida derramada, restos de charutos e cigarrilhas, papéis rasgados e saliva, tudo exalando um mau cheiro insuportável. Vez por outra, uma ratazana sai do meio das mercadorias e mete-se entre os pés dos fregueses que, gritando, saem-lhes ao encalço, rindo desbragadamente.

O espaço é amplo. Trata-se de uma antiga ruína abandonada. Fora grande e luxuosa moradia, conservando ainda os vestígios de um passado diferente. Nas paredes, afrescos de mãos talentosas que jamais suspeitariam o futuro deles. Nas portas e janelas, o trabalho artístico de madeira trançada e pintada em motivos geométricos de tons fortes e contrastantes.

Biombos ornamentais dividem os diversos espaços, nos quais os fregueses se sentam para aproveitar melhor as 'delícias' que o lugar oferece.

Compartimentos reservados, escondidos por cortinas pesadas, dão acesso às alcovas.

Apesar da sujeira do piso, pode-se observar ainda a beleza artística de um mosaico em tons cambiantes de marrom e amarelo.

Sem dúvida alguma, aquele palácio teria sido invadido por uma horda de bárbaros e futuramente aproveitado por aquela súcia de malfeitores, que se renovam com o passar do tempo, mantendo o lugar no mesmo ritmo.

Um silêncio de morte se instala.

Enquanto as mulheres observam, lascivas, os homens seguram as armas que trazem à cintura, ou escondidas dentro das roupas.

Os dois se movem cautelosamente. Bem experimentado naquele tipo de serviço, o policial, vestido com indumentária própria e num vocabulário adequado, dirige-se a um deles que já conhece de antemão e encena uma compra. Apresentando Peter como seu cliente, diz estar à procura de uma obra de arte que já vira ali. Falando alto para ser ouvido por todos, ele informa quanto pode pagar e as vantagens que exige.

Uma rapariga mais afoita acerca-se de Peter insinuando-se e é arrastada por um homem de meia-idade que, aos bofetões, a leva de volta para sua mesa. Peter arrepia-se de horror.

O 'contato' leva-os ao 'depósito' e num palavreado característico finge acertar o preço, enquanto exhibe algumas peças aos dois. No ambiente ao lado, o silêncio se mantém, indicando que eles estão atentos.

Vendo belíssimo vaso etrusco, Peter confirma ser exatamente o que buscava. Enquanto encenam a transação, falando baixinho, o homem vai dando as informações:

– Saiam com a compra e finjam ir-se embora. Contornem pelos fundos e ali procurem Andrew. Deixei a porta encostada. Ele está com uma mulher, embriagando-se e se divertindo, desde cedo. A esta altura deve estar fora de ação. Apressem-se e não se esqueçam do preço dessa informação.

Peter, abraçado ao vaso, sai com o policial disfarçado.

Uma vez na rua, eles andam pelas calçadas e contornam o prédio, alcançando os fundos. Ali deparam-se com a referida porta.

Com um pequeno empurrão, ela se abre.

De pistola na mão, o policial chama outros dois que lhe aguardavam as ordens e invadem



o recinto, seguido de perto por Peter.

Andam por corredores sinuosos que parecem um labirinto e são atraídos por uma música suave, tocada em instrumento indiano. Aproximam-se cautelosos e deparam-se com uma alcova forrada de tapetes. Copos vazios espalham-se sobre pequenas mesas. Incensos são queimados e inundam o ambiente com perfumes embriagadores.

No chão, sobre velho tapete desbotado, está uma bela mulher que interrompe a melodia e, ao vê-los, faz menção de gritar, sendo impedida por Jacques (esse o nome do policial), que a ameaça com a arma.

Com um gesto significativo, ele ordena que ela se afaste de Andrew, que dorme em trajes sumários ao lado. Apavorada, ela obedece e encolhe-se num canto.

Inquieto, Andrew mexe-se pesadamente resmungando, e Jacques, presto, encosta-lhe o cano da arma na cabeça. Despertando, assustado, ele abre os olhos apalermado. Observa os visitantes e analisa a postura da companheira que o interroga com o olhar.

Tenta reagir e Jacques pressiona com mais força o cano da pistola engatilhada em sua cabeça, enquanto segura-o com força pelos cabelos. Ele estremece e se aquieta. É erguido e em seguida levado dali sorrateiramente, sem que ninguém se aperceba.

Ao chegarem à delegacia, decidem esperar que a carraspana passe, após algumas respostas incompletas de Andrew. Impossível acareá-lo no estado de embriaguez em que se encontra. Uma vez na cela, ele desaba no chão e cai em profundo sono.

Peter retorna ao hotel. Está cansado e tenso. Viveu momentos difíceis; jamais se imaginou numa situação semelhante. Anseia pelas respostas que Andrew venha a dar. Que dirá aquele homem? O tempo pode estar sendo seu maior inimigo. Seu filho pode viver ou perecer, permanecer naquela cidade ou desaparecer em cada lapso de tempo. Rememora cada passo dado há algumas horas e respira aliviado por ter sobrevivido. Deixou o vaso etrusco na delegacia. O dono deve estar à procura dele.

Dorme pesadamente e desperta refeito. Escreve cartas saudosas e vazadas de amor para as filhas e Matilde, omitindo os acontecimentos recentes. Não deseja perturbá-las.

O criado traz a primeira refeição e ele come com apetite. Quando o dia ensaia o seu término, a nostalgia invade o seu peito e à noite, enquanto dorme, transporta-se em sonhos para o castelo...

Em sua secretária estão os papéis, nos quais ele anota os detalhes da busca. O interrogatório de Andrew ser-lhe-á de vital importância.

Pela manhã seguinte sai novamente a andar pelas ruas. O jeito de viver daquele povo o intriga.

Está no porto e assiste à atividade febril dos negociantes. As crianças espalhadas por ali, sem rumo, de olhinhos matreiros, às vezes um pouco duros e ao mesmo tempo carentes, refletem um grande desencanto. O coração lhe avisa que seu filho tornou-se um deles. Que situação poderia esperar, tendo sido levado por Andrew?

Um homem de aspecto rude aproxima-se dele e indaga:

– *Sir*, por acaso deseja criados? Não os procure entre estes aí, posso arranjar-lhe coisa bem melhor. Estes são vadios e ladrões. Por qualquer dinheiro lhe cortariam a garganta, sem piscar! Não perca o seu tempo!

Peter desvia-se dele sem responder. Tem uma vontade irresistível de esmurrá-lo com força. Desiste do passeio e retorna ao hotel. Naquele momento sente-se depressivo...

Batem à porta para avisá-lo que no *hall* do hotel um senhor procura por ele. Desce e depara-se com um simpático homem de meia-idade e cabelos grisalhos que, ao vê-lo, se apresenta:

– *Sir Peter?* Chamo-me Lucien, sou detetive particular. Cheguei de Paris. Encontrei-o por intermédio do meu amigo Jacques. Ele me informou sobre a busca do seu filho.

Jacques terminará sua atuação aqui em Istambul brevemente e sondou-me o interesse em fazer parte destas investigações. Seu estado de espírito e sua coragem o tocaram, fazendo-o seu admirador.

Devo preveni-lo; em minha profissão costumo cobrar muito bem os meus honorários.

Apanhado de surpresa, Peter corresponde ao aperto de mão firme de Lucien e, por sua vez, declara:

– Ora, senhor Lucien, parece desconhecer a habitual hipocrisia dos homens! A autenticidade parece ser o seu forte!

– Perdoe-me. Acho que me precipitei. Devo acrescentar que estou deveras comovido com a sua situação. O seu caso me interessa sobremaneira. Em minha vida profissional tenho solucionado mistérios que pareciam impossíveis de conclusão satisfatória. Julgo-me competente, se me permite a falta de modéstia, tenho tido experiências altamente gratificantes...

– Tranquelize-se, senhor Lucien. Aguardarei os fatos para analisá-lo melhor, se me permite a sinceridade. Eu confesso que ignorava a futura saída de Jacques de Istambul. Isso me preocupa; ele fará muita falta.

– Nosso amigo comum pretende casar-se brevemente e para isso, regressará a Paris. Sua noiva anseia pela volta dele e ele arde de desejos de satisfazê-la plenamente em tal aspiração. Isso me disse com todas as letras.

Todavia, ele pretende completar esta investigação antes de partir.

– Certamente aguardarei a confirmação de tudo que ouvi do senhor. Aviso-o, que apesar de não medir esforços e nem gastos, não me deixarei explorar por quem quer que seja. Desculpe-me, mas julgo não ser demais essa observação, senhor Lucien; já que pretendemos trabalhar juntos e sermos sinceros de parte a parte.

– Gosto de franqueza, *Sir*, e faço constantemente uso dela, como já pôde perceber. Provavelmente nos encontraremos no gabinete de investigação, na acareação do suspeito do sequestro do seu filho. Adiantei-me vindo aqui e não me arrependo. Sossegue, pois cobrarei o preço justo pelo meu trabalho; o resto ficará por conta de sua benevolência. *Au revoir!* – diz Lucien, apertando com força a mão de Peter.

De volta aos seus aposentos, Peter ultima as cartas que expedirá, logo possa.

No dia seguinte, lacra a correspondência e desce, na intenção de despachá-las. Descendo as escadas, depara-se com o senhor Lucien, que chega bastante excitado:

– *Sir Peter*, por favor, preciso falar-lhe!

Peter convida-o a subir. Na antessala dos seus aposentos, ele o convida a sentar-se.

– Fique à vontade, senhor Lucien! O que deseja?

– Quero contar-lhe o que assisti há alguns minutos num bairro próximo daqui, ouça:

Andando a esmo, fazendo ‘um reconhecimento de terreno’, como se diz, ouvi enorme alarido. Me aproximei do local onde existe uma tenda, na qual se comercializa bebidas e surpreendi uma cena violenta: uma mulher malvestida, faces avermelhadas, ameaçava a todos com uma faca de lâmina longa e afiada. Rodopiava as saias sujas e coloridas e dizia palavrões. Na tentativa de roubar uma mercadoria, foi flagrada e reagiu, ameaçando ferir os que tentavam agarrá-la.

Próximo a ela, encolhido num canto, estava um menino de uns dez anos, apavorado; ele tinha os olhos arregalados e tremia muito. Ela, conseguindo safar-se, sumiu numa viela, deixando-os frustrados.

Revoltados, viraram-se contra o menino e gritaram em uníssono:

– Vamos pegá-lo! Ele é o filho dela e também é ladrão! Provavelmente estavam combinados para nos roubar! Ele merece um corretivo, vamos dar-lhe!

Um deles, mais agressivo e que parecia ser o dono do estabelecimento, agarrou-o pelo braço, ameaçando-o:

– Seu vermezinho, filho da serpente venenosa! Para onde ela fugiu? Você vai nos ajudar a encontrá-la! Sabemos que ela é sua mãe e que seu nome é Kadir, vai negar?

Em pânico, o garoto respondeu, humilde:

– Senhor, por favor, solte-me, está machucando o meu braço... Ela não é minha mãe... Me trouxe até aqui à força...

– Você mente, seu infeliz! – exclamou um homem desdentado e com dificuldade de pronunciar as palavras, engasgando-se com elas. – Você é filho dela. O nome dela é Yasmine e ela criou você!

– Não vivo mais com ela, posso provar a quem quiser! Ela me persegue e me agride, como faz a todos... Fujo dela todo o tempo! Ela porém me ameaça com a sua faca... Eu não fiz nada... por favor, me soltem...

As pessoas mais exaltadas começaram a espancá-lo e ele, se debatendo, escapou, deixando parte das roupas nas mãos dos mais violentos. Com os restos das vestimentas em frangalhos, ele saiu correndo e... agora vem o melhor!

Este menino tem um sinal de nascença à altura dos rins, em forma de uma folha de hera, na cor de chá forte... Entendeu onde quero chegar?...

Peter empalidece. Levanta-se e caminha pelo aposento; apoia-se no espaldar de uma poltrona e em seguida, desabando nela, pergunta:

– Senhor Lucien, como era o aspecto físico desse menino, pode me dizer? Quero dizer, a cor da pele, os cabelos, os olhos... Enfim, o senhor pôde vê-lo bem, eu concludo...

– Sim. Ouça: a pele dele é clara, apesar dos membros serem bronzeados de sol. Os cabelos, se bem lavados, devem ser tão louros como os meus já foram um dia; os olhos grandes e negros brilham de energia e esperteza! Não são estas as características físicas do seu filho, *Sir*?

– Senhor Lucien, pena o senhor não ter conseguido segui-lo... Parece ser o meu filho, todavia não quero iludir-me demais, temo mais uma decepção.

– E quem poderia acompanhá-lo? Ágil, tal qual um tigre, ele fugiu, todo arranhado.

Tentei persegui-lo no veículo que me aguardava, mas ele saltou muros e cortou por estreitos caminhos que somente ele deve conhecer, desaparecendo.

– Oh, Deus, estar-lhe tão próximo e talvez perdê-lo... Isso, se ele realmente for o meu filho!

– O meu faro de detetive me diz que estamos na pista certa. Mas não posso evitar umas cogitações a respeito, se me permite, *Sir!*... Um pequeno lorde perdido entre ladrões e prostitutas! Quem diria! Que destino desse seu filho!

– Concordo com o senhor! Parece-me que o acaso ou a providência divina ‘oficializou’ sua atuação nesse caso, não acha?

– Não duvido disso, podemos chamar o incidente de um ‘acaso providencial’!

– Senhor Lucien, vou despachar esta correspondência. Em seguida desejo ir ao local do sucedido. Quero sentir o ambiente.

– Sim, com efeito, devemos aproveitar a ocasião.

Os dois saem.

– Senhor Lucien, e quanto à mulher de que me falou?

– A tal Yasmine? Como é muito conhecida, será facilmente encontrada. Uma vez presa, falará. Aquela língua não conhece freios. Teremos sem dúvida a oportunidade de ouvi-la. Primeiro Andrew!

– Ultimamente tenho ouvido vários depoimentos.

– *Sir*, onde reside de fato?

– Na Inglaterra.

– Gosta de viver lá?

– Muito. Estando aqui há poucos dias, surpreendo-me na observação dos hábitos e dos costumes desse povo e concluo que nesse mundo sabemos bem pouco uns dos outros.

Lá, eu vivo tranquilo e relativamente feliz. Herdei tudo que possuo e do qual sou extremamente cioso. Os meus filhos igualmente herdarão a fortuna e o conforto por direito de nascimento.

Por vezes fico a pensar: Como remontar a origem daquilo que possuímos hoje; dos nossos títulos de nobreza e de nossas riquezas materiais? Ouvimos respeitosamente histórias que provavelmente foram ardidamente urdidas por nossos antepassados para se darem ares de grandeza e dignidade.

Esses ‘contos’ movimentam a imaginação daqueles que nos admiram e invejam, fazendo-nos personagens de ficção ao invés de pessoas de carne e osso, com defeitos e qualidades, sentimentos e dificuldades morais e espirituais...

Geralmente valem pelo ouro que possuímos e não por aquilo que em verdade somos. Sofremos investidas ambiciosas e carregamos duras decepções, caro senhor Lucien...

Às vezes, nos encastelamos para nos defender, como os nossos antepassados faziam entre as muralhas dentadas... Pagamos pesado tributo à vida, pelos brasões que exibimos orgulhosamente diante do mundo...

Mas, que direitos são esses dos quais nos arvoramos e que nos fazem tão egoístas? Como julgar a herança de um passado no qual sequer estivemos? Como avaliar o que nos coube, se ignoramos as suas reais origens?...

– O senhor me faz pensar nas histórias macabras, sobre despojos, saques e invasões bárbaras... Onde foram parar essas riquezas? Esse assunto me traz à baila antigas elucubrações... Mas prossiga, por favor.

– Muito bem, senhor Lucien. Uma vez aqui, diante de uma realidade totalmente diferente da Inglaterra, sentindo-me um personagem vivo da literatura oriental, que sempre me fascinou desde a mais tenra juventude, me pergunto:

Por que tantas diferenças? Se igualmente nascemos, vivemos e morremos todos, por que os direitos e os privilégios são tão antagônicos? E esses seres que perambulam pelas ruas, à cata de sobrevivência, quem são em verdade? Que tipo de ‘herança’ carregam eles? O que os leva a vagarem como párias, sem rumo, sem destino e sem esperanças?...

De que herança falamos? Daquela que me deu tudo de graça ou daquela que deveria evitar que seres humanos vagassem tal qual zumbis? Onde, senhor Lucien, a justiça?

Este povo, em sua maioria, é sofrido e infeliz. Muitos são discriminados e abandonados, impiedosamente! Onde começou tudo isso?...

– Concluímos que foi na vontade dos mais poderosos da Terra, que comandam e determinam quem pode e quem não pode ter ou ser, e quem deve arrastar-se como verme pelo chão, no qual eles pisam com seus calçados luxuosos...

– Sim. O orgulho de casta, a ambição, o egoísmo e a vaidade dividem as pessoas em grupos de felizes e de infelizes, afortunados ou desafortunados.

Minha querida Constance dizia que admirava em mim a nobreza do coração e não a dos braços... Ela, boa e caridosa, via em mim somente qualidades, veja o senhor...

– Provavelmente, ela teria razão. Como sua mulher, devia conhecê-lo bem.

– Ora, senhor Lucien, não se iluda. Sou tão imperfeito como qualquer um e também faço parte, embora aleatoriamente, deste contexto injusto...

– Mas, retornando ao nosso assunto, *Sir*, a vida nos prega peças das mais surpreendentes, não acha? No dia a dia, somos personagens cômicos ou dramáticos em patentes tragédias gregas, ou ilustrando as obras do brilhante bardo inglês, William Shakespeare! Como bom inglês, o senhor deve apreciá-lo, pois não?

– Certamente, senhor Lucien. É a vida imitando a arte e a arte imitando a vida! Demonstrando, sem reboços, as nossas fraquezas e as nossas grandes possibilidades de sairmos vencedores nas diversas empreitadas da vida que nos desafiam a cada novo ângulo do caminho.

– As grandes derrotas físicas e morais estão espalhadas ou concentradas em várias partes do mundo, ainda mais naquelas em que os poderes constituídos submetem o povo em benefício próprio; indiferentes e ambiciosos. Todavia, parece-me que aos poucos, mudanças sociais se instalam e novos ventos começam a soprar.

– Mas, geralmente, estas mudanças só se concretizam a preço de sangue; sangue dos idealistas e de muitos inocentes.

Além das desgraças coletivas, existem muitas outras, silenciosas e individuais, que só o próprio ser conhece, enquanto geme na sua solidão... E estas, caro senhor Lucien, sabemos que são em maior número!

Enquanto o homem não aprender, de fato, a respeitar e amar o seu próximo, teremos

quadros dantescos, nesta Terra de Deus.

Homens ambiciosos e imprudentes, nas suas paranoias, ameaçam destruí-la, esquecidos de que fazem parte desta mesma Humanidade e, portanto, submetidos à grande lei que rege tudo e todos!

Liberdade, Igualdade e Fraternidade será sempre o lema ideal.

– É a bandeira do legítimo progresso! – completa Lucien.

– Concordo! Presentemente analiso as gritantes diferenças sociais deste país...

– Mesmo tendo nascido em países diferentes, com hábitos e costumes diferentes, cor de pele e traços dos mais diferenciados, religiões das mais diversas, somos, acima de todas as circunstâncias, cidadãos desse imenso cosmos! Viajamos juntos numa mesma embarcação, que por sua vez, depende de todos, não é assim?

– É exatamente assim!

Particularmente, com relação a este povo, estou surpreso, porque apesar de tudo, não me sinto tão estranho neste país, como seria de esperar...

Se me permite uma expressão comum, “sinto-me em casa”. Enquanto o meu cérebro se abisma diante das diferenças étnicas, minh’alma parece reconhecê-las...

Os pontos normais de referência de nada servem, porque outros os transcendem... Será que me faço entender?...

– Sim, o caro amigo sente-se filho desta terra; como se já tivesse vivido aqui antes, certo?

– Sim, consegui traduzir-me as emoções.

Voltado para os meus assuntos urgentes, no dia a dia, nunca me propus a estudar filosofias espiritualistas. Recentemente, alguém me disse que eu e o meu filho desaparecido estamos resgatando culpas do passado. Teríamos nós dívidas com este povo e com este país?... Crê nessas filosofias, senhor Lucien?

– E como duvidar delas, se já vivi na Índia?

Lá, acredita-se tanto em reencarnação que se descuidam do presente, inculcando o carma pelos insucessos, submetendo-se às suas propaladas consequências e cobranças sem reagir...

– São os extremos, não acha? O Oriente e o Ocidente. Falta aí o equilíbrio entre a razão e a fé.

Neste momento, caro senhor, surpreendo-me, falando-lhe de assuntos particulares e até mesmo íntimos; expondo-me diante de alguém que sequer conheço direito. Pensando bem, arrisco-me a ser mal-interpretado e parecer ridículo!

– Ora, descanse, *Sir*. Somos apenas dois homens do mundo trocando ideias a respeito dos destinos dos habitantes da Terra e quiçá do Universo. Como fazemos parte da mesma Humanidade, tudo nos toca diretamente.

Não se preocupe, entendo a razão do seu desabafo de pai sofrido, diante desta nova e intrigante realidade, somada à incerteza de realizar as nobres intenções que o trouxeram até aqui.

– Perdoe-me, senhor Lucien e obrigado pela compreensão. É o nosso orgulho instalando-se, sorrateiro, a camuflar nossas mais caras aspirações, em nome do verniz social; que refinada tolice! E, desta forma, vamos nos conhecendo melhor! Esta é a vantagem de

privarmos a companhia um do outro.

Bem, já chegamos. Aguarde-me por alguns momentos; em seguida iremos ao referido local.

Ambos entram na agência dos correios e Peter despacha a correspondência, com ar introspectivo. Logo depois, eles se dirigem ao estabelecimento boêmio.

Pelo caminho, Peter recorda o nome do menino em questão, que pode ser ou não o seu filho: “Kadir... nome estranho, mas eu gosto, soa bem!...”

– Como é mesmo o nome daquela mulher? – indaga.

– Yasmine.

– Ah, sim. Espero que a tenham detido.

Depois de observar o local, Peter despede-se de Lucien e retorna ao hotel. Toma um banho demorado, deita-se e dorme, exausto.



## DEPOIMENTOS

PETER COMPARECE À acareação de Andrew. Este, com ar displicente e ousado, tenta disfarçar a própria insegurança.

Na sala, além de Peter, estão o inspetor-chefe, Jacques, Lucien, dois guardas e o escrivão.

Apresentados os documentos exigidos, preenchidas as devidas formalidades, o interrogatório se inicia:

– Andrew, conhece os presentes?

– Não, nunca os vi – responde ele olhando-os com desprezo.

– Bem, então lhes serão apresentados. O investigador vai declinando os nomes. Andrew estremece levemente ao ouvir:

– *Sir Peter George de Lancaster.*

Fitando-o, não consegue esconder um súbito temor.

– Conhece *Sir Peter*? – indaga-lhe o inspetor desconfiado.

– Não – neste instante, ele reflete sobre a presença ameaçadora de Peter que fatalmente lhe pedirá contas do filho, podendo inclusive esmagá-lo com o seu poder. Intimamente se alegra por ter mantido viva a criança. “Menos mal!” – pensa.



– Ele tem razão – diz Peter –, nunca nos vimos. Conheço-o através de fotos concedidas pelas autoridades aduaneiras inglesas. Quando o detivemos naquele lugar, foi a primeira vez que nos defrontamos. Embriagado como estava, deve ter-se esquecido.

Encenando, Andrew pergunta agressivo:

– Quem é o senhor e o que deseja de mim? Por que me prenderam? Exijo os meus direitos de cidadão inglês!...

– Cale-se e responda somente o que lhe for perguntado – prossegue o interrogatório. – Edward era seu amigo?

– ‘Era’ por quê?

– Porque a essa hora, ele já deu contas a Deus, pelo crime praticado contra este cidadão que é o sobrinho dele. E ele contou com a sua parceria, não foi? Confesse!

Fingindo não ter ouvido, ele indaga, algo irônico:

– Edward faleceu? Ora, ora!...

– Diga-nos, quanto você ganhou para sequestrar-lhe o sobrinho-neto?

– Nunca conheci parente algum de Edward! Éramos companheiros de farras e nada mais!

– Não se faça de esperto, Andrew. Será pior para você! Já sabemos de tudo. Precisamos apenas confirmar a sua participação e ouvir de você pormenores que nos auxiliarão na busca do menino.

– Que menino?

O inspetor torce-lhe fortemente o braço e adverte:

– Se você prefere outros métodos, a escolha é sua!

Peter estremece diante da ameaça. Espera que o profissional esteja blefando.

Gemendo, Andrew responde, revoltado:

– E quem disse que eu sequestrei esse menino?

– Edward! Ele confessou antes de morrer. E também o seu cúmplice que tomou conta do bebê, na carruagem.

– Eles mentiram, são uns loucos!

– Por Allah! Você deseja que o entreguemos aos verdugos das prisões? Eles têm um talento incomparável para extrair verdades de criminosos como você! Eles soltarão de tal forma a sua língua imunda que você nunca mais poderá usá-la!

Peter sente-se terrivelmente mal-impresionado.

Andrew se mexe desconfortável na cadeira. Pigarreia, se coça, muda de posição, todavia prossegue mudo, para desespero de todos. Mas, diante das ameaças que recebeu e do silêncio que se faz no aguardo do seu pronunciamento, fica temeroso e decide falar:

– Bem, se todos já sabem, o que fazer, não é? Continuar negando é tolice! O que desejam de mim? Antes, digam-me: O que farão comigo depois da minha confissão?

– Isto fica para depois! Agora, relate como se deu o rapto. Queremos todos os detalhes!

Andrew toma uma posição mais confortável na cadeira, olha para Peter, escorrega o olhar noutra direção e narra, sucintamente, como tudo como se deu, sem demonstrar emoção alguma.

Jacques ordena:

– Agora conte-nos como o trouxe para cá e onde ele está atualmente.

Ele descreve a viagem, a entrega do menino a Yasmine por três anos (neste momento, Peter e Lucien trocam olhares significativos) e o posterior resgate do menino, que então passou a morar com ele.

– E neste momento, onde ele se encontra?

– E quem pode saber? Ele anda por onde quer; é incontrolável!

– Quando precisa dele, como faz para encontrá-lo?

– Saio à sua procura nos locais que habitualmente frequenta.

– Em princípio, vamos procurar por Yasmine – sugere Jacques, dirigindo-se a Peter –, ela é o outro lado da moeda.

– Tem razão – Peter concorda. – Ela poderá também nos auxiliar na identificação.

– Então vamos! Andrew nos guiará.

Conformado, Andrew faz alguns comentários, lamentando-se:

– Eu entreguei Kadir a Yasmine para que ela o protegesse nos primeiros anos. Em seguida, assumi essa responsabilidade, mas sei que inúmeras vezes ela o persegue para servi-la nos seus intentos criminosos. Assusta-o demais e já o feriu. Quando embriagada, aquela cigana fica insuportável.

– E quando é que não se encontra assim? – indaga, sarcástico, Jacques.

Peter sente o coração apertar-se dolorosamente, ao imaginar as agruras que o filho tem vivido.

Eles transitam por ruas esburacadas e sujas. Caminham de cá para lá, seguindo os passos de Andrew, que busca por ela nos lugares mais

inusitados.

Cansado e revoltado, Andrew desabafa:

– Edward é o grande culpado! Por que fui me envolver com aquele velho maluco? Que ele se refestele muito bem no inferno, onde certamente está!

Aliás... nunca vi tanto ódio e tanta revolta no coração de alguém contra uma criança! Que razões tinha ele, *Sir*?

Olhando-o com indiferença, Peter ignora-lhe a pergunta e prossegue o caminho, enojado e perplexo.

Seu coração bate loucamente. Será que ao lado de Yasmine encontrará seu filho?...



## KADIR

KADIR ABOMINA OS horrores de sua vidinha sofrida. Em todos esses anos, tem enfrentado situações limites: primeiro nas mãos de Yasmine e depois nas mãos do seu pai. O cenário da sua vida é o submundo de Istambul. Por injunção das circunstâncias, às vezes é forçado a se comportar mal.

Quase sempre está deprimido, mas nunca chegou a extremos violentos; é bom por natureza. Acredita na existência de Allah e em seu poder para mudar seu destino.

Um dia, extasiado diante do mar, decidiu escolher onde quer viver quando for adulto e elegeu, emocionado, a Inglaterra! Sim, mais cedo ou mais tarde irá para lá. Precisa sair de Istambul, onde é conhecido e perseguido... Longe dali, adulto e independente, trabalhará honestamente, como deseja, esquecendo o seu passado...

Sente remorsos por não amar seu pai. Tem-lhe medo e não confia nele... Muitos dos problemas infelizes que vivencia são causados por ele.

Quando vê gente feliz, inveja-a, numa dor profunda, bem dentro da sua alminha sofrida...

Pensando em Yasmine, estremece de medo.

Está infeliz, faminto e com frio. Todo encolhido, num esconderijo exíguo, ele se encontra naquele mesmo lugar onde Peter e o policial prenderam Andrew.

Principia a chorar baixinho; suas roupas estão rasgadas, não bastam para aquecê-lo. Com lágrimas ardentes a escorrer pelo rosto abatido, roga a Allah que o leve de uma vez! Está cansado de tudo!...

Por fim, ele adormece exausto. Ali ninguém o encontrará. Conhece todos os recantos daquele edifício.

A princípio agita-se dormindo; seu corpinho estremece, sacudindo-se em tremores. Finalmente se asserena. Nos lábios, um débil sorriso.

Em sonhos, ele cavalga veloz por campos muito verdes...

Alguns ruídos o despertam. Está decidido a fugir de Istambul na primeira oportunidade. Precisa desesperadamente afastar-se de Andrew e de Yasmine.

Mais uma vez, ele roga: "Allah, se você não me quer no céu porque eu não sou bom, me leve para a Inglaterra; lá eu serei melhor, prometo!".



## A CERTEZA

ENFIM, ANDREW ENCONTRA Yasmine. Ele entra sozinho onde ela está, enquanto os outros ficam do lado de fora, aguardando.

Ao vê-lo, ela estremece. Desconfia e indaga, na defensiva:

– O que quer de mim e como me encontrou?

– Já lhe direi o que quero, aguarde. Como a encontrei? Ora, como se isso fosse difícil para mim! Saia, lá fora estão algumas pessoas que desejam falar com você.

– Traidor! – diz ela, avançando para ele com as mãos em garra. – Entregou-me! Como pôde, seu verme? Arranco-lhe os olhos!

Segurando-a fortemente, Andrew se defende, enquanto a arrasta para fora, entregando-a aos policiais que lhe põem algemas e conduzem ambos à delegacia.

No percurso, explodindo colérica, ela quer saber:

– O que pretendem? Nada fiz de errado! Será que não se pode mais viver em paz?...

Ao seu lado, Andrew caminha em silêncio, exasperando-a:

– Nem você, seu traste, vai me dizer o que está acontecendo?

Alguns passantes, membros da triste comunidade, ao vê-la, riem e alguns mais afoitos debocham:

– Agarraram você, hein, Yasmine?

Olhos fuzilando, ela cospe em direção a eles. Estrategicamente, todos se desviam, protegendo-se.

Durante todo trajeto, ela prossegue ‘comunicando-se’ à sua maneira com aqueles que encontra.

Num local mais movimentado, eles embarcam num veículo de aluguel para completarem o percurso.

Observando-a, interessado naquela estranha personalidade que se expõe sem reboços, Peter tenta imaginar o tipo de acareação que assistirá...

Perto do hotel, desce do veículo despedindo-se.

Nos seus aposentos, ele reflete quanto aos planos que tem em mente para quando encontrar Peterzinho. Precisa ser cuidadoso... Afinal, não o vê há tanto tempo... E ele não sabe da sua existência... Inseguro como vive, desconfiará de tudo e de todos...

Nesses pensamentos, Peter afunda numa confortável banheira com água morna e relaxa...

No dia seguinte, ele chega pontualmente à delegacia. Mal pode esperar pelas declarações daquela estranha mulher.

Yasmine é trazida pelos policiais.

Peter a analisa mais detidamente: traços fortes, pele morena avermelhada, olhos castanhos e maliciosos, formas arredondadas. Veste roupas coloridas, arrematadas com detalhes em rendas e fitas. As saias sobrepostas aumentam-lhe ainda mais o volume dos quadris. Pés descalços, postura arrogante e debochada.

Defrontando-se com eles, ela exclama desafiadora:

– Ah, os abutres já chegaram? Como os senhores são valentes, hein? Para que tantos homens para enfrentar uma única mulher indefesa? Bah! São um monte de covardes!

E esse aí? – diz, apontando Peter –, ele não é daqui! Nunca o vi! O que pode querer de mim? Por que acompanhou a minha prisão? Veste-se tão bem... Tem ótima aparência!... Deve ser muito rico! Hum... com ele, eu faria qualquer negócio! – completa ela, faceira, mãos nos quadris, num largo sorriso, mostrando dentes afiados e escuros.

O inspetor ordena-lhe que se cale. Ela obedece, sem, contudo, deixar de prosseguir esquadrihando Peter, interessada.

– Mulher, responda:

Quem era aquele menino que estava com você na refrega de ontem, na taberna do Sadoc? Avie-se, porque o seu comparsa, Andrew, já falou tudo que sabe.

– Meu comparsa? Ora é pândego! Ele é um pirata e eu o abomino. Ainda acerto as minhas contas com ele! Ele não perde por esperar!...

– Colabore conosco, será melhor para você – avisa o inspetor.

– Afinal o que querem com Kadir? Ele é meu filho e tenho direitos sobre ele!

Ao responder isso, ladina, ela observa a reação de Peter, que estremece levemente. Aproximando-se mais dele, ela quer saber:

– É esse aí que procura por Kadir? Hum... eu sempre achei aquele menino muito estranho! Em que armadilha Andrew me meteu? Ele me disse que Kadir era filho dele e que a mãe da criança, sua mulher, havia morrido!

– Qual a sua relação com Kadir, como e onde o conheceu? Queremos detalhes que somente você pode nos dar – prossegue o inspetor.

– Querem saber da vida de Kadir? Pois bem!

Eu até gosto daquele traste, sabe? Por mais que eu o maltrate, ele não consegue ser mau! E... por ser como é, me cria muitos problemas! Impede-me de ganhar dinheiro quando preciso! Às vezes dou-lhe alguns safanões, assim como qualquer mãe, entendem? É isso! Pronto já falei aquilo que desejavam. Posso ir embora?

Enquanto fala, ela analisa as reações de Peter, que a cada declaração sua empalidece mortalmente.

– Yasmine, você não está facilitando nada!

Quer passar uma temporada naquelas celas lá debaixo? Poderá permanecer o tempo que quiser! Você já conhece a nossa hospitalidade!

– De jeito nenhum! Odeio isso aqui e odeio vocês! Pode indagar que eu respondo, vá lá!– ela se senta, segura as saias e respira forte, zangada.

– Muito bem! Assim é melhor! Conte-nos como e quando o garoto foi-lhe entregue, e por quem. E de que forma essa criança viveu os seus primeiros anos de vida.

Procure lembrar-se das datas, precisamos saber: dia, mês e ano, e onde ele se encontra agora!

– Ora, mas são muitas perguntas de uma só vez! Começarei pela última: Onde se encontra agora, somente Andrew sabe! Ele o tomou de mim e arrasta-o pela cidade para ser instrumento dos seus desmandos! Eu que tive o trabalho de criá-lo, perdi minha autoridade, vejam como esse mundo é ingrato! Pobre de mim!

– Yasmine, a minha paciência já se esgota!

Respirando fundo, demonstrando desânimo, ela se acomoda melhor na cadeira, pernas abertas, saias amontoadas no meio delas, revira os olhos e explode:

– Que mais eu posso fazer? Estão todos contra mim! Está bem, ouçam:

E ela narra tudo, em pormenores, desde o dia em que recebeu nos braços o bebê bonito, bem tratado e ricamente trajado. Ao deixá-lo com ela, Andrew afirmava ser pai do bebê, órfão de mãe. Após os três anos ele veio buscá-lo, pagando-lhe com riquíssima joia.

Peter, com a respiração presa, julga estar sonhando. Bebe cada palavra e diante daquela narrativa, conclui que Kadir é de fato e de direito o seu amado filho. Seus olhos estão nublados e é tal a sua expressão emocionada que Yasmine levanta-se, bate palmas ruidosas e exclama:

– Eu sabia! Você é o pai de Kadir, não é? Andrew jamais poderia ser pai de um menino tão bonito e tão bom! Bela peça ele me pregou! Nesse instante, apesar das dificuldades que estou enfrentando, sinto-me vingada! Andrew receberá finalmente aquilo que merece!

Trêmulo, Peter afasta-se e senta-se num banco de madeira que está próximo. Sente um grande alívio e ao mesmo tempo uma grande mágoa...

Remete os seus pensamentos ao castelo; situa-se na capela, ajoelhado, agradecendo a Deus... Pede, do fundo do coração, forças e coragem para o que ainda virá... Quase pode sentir a doçura da presença de Constance.

Os presentes, respeitando-lhe os sentimentos e as emoções, fazem uma pausa. Sentindo-lhes o silêncio e a espera, ele se recompõe e volta ao lugar anterior, dispondo-se a prosseguir ouvindo Yasmine.

– Agora, mulher, queremos provas de tudo que nos disse. Tem guardado algum objeto da criança que nos sirva para isso?

Fazendo suspense, Yasmine se levanta, caminha devagar, olha ao seu redor, fixa seus olhos de harpia em Peter e responde, pausadamente:

– Eu sou esperta; guardei tudo aquilo que veio com o bebê. Nunca confio em ninguém! Quanto a mostrar-lhes, depende... É muito importante para vocês, principalmente para este ‘nobre’ aqui presente, não é?... E eu, o que lucrarei com tudo isso?

– Talvez alguns dias a menos na prisão, o que já é demais, se pensarmos em todos os problemas que você nos cria frequentemente!

– Ora, ora, só isso?! O que seria de vocês se nesta pocilga não entrassem pessoas como eu? Que serventia vocês teriam, afinal? Agradeçam a Allah por terem este serviço nojento! – diz ela, desafiando-os, olhar coruscante e fulminante.

Peter cada vez mais consegue aquilatar a vida que o seu filho encontrou nesse meio deprimente e miserável. Não gostaria de conviver com esta mulher e muito menos de ter de enfrentá-la. Ela faz as suas próprias leis.

Ignorando os insultos que vindos dela não o surpreendem, o inspetor conclui:

– Bem, chega de conversa! Prepare-se, iremos com você até a sua casa e lá deverá nos mostrar os referidos objetos. Andemos rápido!

Ao lado de Yasmine, percorrendo ruas miseráveis e vielas imundas, eles chegam finalmente a uma casa que mal se mantém de pé.

Yasmine empurra a porta que range ao se abrir. De dentro sai um bafio de sujeira e de bebida. Ela entra cautelosa, como se temesse encontrar alguém desconhecido ou perigoso. Parece conferir com os olhos os seus parques pertences.

Os policiais, seguidos de perto por Peter e Lucien, também entram. No meio da ‘sala’ ela esclarece:



– Bem, os assentos são poucos. Arranjem-se como puderem.

– Isso não nos importa, mulher. Afinal onde guarda as tais provas? – indaga-lhe Jacques, autoritário e impaciente.

– Vou buscar, estão lá dentro.

– Para evitar surpresas, iremos todos juntos.

Resmungando, ela adianta-se e entra num cubículo escuro e desarrumado. Abre uma pequena janela e respira fundo.

Inclina-se sobre um grande baú negro de couro, com detalhes em metal dourado. Abrindo a tampa bojuda, ela remexe o conteúdo; retira muitas coisas que vai espalhando ao seu redor, enquanto diz, de si para si, aparentemente esquecida dos demais:

– Só me faltava o Andrew ter-me roubado! Deixe ver...

Vai retirando: rolos de papel, tecidos dobrados, peças de roupas, anéis, pulseiras, colares, lenços coloridos, perfumes, utensílios de cozinha, garrafas de bebidas etc., até que chega a um fundo falso. Suspende-lhe a tampa e olha ansiosa para o interior, declarando satisfeita:

– Ah, aqui está! Do mesmo jeito que deixei! Vocês verão como eu disse a verdade! – Abrindo um pacote de papel bastante envelhecido, ela vai espalhando sobre uma esteira e algumas almofadas pequenas peças, exibindo-as cuidadosa. São as roupas com as quais Peterzinho dormiu naquela noite trágica.

Peter está sem fôlego. Como hebetado, aproxima-se, ajoelha-se, toca as peças, como se elas fossem se desfazer em suas mãos fortes. Começa a acariciá-las, esquecido dos demais que emocionados e imóveis observam-no, cheios de respeito.

Juntando as roupinhas, uma a uma, Peter ergue-se com elas nas mãos, olhos marejados, explicando com extrema dificuldade:

– São as roupinhas dele... do meu querido bebê... Meu Deus!...

Yasmine observa em silêncio. O que se passará naquela cabeça? Sentir-se-á tocada? Nem que seja por uma fração de segundo? – São as conjecturas de Lucien, que a observa curioso.

Sentando-se numa banquetta, Peter divaga e recorda de tudo, como se o tempo tivesse voltado:

Constance, com seus dedos afilados, tentando amarrar a touca bonita, enquanto o bebê, rindo muito, lhe impede de fazê-lo, sentindo cócegas...

Ela, embalando-o docemente, cantando baixinho uma canção de ninar, a preferida dele, até vê-lo adormecido para finalmente acomodá-lo suavemente no berço de sedas e rendas...

Ele se revê a admirá-los, extasiado com tanto amor, grato aos céus...

Naquela noite, como sempre fazia antes de deitar-se, aproximou-se do berço e ali permaneceu por um tempo difícil de precisar, analisando embevecido as feições do filho e toda paz que se irradiava daquele pequeno ser entregue ao sono... Ele dormira feliz, confiante, tranquilo... superprotegido...

Apertando as roupas de encontro ao peito com ambas as mãos, Peter explode em soluços; não pode mais conter-se...

Os presentes respeitam-lhe a desabafo e aguardam.

Após alguns minutos, controlando-se, ele confirma novamente:

– Sim, essas eram as roupas que ele usava naquela noite. Lembro-me perfeitamente!

Voltando-se para Yasmine, ele pergunta ansioso:

– Há algo mais? Por favor, não esconda nada! Este momento é decisivo para mim! Talvez tenha guardado algum outro objeto que veio com o meu filho!

Fazendo uma careta de desagrado, dissimulada, ela silencia.

– E então? – indaga-lhe o inspetor sacudindo-a pelo braço –, não ouviu? Deve responder, mesmo que lhe desagrade, vamos!

– Está bem, largue-me! O que me pedem não é justo! Já faz tanto tempo! Precisei de recursos para alimentá-lo!...

– Continue falando porque o pai, aqui presente, como você muito sabiamente concluiu bem antes desta declaração que ora faço, recorda-se de tudo. Estou certo, *Sir*? – ele blefa.

– Sim, o senhor está certo. Espero simplesmente a confirmação dela – Peter aceita o desafio e ratifica a declaração do inspetor.

– Bem – ela responde, contrariada –, ele trazia uma pulseira de ouro com as iniciais P.G.L.; uma corrente de ouro muito bom com uma medalha e nela a imagem de um anjo guardião. Nas palmas das mãos do anjo, imaginem, dois brilhantes! Uma preciosidade!

Tocado até as últimas fibras do coração, Peter exclama:

– Meu Deus!...

– O que houve, *Sir*? – indaga Lucien, curioso e entusiasmado com o rumo das investigações.

– Meu filho nunca dormia com estas joias! Constance sempre as tirava e guardava, antes de pô-lo para dormir.

Nesta noite ele dormiu com elas e hoje elas nos servem de prova irrecusável, identificando-o como meu filho! Eis aí um acaso providencial!

Essa medalha é uma peça de riquíssimo artesanato, encomendada por mim a finíssimo joalheiro. Tenho o recibo comprovando-a. Foi planejada por mim e desenhada por Constance nos mínimos detalhes. Seu maior valor é o afetivo! E

como Andrew ignorou-as?!...

– Porque elas estavam dentro das roupinhas... Quando fui tirá-las, deparei-me com aqueles presentes do céu...

– E onde estão agora? – Peter quer saber.

– Não estão mais comigo. Como já declarei, precisei de dinheiro... Fiz negócio com Josef, que pagou-me uma boa quantia por elas. Ele trabalha com joias. Negociando-as, não indaga a origem delas.

– É um ladrão como você, Yasmine – responde-lhe o inspetor, ordenando-lhe:

– Leve-nos até ele.

– O quê? É loucura! Ninguém entra lá. É muito perigoso!

– Você entra! Então nos guie! O resto ficará por nossa conta. Vá na frente e conduza-nos. Um passo em falso e se arrependerá, se tiver tempo para isso!

Entendendo muito bem o que ouviu, ela sai pelas ruas, tendo-os disfarçadamente no seu encalço.

Ligeira, pés descalços, roupas amplas e esvoaçantes, balançando os quadris, ela vai caminhando sem titubear.

Após algum tempo que a todos pareceu interminável, ela para diante de uma fachada escura de muros altos. Olhando para trás, faz um pequeno sinal com a cabeça indicando-lhes o local. Com um gesto, Jacques ordena-lhe que prossiga.

Rebolando, dissimulada, ela se encaminha para a portaria sorrindo.

Um homem abre uma portinhola, olha ao redor e a reconhece. Derrete-se com os seus trejeitos e abre-lhe o portão.

Subitamente, os que a seguem, armas em punho, o dominam, obrigando-o a entrar com eles. Revoltado, ele ameaça Yasmine com um olhar assustador.

Caminham por um enorme espaço de chão batido. Divisam outro portão. Intimidando o vigia, obrigam-no a abri-lo. Ele obedece olhando ao redor, na esperança de escapar ou avisar alguém, mas Jacques não esconde dele a intenção de eliminá-lo à primeira tentativa.

Passando por alamedas verdejantes, ricas em plantas exóticas, encontram outra porta, de carvalho, negra e talhada artisticamente.

O porteiro, que ainda olha à volta na esperança de que surja alguém, é ameaçado. Obedecendo, bate três vezes, depois duas, depois uma e finalmente mais três vezes.

A porta range nos gonzos e abre-se, pelas mãos de um criado vestido em roupas rústicas.

Igualmente dominado, ele fica sem saber o que fazer.

– Leve-nos ao seu patrão – ouve apavorado.

Seguindo por um longo corredor, ele os conduz a contragosto até uma sala que

no momento está entreaberta. Dá dois toques leves.

De costas, mexendo em múltiplos escaninhos, onde se distingue pequenos pacotes amarrados com fitas estreitas e de cores variadas, Josef exclama sem voltar-se:

– O que deseja Mohamed? Não vê que estou ocupado? Fale logo, homem!

O criado, sem saber o que fazer, permanece mudo.

Josef vira-se bruscamente, aborrecido, e depara-se com o grupo ameaçador. Estremece e observa-os silencioso, tentando dar-se conta da situação.

Ele é alto e bronzeado; veste uma túnica negra até os pés, tem um turbante branco de várias pregas na rotunda cabeça; as mangas amplas e largas deixam ver mãos grossas e dedos cheios de anéis, onde as pedras preciosas faíscam ao olhar; sapatos de verniz negro e brilhante; nariz aquilino, olhos grandes e escuros, boca grande de lábios grossos, testa vincada.

Movimentando-se devagar, ele aproxima-se de uma grande secretária de madeira nobre, coberta de papéis e joias que ele tenta esconder furtivamente.

A um gesto de um dos policiais, ele desiste do intento.

Olha para Yasmine e para os criados com um olhar feroz que os faz estremecerem de pavor. Em seguida, explode revoltado:

– O que faz aqui, mulher dos infernos? E a que vem com essa malta?

– Cale-se! – ordena-lhe o inspetor. Naturalmente sabe de antemão porque estamos aqui. Viemos resgatar algo que não lhe pertence.

– Resgatar? Bem, só se for a alto preço. Só comercio coisas muito caras, podem-me pagar?

– Ora, seu crápula, pare de blefar e atenda-nos melhor. Você não está em condições de se impor! Comporte-se bem, do contrário...

– Como pode me ameaçar aqui nos meus domínios? Não estou na sua delegacia!

– Não, ainda não. E isto aqui é um covil de ladrões. Lá é um lugar de trabalho. Dentro de instantes o terei preso, como já deveria estar, há muito, mas sempre é tempo!

Josef movimenta-se cautelosamente, na intenção de criar alguma estratégia; desabotoa a túnica, deixando à vista algo que Peter reconhece. Falando baixo, comunica isto a Jacques que lhe está próximo.

– Josef, o que traz aí no pescoço? – ele indaga enquanto avisa: Quanto à arma que pretende usar, deixe-a onde está, senão não viverá, nem para nos responder às perguntas.

– Se refere a esta joia maravilhosa? É uma lembrança de família e não está à venda!

– E quem disse que nós queremos comprá-la? Que é de família nós sabemos, mas

não da sua! Eis aqui – diz o inspetor, apontando para Peter – o dono dessa preciosidade, adquirida de sua comparsa, Yasmine.

– Minha comparsa? Se eu raramente vejo essa mulher! E quanto a esta joia, paguei um alto preço por ela. Ela vendeu-me, perguntem-lhe!

– Não é preciso. Você está preso, em flagrante delito no comércio de joias roubadas. Acompanhe-me à delegacia. Antes, queremos a referida joia de volta e apreenderemos as demais. Muitos donos lesados devem estar-lhes à procura.

– Não podem me prender! Isso é que não! – E assim dizendo, ele retira de dentro da roupa uma pistola, sendo rapidamente dominado pelos policiais.

– Mais um erro seu: reagir à voz de prisão. Passará muito tempo sem ver o brilho do sol ou das joias que tanto aprecia.

O ‘olheiro’ e os outros ‘funcionários’ de Josef são igualmente presos sem reação. Todo local é revistado e o bando detido, para averiguações.

Reavendo a preciosa corrente com a medalha, Peter aguardará os futuros acontecimentos. Foram dias intensos. O próximo passo, sem dúvida alguma, será procurar Kadir.



## REENCONTRO

ANDREW REQUISITA A chance de encontrar-se com Kadir, a sós. A intenção dele é orientá-lo no sentido de desculpá-lo diante das autoridades e diante de Peter. Para isso, conta com o bom coração do menino.

Jacques e alguns policiais disfarçados e armados seguem-no de perto. Assim que encontrarem o menino, entregá-lo-ão a Peter no hotel.

De saída, Andrew finge procurar Kadir, andando a esmo por lugares estranhos.

Horas e horas de rodeios se somam, enervando os policiais. O que ele pretende de fato é desaparecer na primeira oportunidade, mas aqueles que o têm sob a mira se impõem, fazendo-o desistir do intento.

Vencido, Andrew vai ao local onde foi detido. Ali ele vive a maior parte do seu tempo e provavelmente ali ele encontrará Kadir.

Entra desconfiado, esquadrinhando tudo à procura do menino. Caso não o encontre, ficará em maus lençóis...

Da mureta de uma estreita marquise onde se escondeu depois de escapar dos seus agressores na tenda de Sadoc, Kadir sai apenas durante a noite para se alimentar dos restos de comida que encontra nas mesas do bar. Dessa forma, consegue manter em segredo o seu esconderijo.

Nesse momento, ouve assustado e trêmulo a voz de Andrew, na intenção de atraí-lo:

– Kadir, querido filho! Apareça, vamos! Onde se meteu? Venha ouvir as novidades que tenho para você! Imagine que um rico comerciante deseja conhecê-lo! Oferece-lhe trabalho, um ótimo salário, boa comida e moradia! Eu mesmo arranjei isto para você! Apareça, filho!...

Após alguns minutos de silêncio, ele grita possesso:

– Apareça, Kadir! Sei que você está aqui!

Kadir estremece, seus dentes batem uns contra os outros. Sente na voz do pai a traição e a mentira.

Olhando para o alto, implora:

– Allah, não permita que ele me encontre! Não suporto mais esta vida! – e encolhe-se mais. Numa manobra infeliz para acomodar-se melhor, desequilibra-se e cai desastradamente.

Ouvindo o ruído, Andrew acorre ameaçador:

– Ah, seu patife! Estava me ouvindo e se negava a responder-me? Se eu pudesse, lhe castigaria agora mesmo!

Trêmulo, desfeito, Kadir ensaia uma fuga estratégica, sendo rapidamente apanhado por Andrew, que o segura com firmeza e determinação.

– Preciso falar com você, seu ingrato! O que estou dizendo é verdade: conheci um rico senhor da Inglaterra que se interessa por você!

– Da Inglaterra?! – ele indaga, olhos brilhando. – Será que Allah finalmente me ouviu?

– O que está dizendo?

– Nada, falei sozinho...

– Hum... você está feio e sujo! Vão dizer que não cuido bem de você! Vá lavar-se e retorne aqui em melhores condições.

Tímido, ele se lamenta:

– Eu estou com fome...

– Depois comerá. Primeiro obedeça! Não se esqueça de pentear os cabelos!

Aumentando o tom de voz para ser ouvido pelos policiais que os observam de perto, lamenta:

– Você bem sabe o quanto me sacrifico por você! Educo-o da melhor forma possível, mas se você se esconde de mim, como protegê-lo e alimentá-lo? Oh, o quanto sofre um pai sozinho!

Kadir obedece trêmulo. Observa que alguns homens não perdem seu pai de vista.

Enquanto o aguarda, Andrew sacia a sua sede de bebida.

Estalando a língua com prazer declara:

– Arre! Que falta tem-me feito este vinho!

Kadir retorna, meio limpo e desajeitado, com os cabelos penteados à mão e esforçando-se para parecer natural.

Na primeira oportunidade fugirá... O seu pai lhe falou de um senhor da Inglaterra, será verdade? Uma esperança se instala em seu coração.

Conformado, ele acompanha o pai, sendo seguidos de perto pelos policiais.

Enquanto isso, Peter está ansioso. Feliz e ao mesmo tempo angustiado; fica a adivinhar como o filho estará fisicamente após tantos anos...

Com um lenço de cambraia bordado com os seus brasões, ele enxuga o suor abundante enquanto pensa:

“Preciso manter-me calmo e disfarçar minha emoção... Querido filho, o mundo deve ter colocado uma considerável distância entre nós! Quantas barreiras teremos ainda que vencer? Que Deus nos auxilie!...”

Alguns minutos depois das dez horas da manhã, ele ouve rumores no corredor. Estremece, seu coração bate violentamente.

Ouve algumas pancadas na porta e ao abri-la depara-se com Andrew.

Divisa junto à parede um menino arredio e maltratado, reagindo para não entrar. Fingindo bondade, Andrew insta com ele para que se aproxime. Obedecendo, ele dá alguns passos, olhos pregados no chão, rosto sombrio.

Em silêncio, Peter o observa. Seu coração bate loucamente, sente-se fraquejar... Envia um pedido de socorro a sua saudosa Constance...

Fita o filho com curiosidade e ternura. Kadir levanta o rosto e enfrenta o seu olhar... Peter, emocionado até as últimas fibras da alma, reconhece aqueles olhos negros como a noite sem estrelas, inesquecíveis!... Reconhecê-los-ia em qualquer parte do mundo! Todavia, quanta tristeza há neles...

Orgulhoso, identifica no rosto de Kadir os seus próprios traços...

Sem jeito e temeroso, o menino observa aquele homem silencioso à sua frente.

– Entre, Kadir – Peter finalmente consegue dizer.

Observando a mesa farta, Andrew faz menção de entrar também, sendo impedido por Peter, para alívio de Kadir.

Com um leve sinal para os policiais, Peter os faz entender que podem recambiar Andrew à prisão.

Extremamente frustrado, ele os segue de cabeça baixa, derrotado.

Voltando-se para Kadir, que recostado na porta aberta analisa o ambiente como um bichinho medroso, pede-lhe:

– Entre, por favor, e nada tema. Minha intenção é contratar-lhe os serviços. Preciso de um criado e deram-me ótimas referências a seu respeito.

– E informaram-lhe direito! Sou muito conhecido e trabalho muito bem! O senhor não se arrependerá de contratar-me! – responde Kadir, vaidoso e entusiasmado consigo mesmo.

O coração de Peter parece que vai explodir de emoção! – reconheceu no timbre de voz ainda infantil do filho a voz amada de Constance, a mesma sonoridade... Não se contendo, olha para o alto e exclama:

– Graças a vós, Senhor!

– O que disse?

– Nada, entre, por favor. Se eu conheço bem os meninos, você deve estar com fome. Na sua idade, eu estava sempre faminto.

– Tem razão, senhor. Meu pai esqueceu-se disso, eu avisei que estava com fome!

– Como pode ver, já providenciei tudo. Aqui temos uma refeição bem variada; espero que goste. Lave-se na sala ao lado e venha comer.

Kadir obedece e sentando-se à mesa come sofregamente. Há dias vem comendo restos de comida naquele bar.

Após a lauta refeição, aguarda temeroso o que virá.

Notando-lhe o receio e a introspecção, Peter repete:

– Nada tema, Kadir, já lhe pedi. Com o tempo aprenderá a confiar em mim. Responda-me: quer morar aqui?

– Morar aqui? Sim, eu quero, mas o meu pai me disse que o senhor mora na Inglaterra! E quando se for?



– Vou demorar-me algum tempo aqui em Istambul. Quando me for, poderei levá-lo comigo, se você quiser.

– O meu maior sonho é morar na Inglaterra!

– Por quê?

– Na Inglaterra poderei trabalhar muito e ganhar bastante dinheiro para comprar tudo aquilo que eu quiser!

Um dia, olhando o mar, prometi isso a mim mesmo e juro por Allah que cumprirei esta promessa!

Aviso-o; irei para lá de uma forma ou de outra, mesmo sem a sua ajuda. Se o senhor se demorar demais aqui, não poderei esperá-lo. Não suporto mais esta vida!

– Kadir, não se precipite, peço-lhe! Comigo terá mais segurança! Iremos juntos e, uma vez lá, ajudá-lo-ei a realizar os seus sonhos! E pagarei também a sua passagem. Que me diz?

– Passagem não é problema para mim! – ele responde, enquanto pensa: “Escondo-me num dos navios que aportam aqui. Em alto-mar apareço para trabalhar e conseguir alimento... Não posso dizer isto a ele... Não sei se ele merece minha confiança...”

– Em que pensa, Kadir? Por que diz que passagem não é problema para você? Por acaso pensa em viajar como clandestino? Caso seja descoberto, o que certamente sucederá, você será recambiado à sua pátria.

– Conheço os riscos... – responde ele algo preocupado. – Se meu pai não me tivesse encontrado hoje, naquele esconderijo, eu nem teria conhecido o senhor.

– Graças a Allah ele o encontrou! – exclama Peter.

Surpreso, ele indaga, olhinhos curiosos:

– Conhece Allah? Acredita nele? Pede-lhe coisas?

– Sim, Kadir, conheço, creio nele e rogo-lhe muitas coisas.

– E Ele o atende?

– Quase sempre, Kadir.

– As pessoas grandes são ouvidas e atendidas... Acho que criança não sabe pedir!

– As crianças sabem pedir melhor do que ninguém.

– Então, por que Allah parece não me dar ouvidos?

– Porque Ele faz o melhor por você!

– Ele ficará zangado comigo, *Sir*, se eu disser que Ele não tem feito o melhor por mim?

– Não, Ele entenderá você! Ele conhece o coração das crianças! Você verá com o tempo o quanto ele tem feito por você. Mas deixemos este assunto para depois.

Agora, responda-me se ficará aqui.

– Sim, ficarei, por enquanto...

– Obrigado. Prometo apressar a minha viagem de volta à Inglaterra para irmos juntos, está bem? Caso tenha outras intenções, avise-me antes, peço-lhe! Prometo não interferir na sua vontade e nem atrapalhar, acredito em mim?

– O senhor me parece sincero. Vou experimentar ficar aqui. Caso isso não me agrade, eu o avisarei e o senhor me deixará ir, certo?... Se não deixar, eu fujo... – complementa Kadir, em tom quase inaudível, sendo todavia ouvido por Peter que estremece àquele perigo

constante de perdê-lo novamente.

– Num acordo de cavalheiros, nós seremos francos um com o outro, está bem? Nunca se arrependerá por ter confiado em mim, prometo-lhe, Kadir!

– Está bem. E eu vou trabalhar direito, sem incomodá-lo! Cuidarei bem de tudo e prometo não roubar.

O coração de Peter aperta-se dolorosamente. Como dizer-lhe que não pode roubar o que lhe pertence?

Precisa avaliar até onde vão os prejuízos desses anos, vivenciados longe do seu mundo verdadeiro.

Kadir, por sua vez, analisando-o, conclui que ele inspira confiança.

– Kadir, o que sente quanto ao seu pai?

Apanhado de surpresa, ele responde timidamente:

– Quando ele está por perto, sinto-me em perigo. Ele me faz medo. Não gosto dele... Allah deve me condenar por isso...

– Não, Kadir, Allah não nos condena. E quanto à Yasmine?

Desconfortável, sentindo-se ameaçado, ele pergunta, olhos muito arregalados:

– Ela roubou algo do senhor?

– Não, Kadir.

– Por Allah! Agora já sei porque mandou me procurar! Ela lhe disse que fui eu! Sempre faz isso! Juro que não lhe roubei nada! Eu nunca vi o senhor antes!

– Acalme-se, Kadir! Nem estou pensando nisso. Conheci Yasmine noutra dia e me disseram que ela criou você, é verdade? O que ela significa para você?

– Ela diz que é minha mãe de criação, mas me maltrata demais! Sempre que posso, fujo dela. Recentemente, ela me feriu. Ainda tenho a marca, quer ver?

– Sim, quero.

Levantando a roupa, ele expõe um arranhão profundo, feito por faca afiada.

– Pobre Kadir! Ouça, disseram-me que você tem um sinal de nascença, é verdade?

– Sim. É este aqui – ele mostra à altura dos rins a tão conhecida folha de hera, cor de chá. Peter se emociona.

O menino senta-se de novo, expectante.

– Kadir, para cuidar bem de você, eu preciso em princípio chamar um médico. Ele deverá examinar esse ferimento e a sua saúde em geral. Concorda?

– Não quero, tenho medo deles!

– Chamarei um que goste de crianças e prometo estar-lhe ao lado. Que me diz?

– Eu não gosto disso...

Percebendo que Peter ficou desanimado, ele anui a contragosto:

– Está bem, está bem!...

– Obrigado, Kadir. Ficarei mais tranquilo sabendo-o bem de saúde. Esse ferimento pode infeccionar e não vale a pena descuidar. Se pretende ir para a Inglaterra, precisará mudar alguns hábitos.

– Sim, senhor.

– Nos próximos dias faremos compras. Você necessita de muitas coisas.

– Eu, *Sir*?

– Sim. Precisa de roupas, adereços, objetos de higiene, livros e muito mais.

– Mas, sou um simples criado!

– E tem o direito de possuir o necessário para viver limpo, elegante e saudável.

– Acho que Allah já está me atendendo!

– E a mim também, Kadir.

Nos próximos dias quero conhecer os seus amigos, Kadir. Não se surpreenda com as minhas eventuais perguntas e responda-me sempre com sinceridade, por favor!

– Está bem. Eu tenho muitos amigos! Dois deles são muito importantes!

– É mesmo? E quem são eles?

– O xeique Amin-Abdul-Amah e seu filho, o príncipe Omar-Abdul-Amah. Eles moram num palácio todo branco de torres arredondadas e altas. Possuem muitos criados, muita comida e muitas riquezas!

– Que idade tem Omar?

– Alguns anos mais que eu. É muito alto e forte. Usa roupas muito luxuosas!

– Você entra no palácio deles? E os guardas?

– Eles já me conhecem e não impedem a minha entrada. Apesar disso, eu prefiro pular os muros. É muito mais divertido!

– Quando e como os conheceu?

– Na primeira vez, foi a minha curiosidade e a vontade de furtar algo de bom que houvesse lá ao meu alcance. Mesmo que fosse alguma fruta.

– E daí?...

– Fui surpreendido pelos guardas, que me segurando fortemente, começaram a me bater, quando surgiu Omar e exigiu que me soltassem, dizendo-lhes que já me aguardava e que eu era seu amigo. E mais, declarou que eu poderia entrar ali quando bem entendesse!

– E isso era verdade?

– Não. Mas os guardas acreditaram! E eu confirmei, claro! Após a saída dos guardas, ele, braços cruzados sobre o peito, declarou:

– Como pôde ver, livreii você! Agora confesse: O que faz aqui?

Gaguejando, disse que estava faminto e que tencionava apanhar alguns frutos.

Olhando-me autoritário, duvidando indagou-me:

– Só isso mesmo? Não veio aqui nos fazer mal?

Respondi prontamente que não. Então ele ordenou:

– Pode servir-se de quantos frutos desejar!

Como futuro soberano, eu devo ser não apenas justo, mas também magnânimo! Meu pai ensinou-me isso. Tem algo a declarar?

– Não, senhor Magnânimo! – respondi, fazendo-o explodir em estrondosa gargalhada, esclarecendo:

– Meu nome é Omar, seu tolo! Magnânimo quer dizer misericordioso, entendeu? Ter piedade do inimigo!

– Mas eu não sou seu inimigo! – completei amedrontado.

Ainda sorrindo, ele esclareceu tranquilizador:

– Descanse. Se você nem parece gente, que dirá inimigo! Está tão sujo e tão feio! Como pode andar desse jeito?

– E o que posso fazer? Essa é a minha vida!

– Deve estar mesmo muito faminto! Venha comigo, mandarei o meu servo trazer-lhe bastante comida! Comerá até se fartar!

Assim dizendo, levou-me através de grandes salões e corredores principescos.

Nos seus aposentos, cobriu uma grande mesa com tantos alimentos que fiquei tonto só de vê-los. Boquiaberto, diante de tanta fartura jamais vista pelos meus olhos, comi demais, empanturrando-me, fazendo-o rir-se espantado com a minha fome insaciável.

Voltei lá inúmeras vezes e hoje somos bons amigos.

– E quanto ao xeique, o que disse ao vê-lo ao lado do filho?

– Quando me viu pela primeira vez, chegava de uma longa viagem. Olhou-me demoradamente, analisando-me em silêncio. Fiquei amedrontado, afinal, ele estava extremamente cansado, cheio de suor, rosto queimado pelo sol abrasador, cercado de muitos homens que lhe aguardavam as mais variadas ordens e deveria sem dúvida estar muito impaciente.

Omar apresentou-me, alegre, após tê-lo saudado e ele amável me disse:

– Menino, se você é amigo do meu filho é igualmente meu amigo! Seja bem-vindo!

Aproximando-se mais, fitando-me com interesse maior, intrigado mesmo, comentou:

– Você por certo não é o que aparenta. Possui gestos nobres e tipo racial específico. Hum... o que temos aqui?...

Peter, sorriso nos lábios, exclama:

– Perspicaz este xeique!

– O que disse, senhor? – Kadir não entendeu.

– Apenas pensava alto, Kadir. Prossiga, estou muito interessado em sua narrativa! Como é o palácio?

– Maravilhoso! Parece o céu na Terra! Os pomares são enormes e têm frutos tanto conhecidos como desconhecidos para nós.

Os jardins são de espantar, pela quantidade e variedade de plantas e flores!

Existem rios, cascatas, bosques, viveiros de pássaros e aves exóticas que voam livres. Animais selvagens e domésticos são tratados de forma igual e convivem juntos, sob a vigilância dos tratadores. Enfim, só vendo para ajuizar melhor tanta beleza e tanta riqueza!

– O que sente por eles, Kadir?

– Gosto muito deles! Omar é rico e poderoso, mas é magnânimo, como ele mesmo diz. Sabe quem sou, sabe da minha extrema pobreza e mesmo assim concede-me atenção e amizade. O xeique e seu filho me respeitam e me tratam muito bem. Allah seja mil vezes louvado!

– Que assim seja, Kadir! Além destes, tem outros amigos?

– Sim, senhor. Dois deles já são um pouco velhos. Chamam-se Nacif e Betel. Apesar de serem muito pobres, dividem a sua comida comigo.

Nacif ficou cego há alguns anos e é sapateiro. Betel trabalha no tear e faz potes de argila.

Quando Omar me dá boas coisas eu divido com eles. Eles ficam tão agradecidos, só

vendo... São carnes defumadas, tâmaras, doces...

Nacif já foi um grande comerciante. Betel adoeceu por muitos anos e gastaram muito dinheiro. Ele foi perdendo a visão e ficando sem condições de prosseguir trabalhando como antes.

Aprendeu a consertar calçados e com o tempo desenvolveu também a fabricação, o que faz muito bem. São ótimos sapatos! Faço cobranças para ele. Gosto dos dois!

– Poderemos ir visitá-los juntos?

– Se o senhor quiser. Gostará muito deles!

– Acredito. Aos poucos, visitaremos todos eles, certo?

– Sim, senhor!



## JOSAFÁ

DECIDIDO A CONHECER o mundo real de Kadir, em todos os seus matizes, Peter pede-lhe que o leve aos seus companheiros desvalidos, aqueles com os quais convive a maior parte do tempo.

Surpreso, contrariado e um tanto intimidado Kadir consente.

No dia escolhido para isso, ele guia Peter por caminhos estranhos. Segue de rosto sombrio, demonstrando muita insegurança.

Observando-o, Peter pressente que deve esperar acontecimentos desagradáveis.

Eles atravessam ruas, vielas, vilas miseráveis, becos que mais parecem labirintos e diversos lugares sórdidos que assustam e deprimem. Aproximam-se de um vasto campo, no qual se distingue um casarão em ruínas.

Nas proximidades, crianças maltrapilhas, sujas, magérrimas e jovens perambulam aqui e ali, sem objetivo e sem alegria.

Trazem sobre o corpo roupas grosseiras e largas, sobrepostas e encardidas. Os pés descalços, nas cabeças turbantes coloridos e rotos. Alguns carregam armas presas na cintura. Outros devem tê-las nas dobras das roupas, escondidas.

Dando-se conta da presença deles, movimentam-se cuidadosos, cercam os dois, devagar, silenciosos, mas ameaçadores...

Peter sente arrepios.

Falando baixo para não ser ouvido por eles, Kadir esclarece:

– Nada tema, *Sir*. Eles me conhecem. São assim mesmo, desconfiados. Direi a eles que o senhor é o meu patrão e eles o pouparão. Sozinho, jamais deverá vir aqui. Será agredido com paus, pedras e facas. Não fazem por mal, defendem-se apenas, compreende? É assim que vivem.

– Sim, Kadir – Peter responde mal-impressionado. Ele conclui dolorosamente que aqueles jovens são os irmãos de sorte do seu filho.

Estranhando Kadir, que não reconhecem de pronto, eles imprecam fazendo ameaças. Logo depois, identificando o companheiro, acalmam-se em parte.

Peter é apresentado ao chefe deles, Josafá.

Bastante incomodado com o que vê, num grande desencanto, Peter dirige-se a ele:

– Como vai, Josafá? Perdoe-me a presença e tranquilize-se. Minha única intenção é conhecê-los.

Esquadrinhando-o, Josafá dá várias voltas ao redor de Peter sem nada responder. Está sombrio, ameaçador... Afasta-se novamente e à regular distância interpela-o agressivo:

– Quem é você e que interesse pode ter em nossa vida? E o que faz ao lado de Kadir?

– Sou o novo patrão dele e pedi para conhecê-los. Estou surpreso com o que vejo. Vocês vivem de forma muito precária! E são tão jovens...

– Ora, o senhor deve ser um desses nobres de nascimento, feliz e bem servido, que nos exploram quando precisam, pouco se importando conosco!

Peter descobre que naquela forma de vida Josafá desenvolveu um apurado senso psicológico. Apesar do que ouviu, prossegue curioso:

– Josafá, como chegaram a isso? O que os leva a viverem desse modo?

– Cada um de nós tem as suas próprias razões! Alguns não têm pais, não lhes sobrando alternativas. Outros fogem dos pais e dos parentes, porque eles os maltratam. Algumas outras situações somam-se a estas e nos reúnem nesta forma de vida, que não é a que escolhemos, mas é a que o mundo nos oferece!

Como grupo, somos fortes. Todavia, nem sempre somos solidários. Quando a fome aumenta ou as doenças nos visitam, nos desentendemos e brigamos, por desespero. Isto é uma verdadeira selva, sabe?

Os egoístas do mundo, cegos e surdos, nos jogaram indiferentes nesta vida desregrada e infeliz, sem honra e sem futuro.

Vivemos discriminados e, contra nós, voltam-se aqueles que não entendem as razões de estarmos vivenciando este quadro de horror.

A maioria nos condena, sem julgamento e sem apelação.

Somos desprezados; todos se afastam de nós como se portássemos alguma doença contagiosa.

Mas!... Triste ironia do destino, estes mesmos, num dia fatídico, deparam-se conosco assustados e indefesos diante da nossa agressividade.

Então eles vociferam, ameaçam, defendendo-se e àquilo que julgam possuir, mas... o instante é dramático e geralmente matamos ou morremos.

Esta sociedade orgulhosa, descaridosa e fria, cria pesadelos para si mesmos e para grupos como o nosso, que vive apenas o minuto que passa, não tendo muito a perder... A revolta que vivemos nos torna compulsivos no mal.

– Quantos anos tem você, Josafá?

– Que diferença faz isso? A rua nos envelhece muito cedo. Devo ter treze, sei lá! Já me esqueci!

Num dia desgraçado para mim, eu aparecerei morto em alguma viela desta enorme cidade. Algumas das minhas vítimas, ou algum comerciante mais afoito, me acertará.

Quer saber se já matei? A resposta é sim! Quantas vezes? Muitas! E então, está escandalizado? Sua expressão não deixa dúvidas sobre o quanto lamenta tudo isso! Mas para que quis nos conhecer? O senhor é um lorde, já se vê!

Fique sabendo que existem outros fatos que o deixariam estarecido; sua sensibilidade

nobre não suportaria ouvir, acredite! E nem sei por que falo consigo. O senhor é como todos os outros que nos causam náuseas! Com toda esta elegância e aparência! Barriga sempre cheia, belas roupas, banhos perfumados...

Nosso mundo nada tem que possa lhe interessar, garanto-lhe!

Vá-se embora e leve consigo esse 'lordezinho' que nunca foi um dos nossos de verdade, nem mesmo à força de pancadas! Nunca conseguiu usar de violência na hora H; enfim, nunca nos serviu de fato, é um poltrão!

Sumam daqui, não suporto sequer olhar para vocês, sem que ideias terríveis me passem pela cabeça! Meu tempo chama-se sobrevivência, entende? Fora! Fora daqui vocês dois, antes que eu me arrependa!...

Peter está profundamente ofendido. Engole seco e se controla, condoído, daquele quase menino, tão rude quanto sofrido... Está perplexo. Sente-se impotente diante daquela frieza, daquela 'sabedoria' perversa...

Tem por ele piedade e respeito. E por que não confessar? Muito medo também...

Gostaria de poder apertar-lhe a mão ou abraçá-lo, fazendo-o entender que compreendo a sua desdita e que lamenta-o...

Josafá cospe de lado e dá-lhe as costas, constringendo-o; com isso fá-lo entender que a entrevista está encerrada e que deve apressar-se.

Ao redor deles o grupo demonstra nas expressões fisionômicas que ratificam cada palavra dita pelo seu chefe e, confiante no seu poder e autoridade, Josafá se distancia sem olhar para trás...

Sim, esses meninos-homens fazem as suas próprias leis. De que maneira demonstrar-lhes que existe a outra face da moeda? Como dizer-lhes que existem outros caminhos?

Não têm eles o exemplo de Kadir que, apesar de todos os sofrimentos e lágrimas, preservou-se de se tornar um criminoso? Que seu comportamento é cheio de esperanças e de sonhos?

Como, de que forma, com que palavras lhes contar que apesar dos sofrimentos, muitos outros venceram e tornaram-se homens de bem?

– Oh, Senhor! – Peter balbucia. Estes assimilaram somente o desamor, exteriorizando violência! Perverteram-se! Que desgraça!...

Kadir, condoído pela sua situação constringedora, ocorre:

– *Sir* Peter, não tome estas palavras como dirigidas a sua pessoa. Eu sinto que o senhor é bom! Nós não deveríamos ter vindo, *Sir*...

– Engana-se, Kadir. Esta é uma grande lição de vida para alguém como eu, que se encastelou em sua vida particular como se o resto do mundo não existisse!

Geralmente nos esquecemos dos desníveis sociais nos quais vivemos mergulhados... Esses jovens são a herança do nosso egoísmo. Somos cegos que não querem ver! A ambição desmedida da sociedade os impeliu a isso. Hoje, aqui, me defronto com essa dura realidade. Ainda não sei de que maneira, Kadir, mas farei algo a respeito...

Agradeço-lhe a oportunidade de desvendar este mundo cruel e sinistro. Oh, Deus, quanto você tem aprendido! E esses meninos envelheceram antes de serem crianças!

Enquanto se afastam, Kadir comenta:

– *Sir*, percebo que o senhor tem piedade de nós.



– Assim é, Kadir – responde Peter, abraçando-o fortemente pelos ombros, dirigindo-se com ele de retorno ao hotel.

Kadir sente-se constrangido pelo amplexo carinhoso. Além de não estar acostumado a expansões carinhosas, os seus ‘irmãos’ de sorte observam-no à distância. Com muito jeito, afasta-se de Peter.

Os dois seguem silenciosos; ambos por motivos diferentes.

Enquanto Kadir se expõe numa confiança tímida, Peter sofre na constatação dos sofrimentos, não apenas do seu amado filho, mas de tantos outros ‘filhos de ninguém’!...

Nos dias seguintes, Kadir demonstra um servilismo extremo, constrangendo a Peter, que sempre que pode foge-lhe à habitual solicitude. Kadir, por sua vez, incapaz de contentá-lo, desabafa:

– *Sir* Peter, deixe-me servi-lo! Para isso me contratou. Estou acostumado a trabalhar!

Mirando-o com bonomia, Peter esclarece com delicadeza:

– Ouça-me, Kadir: você não precisa trabalhar tanto! Espere que eu lhe peça algo ou ordene, sim? Assim, você me tira a liberdade!

Preste atenção: as minhas roupas são lavadas e devidamente preparadas pelo próprio hotel, que ganha muito bem para isso.

Quanto aos meus cuidados pessoais, estou habituado a cuidar de mim mesmo.

Tenha mais calma e não se agaste. Não pretendo explorá-lo como a maioria tem feito com você, entende?

– Sim, desculpe. Vou esperar as suas ordens!

– Assim fica melhor.

– Eu lhe peço *Sir*, para avisar-me quando eu não estiver fazendo as coisas direito. Aquilo que eu não souber, aprenderei, prometo.

– Pois bem, Kadir. Já que vamos para a Inglaterra, devo desde já ensinar-lhe os hábitos e os costumes de lá. Peço que se esforce para aprender tudo de maneira correta.

– Farei isso! Em pouco tempo, vou parecer um legítimo inglês!

– Acredito em você! – responde Peter sorrindo.

Kadir gostou demais daquele sorriso. Entre os dois, aos poucos, instala-se certa harmonia.

Dia seguinte, após o almoço, Peter auxilia Kadir a vestir-se com apuro, depois de uma sofisticada higiene. Seus cabelos, aparados dentro da moda atual inglesa, estão limpos, exibindo um louro brilhante.

Desacostumado, Kadir sente-se desconfortável nas novas roupas:

– *Sir*, estas roupas não são de criado! Apertam um pouco e são muito luxuosas para mim! Tem certeza de que é isso mesmo que deseja? Sinto-me esquisito e vou assustar as pessoas que me conhecem!

– Pois é exatamente assim que se vestirá daqui em diante, Kadir. Não se preocupe com os seus amigos; eles se acostumarão ao ‘novo Kadir’. Confie em mim.

– Sim, senhor, eu confio. Agradeço-lhe por tudo. Ora, por que eu não o conheci antes? Eu teria sido mais feliz!

– Somente Allah pode entender certas coisas, Kadir.

Analisando o filho, Peter sente-se orgulhoso; ele é belo, altivo, nobre de porte e de expressão. Os anos de sofrimento não o abastardaram. Sua voz clara e maviosa é a presença

bendita de sua amada Constance...



## DIFERENÇAS

PETER E KADIR saem para visitar Nacif e Betel que moram num lugar aprazível, um pouco afastado do burburinho da cidade.

Chegando, Kadir os chama à porta da humílima casa cercada de jardins. Logo na entrada, jasmineiros floridos exalam um perfume embriagador.

Uma senhora de cabelos nevados, feição serena, pele curtida de sol e olhos perspicazes vem atender. Sua nobre figura inspira respeito e admiração.

– O que deseja, belo menino?

– Ora, Betel, que belo menino? Sou eu, o Kadir!

– Kadir? Imagine! Eu não reconheci você! Pudera, meu querido, que transformação!

– Nem tanto, Betel; mudei somente a maneira de vestir! Meu patrão, aqui presente, exigiu-me isso!

– Kadir, que pena, Nacif não poder enxergar toda essa elegância! Você parece uma borboleta que saiu do casulo, ganhando a liberdade almejada, bela e colorida!

Peter sorri levemente diante da comparação filosófica que a ele também já ocorrera.

Inclinando-se, ela beija Kadir enquanto indaga:

– Este senhor é o seu patrão? Mas, parece ser seu pai! Já observou como são semelhantes? Não fosse a cor dos olhos!...

Peter sobressalta-se com tanta perspicácia e delicado esclarece:

– Senhora Betel, eu sou Peter George de Lancaster, da Inglaterra. Estou aqui em Istambul a negócios. Contratei Kadir para os meus serviços particulares e confesso-me altamente recompensado, porque ele tem se excedido em dedicação; dessa forma tem merecido os pequenos obséquios que lhe prodigalizo.

Atravessando-lhe a alma com um olhar profundo e compreensivo, ela declara amável:

– Tenho muito prazer em conhecê-lo, *Sir*! Kadir, para nós, transformou-se num neto muito

amado.

Ele é bom e laborioso, todavia sofre muito, pobrezinho... Por vezes temos curado o seu corpinho de marcas de pancadas e de ferimentos... Mas, entre! Nacif está lá dentro, trabalhando.

Nos fundos da casa há uma pequena oficina.

Kadir vence rapidamente a distância que os separa dela e joga-se efusivo nos braços de Nacif, que diante de uma mesa baixa, sentado numa cadeira de pés curtos, ferramentas à mão, trabalha concentrado. Ele larga rapidamente as peças que o ocupava, diante da expansividade do menino que lhe aperta com força o pescoço.

– Meu bom Kadir! Hum, que perfume é esse?

– Você gosta? É colônia inglesa. Meu patrão me deu, assim como tudo o mais que estou vestindo.

– Ah, deixe ver... – Nacif apalpa com cuidado os trajes de Kadir, constatando que são novos e diferentes do usual – E os cabelos?... Estão curtos, limpos e perfumados! Essa fragrância é mesmo muito boa!

– Nacif, quando eu receber o meu salário, vou comprar uma colônia igual para você!

– Para quem você está trabalhando?

– Para *Sir Peter George de Lancaster*, da Inglaterra! – ele responde com certa vaidade, o que diverte Peter.

– E, quem é *Sir Peter*, Kadir?

– Sou eu, senhor Nacif – diz Peter, aproximando-se e tomando-lhe a mão para cumprimentá-lo. Sinto-me honrado em conhecê-los! Sei que são amigos de Kadir e por isso desejei visitá-los!

– Kadir há muito nos conquistou!

É igualmente uma honra para mim conhecê-lo. Sendo benevolente e justo com Kadir, prova ser um homem de bem.

– Nacif, *Sir Peter* prometeu levar-me para a Inglaterra! Imagine!

– Ora, Kadir, há quanto tempo você deseja isso, não é? Nós ficaremos saudosos e eu perderei o meu ajudante!

– Se eu ganhar bem, enviarei dinheiro para vocês.

– Obrigado por suas boas intenções, meu filho.

Guardando as ferramentas, Nacif convida-os a entrar na casa para se deliciarem com os gostosos refrescos e doces que Betel fez.

Ao redor da mesa, eles conversam sobre os mais variados assuntos. Há muito Peter não sorria descontraído como agora. Sente-se em casa, como se já os conhecesse há muito...

Respira fundo, abstrai-se e revê Constance lendo os Evangelhos: “Amai-vos, como eu vos amei!”... Sim, nesse lar existe o verdadeiro amor! Que sorte Kadir tê-los conhecido... Após horas de entretenimento, os dois regressam descontraídos e felizes.

Nos dias seguintes, Peter passa horas intensas seguindo os trâmites da lei para oficializar sua paternidade.

Finalmente, dando-se uma trégua, decide ir com Kadir visitar o xeique e o seu filho Omar.

Desta vez, Kadir deverá passar pelos portões, como qualquer pessoa. Além de fazer-se acompanhar de Peter, as roupas mais justas atrapalhariam os seus movimentos.

Isso não o aborrece de forma alguma. Quanto às roupas, já se acostumou a elas e aprendeu a apreciá-las. Afinal, são parecidas com as de Peter e ele já se esforça para imitá-lo: fala mais baixo, de forma pausada, procura as palavras adequadas antes de se expressar, aprendeu a comportar-se convenientemente à mesa e segue agora hábitos novos e mais sofisticados.

Sem que perceba, está menos desconfiado, mais descontraído e mesmo sem saber, aos poucos, vai resgatando a sua legítima identidade.

A saudade das filhas atormenta o coração de Peter, todavia ele agradece a Deus tudo que já conseguiu até o momento.

Numa bela manhã, eles se dirigem ao palácio do xeique, um pouco distante, nos arredores da cidade.

Viajam felizes, lado a lado. Durante algum tempo eles percorrem caminhos e estradas bem conhecidos de Kadir. Desta vez num veículo de aluguel.

Em determinado momento, com os olhos brilhando, Kadir aponta ao longe, refulgindo à luz do sol, destacando-se entre muros bem altos as torres de arquitetura árabe, brilhantes, da cor da neve.

Chegando, Kadir dirige-se educadamente aos guardas dos portões. Estes, porém, parecem ignorá-lo. Desanimado e triste, ele desabafa:

– *Sir Peter*, eles não me ouvem; fingem não me conhecer, imagine! Vou saltar os muros e chamar Omar. Aguarde aqui mesmo, não me demoro.

Rindo, Peter esclarece:

– Kadir, não vê que eles não o reconheceram?

– E o que eu posso fazer?

– Nada, venha. Eu vou requisitar uma audiência com o senhor xeique.

Tomando-o pela mão, como qualquer pai cuidadoso, Peter adianta-se:

– Senhores, sou *Sir Peter George de Lancaster*, da Inglaterra; podem conferir os meus documentos. Requisito uma audiência com o senhor xeique *Amin-Abdul-Amah*!

Um deles examina os documentos e sai em busca do seu superior, que chegando até eles reconhece Kadir:

– Ora, por Allah! Este não é o nosso Kadir? Mas que mudança, hein?

Desconcertado com o ar divertido do outro, Kadir responde:

– Eu estou trabalhando para *Sir Peter*, que deseja conhecer o senhor xeique.

– E pelo jeito, ele lhe trata muito bem, não é?

– Sim, senhor.

– Bem, os documentos do seu patrão estão em ordem. Podem entrar, o meu auxiliar os conduzirá.

– Permite que eu mesmo faça isso?

– Naturalmente, Kadir. Pode ir.

Adentrando aqueles portais, Peter recorda seu castelo e as saudades aumentam.

Enquanto caminham, ele vai confirmando a narrativa de Kadir: os jardins são esplendorosos! Fica encantado com a geometria meticulosa e artística dos canteiros; a profusão e a policromia das flores; a variedade de pássaros voando em liberdade ou em imensos viveiros...

Jamais vira tanta exuberância. Estátuas gregas de mármore ladeiam as diversas aleias. O ar

balsâmico penetra-lhe suavemente os pulmões...

Extasiado, não consegue evitar e compara aquela beleza com os famosos “Jardins Suspensos da Babilônia”, do igualmente famoso rei Nabucodonosor.

Agora transitam por corredores de piso polido e brilhante.

Através dos largos portais em forma de arco, surpreende paredes interiores, luxuosamente forradas com tapeçarias riquíssimas de motivos exóticos.

Os mais variados tons de azul, misturados ao branco, predominam nas diversas decorações.

Criados diligentes passam sorrateiros, carregando travessas com carnes fumegantes, baixelas cobertas, frutas, diversos objetos e cântaros com água.

Kadir, ligeiro, vai à frente conduzindo Peter até um luxuoso *hall*, diante de uma porta de madeira escura, talhada artesanalmente, ante a qual dois guardas negros de pele lustrosa, calções coloridos, peito nu, chapéu característico na cabeça e braços cruzados à altura do peito montam guarda. Parecem dois gigantes de azeviche. Ao verem Kadir e Peter, entreolham-se indagadores.

Diante de um deles, Kadir anuncia:

– Salim, nós queremos ver o senhor xeique.

Abrindo desmesuradamente os olhos, Salim indaga estupefato:

– Kadir! É você?!... Como está diferente! Omar já viu você assim? Ele vai ficar surpreso!

Quanto ao nosso soberano, encontra-se reunido com os chefes das tribos da região e não receberá mais ninguém! São ordens expressas!

– Mas quem deseja vê-lo é o meu patrão, *Sir Peter* e ele é da Inglaterra!

– Também ele, Kadir, terá que esperar.

Desanimado, ele arrisca:

– E Omar, encontra-se no palácio?

– Sim, nos seus domínios.

– A ele poderemos visitar?

– Sem impedimentos; seu patrão já se identificou como membro da embaixada e você é amigo particular do nosso futuro soberano, Kadir.

Respondidas as perguntas, Salim retoma a imobilidade anterior.

Ansioso, Kadir dispara pelos corredores fazendo Peter acompanhá-lo com dificuldade. Mais alguns minutos e eles penetram noutro jardim e noutro palácio, que são uma réplica menor do anterior.

Na porta principal, dois guardas mais jovens, igualmente paramentados, assumem a vigilância e a segurança. Ao verem Kadir, silenciosos, batem a aldrava três vezes no pesado portão.

Um homem de idade madura, vestindo túnica muito alva, vem atender deparando-se com Kadir. Reconhecendo-o, abre largo sorriso.

Sem comentários, analisa a mudança do menino, aprovando tudo com um olhar de satisfação.

Examina os documentos de Peter e, fazendo a mesura de praxe, indica-lhe a direção a ser seguida.

As cores amarelo ouro e o vermelho vivo predominam na réplica do primeiro palácio. Os diversos ambientes revestem-se das cores do arrebol esbraseado daquele país.

Subitamente surge-lhes à frente um belo rapaz de porte avantajado, pele cor de mate, olhos negros e brilhantes, boca bonita, nariz fino e bem proporcionado, cabelos anelados e negros como as asas do corvo.

Percebe-se nele o gosto pelas artes marciais que o desenvolveram, fazendo-o musculoso. Seu rosto é simpático. Ele irradia saber e bondade. Peter simpatiza de pronto com ele.

Olhando intrigado para Kadir, ele explode em sonora gargalhada, deixando-o bastante constrangido. Logo em seguida, notando-lhe o desagrado, desculpa-se:

– Ora, Kadir. Não me leve a mal! Há de convir que mudou bastante! Quase não o reconheço ao lado deste senhor que parece ser seu pai! Não se aborreça, por favor, e perdoe-me o espanto! Devo dizer que você ficou muito bem nessas roupas. Parece até mais adulto!

E o senhor, quem é e o que deseja de nós? Já fui informado de suas credenciais, mas desejo ouvi-lo pessoalmente!

Rindo a tantas observações, Peter saúda-o, reapresentando-se e dizendo a que veio.

Retribuindo a saudação com elegância, Omar convida-o a entrar, enquanto faz o mesmo abraçado Kadir, que já esqueceu os deboches do amigo e vai confirmando alegremente as declarações de Peter:

– Omar, *Sir Peter* é o meu novo patrão. Ele veio conhecer seu pai e você, mas hoje ele está em reunião.

– Realmente, meu pai está enfrentando diversos e graves problemas com o nosso povo. Reuniu-se hoje a um conselho de chefes. Dessa reunião, esperamos que surjam as ansiadas soluções.

Mas que elegância, hein, Kadir? Seu salário é tão bom assim, meu caro amigo?

– Eu não comprei essas roupas. Foram presentes de *Sir Peter*. Como pode notar, mudei igualmente de comportamento. Irei brevemente para a Inglaterra e desde já estou treinando os hábitos e os costumes daquele país.

– Bom para você, Kadir; isso me alegra muito! Todavia, meu caro amigo, sentirei demais a sua falta! Quem sabe poderei visitá-lo?

– Naturalmente! Caso você não possa ir, eu tentarei vir até aqui para vê-lo. Se bem que... temo regressar por causa do meu pai. Você sabe o quanto ele me assusta e me prejudica... Exatamente por causa dele é que desejo tão ardentemente sair de Istambul!

A uma pausa de Kadir, Peter diz a Omar:

– Omar, quero lhe agradecer a amizade sincera dispensada a Kadir durante todos esses anos.

– E eu, de minha parte, na qualidade de amigo dele, também quero lhe agradecer. Finalmente uma boa alma como o senhor o protege de forma segura. Kadir é muito bom, mas sua sorte tem sido bastante adversa.

– Omar – prossegue Peter –, você pretende seguir os passos de seu pai, o xeique, sendo o futuro soberano desse povo?

– Sem dúvida! E para isso me preparo desde já. Recebo aulas de defesa pessoal. Defendo-me muitíssimo bem, com armas ou de mãos vazias. Comandar nosso povo não é tarefa das mais fáceis. Devo ser o mais justo possível.

Quando o meu pai estiver cansado eu o substituirei. Sou instruído para assumir esse futuro. Tenho mestres no palácio; professores das mais diversas matérias vêm até aqui. Quase não saio. É muito arriscado expor-me, a não ser com guarda pessoal.

Meu pai, desde já, pede a minha opinião nos diversos assuntos atinentes à administração do palácio, assim como a respeito das suas ações externas.

Sáímos juntos frequentemente, quando ele sai para pacificar ou para penalizar as revoltas e os revoltosos. Nestas ocasiões, a violência se instala e não é um quadro bonito de se ver.

Minha mãe, zelosa e amedrontada, pede-nos cautela, todavia, devemos cumprir os nossos deveres para com o nosso povo.

Meu pai é justo e de natureza indulgente, lamentando sinceramente quando precisa usar a força.

Além dos estudos, leio as biografias de homens famosos, conhecendo-os e estudando-lhes o caráter e os pensamentos.

Aprofundo-me nas informações sobre as outras raças e os outros povos, a fim de avaliar os diferentes caracteres da Humanidade.

Faço exercícios prolongados de meditação com mestres da yoga. Meu pai deseja que eu exerça não apenas a força física e a autoridade, mas também a razão e o coração, se bem que os sentimentos, por vezes, nos atralhem, como ele mesmo diz.

Peter observa-lhe os trajes vistosos e práticos que lhe permitem ações e movimentos rápidos. Ao lado do corpo, ele carrega uma cimitarra, verdadeira obra de arte. A arma tem o cabo cravejado de brilhantes. Não se contendo, Peter exclama:

– Omar, que bela arma você traz na cintura! Saberá defender-se com ela, caso seja preciso?

– Sem dúvida, veja! – E ele tira a arma rapidamente da bainha encenando no ar movimentos ágeis de defesa. Fá-lo com tal maestria que é aplaudido, entusiasticamente, por Peter e Kadir.

– Esta arma foi presente do sultão de Samarkand, amigo de meu pai. Carrego-a sempre comigo.

– Você não teme o seu futuro?

– Não, senhor, não temo. Estou acostumado a isso e não saberia viver de outra forma. Desde pequeno acompanho meu pai; em sua própria cela, sobre o seu cavalo, mesmo durante as refregas já estive várias vezes.

Ele ensinou-me a suportar o cansaço, a fome, o calor escaldante, o frio e a sede. Demonstra, através dos seus exemplos, que enfrentar a violência faz parte das nossas vidas como soberanos.

Meu pai ama o seu povo e o defende tenazmente. Suas atribuições exigem coragem e muita perspicácia, requerendo justiça e determinação.

Não desejo outra vida. Seguir-lhe-ei os passos e que Allah me proteja, assim como o protege.

– Admiro-lhe a coragem, Omar. Seu pai deve orgulhar-se muito de você!

– Assim é. E o senhor tem filhos?

Peter estremeceu levemente; julgou apreender nos olhos do rapaz uma indagação intencional com respeito a Kadir.

– Sim, tenho; duas filhas lindas: Caroline e Constantine. Ficaram na Inglaterra e morro de saudades!

– Por que está aqui, em Istambul?

– Vim a negócios, Omar. Resolvendo-os, regressarei imediatamente para a Inglaterra. Em



verdade, anseio por isso.

Omar silenciou parecendo abstrair-se. Suspirou interiorizado e após alguns instantes desabafou:

– *Sir Peter*, admiro muito o seu país. Gostaria imensamente de conhecê-lo. Não me pergunte a razão, eu não saberia responder-lhe.

Pesquisei nos livros e nos artigos dos noticiários que falam a respeito. Não devo, porém, iludir-me, provavelmente jamais irei até lá. Os encargos de meu pai o prendem demais aqui em Istambul.

– Quando quiser, poderá visitar-nos! Ser-me-á prazeroso mostrar-lhe a terra que amo profundamente. Conhecerá de perto as belezas naturais e os hábitos do meu povo. Meu castelo está à sua disposição.

– Com que, então tem um castelo?

– Sim, que faz parte do nosso condado de Lancaster.

– Espero ter essa chance, quem sabe? Desde já lhe agradeço o convite!

O coração de Kadir se aperta entristecido. Peter convidou apenas a Omar... Mas, que direito tem ele de esperar mais do que já tem recebido?... Um dia, sem dúvida, Peter o esquecerá, quando o tiver deixado na Inglaterra. E, afinal, não é o que mais deseja? Cabeça baixa, fita o chão polido e não ouve mais a conversa, distanciou-se.

Peter adivinha-lhe o ciúme inesperado e muda o teor da conversa:

– Bem, Kadir me disse que vocês cavalgam muito bem e eu gostaria de constatar. Posso?

Saindo do seu mutismo, Kadir explica a Omar:

– Omar, eu disse também que sei cuidar de cavalos. Pode confirmar tudo isso, por favor?

– Não apenas confirmar, mas também prová-lo. Convido-o, *Sir Peter* a irmos às cavalariças, onde poderemos, ambos, demonstrar os nossos conhecimentos sobre equinos e equitação!

– Omar, quero montar no Flexa-Dourada. Já estou com saudades dele! – responde Kadir, olhos brilhantes.

– *Sir Peter*, cavalgue conosco! Temos bons cavalos e por certo algum deles há de agradá-lo.

– Não desta vez, Omar. Por hoje, quero apenas apreciá-los. Pratico equitação frequentemente. Não faltarão oportunidades para cavalgarmos juntos.

Enquanto caminham, Kadir, vaidoso, vai narrando a sua experiência com Flexa-Dourada:

– Ajudei o tratador a criar o Flexa-Dourada.

Ele comia na minha mão. Dava-lhe mel e farelo quando ele era ainda um simples potrinho. Somos amigos agora. Quando pressente a minha presença, relincha inquieto e feliz.

Eles atravessam diversos aposentos e corredores, até que desembocam num grande pátio quadrado no exterior e circular no seu interior.

Ao se aproximarem do estábulo, ouvem um relinchar entusiasmado. Kadir corre à frente de todos, chegando primeiro às baias. Numa delas, encontra-se um belo corcel cor de café com uma mancha branca entre os olhos.

– Meu amigo, Flexa-Dourada! Quanta saudade, vamos cavalgar?

Em resposta, o animal relincha alto, cava o chão, excitado. Agita a cabeça sacudindo a crina, altivo, concordando.

Omar, por sua vez, encilha outro belíssimo animal e prepara-se para a corrida.

Uma vez montados, eles partem velozes, rumo ao grande espaço que se lhes oferece à frente.

São belos de se ver. Peter fica bastante impressionado com a habilidade dos dois.

Parece-lhe estar numa arena dos circos romanos; com as disputas cruéis, os seus gladiadores... as lutas decisivas de vida ou de morte... Um arrepião lhe corre pela espinha...

Omar, cabelos ao vento, calças bufantes, peito nu, sapatos de couro macio, desafia Kadir, que se esmera e intensifica a corrida. Apesar de vestido em trajes desconfortáveis para este esporte, é digno adversário de Omar, que parece ter nascido sobre o cavalo. Sua destreza é admirável.

Naquele mundo misterioso e belo, Peter pensa:

“Era uma vez um venturoso herdeiro do condado de Lancaster, que por injunções da vida foi parar em um país distante, ali sofrendo as agruras da sorte que lhe foi imposta por mãos criminosas...”

Sorrindo, ele conclui que ‘esta’ história terá um final feliz e que a vida real é muito mais fantástica que a ficção.

Com muita alegria, ele analisa aqueles dois representantes de raças totalmente diferentes, que por circunstâncias várias, encontraram-se no espaço e no tempo e tornaram-se grandes amigos.

Para os dois, pelo menos naqueles instantes, o mundo é bom, sem barreiras, pleno de paz! Esquecidos de tudo, eles vibram apenas em amizade e mútua confiança, entregando-se ao salutar prazer do esporte...

Saindo dali, põe-se a caminhar, analisando minuciosamente tudo que vê:

“Que mundo fascinante! – pensa. Lamentável a constatação de que ao lado de tanta exuberância existem a miséria e a violência... Que ao redor dessa realeza, vivem povos ainda rebeldes e quase primitivos a disputarem o poder temporal e efêmero... Enfim, o homem é ainda um simples devir...”

Subitamente, ouve um grito lancinante, rouco, selvagem, de arrepiar, que o arrebatava das suas ilações. Logo depois o silêncio...

O som veio de forte edificação próxima. Quando chegou, admirou-se daquela construção sólida e intransponível: muros dentados, paredes muito brancas, janelas gradeadas e soldados em profusão. Sem dúvida alguma é uma prisão indevassável...

Os meninos que retornavam sorridentes, afogueados pela corrida, ouvem igualmente o grito e olham-se constrangidos.

Kadir espera de Omar uma explicação para Peter, que está pálido de morte.

– Perdoe-nos, *Sir Peter* – pede Omar –, a inconveniência deste acontecimento. Por trás daqueles muros, aplicam-se as leis do nosso povo. Neste instante, um ladrão teve a mão amputada. Sinto que sua sensibilidade foi duramente agredida. Como anfitrião, peço-lhe humildes desculpas.

Com dificuldade, Peter tenta argumentar:

– Caro príncipe, que infelicidade a minha constatar que nesse momento um homem sofreu tão rude golpe! Quanta dor e quanta humilhação!

Essas leis são cruéis! Jesus veio até nós para exemplificar o perdão. Disse-nos que o Pai não deseja a morte do pecador e sim a sua modificação!

Esse homem ficou mutilado para toda a vida! Será, daqui para frente, praticamente incapaz de trabalhar honestamente! Como esperar-lhe a justa corrigenda? E a revolta que banhará o

seu coração? E não nos esqueçamos da possibilidade de erro no seu julgamento!

Se somos todos falíveis, como nos arvorarmos em juízes do nosso próximo com tal brutalidade? Por Deus, Omar! Meu país abomina esses atos!

– Além de pedir-lhe perdão pelo acontecido, *Sir*, faz parte dos meus deveres recordá-lo que em nosso país não seguimos o seu Jesus e sim as Leis do Alcorão.

– Bem sei, Omar, todavia sentir a proximidade de tanta dor física e moral é muito ruim! Nunca, em tempo algum imaginei-me numa circunstância como esta...

– São leis cruéis, mas são as nossas leis, *Sir*.

Somente o tempo poderá mudar esse contexto.

Para isso, meu pai tenta, desde já, agir de forma mais amena, sempre que lhe é possível. Ele, porém, é também prisioneiro dos nossos costumes, que não se modificarão à socapa, nem de improviso; deverão ser amadurecidos e transformados. É trabalho árduo e penoso, a longo prazo, exigindo para isso a renovação de muitas gerações.

Se o progresso é fatal, certamente tudo se encaminhará para ele.

Aqui nascemos e crescemos submetidos às nossas leis e por força das circunstâncias acabamos nos acostumando a elas.

Esqueça isso e aproveite a sua visita ao nosso palácio. Poderá discorrer a respeito com meu querido pai, o xeique, futuramente.

Agora, convido-os para o almoço. Se eu conheço bem a Kadir, ele deve estar faminto. Vamos?

Altivo, sem esperar resposta, Omar precede-os, rumo aos seus aposentos.

Kadir, silencioso, reflete a respeito de tudo que ouviu.

Peter tem um comportamento diferente de todos aqueles que já conheceu.

Sensibilizado, com o patente abatimento do patrão, tem ímpetos de abraçá-lo, mas contém-se. Afinal, é apenas um criado. Gostaria de vê-lo sorrir de novo. Mas que fazer?...

À volta de uma mesa oblonga, sólida, de pés curtos, eles se acomodam em confortáveis almofadas.

São servidos prodigamente por criados que parecem deslizar sobre o belo piso. Os rapazes comem sofregamente.

Peter serviu-se apenas de alguns frutos. Silenciou e fez-se triste. Kadir conclui, acertadamente, que ele deseja ir-se. Fá-lo entender que já terminou e que está pronto.

Erguendo-se, Peter se recompõe cuidadoso com a sua aparência impecável e dirige-se a Omar:

– Caro Omar, agradeço-lhe tudo que tem feito por Kadir. Sou igualmente grato por essa calorosa recepção. Agora devo ir-me. Espero vê-lo outra vez!

– Agradeço-lhe a visita, que muito me agradou. Num outro dia certamente conseguirá ver meu pai, o xeique.

Essas reuniões são morosas. Existem assuntos a serem tratados entre eles sobre os diversos pontos das divergências.

Neste momento, eles almoçam. Comerão devagar, degustando os alimentos com calma e nisso levarão horas. Logo após, retornarão aos mesmos assuntos.

À tarde, farão um intervalo, no qual ouvirão música e apreciarão as nossas dançarinas. Seguir-se-á a ceia, igualmente longa e regada a vinhos e licores. Entrarão pela noite expondo

os seus pensamentos.

Geralmente, após essas reuniões, meu pai fica cansado e deprimido; sem condições para conhecer pessoa tão nobre quanto o senhor.

Pressinto que os dois serão bons amigos com ótimas chances de trocar experiências muito ricas de ambas as partes, apesar das diferenças étnicas. Meu pai é um homem inteligente e estudioso. O senhor encontrará nele um ótimo interlocutor.

– Agradeço-lhe os elogios, Omar. Transmita ao seu pai, o xeique, os meus cumprimentos com a promessa de aqui retornar em melhor oportunidade. Gostei muito de você; admiro-lhe a inteligência, a cultura e essa sabedoria tão precoces. Até a vista!

– Até a vista, *Sir Peter*. Até logo, meu amigo Kadir. Não desapareça de novo. Me procure mais vezes!

– Farei isso, Omar, se o meu patrão consentir!

– Naturalmente que consinto, Kadir – responde Peter, sorrindo benevolente.

Os dois regressam circunspectos, imersos em seus próprios pensamentos:

Peter analisa esse povo que antes só conhecera através de informações ou de literatura específica, admirando-lhes os diversos caracteres que sobreviveram após tantos invasores. Acima de tudo, eles mantêm suas tradições e as suas particularidades...

Relembra o grito lancinante que ouviu. No mesmo instante, seu pensamento plasmou a imagem assustadora.

Arrepiava-se, lamentando aquele homem que nunca viu, mas que possui sentimentos e emoções como qualquer outro... Deplora igualmente aquele que executou a ordem... Que coisa sinistra, meu Deus!

Rememora, extasiado, a magnificência do Palácio Real do xeique Amin.

Omar também o impressionou vivamente pela postura *sui generis*. Reflete: “Que belo rapaz! Tão novo e tão amadurecido! Tão feliz presentemente e de futuro tão sombrio!... O que o aguardará de fato, pela vida afora? Só Deus pode saber!...”

Vem-lhe à cabeça as figuras de Nacif e Betel. Pensa que Constance gostaria muito de tê-los conhecido, por serem bons e sábios em suas simplicidades.

Enquanto isso, Kadir também analisa o dia e os fatos que se sucederam. Seu patrão ainda está triste, será pelo grito que ouviu ou terá feito algo que o desagradasse? Não se recorda de nada. Foi cuidadoso, educado...

Gostaria de poder perguntar-lhe, como também gostaria de abraçá-lo fortemente, como jamais fizera com quem quer que fosse! Todavia conhece o seu lugar, deve conter-se. Ele poderá julgá-lo atrevido; arriscar-se-á a ser despedido. Não! Será prudente e reservado.

A vida ensinou-lhe duramente que as pessoas se modificam de repente, por motivos aparentemente sem importância. Por muito menos foi espancado tantas vezes...

E assim, ele caminha com cuidado, sem coragem de olhar para Peter; afinal ele pode se aborrecer com sua observação, mesmo que silenciosa.

No coração, o desejo de demonstrar sua disposição íntima para ser extremamente correto em tudo.

Peter pigarreia e ele se sobressalta.

Surpreso, Peter interpela-o:

– Eu o assustei? Perdoe-me, não tive a intenção.

– Ora, *Sir*! O senhor é o meu patrão e como tal nunca deve pedir-me perdão! O senhor terá sempre razão, haja o que houver! – Kadir exulta pela oportunidade de demonstrar seu servilismo.

– Ora, ora, caro Kadir, preciso orientá-lo a respeito de direitos e deveres – declara Peter sorrindo.

– Direitos e deveres? Acredita mesmo que eu deva saber?

– Sim, acredito.

– Então eu devo saber!

Peter sorri e Kadir percebe que de algum modo que desconhece (mas que não importa) conseguiu alegrá-lo. Exclama:

– Que alívio, *Sir*!

– Por que, Kadir?

– Por vê-lo sorrir. Temia tê-lo aborrecido em algo...

– Quando isso acontecer, eu lhe comunicarei, descanse.

– *Sir*, nunca tenho certeza daquilo que faço...

– Por que diz isso?

– Porque preciso ainda aprender muita coisa.

– Quanto a isso está certo. Quero que saiba, entretanto, que quando eu o oriento a respeito do que quer que seja, não estou admoestando-o, estou apenas tentando conduzi-lo de maneira acertada.

– Me desculpe os enganos.

– Tranquile-se, Kadir. Você está sempre tentando acertar! Posso observar-lhe a constante boa vontade.

Esse comportamento extremamente servil foi-lhe inculcado de maneira cruel através da sua vidinha sofrida! Busque soltar-se um pouco, livre-se destes complexos de culpa e sentir-se-á mais seguro!

Estamos apenas conversando e trocando ideias. Respeito você da mesma forma que desejo ser respeitado. Nada impede que sejamos bons amigos, mesmo sendo nós um criado e um patrão, entende?

– *Sir*, não se esqueça de que eu sou de outra raça e de outra posição social. Ensina-me isso desde pequeno e quando esquecia o meu lugar, me lembravam com pancadas e castigos.

– Deploro isso, Kadir. Raça ou posição social não separa os mesmos filhos de Allah, entende?

– Com estas explicações eu acabo por entender melhor, *Sir*. Fico também mais tranquilo, porque temo vir a perder tudo aquilo que me tem concedido!

– Quanto a isso, relaxe, Kadir. Além de não perder, receberá muito mais, confie!

– *Sir*, Allah sabe o quanto eu confio no seu bom coração. Somente ele poderia me trazer o senhor!

– De onde Ele me trouxe, Kadir? – Indaga Peter, divertido-se com a expressão patética do menino.

– Ora, *Sir*, do seu castelo da Inglaterra! – ele responde eufórico.

– Veja, Kadir, chegamos. Vamos entrar e comer. Estamos ambos cansados e famintos.

– Eu, faminto? Comi tanto no palácio de Omar! O senhor sim, deve estar com fome, afinal

nem almoçou.

– Tem razão, sequer almocei. Espero que o *maître* tenha preparado uma daquelas gostosas receitas francesas que me agradam tanto.

Uma vez no hotel, Kadir é todo cuidados. Diligente, arruma tudo com apuro. Requisita a refeição de Peter e põe a mesa do jeito que aprendeu. Age sem fazer qualquer ruído. Não quer incomodar Peter, que se encontra em seu gabinete lendo e organizando a correspondência.

Neste instante, Peter toma conhecimento do andamento das diversas atividades do castelo e das múltiplas atividades das filhas queridas.

Matilde narra tudo na carta.

Ele relê linha por linha com o coração cheio de saudades os bilhetes com gravuras ilustrativas que elas enviaram.

As lágrimas teimam por cair e ele as disfarça. Roga aos céus abreviar a sua estada ali para regressar o mais cedo possível com Kadir.

Aguarda ainda algumas providências legais. Planeja também interligar as coisas boas que ele possui no presente com o futuro próximo, para não deixar um irremediável lapso de tempo em sua vidinha. Os afetos que ele conquistou deverão permanecer para sempre.

Planeja igualmente amparar Nacif e Betel; não sabe ainda como. Jamais poderá ser grato o bastante.

Nestes cismares, ele ouve batidas na porta.

Kadir adianta-se e recebe a bandeja. Transfere os diversos recipientes para a mesa e fica aguardando a presença de Peter.

Peter sai do gabinete e dirige-se ao lavabo. De lá, retorna ainda pensativo.

Kadir apresta-se para servi-lo. Peter impede-o, incentivando-o a sentar-se igualmente e degustar as iguarias que tem ótimo aspecto e aroma agradável.

Constrangido, o menino obedece e aguarda que Peter sirva-se primeiro. Olhando ao redor, Peter observa a boa arrumação feita por Kadir.

– Já fez tudo isso, Kadir? Que rapidez assombrosa! Agora, sirva-se como lhe ensinei, vamos!

O menino atende e o faz de tal forma que Peter sorri, satisfeito. Seguindo os seus planos, ele inicia uma conversação:

– Kadir, já lhe disse o que vim fazer aqui?

– Sim, o senhor me disse que veio a negócios!

– Vim também à procura de alguém.

– É mesmo? Posso auxiliá-lo? Conheço muitos lugares e muitas pessoas.

– Por enquanto não, Kadir, mas agradeço-lhe a boa vontade. Procuo alguém que me é muito caro...

– Ah... deve ser uma mulher..

– Não, Kadir, não é uma mulher. Sou viúvo e continuo amando a minha mulher que se chamava Constance.

– Bonito nome, *Sir*, eu gosto!

– Obrigado... Eu vim em busca de uma criança.

– Então, ela deve ser rica, não é?

– Não, Kadir, não é.

– É menino, ou menina?

- É um menino.
- Que sorte a dele!
- Por quê?
- Porque ele é importante para o senhor! Imagine, vir de tão longe!...
- Acertou Kadir, ele é muito importante para mim!

Peter disse isso com muita emoção.

Kadir ficou pensativo. Perdeu a vontade de conversar. Levanta-se e vai até a cozinha em busca de algo.

\*

\* \*

APÓS OS TRÂMITES das leis de Istambul, Andrew será recambiado para a Inglaterra. Ali pagará os seus crimes.

Yasmine está presa. Edward já se defrontou com as leis divinas.

Se houver outros implicados no processo do rapto, Peter com o tempo descobrirá. Todavia, pressente que somente Jônia e Coriolano, que já estão presos, foram os cúmplices de Edward no castelo.

Peter avisa Kadir que após o desjejum deseja falar-lhe.

Ansioso e diligente, Kadir cumpre suas tarefas rapidamente sem, contudo, menosprezá-las.

Com apuro e distinção, põe a mesa para o *breakfast* e junto a Peter se alimenta.

Ao levantar-se da mesa, Peter parece entristecido, distante...

Kadir sente-se inseguro. Se Peter encontrar a criança que procura, talvez não queira continuar se preocupando com ele... A este pensamento, as lágrimas afluem abundantes. Está extremamente nervoso.

– Kadir! – Peter chama.

Estremecendo, ele enxuga as lágrimas e responde prontamente:

– Já vou, *Sir*!

Estranhando-lhe o tom de voz, Peter indaga surpreso:

– Que houve, Kadir? Está triste?

– Perdoe-me *Sir*. Ontem tive pesadelos e acordei assim, com essa aflição no coração...

– Esteve chorando?

Envergonhado, ele nega com a cabeça.

– Acalme-se, Kadir, e esqueça os pesadelos.

Ouçã, precisamos conversar. Lave o rosto, limpe o nariz e volte aqui.

Obedecendo, ele retorna e senta-se no escabelo, aos pés de Peter, disposto a ouvi-lo atento.

– Kadir, prosseguindo naquele assunto que iniciamos ontem, quero que saiba: a criança que vim procurar em Istambul é meu filho.

– Seu filho?!... Ah, agora entendo porque ela é tão importante para o senhor!

– Exatamente.

– Se o senhor mora na Inglaterra, como seu filho veio para cá? Se é ainda criança...

– Quer conhecer toda história? Posso contar-lhe.

– Sim, senhor! Vou ficar quieto ouvindo tudo. Estou curioso!

Peter fita Kadir, respira fundo e com palavras objetivas e ao alcance do menino, ele narra

tudo: desde o nascimento de Peterzinho, a alegria, o primeiro ano de vida e... o sequestro...

Descreve-lhe as suas dores e as de Constance, com tudo que lhes adveio depois, na tentativa de encontrá-lo, obstinadamente.

A uma pausa mais prolongada de Peter, Kadir exclama:

– Ah, graças a Allah eu agora compreendo porque às vezes o senhor fica tão triste!

Eu o ajudarei a encontrá-lo, se quiser! – Kadir sente uma grande inveja daquela criança tão amada. Sente ciúmes... Quem não gostaria de ser filho de *Sir Peter*?

Apesar dos sentimentos que o assaltam neste instante, as outras crianças iguais a essa que Peter procura são redimidas, diante dele e do preconceito que albergava no coração contra elas... Afinal, se Peter é tão bom, essa criança também deve ser... Quem sabe será seu amigo? Omar é um príncipe e lhe dedica uma amizade sincera!

Introspectivo, silencioso, devido às recordações que ainda o magoam demais, Peter levanta-se e anda pela sala. Falar disso ao próprio filho traz-lhe uma emoção imensa. Precisa controlar-se para não cair em prantos, para não dizer tudo de uma só vez... Kadir precisa ser conduzido, aos poucos, à verdade da sua existência...

Kadir respeita-lhe a introspecção e, levantando-se, procura ocupação.

Peter observa-lhe vaidoso o desenvolvimento físico: já está mais forte, mais alto e mais corado.

Deixará para depois o prosseguimento da conversa esclarecedora. Precisa pôr em dia a correspondência.

Enquanto ele responde as cartas de Matilde e das filhas, Kadir pega alguns livros e, na tentativa de ler os diversos clichês, ouve Peter rir divertido, por causa dos seus naturais erros de pronúncia.





## A REVELAÇÃO

NO CASTELO, MATILDE lê histórias de fadas para as meninas. Imitando as vozes e os gestos das personagens, ela vai ilustrando e colorindo o texto, deixando-as de boca aberta e olhos brilhando.

Finda a leitura e a representação, ela descansa o livro sobre os joelhos, tornando-se introspectiva. Caroline indaga curiosa:

– Em que está pensando, Matilde querida?

– No seu pai, filha. Por onde andará neste momento? E como estarão as providências para encontrar o irmão de vocês?... Somente Deus pode saber...

– Deus e os correios, Matilde! Se você receber outra carta, provavelmente saberá das novidades. Estou com muita saudade! Não aguento mais ficar longe dele! Preciso dizer isto a ele na próxima carta. Não quero mais que ele continue longe de nós! Precisa voltar e ficar aqui conosco! – exclama Constantine, enquanto Caroline conserta:

– Constantine, se ele pudesse, por certo já teria regressado. Eu também estou com saudades!

Emocionada, Matilde abraça as duas, uma de cada lado, aconchegando-as ao coração. Sente saudades de Peter, de Celeste, das crianças, de Still, de Paul... Respira fundo e decide:

– Minhas queridas, vamos à capela, orar? Estamos precisando! Rezaremos por mamãe que está no céu e pelo papai que se encontra distante, aflito, procurando o nosso querido Peterzinho.

– Vamos, Matilde! – concorda prontamente Caroline.

– Eu não quero ir, Matilde – declara Constantine, explicando as suas razões. Lá eu fico com sono e vejo sombras que me assustam!

– Minha pequena, o sono vem porque você não se liga nas orações e as sombras que vê são das árvores balançando e refletindo sobre os vitrais. Não há o que temer!

– Mas eu não gosto de ficar tanto tempo parada, Matilde!  
– Todavia deve ir; pense que mamãe ficará muito contente ao vê-la orando, vamos?  
– Está bem, eu vou! – responde ela contrariada, batendo os pés com força em sinal de protesto, fazendo Matilde e Caroline rirem.

Após as orações, Matilde acomoda-as nos seus leitos e, por sua vez, tenta dormir. Está estranhamente inquieta. Se essa inquietação é triste ou alegre, não sabe.

A longa ausência de Peter a deprime. Já faz três meses que ele partiu e, mesmo escrevendo regularmente, não diz se já encontrou ou se está próximo de descobrir o paradeiro do filho.

Conhece muito bem a delicadeza de espírito dele; seu cuidado em não dar-lhes informações que não sejam seguras. Só conseguiu adormecer pela madrugada.

Recorda que Paul já deve estar retornando da lua de mel. Ele deve estar muito feliz! – pensa.

Relembrando Edward, exclama alto, numa rogativa: “Que os seus pecados encontrem misericórdia diante do juiz supremo! Rezarei sempre por você, Edward!”

Em sonho, surpreende-se conversando com Constance, que de algum modo a tranquiliza quanto às suas ansiedades. Sem registrar as palavras, assimilou a mensagem fraterna, confortadora.

Pela manhã, prepara-se para mais um dia de luta, pela educação e segurança das meninas. Logo cedo a azáfama é grande no castelo. A isso já está habituada.

Para manter as meninas distraídas, resolveu redecorar o quarto delas. Escolhe o papel de parede, os estofados e os tecidos para as cortinas. Elas participam de tudo, alegres e ruidosas.

Quando Peter regressar (provavelmente com Peterzinho) vai encontrá-las mais crescidas e mais ilustradas nas diversas matérias escolares e nas artes da pintura e da música.

\*

\* \*

DIA SEGUINTE, PETER levanta-se decidido a contar tudo a Kadir, antes que outros o façam de maneira intempestiva, ou deixem vazar os resultados das diversas investigações, próximos a ele.

Desde cedo, Kadir desdobra-se nas suas funções.

– Kadir, venha aqui. Preciso falar-lhe! – chama Peter.

– Pois não, *Sir*. E quanto aos trabalhos que ainda não fiz?

– Deixe-os para depois.

– Sim, senhor!

Como das outras vezes, Kadir senta-se no escabelo e silencioso aguarda o que Peter vai dizer.

Ele, por sua vez, respirando fundo, roga forças e inspiração a Deus e à sua amada Constance. Ato contínuo, dirige-se ao menino:

– Kadir, ouça-me com atenção redobrada, por favor. Evite tirar conclusões apressadas como sempre faz, sim?

– Sim, senhor!

– Ontem lhe contei o porquê da minha presença aqui.

Informei-o também do rapto do meu filho Peterzinho. Retomarei a narrativa de onde parei:

Quando saí da Inglaterra, eu já sabia, através das investigações, que meu filho estaria aqui em Istambul. Por isso, vim diretamente para cá.

Todavia, você nem pode imaginar os tormentos e os receios nos quais eu me debatia... E se eu o perdesse depois de ter-lhe chegado tão próximo?...

– E como isso poderia acontecer?...

– Ele poderia sair desta cidade antes que eu o alcançasse!

– Assim como eu quase fui para a Inglaterra antes de conhecê-lo, *Sir*?

– Exatamente! Você entendeu muito bem.

E, se isso acontecesse... Oh, Deus! Todo o esforço de dez anos de procura estaria perdido!...

– Mas, na verdade, isto não aconteceu, não é?

– Não, felizmente. Deus foi providencial, Kadir. No momento mesmo de perdê-lo novamente, eu o resgatei são e salvo.

– Louvado seja Allah! O senhor é muito bom e merece ter o seu filho de volta! E onde ele está? Quero conhecê-lo; acha que ele será meu amigo?

– Naturalmente. Mas ouça-me: para avaliar os prejuízos da vida incerta e triste que ele viveu todos esses anos, longe da sua verdadeira família, eu inventei um expediente para conviver com ele, sem que ele suspeitasse das minhas veras intenções.

– E deu certo, *Sir*? Ele de nada desconfiou?

– Deu muito certo, Kadir. E ele mostrou-se tal qual é: digno, inteligente, trabalhador e responsável. O amor foi preservado em seu coração e a gratidão faz parte do seu comportamento espontâneo.

– Que sorte a dele!

– Por quê, Kadir?

– Por ser seu filho. Agora ele voltará a ser feliz.

Mas não estou me queixando. O senhor é tão bom para mim! Minha sorte mudou muito, desde que o encontrei.

Oh, Allah, se todas as crianças desamparadas encontrassem neste mundo pessoas boas que as auxiliassem!... Elas também mudariam, *Sir*, tenho certeza!

O que Josafá e todos os outros precisam é uma oportunidade como esta! Eles se tornariam melhores, confiariam na vida e mudariam os seus destinos!

Peter concorda plenamente e surpreende-se com a clareza de raciocínio do filho.

– Seguirei sempre os seus exemplos – prossegue Kadir –, mesmo que nos separemos lá na Inglaterra. Assim, não me enganarei quanto ao meu futuro, *Sir*.

– Obrigado, Kadir, sei que está sendo sincero.

Bem, prosseguindo: Nesta convivência saudável, eu o tenho orientado quanto à sua verdadeira vida; aquela que ele herdou quando nasceu. Quando o reencontrei, ele parecia um bichinho desorientado, cheio de medos e de incertezas. Eu precisava saber das suas

possibilidades de vir a ter dignidade e caráter, apesar de tudo que já viveu.

Nestes últimos dias, diante da lei, resgatei sua legítima identidade e o levarei de volta, finalmente!

– Então já está regressando para o seu castelo?... – Kadir indaga isto com voz sumida. Apesar do enorme desejo de ir para a Inglaterra, acostumou-se a privar-lhe a companhia e a solicitude. Lá, estarão separados... Ser-lhe-á difícil prosseguir sem a sua proteção, sem a sua querida presença... E por que não confessar? Ama Peter como a um pai! Jamais amou assim antes, a quem quer que fosse!... Agora, as coisas mudarão e ele voltará a sentir-se sozinho...

Ora, mas não foi esse o acordo firmado entre ambos? De que se queixa?!... Peter tem cumprido todas as suas promessas, ponto por ponto e agora não será diferente!...

Uma grande tristeza alcança-lhe o coração. Jamais fora tão bem tratado, tão respeitado e agora pode perder tudo...

Quer ir de uma vez para a Inglaterra e esquecer tudo que ficar para trás!...

Decide enfrentar a nova realidade e, quase agressivo, com a garganta presa, numa vontade imensa de chorar todas as lágrimas de sua vidinha, pergunta:

– Vai me levar para a Inglaterra?...

Sentindo os conflitos de seu filho, e adivinhando-lhe a natural insegurança, Peter responde-lhe com imensa ternura:

– Se para isso eu vim, filho querido! Para resgatá-lo para o meu coração, para os corações das suas irmãs e por que não dizer, para o coração de sua mãe que jamais lhe faltou com o seu amor maternal, mesmo já tendo deixado este mundo!...

Louvado seja, meu Deus! Louvado seja Allah! Dois nomes e um único Deus que nos protege e abençoa sempre!

Graças por este momento solene e grandioso que vivemos, debaixo do vosso olhar amoroso! Momento há tanto tempo acariciado pelo meu coração de pai!...

Peter está chorando, não pode mais conter-se. Revelar-se ao filho querido toca-lhe todas as fibras da alma.

– Chamou-me de filho querido... *Sir?!...* A mim?!... Não entendo, perdoe-me... Pode explicar-me melhor? E por que chora?...

– Choro de emoção, Kadir. Porque finalmente posso dizer-lhe que você é o meu amado filho; arrebatado dos meus braços e dos braços da sua mãe há quase dez longos anos! Sua família o ama muito, volte para nós!

Kadir levanta-se devagar, confuso:

– Tem certeza de que sou o filho que procura? Não pode estar enganado, *Sir?* Por Allah!...

– Não, Kadir, não estou enganado.

Peter lhe expõe todos os detalhes das provas que confirmam, sem sombra de dúvida, a identidade dele como seu filho primogênito.

O menino anda em círculos. Não sabe o que dizer. Olha à sua volta e as lágrimas impedem-no de ver com clareza os objetos... Sente ímpetos de sair dali correndo... Em vez disso, fita Peter e principia a choramingar...

Depois de alguns minutos, nos quais Peter aguarda silencioso, ele indaga:

– Eu nasci na Inglaterra? No seu castelo?

– Em nosso castelo, filho.

Kadir está perplexo. Precisa entender tudo que ouviu e que chega de roldão, numa enxurrada que o desestabiliza completamente.

Peter respeita-lhe a necessidade de recompor-se diante de si mesmo.

Ele retorna até o escabelo, senta-se e chora. Solta as amarras do coração, pranteando dez anos de dor e sofrimento... Em seguida, escorrega de joelhos no chão e agradece:

– Obrigado, Allah! Mil vezes obrigado! – isso ele exclama inclinando-se várias vezes até o solo, reverente.

Peter ouve os ecos das orações da tarde, cantadas pelos sacerdotes maometanos, nas torres das mesquitas, voltados para Meca... Os sons da prece cantada alcançam longe e se perdem nos ares; parecem adentrar o infinito... Fazem-lhe bem... Do seu coração sobe igualmente um agradecimento a Allah... E roga por este povo que aprendeu a amar...

Kadir olha para ele e em silêncio parece dizer:

“Meu pai... me ajude... não sei o que fazer...” – esperando do pai socorro e proteção, como qualquer criança, de qualquer parte do mundo...

Erguendo-o, com extrema delicadeza; sustentando-o com suas mãos fortes, Peter convida-o:

– Venha para o meu coração, filho! – e arrebatando-o de encontro ao peito, aconchegando-o fortemente.

Nos beijos que se seguem, as suas lágrimas se misturam. E nesse instante solene, Peter sente que alguém mais os abraça; identifica o perfume de Constance e mentalmente lhe agradece do fundo do coração a presença e o auxílio...

Esforçando-se, Kadir enxuga o rosto e pergunta, tentando sorrir:

– Então é verdade? O senhor é mesmo meu pai?

Allah atendeu-me de forma surpreendente! Me Deu-me tudo de uma só vez!

Desculpe-me, mas não sei o que dizer! De uma coisa tenho certeza; estou muito orgulhoso de ser seu filho! Esse era o meu maior sonho! Sonho que eu considerava impossível!

– Eu também sinto muito orgulho de ser seu pai! – Peter abraça-o novamente. Eles permanecem assim abraçados até que mais controlados separam-se, tentando disfarçar tanta emoção.

Nessa noite, ao vê-lo dormindo em paz, Peter escreve para Matilde e para as filhas:

“Cara Matilde, filhas queridas,

Que esta vá encontrá-las em paz!

Finalmente hoje posso dar-lhes boas notícias.

Há algumas semanas, reencontrei e recambiei para o meu convívio o nosso amado Peterzinho.

Nesses anos em que viveu longe de nós, usou o nome de Kadir.

Hoje, ciente da sua real identidade, dorme aqui ao meu lado, em paz e em segurança. Louvado seja Deus!

Ele está bem e saudável.

Numa conversa longa, contei sobre o castelo e falei-lhe de vocês. Ele anseia por conhecê-las.

Aguardo ainda a complementação dos trâmites da lei para reconduzi-lo finalmente para a Inglaterra.

Ele mesmo terá muito que contar, vocês nem imaginam!

Informado por ele próprio das particularidades que viveu aqui, planejo preservar-lhe as amizades verdadeiras, evitando criar um espaço vazio entre este presente e o futuro que o aguarda.

Brevemente estaremos todos reunidos. Sentiremos, sem dúvida, dentro dos nossos corações, com muita alegria, a presença amorosa de nossa amada Constance a compartilhar dessa ventura!

Beijos carinhosos nas minhas queridas princesas e abraços fraternos e cheios de gratidão para você querida amiga.

Do saudoso

Peter”

Pai e filho precisam recuperar o tempo perdido e os dias que se seguem são incomparáveis.

Para Kadir tudo é novo e surpreendente.

Entusiasmado, investindo corajosamente na nova vida, ele dirige-se a Peter:

– Meu pai, e quanto àquele que diz ser meu pai?

– Ele já sabe de tudo e está preso. Exerceu arbitrariamente falsos direitos sobre a sua vida. É provável que passe o resto da vida na prisão pelos crimes que cometeu.

– Por causa dele, quanta coisa perdi na minha vida! Poderia estar agora na Inglaterra ao lado das minhas irmãs e também ter privado da companhia da minha amada mãe!...

– Dou-lhe razão em certos aspectos, noutros não...

– Por quê?

– Porque, se Deus é justo, merecemos os nossos sofrimentos.

– *Maktub!*<sup>1</sup>

– Sim, é o famoso *maktub*, se bem que ele deve ser compreendido de forma mais ampla e mais justa, sem fanatismos. E, acima destas especificações, todos os envolvidos nesta nossa história aprenderam duras lições que valerão para sempre, principalmente nós dois.

Se aquilo que vivemos não foi consequência do nosso presente, deve fatalmente ter sido criado por nós mesmos num passado recente ou longínquo. E assim, apesar de tudo, todos crescemos espiritualmente.

– E como ficam aqueles que nos fizeram sofrer?

– A princípio, serão julgados pelas leis dos homens e mais tarde pelas leis de Deus, que são perfeitas.

Raciocine comigo, filho querido: Você veio para um país que aparentemente nada tinha a ver com a sua realidade. Sofreu na própria pele a dor dos desafortunados, mesmo tendo nascido em berço de ouro...

Por consequência, eu aportei igualmente aqui e passei por momentos cruciantes.

Enquanto convivíamos com uma nova realidade, quitávamos velhas dívidas.

Esgotados os sofrimentos num tempo que é quase sempre menor do que deveria ser, pela misericórdia divina, nos reencontramos para novas oportunidades de felicidade.

– Não consigo entender muito bem, mas o senhor deve estar certo. Eu, porém, continuo lamentando a ausência da minha verdadeira família. Pena minha mãe já ter morrido... Gostaria tanto de revê-la...

– No meu coração, ela continua tão viva quanto antes. Ela dizia que para os que se amam não existe separação, porque se o corpo se desfaz, a alma prossegue seu caminho no além, onde Deus permitir, amando aqueles que deixou na Terra.

– Então, quando eu pedia a Allah para morrer, estava perdendo meu tempo?

– Sim, porque a verdadeira vida prossegue; numa outra dimensão.

– Como nos sonhos?

– Ótima comparação! Você está entendendo. Depois dos sonhos, o que acontece?

– Nós despertamos!

– Pois bem, Kadir, quando morremos, não acordamos mais no corpo de carne, despertamos no ‘outro mundo’, entendeu?

– Sim e gostaria de saber mais sobre essas coisas!

– Por hoje basta, Kadir. Vá brincar ou leia algum livro que lhe interesse, está bem? Noutras oportunidades conversaremos mais, eu lhe prometo.

– Omar é muito sábio, papai! Às vezes ficava tentando explicar-me muitas coisas que ele estuda, mas eu nem sempre estava interessado.

– Pudera, filho, você vivia com fome e medo, enfrentando toda sorte de dificuldades e até violências. Naturalmente, seu único interesse era a própria sobrevivência.

– Um dia Betel me disse: “Querido menino, você ainda será muito feliz. Por enquanto paga as suas dívidas, mas Allah o recompensará depois”...

Nesse dia, eu chorava muito por ter sido espancado por Yasmine. Desesperado, perguntei-lhe: “Quando, Betel, quando?!...”

E ela, olhando para o céu, me respondeu: “Um dia, Kadir, um dia... Tenha paciência, meu querido menino...”

– Ela lhe aconselhava a sofrer com resignação e esperar tempos melhores.

Quando nos purificamos através dos sofrimentos que nos redimem, abrimos espaços para a felicidade, filho, como aconteceu conosco. Betel é sábia, na simplicidade dos bons.

– Gosto muito dela e de Nacif! – conclui Kadir, pensando que deixará os seus amigos.

Entendo-lhe os sentimentos de perda antecipada, Peter declara para animá-lo:

– Amanhã vamos sair para comprar mimos para Matilde e para as suas irmãs. Brevemente retornaremos e devemos levar-lhes presentes típicos daqui, desta terra que por muito tempo foi sua também.

E não podemos esquecer! Urge planejarmos a visita ao xeique Amin! Tenho interesses vários nesse sentido. Quero conhecer em profundidade a sua realidade; antes de vê-lo, já o admiro.

Através de você, tenho vivenciado experiências riquíssimas e algumas, diga-se de passagem, bem exóticas!

- Omar ficará espantado quando souber que sou seu filho!
  - Não conte com isso, Kadir. Seu amigo é bastante perspicaz!
  - Assim como o pai dele?
  - Exatamente. Quanto à visita, devemos marcá-la com antecedência para não nos decepcionarmos novamente.
  - Enfim, acabamos vendo Omar.
  - Sim, foi muito bom, mas desta vez temos menos tempo. Filho, não suporto mais a saudade das suas irmãs!
  - Elas já sabem que retornarei?
  - Sim, escrevi para Matilde a respeito. Elas devem estar ansiosas! Brevemente estaremos em casa, Kadir!
- Kadir silencia entristecido.
- Peter pode entendê-lo; este país é o único que ele conhece... Deixará seus amigos e, entre eles, o Flexa-Dourada.
- Abraça-o pelos ombros, acaricia-lhe os cabelos sedosos e se afasta para ultimar os documentos que entregará às autoridades locais.
- Esses papéis oficializarão em definitivo a repatriação de Kadir à Inglaterra e o reconhecimento da sua legítima filiação.
- Saindo do seu mutismo, Kadir vai procurá-lo e, com voz trêmula, indaga:
- Papai, acha que com o tempo eu me esquecerei de Flexa-Dourada?
  - Não, filho. Se essa separação se concretizar, ele se transformará numa lembrança boa da sua infância.
  - Por que disse: se essa separação se concretizar? Não iremos embora dentro de poucos dias?
  - Sim, iremos. Todavia, confie em mim e aguarde. Por enquanto não faça mais perguntas a esse respeito, sim?
  - Sim, confio muito no senhor; quero que saiba.
  - Eu lhe agradeço, Kadir.

---

⌞ Maktub: particípio passado do verbo *kitab*. É a expressão característica do fatalismo muçulmano. Significa “estava escrito” ou “tinha que acontecer”.





## CRISE EXISTENCIAL

NOS DIAS QUE se seguiram, grato àqueles que contribuíram para o resgate de Kadir, Peter pagou-lhes regiamente.

Quanto a Jacques, que assumiu riscos sem conta, além do pagamento deu-lhe riquíssimo presente de casamento, desejando-lhe venturas. Os dois, num abraço fraterno e emocionado, despediram-se como velhos amigos, prometendo futuras visitas.

Lucien recebeu os seus honorários, satisfeito, e ouviu de Peter palavras de gratidão pelo seu empenho e solidariedade. Ele ficará em Istambul, ocupando a vaga de Jacques.

Planejando descansar algumas horas, Peter recolhe-se ao leito, após um banho reconfortante.

Sozinho e introspectivo, Kadir vai até a janela e olha ao longe, admirando aquela cidade que o viu crescer, assistiu aos seus sofrimentos e agora parece alegrar-se com as suas realizações...

Ela conhece os seus mais caros sonhos, as suas expectativas...

As dores que viveu marcaram-no indelevelmente, no corpo e na alma... Todavia, se algumas pessoas lhe fizeram mal, outras, em contrapartida, lhe fizeram muito bem...

Encontra-se, nesse instante, num estado d'alma indefinível... Sente-se dividido; teme o futuro que desconhece...

Afinal, sair dali não foi o que sempre desejou por anos a fio? E por que agora que realizou os seus sonhos encontra-se inseguro, quase infeliz?!...

Depois de algumas horas de sono reparador, Peter desperta e observa que Kadir está triste; adivinha-lhe os conflitos...

Sentindo a sua presença, Kadir volta-se para ele com olhos suplicantes, brilhando de

lágrimas. Peter acorre solícito:

– Ouça, meu filho: antes de viajarmos, nos despediremos de todos os seus amigos, incluindo o Flexa-Dourada.

Após regressarmos para casa, acredito que o xeique e seu filho Omar nos visitem, oportunamente.

Uma vez em casa, você se envolverá com outros interesses. Nós o amaremos tanto, tanto, que você amenizará essas saudades.

Incapaz de expressar-se, Kadir olha ao longe, introspectivo.

Peter retorna ao seu gabinete de trabalho e ali permanece ocupado por algum tempo.

Quando retorna à sala, não vê Kadir. Olha em volta e não o encontra. Sente-se muito inseguro. O filho querido terá decidido ficar?...

Envolvido nesses pensamentos sai à sua procura, com o coração apertado... Sente-se angustiado. Será que no último momento perderá tudo que reconquistou?

Depois de caminhar muito tempo, para e respira fundo, está tenso. Olha à sua volta e anseia por encontrá-lo.

Envereda por outras ruas e finalmente divisa o vulto do filho encostado a um muro, cismático.

Detém-se, observa-o em silêncio.

Sem notar a presença do pai, Kadir chuta algumas pedrinhas, quando vê um cãozinho aproximar-se. Abaixando-se, passa a falar-lhe, enquanto o animal agita o rabinho, grato pelos carinhos que recebe:

– Meu querido Chicote! Sabe que vou deixar você? Tomara você não morra de fome, meu amigo! Olhe aqui, persiga as pessoas até que elas se lembrem de dar-lhe algum alimento! Gosto tanto de você!... Nunca o esquecerei, Chicote! – Levantando-se, ele fita o céu que principia a estrelar cintilando.

Aproximando-se, com emoção na voz, Peter o chama:

– Meu filho!...

Kadir volta-se bruscamente, como se despertasse de um sonho. Depara-se com o olhar expectante do pai e fita-o como se não o reconhecesse...

Sente-se sozinho, desligado de tudo e de todos... Está atormentado, esmagado pelos próprios sentimentos...

Caminhou por muitas horas, revendo os lugares onde sempre viveu... Sente um estranho remorso por ser feliz... Josafá e os outros não tiveram a sua sorte... Agora, encontra-se no outro extremo da vida; naquele que odiava, que invejava, assim como Josafá também inveja e odeia... Tem-lhe imensa pena... Ele ficará ali, como sempre viveu, sem ninguém por ele... Morrerá, na certa, de forma trágica como tem vivido... E todos os outros também...

Apalpa as roupas e sente o perfume que se evola dos seus cabelos bem tratados... Tem direito a tudo isso? Por que Allah lhe deu tudo e nega aos outros que, como ele foi, são infelizes sem querer?!...

Lágrimas ardentes descem-lhe pelo rosto, abrasando-o.

Peter percebe que seu filho está à beira de uma crise de nervos. A superexcitação dos últimos tempos abalou sua sensibilidade. Uma forte tempestade estruge no seu íntimo, ainda infantil e imaturo.

Explodindo em soluços, Kadir se atira nos braços do pai, indagando:

– Papai, o que se passa comigo? Por que me sinto tão infeliz, se tenho tudo que sempre desejei?!... Por que essa dor aqui dentro do meu peito? Como entender-me?...

Apertando-o fortemente de encontro ao peito, Peter esclarece:

– Filho de minh'alma, neste momento, você está crescendo, amadurecendo espiritualmente!

O seu 'eu' busca a verdade e nestes momentos grandiloquentes que nos alcançam através de Deus e do Seu imenso amor por nós, você busca a si mesmo, neste emaranhado que a vida lhe colocou!

Você é um rio que finalmente encontrou o oceano, após tê-lo buscado por entre tormentos e inseguranças!

Nesses instantes, meu filho, seu destino se liga aos destinos de todas as outras criaturas nas suas aspirações!

No amargor dos anos vividos aqui em Istambul, por circunstâncias que nos fugiram ao controle, você condicionou comportamentos e hábitos que, apesar de não corresponderem aos seus ideais, são-lhe conhecidos! No receio daquilo que virá, sua insegurança o inclina a ficar junto a esse povo que foi o seu por tanto tempo! Sua vontade está dividida, fracionada!

Em momentos como este, filho querido, parece-nos impossível raciocinar ou fazer qualquer escolha, por mais simples que seja!

Todavia, ouça-me e procure entender-me: os novos rumos apontam-lhe o início de experiências num país, que apesar de parecer-lhe distante e estranho é seu, tanto quanto este que por ora está deixando, filho!

Lá está a sua verdadeira família, da qual nunca deveria ter sido tirado! Mas, acima de tudo, Kadir, nossa vera pátria é o Universo e nossa verdadeira família é a Humanidade! Somos todos irmãos, porque somos filhos do mesmo Pai!

Chore, desabafe, mas confie nesse futuro que lhe aguarda de braços abertos! Não lamente sair de Istambul, o seu tempo aqui se esgotou!

Aqueles que ficam ainda fazem parte desse contexto e com respeito aos seus antigos companheiros de sorte, prometo-lhe que de algum modo eu os auxiliarei daqui para frente.

Não pretendo esquecer este país que para nós foi uma afeição reencontrada no espaço e no tempo...

Quando estiver na Inglaterra, não se agaste quanto à sua adaptação. Siga as suas próprias inclinações, preservando os seus próprios valores. A nova vida ser-lhe-á um acréscimo de experiências novas e novos aprendizados, enriquecendo-lhe a existência como um todo.

Por Deus, Kadir, diga que me entende, tranquilize o meu coração! Confie no meu amor!

– Sim, eu confio, meu pai... Perdoe-me a fraqueza e o medo...

– Não há o que perdoar, Kadir. Admiro-lhe o caráter e a fidelidade aos seus afetos. Eu, provavelmente, teria essas mesmas reações; de medo e de incerteza. Assim crescemos, filho, assumindo os nossos desafios com muita coragem!

A justiça divina acima de tudo nos protege, fortalecendo os nossos bons propósitos, porque acima da crueldade e das arbitrariedades de tantos, Deus vela por seus filhos!

Juntos construiremos essa nova etapa da sua vida. Finalmente seremos felizes! Que o seu regresso seja abençoado, filho querido!...

Abraçados num doce amplexo, pai e filho regressam ao hotel...



## ATRIBUIÇÕES

NUM DIA CHEIO de luz e cor, com os sons da Natureza pulsando harmoniosos, no qual a paz parece instalada acima e apesar dos conflitos humanos, Peter e Kadir saem para visitar o xeique, em seu suntuoso palácio de branco refulgente.

Fazem o mesmo percurso da vez anterior, mas o estado de espírito de ambos é diferente.

Kadir vibra feliz pela chance de contar a Omar que Peter, em verdade, é seu pai e não seu patrão.

Peter organiza os diversos pensamentos na intenção de abordar o soberano em diversos assuntos sociais. Tem planos quanto à elaboração de trabalhos de filantropia em Istambul. Se não conseguir a colaboração dele, sempre lhe restará o concurso eficiente da embaixada.

Finalmente chegam e são introduzidos ao interior do palácio.

Num luxuoso *hall* eles sentam-se confortavelmente. O ambiente é majestático.

Peter, elegante e refinado, sente-se à vontade em ambientes como esses.

Distanciando-se, Kadir vai admirar ampla piscina onde nadam peixes de todas as qualidades e cores.

À volta, jardins exuberantes; palmeiras muito verdes ladeiam caminhos sinalados por pedras muito brancas. Impossível não se sensibilizar diante de tanta beleza. Da vez anterior chegaram por outros corredores, passando por diferentes ambientes.

Peter respira profundamente e relaxa.

Uma porta se abre sob o império de mãos fortes e bronzeadas. Um criado ricamente ajazado entra deslizando como se levitasse, calçado em sapatos macios e brilhantes.

Curva-se, respeitoso, fazendo a saudação de praxe diante de Peter e indica-lhe a direção a tomar.

Correspondendo à saudação com uma leve inclinação de cabeça, Peter chama por Kadir e ambos seguem o criado.

Caminham por vários minutos até chegar àquela porta na qual estão os dois gigantes de azeviche, vigilantes.

Vendo-os, eles se afastam, inclinando-se ambos à passagem de Peter e de Kadir para logo depois retomarem a posição anterior, silenciosos e impenetráveis.

Kadir lhes sorri e segue agilmente o pai e o criado.

Várias portas vão sendo abertas, sucessivamente, até que divisam uma maior, branca, de ferro trabalhado em arabescos dourados como filigranas. O guia abre-a e convida-os a penetrarem em outro *hall* que antecede os aposentos particulares do xeique. Em seguida, ele se vai, silencioso.

Outra porta muito alta e larga, esmaltada de branco, pintada com figuras cabalísticas nas cores dourado e azul, extasia e prende a atenção de Peter.

Outro servo, de calções dourados e colete curto do mesmo tecido e cor, deixando à mostra o tórax acobreado, inclina-se reverente e convida-os a sentar-se. Informa-os de que, àquela hora, o xeique medita como de hábito em seus aposentos.

Enquanto eles aguardam, caros leitores, investidos dos poderes que nos são próprios, invadiremos a privacidade do xeique:

Ei-lo, sentado na postura oriental, pernas cruzadas, sobre rico tapete colorido e macio de franjas douradas.

É um homem ainda moço, tez acobreada, cabelos negros encaracolados, rosto fino, de compleição bonita e forte, barba negra e cacheada.

Com as mãos sobre os joelhos, em forma de concha, palmas viradas para cima, olhos fechados, respiração de yogin, ele medita.

Mas hoje, apesar das tentativas de concentrar-se, traz a testa vincada por preocupações que somente a sua cabeça real deve conhecer.

As cortinas transparentes esvoaçam, impulsionadas pela brisa matinal. Perfumes exóticos chegam do jardim e invadem o ambiente de maneira agradável.

Pássaros canoros pousam aqui e ali, emitindo os seus harmoniosos trinos.

Sobre um móvel de ébano em forma de U, lembrando os bancos usados pelos faraós do antigo Egito, vemos um turbante branco, de pregas, rematado com bela plumagem e valioso diamante.

O xeique calça sapatilhas de veludo, macias e bordadas. Veste calções largos à moda do Oriente e túnica longa pregueada e acinturada. Toda essa vestimenta é branca como a neve do Kilimanjaro.

À pequena distância, um menino toca cítara, enquanto em seus pulsos minúsculos sinos tilintam, num acompanhamento suave.

No cérebro poderoso desse régio personagem, imagens e conflitos, referentes às suas atribuições como soberano de diversas tribos. Sente-se atordoado.

Medita sobre a sua atuação junto àquele povo, desde que seu pai o investiu naquele poder, da mesma forma que ele fará com o seu filho Omar... Sente-se inseguro quanto a esse futuro...

Não tem tempo para viver e ser feliz... É escravo do poder que exerce.

Respira profundamente, faz um sinal para o pequeno músico, que para de tocar e sai silencioso.

O xeique repõe o turbante, dirige-se ao gabinete ao lado e ordena aos seus secretários que deem início à ordem do dia, sem nenhum entusiasmo.

Ao ser informado das presenças de *Sir* Peter de Lancaster e de Kadir, desanuvia o semblante e segue para outra sala. Ali, senta-se em almofadões ao redor de uma mesa baixa e ordena-lhes que entrem. Alegra-se que eles tenham vindo, como prometeram.

Introduzidos no ambiente, Peter e Kadir aproximam-se respeitosos.

Adiantando-se, fazendo a mesura de praxe, Kadir anuncia:

– Senhor xeique Amin-Abdul-Amah, este é *Sir* Peter George de Lancaster, meu pai. Ele deseja muito conhecê-lo e por isso viemos.

Com bonomia, ele retribui a reverência e sorrindo indica-lhes os assentos ao redor da mesa.

Antes de acomodar-se, Peter estende-lhe a mão, que ele aperta, forte e educadamente, correspondendo ao cumprimento.

Sentam-se. Kadir olha insistentemente para a saída, o que faz o xeique dizer-lhe:

– Caro Kadir, caso seu pai permita, pode ir ao encontro de Omar, pois sei que é

o que deseja!

– Sem dúvida – anui Peter.

– Então vá, querido menino. Alegra-me vê-lo ao lado do seu verdadeiro pai. Você não poderia ser filho de alguém como Andrew! Agora vejo confirmada a minha intuição desde o primeiro momento.

Sei que nos deixará e apesar de congratular-me com a sua boa sorte, sentirei a sua ausência. Você é de fato um verdadeiro amigo de meu filho! Como príncipe, ele não tem muitas oportunidades de possuí-los e em você ele logo reconheceu alguém digno de sua amizade e confiança!

– Obrigado, senhor xeique. Também sentirei muito a falta de vocês e... do Flexa-Dourada.

– Ah, meu pequeno, disso tenho certeza. E a recíproca é verdadeira!

Kadir afasta-se e o xeique volta-se para Peter:

– *Sir* Peter, meu filho contou-me sobre os contratemplos daquele dia em que nos visitou e eu me encontrava em reunião. Meu filho está vivamente impressionado consigo, como se já o conhecesse de longa data.

– O mesmo se dá comigo, senhor xeique – Peter confirma. Reconhece naquele soberano a simpatia e a dignidade descritas por Omar.

Dobrando as pernas, instala-se confortavelmente nos almofadões e relaxa. Pretende aproveitar o máximo dessa rara oportunidade.

Amin faz soar um pequeno sino de prata e dois servos entram com bandejas, nas quais se veem frutas, carnes assadas, sucos naturais, geleias finas, pães de massa escura, salgados e ainda diversas qualidades de queijos, alguns estranhos a Peter.

Outros chegam com bacias de prata e apetrechos de higiene. Após lavarem as mãos em determinada bacia, enxáguam-nas em outra, na qual boiam pétalas de rosas.

Convidando Peter a segui-lo, o xeique degusta os alimentos com sobriedade e delicadeza. Sugere algumas vezes, isso ou aquilo a Peter, demonstrando alegria quando percebe sua aprovação quanto ao sabor.

Finda a refeição, ambos se levantam.

Convidando Peter, o xeique se dirige a uma estufa.

Lá chegando, aparentemente esquecido da sua presença, ele apanha os apetrechos adequados e começa a mexer, cuidadoso, nos diversos vasos e a trabalhar com sementes, separando-as umas das outras, atentamente.

Voltando-se para Peter, indaga:

– *Sir*, já desenvolveu a germinação de sementes híbridas?

– Nunca. Acho a botânica fascinante, mas nunca dediquei tempo a ela, confesso.

– Pois eu lhe digo: não sabe o que está perdendo! Faço esse tipo de trabalho como um *hobby*, que me distrai consideravelmente. Principalmente hoje necessito desta ocupação, pois me sinto, *Sir Peter*, à beira de uma desagradável depressão!...

– Ora, ora, me parece que não tenho tido muita sorte ao visitá-lo!

Esperava que entre nós houvesse um intercâmbio de ideias, a respeito de assuntos altamente relevantes e que me surpreenderam nas diversas experiências vivenciadas aqui em Istambul de forma inusitada. Carrego hoje objetivos relativos às referidas situações.

– Certamente conversaremos, *Sir*. Estarei à sua disposição dentro de um curto intervalo de tempo. Peço-lhe apenas um pouco de paciência.

– Eu também estou à sua disposição, senhor xeique. Quando desejar, poderei expor-lhe as minhas ideias.

Peter caminha por entre as diversas qualidades de plantas e flores, algumas nunca vistas por ele. Naquela estufa, os vegetais parecem retribuir, vaidosamente, os cuidados e carinhos dos ágeis dedos do xeique. Quanta diversidade de aptidões nesse soberano...

Após um meticuloso trabalho, ele encerra as suas atividades de jardinagem e convida Peter a acompanhá-lo.

Sobem dois lances de escadas, pisando em tapetes macios, que abafam os ruídos dos passos, e adentram luxuoso salão decorado no mais moderno estilo europeu.

Cortinas plissadas caem sinuosas até o chão, vedando levemente a claridade através das transparências dos janelões. Sentam-se ambos em confortável sofá de veludo carmesim.

Respirando fundo e demonstrando algum cansaço, o xeique fala com voz clara e pausada:

– Caro *Sir Peter*, por que desejava conhecer-me? Ignoro os reais objetivos que o trouxeram aqui. As suas inquestionáveis referências me permitiram recebê-lo sem reservas e aqui estamos nós.

– Vem bem a propósito essa pergunta. Agradeço-lhe ter-me recebido.

– Já pude concluir que a sua visita tem propósitos definidos.

– Sim, o primeiro deles é agradecer-lhes a solidariedade dispensada ao meu filho, enquanto viveu aqui, distante de nós, sofrendo como qualquer deserdado do mundo.



Por deploráveis circunstâncias que fugiram ao nosso controle, ele veio parar aqui e aqui permaneceu, sem que soubéssemos, por quase dez anos, enquanto nós à distância sofríamos pela incerteza da sua sobrevivência após o rapto.

Somente há alguns meses é que começamos finalmente a descobrir alguns pontos de referência! As nossas esperanças aumentaram desde então, graças a Deus. Gastei somas consideráveis nessa busca prolongada.

E... vim parar aqui, nesta terra misteriosa e bela. Aqui crescera o meu amado filho.

Quero parabenizá-lo pelo seu. Em poucas horas pude avaliar-lhe o caráter e o saber, acrescidos de uma personalidade forte e lúcida.

– É justamente esse filho amado o motivo da minha depressão.

– Posso perguntar-lhe os motivos?

– Sem dúvida! Alivia-me poder falar a respeito. E desde já o declaro inocente desses meus conflitos!

Desde a última reunião, por sinal naquele dia em que tentou falar-me, carrego incertezas difíceis de superar.

Cheguei à terrível conclusão de que jamais vivi de fato e que jogarei, irremediavelmente, o meu filho na mesma sorte...

Quando herdei de meu pai o poder que hoje exerço, era então muito jovem. A morte de meu saudoso pai foi prematura. Ele perdeu a vida numa escaramuça entre tribos inimigas.

O fato marcou-me demasiadamente, todavia, com o tempo, superei e assumi as minhas atribuições, estas mesmas que atualmente me atormentam...

Luto bravamente para sair vitorioso nas diversas dificuldades sociais e políticas, nas quais sou atirado em defesa do meu povo.

Estarei certo? Serei de fato competente ou engano a mim mesmo e a todos, inclusive ao meu filho?

Somente Allah pode responder-me e hoje, durante a meditação, sequer pude ‘ouvi-lo’... Encerrei os minutos que deveriam refazer-me mais vazio do que antes...

Nem sei por que lhe falo com tanta espontaneidade; estou a cansá-lo com assuntos que fazem parte somente da minha realidade e não da sua...

De onde vem, certamente esses assuntos são considerados folclóricos, quando não exóticos ou mesmo fantásticos.

Somos representantes de dois mundos opostos! E aquilo que tenciona dizer-me será de meu interesse?

Perdoe-me, além de faltar com os mínimos deveres da hospitalidade, estou

sendo bruscamente franco!

– Fique à vontade, senhor xeique, não está absolutamente me cansando, muito pelo contrário.

Mesmo não sendo filho desta terra, posso entendê-lo mais do que pensa. Desde cedo aprendi a admirar o Oriente, misterioso e complexo. Posso compreender e alcançar os conflitos nos quais se debate e afirmo-lhe que eles são providenciais, fazendo-o enriquecer-se espiritualmente cada vez mais. Nessas reflexões, sem dúvida, sua alma se banha de luzes interiores unindo-se ao seu Allah!

Pelos interesses do seu coração, iluminado pela razão, os seus antepassados, e entre eles o seu próprio pai, por certo o secundarão nos seus bons propósitos, sustentando-o poderosamente.

Deve ser extremamente difícil conduzir o seu povo; conciliar, dominar, contemporizar para manter ou restaurar a paz, estimulando o progresso. Sem dúvida alguma, o preço que paga por isso é bastante alto, em forma de desgaste físico e emocional.

Percebo seu filho vaidoso e inquieto por seguir-lhe os passos. Ele consegue avaliá-lo de forma imparcial, separando o pai do soberano e, ao mesmo tempo, fundindo-os fortemente numa admiração sem limites!

Ele, sem sombra de dúvida, será o seu maior incentivador nessa luta por um porvir melhor para todos. Pela descrição que fez da sua pessoa, pude conhecê-lo antes desta oportunidade, que agora nos é oferecida pela vida; ele delineou muito bem o seu perfil.

Momentos de dúvida e de depressão são comuns a todos aqueles que lutam tenazmente por seus princípios e pelos deveres de que são investidos. Só não erram aqueles que nada fazem. Através das diversas experiências repetidas e às vezes sofridas é que iremos aprendendo e nos aperfeiçoando, cada vez mais, no bem e no progresso verdadeiros!

Muito bem impressionado com as ilações de Peter, o xeique exclama:

– *Sir*, enquanto discorria com tanta propriedade sobre assuntos tão profundos quanto graves, aliviou-me em parte o grande peso que hoje parece esmagar-me. Alegra-me tê-lo envolvido em minhas introspecções. Prossiga, por favor!

– Se me permite, agora gostaria de expor-lhe as razões que me trouxeram até aqui.

– Sem dúvida, ouvi-lo-ei com prazer, fale!

– Eu lhe agradeço. Pois bem: desde que aqui cheguei, venho analisando a vida infeliz de crianças e jovens que perambulam pelas ruas, como se fossem almas

penadas ou habitantes exilados de outros mundos que aqui não encontraram espaço digno para sobreviverem. Eles pululam pelos campos e aglomerações urbanas, pedindo sem palavras a ajuda de que necessitam urgentemente!

– *Sir*; esses seres que vagam tal qual párias, sem destino nem ocupação, serão, por força das circunstâncias, os integrantes futuros dos bandos que como selvagens atacam para roubar e matar.

Adultos criminosos os dominam, explorando as suas revoltas, fome e desesperos... Essas inteligências perversas contratam a soldo, meninos mal saídos da primeira infância, como armas mortíferas ou escudos sangrento para especulações marginais. Usando-os, adquirem lucros para depois silenciá-los, eliminando-os ou abandonando-os traumatizados, embrutecidos, mutilados, cegos ou enlouquecidos, nos becos ou nas vielas, nas quais muitas vezes se expõem à caridade pública, inúteis e anulados diante da vida, apesar das suas juventudes...

Sim, sou ciente de tudo isso e não consigo mudar-lhes os destinos!

Enquanto me ocupo com tantas outras atividades que me monopolizam o tempo, chagas como essas estão abertas, assustadoramente perigosas! É mais um dos muitos contextos que me afligem.

– Bem, o meu objetivo principal hoje é trabalhar no sentido de melhorar essa dolorosa situação. E permita-me; espero contar com o seu apoio.

– O que o move, *Sir*? Essa terra não é sua. Por acaso o rapto do seu filho?

– Sim. Meus olhos se abriram para uma realidade que sempre ignorei... Deliberadamente? Não saberia dizer...

– E o que tem em mente?

– Criar instituições educativas e assistenciais que formarão profissionais especializados, voltadas unicamente para aqueles que estão à deriva, sem bússola e sem âncora; principalmente crianças e jovens. Unindo esforços, poderemos muito!

– Essa ideia já me ocorreu tantas vezes... Todavia, sem tempo e sem estímulo, ela nunca saiu do plano subjetivo. Educando a infância e a juventude, teremos uma sociedade sadia e progressista.

– Essa é a meta. Ao formar-se profissionalmente, saindo da instituição, o tutelado será encaminhado para o trabalho digno, dentro da sua qualificação, ganhando os proventos justos que garantir-lhes-ão a sobrevivência.

– Seus anseios vêm ao encontro dos meus. Estas propostas não podem ficar somente na faixa das ideias, deve concretizar-se e, se possível, a curto prazo! A cada instante que passa, outras crianças são atiradas nesse destino infeliz!

– Ratifica então minha intenção? Posso ajuizar diante das suas palavras que tomará parte neste empreendimento?

– Allah é minha testemunha de que há muito venho desejando isso, *Sir Peter*! Ele me oferece, através da sua boa vontade, a oportunidade propícia.

– Mal posso esperar o momento de ver esse sonho realizado.

– *Sir*, fale-me a respeito das dolorosas experiências que viveu por causa do rapto de seu filho Kadir.

– Senhor xeique, é bastante provável que não consiga encontrar palavras suficientes e nem adequadas para descrevê-las...

Agradeço a Deus por tê-lo resgatado, finalmente. Às vezes, desperto com o coração sobressaltado, imaginando ter sonhado... E, mais uma vez e sempre, dou graças ao Pai por ter-me permitido reencontrar o meu querido filho.

– E a mãe de Kadir, como vivenciou essa dor?

– Minha amada e saudosa Constance morreu devido a tantos sofrimentos e ansiedades. Sua saúde sempre foi muito frágil, assim como os seus laços espirituais com este mundo.

Quando ela partiu, eu quase enlouqueci... Não fossem as filhas queridas, certamente eu não teria sobrevivido!...

– Comove-se muito ao falar nela. Seus olhos não conseguem disfarçar a grande comoção que lhe causa sua ausência.

– Ela faz parte da minha existência. Ah, senhor xeique, amor incomparável, único!

– E o seu filho, o que pensa da própria situação?

– Está feliz, mas dividido; entre o que é e o que foi aqui, durante tantos anos. Tem amizades que lamenta deixar; esta terra enraizou-se em seu coração.

– Apesar de tantos sofrimentos?!

– Os seus sentimentos são espontâneos, não racionais.

Aproveitando o ensejo, quero falar-lhe sobre um cavalo de que ele gosta muito e que lamenta ter que deixar quando se for. Se o senhor xeique concordar em vendê-lo, eu pagarei qualquer preço por ele.

– Digo-lhe que tenho meus próprios planos a respeito deste assunto que para Kadir é de importância vital! Aguarde e não se arrependará. Algo mais, *Sir*?

– Sim, há um assunto que me incomoda sobremaneira e que gostaria de dividi-lo consigo, se me permitir. Trata-se de algo muito delicado, ou melhor dizendo, constrangedor.

– Fale, por favor.

– É sobre as leis que regem o seu país e o seu povo. Perdoe-me, se puder, a

ousadia.

Deparei-me, *in loco*, com esta dura realidade quando estive aqui da outra vez. Ouvi da prisão ao lado um grito desumano que me atirou bruscamente num mundo cruel...

– *Sir*, ambos sabemos que este contexto é antigo e que tende a amenizar-se com o passar do tempo. Há que esperar, todavia, que o próprio povo amadureça para usufruir de um progresso que será construído por eles mesmos, através das suas reivindicações ao longo dos anos.

Tomo conhecimento dos diversos sistemas de governo que comandam o mundo atual e, absorvido nessas filosofias políticas, examino-as e me pergunto até quando sustentaremos os ideais dos meus antepassados na execução das antigas leis.

Enquanto preparo Omar para substituir-me, concedo-lhe a oportunidade de ilustrar-se ricamente, com relação ao universo que nos cerca, nos seus matizes tão diferentes, a fim de que adquira as condições de que necessitará para reinar quando chegar a sua hora.

Eu e os meus antepassados seremos um dia apenas lembranças...

Às vezes, parece-me ouvir um clamor surdo, cheio de lamentações, a sair dos seus túmulos ajazados, repletos dos seus despojos pútridos, talvez em consequência dos seus arrependimentos tardios...

Outras vezes, julgo vê-los revoltados a imprecisar contra tudo e contra todos... Será que ainda disputam os gozos que fruíram com as suas tiranias? Surpreendidos numa nova realidade, inconformados, podem mesmo estar ainda à minha volta, nas sombras, dividindo comigo o poder, as honras e as glórias que amavam!...

Meu caro *Sir*, quantas cabeças caíram antes da minha e quando a minha, por sua vez, cairá?!

Onde estarão hoje aqueles que me precederam? Perdidos os exércitos, a posição e o poder, terão tido a coragem moral para defrontarem-se consigo mesmos?...

De algum tempo para cá, não consigo entender-me, creia. Apesar das boas intenções, agimos como senhores da vida e da morte, daqueles que estão sob o nosso jugo!

Peter recorda as palavras de Jesus: “É suave o meu jugo e leve o meu fardo...” E, naquele instante, Constance, instalou-se entre eles em sua memória saudosa, na verbalização sonora daquelas palavras do Mestre dos mestres.

O xeique faz uma pausa, percebendo a abstração de Peter.

Instantes depois, prossegue:

– Quantos nos surpreenderão no mundo das sombras, em suas cobranças cruéis? Muitas delas justas, meu caro *Sir!*...

Usufruímos largamente do poder, do luxo e das múltiplas prerrogativas, como compensação da vida perigosa que assumimos, nas imensas responsabilidades que nos pesam nos ombros de mortais frágeis.

Entretanto, temos consciência de que há o abuso em todos os sentidos. O que nos sobeja fartamente falta a tantos outros...

De que maneira o povo mais carente poderia fugir ou superar esse contexto castrador?!...

Sem acesso aos diversos processos que elevam material e espiritualmente, nascidos em tristes condições, subservientes, girando como satélites ao redor de poderosos como eu, que defesas possuem? Esses pensamentos também fazem parte dos meus atuais tormentos.

– E não são muito diferentes daqueles que me assaltam frequentemente; respeitando as distâncias das nossas realidades e das nossas atribuições específicas!

– Mas conte-me em detalhes os fatos que culminaram com o rapto de Kadir, que o levaram a fazer essa viagem, sobre as investigações e enfim o sucesso. Estou curioso, principalmente porque gosto muito de Kadir e o seu destino muito me interessa, assim como ao meu filho Omar.

– Está bem, ouça:

E Peter conta-lhe tudo, numa narrativa brilhante, emocionada.

O xeique, respeitoso e surpreso, ouve tudo, exclamando ao final da narrativa:

– Louvado seja Allah! Ele os cobriu com a sua proteção. Desfechos como esse são raríssimos, *Sir!*

– Concordo. Senti sua ação poderosa sobre nós. Passei por experiências incríveis e por situações inusitadas. Esse processo contribuiu para uma maior conscientização da minha parte com respeito àquilo que consideramos segurança.

– De fato, muitas vezes perdemos a condição de defender-nos, em meio a acontecimentos que nos surpreendem tragicamente!

– Junto a esses fatos concretos que lhe contei vivenciei surpreso outros de características subjetivas, que me exigiram um urgente esforço para um entendimento espiritual, numa reavaliação existencial que abriu comportas novas em minh'alma, diluindo antigos preconceitos que eu ainda carregava.

– Poderia favorecer-me com mais essa narrativa?

– Sem dúvida – anui Peter, descrevendo os sucessos no manicômio ocorridos com o próprio Edward, que indicaram a responsabilidade dele como raptor, o paradeiro de Kadir e as admoestações que ele mesmo recebeu de uma entidade enérgica e amorosa, quanto à verdadeira justiça.

Aproveitando a oportunidade, Peter narra-lhe os fenômenos que lhe trazem Constance várias vezes.

Amin ouve muito interessado e observa as emoções de Peter ao longo das narrativas.

Após um hiato repousante, Peter conclui:

– Senhor xeique, posso afirmar que, apesar das nossas distâncias étnicas, somos dois pais de família, enfrentando problemas semelhantes.

– E com referência a eles, só investindo num futuro melhor é que estaremos protegendo os nossos queridos familiares.

Todavia, temo que para mim e para o meu povo o amanhã seja sempre e invariavelmente o infernal “tonel das deidades”... Sempre que tentamos mudar, esbarramos num contexto antigo e emperrado.

– Coisa curiosa! Seu filho disse-nos o mesmo em outras palavras!

– Omar é sábio. Espero que tenha os talentos necessários para as mudanças que se estenderão pelos séculos afora, modificando esta dura realidade presente...

Enfim, como nada na Natureza dá saltos, o homem também precisa repetir as experiências da vida de relação, através do tempo.

Nós, aqueles que governam, trazemos sobre a nossa frente a marca dolorosa do peso imenso das responsabilidades.

A prudência aconselha a mudar somente quando se possui os substitutivos adequados para não deixar um vazio perigoso, gerando a anarquia.

Há de ter-se equilíbrio e respeito, para não menosprezar as conquistas de uma raça, numa adaptação temerária, na tentativa de imitar a máquina governamental dos outros países que, se conseguiram algumas vitórias, não alcançaram de fato ainda o progresso equilibrado e nem a tão almejada paz, que parece distanciar-se de todos nós como as estrelas! Vejam-se as guerras frequentes!

– Na sua realidade, elas são mais frequentes e parecem fazer parte da índole do próprio povo; desculpe-me novamente.

– Não precisa desculpar-se, Sir, mais uma vez tem razão. Todavia, observando os países ocidentais, duvidamos sobremaneiramente dos seus reais progressos! Eles não nos servem como exemplo, lamentavelmente.

– Usando as suas próprias ilações, a Natureza não dá saltos e nem o homem no seu aprendizado neste mundo. Mas, apesar de tudo, já podemos avaliar o que foi conquistado quando olhamos para trás.

Os direitos humanos vão sendo defendidos e aos poucos se instalam nos diversos setores da sociedade como um todo.

As vitórias alcançadas nos alegram, estimulando-nos a prosseguir cada vez mais nessa luta, e as aparentes derrotas nos cobram as devidas corrigendas.

As providências concernentes ao futuro nos acenam no presente.

Tomoo como exemplo o progresso dos povos nos Jogos Olímpicos da antiga Grécia; os vencedores vão sendo vencidos, por sua vez, pela superação indiscutível daqueles que os suplantam e que tomam o bastão do progresso, na saudável perseguição da chama olímpica. E muitos outros chegarão, *ad infinitum*...

Dessa forma, as civilizações irão assumindo comportamentos cada vez mais justos e fraternos, baseados na legítima liberdade.

– Ah, a liberdade! Palavra perigosa, *Sir*! Há que ser bem protegida e bem exercitada, na medida certa, para não tornar-se prejudicial!

– Há que aprender-se a exercê-la de forma correta, produtiva e acima de tudo responsável.

Instruir e educar o povo, senhor xeique, este é o caminho certo. Povos mais esclarecidos, conscientes dos seus deveres e direitos, constroem sociedades livres e prósperas!

– Aqui, por enquanto, a liberdade é um sonho distante.

– Que um dia tornar-se-á realidade através de soberanos como o senhor e como seu filho Omar, que amam de fato o povo.

– Ignorando as nossas boas intenções, nosso povo reagirá sempre, contra quaisquer modificações. Somos radicalmente religiosos, obedecendo cegamente aos nossos preceitos.

E apesar das nossas diferenças, cá estamos nós dois, trocando ideias, num diálogo que se poderia considerar impossível.

Nossos anseios são semelhantes, os caminhos é que são diferentes; pertencemos a realidades extremas.

O meu coração cosmopolita abriga o desejo sincero de que todos sejam livres e felizes, todavia devo conformar-me com a minha realidade!

Com Allah governamos e com Allah cresceremos, dentro das reais necessidades da nossa raça!

– Assim espero, senhor xeique Amin. E quanto aos nossos planos de socorrer



as crianças e os jovens abandonados?

– Elabore-os e voltaremos a falar, antes que regresse ao seu país.

– Para mim está muito bem!

– Agora lhe peço vênua para presentear Kadir com o cavalo Flexa-Dourada, permite? Há algum tempo, Omar pediu-me a autorização para isso.

– Ora, ele ficará radiante! Agradeço-lhes, de coração!

Lado a lado, os dois alcançam os domínios de Omar e se deparam com os dois amigos a conversarem alegremente.

Ao vê-los, Omar saúda-os na forma convencional e estende a mão a Peter, que aperta-a correspondendo-lhe ao cumprimento.

– Kadir – diz o xeique –, temos uma ótima novidade para você! Não sei se posso roubar o prazer de Omar em dizer-lhe do que se trata.

Omar, sorrindo, faz um gesto indicando ao pai que pode falar.

– Bem, meu caro Kadir, preciso anunciar a você que Flexa-Dourada já tem um novo proprietário!

Abaixando a cabeça, desanimado, Kadir replica:

– E isto é uma ótima notícia?!...

Bem... de qualquer forma ficarei mesmo sem ele!

Sentirei tantas saudades!...

Peter sorri e sugere intencionalmente:

– Não quer saber quem é o novo dono do Flexa-Dourada?

– Não, só espero que ele cuide direitinho dele! – Assim dizendo, Kadir ensaia sair, para furtar-se a que vejam a tristeza que o domina.

– Ouça Kadir, o novo proprietário saberá cuidar muito bem de Flexa-Dourada, porque ele o conhece desde potrinho e auxiliou na sua criação! Ele e o cavalo são amigos inseparáveis! – acrescenta o xeique, observando-lhe as reações.

Kadir fica confuso. Estanca e regressa sobre os próprios passos. Coração a bater, exclama num fio de voz:

– Quem fez isso fui eu! Esqueceram?...

– Não, Kadir! – respondem em uníssono, pai e filho, em tom de brincadeira.

– Por que brincam comigo?

– Nós jamais brincaríamos com os seus sentimentos, meu amigo – declara Omar, abraçando-o pelos ombros. – Estamos lhe dizendo que o Flexa-Dourada agora é seu! É o nosso presente de despedida!

– Meu? De verdade? Que Allah seja louvado!

Agradeço muito ao senhor xeique e a você, Omar! Que Allah lhes dê muita paz e muita saúde! Ah, e muita prosperidade também!

– Igualmente para você e para o seu pai, Kadir. Seja muito feliz para compensar todos os sofrimentos que viveu! – Leve os nossos abraços para as suas irmãs – complementa o xeique, satisfeito com a alegria de Kadir.

Peter jamais poderá saldar essa dívida de carinho que eles concedem ao seu filho. Ser-lhes-á eternamente grato.

– Vá ver o seu cavalo, Kadir! Ele ficará muito feliz! – o xeique sugere. – Quanto a você e Omar, aproveitem bem o tempo que lhes resta. Sentirão muito a falta um do outro!

Numa disparada, os dois chegam às cocheiras onde está Flexa-Dourada. Este, ao ver Kadir, relincha de satisfação.

Eles montam e cavalgam, lado a lado, por horas inteiras descontraídos.

O xeique e Peter prosseguem em suas confabulações, cada vez mais harmoniosos, transformando-se rapidamente em dois bons amigos.

O dia já anuncia o seu fim com o sol esbraseando o horizonte, quando Peter e Kadir retornam ao hotel, planejando uma visita para Nacif e Betel no dia seguinte.



## DESPEDIDAS

VESTIDOS COM APURO e distinção, pai e filho saem logo após o desjejum.

Percorrendo o caminho que os leva à casa dos seus amigos, Kadir pensa em como sentirá saudades de tudo que está deixando. Já se aproximam do endereço e o coração de Kadir bate forte.

No portão, ele chama e como da outra vez Betel recepciona-os, amável. Entram e se congraçam.

Comentando mais uma vez a incrível semelhança de Peter e Kadir, Betel ouve as declarações do menino:

– Betel e Nacif, *Sir Peter* é o meu pai! Imaginem que ele me procurava há dez anos! Levei um susto quando ele me contou tudo! Eu já estava me preparando para ser amigo do filho dele! Como eu poderia saber que eu era esse filho?

Betel, você estava certa, as tristezas acabaram! Tenho um pai e uma família e vou para a Inglaterra! Tudo que eu sempre quis!

– Você merece, meu filho. “Há tempo para tudo, debaixo do céu ”... Eu não lhe disse? Você é um bom menino e Deus olhou por você.

– Então *Sir Peter* veio à Istambul para procurar Kadir?

– Exatamente, senhor Nacif. Foram dez longos anos de sofrimentos e saudades... Por causa disso, Constance teve abreviada a vida...

– Eu gostaria de tê-la conhecido, *Sir* – afirma Betel.

– Sei que ela teria imenso prazer em conhecê-los e externar a sua gratidão pelo amor que dedicam a Kadir.

– Quando eu estiver na Inglaterra, Betel, mando para você um retrato dela! Posso, papai?

– Naturalmente, filho. Terei muito prazer em escolher um que lhe faça justiça. Constance era belíssima... e boa. Peter se emociona.

– Não consegue esquecê-la, não é, *Sir*? – indaga Nacif. – A sua voz denuncia muita saudade...

– Jamais conseguirei esquecê-la, senhor Nacif. Ela foi, é e será sempre o meu único amor. Para desanuviar, Betel muda o rumo dos assuntos, animando-os com a sua natural alegria e espontaneidade. Depois, conversam sobre a próxima viagem deles.

Pondo Kadir sobre os joelhos, Nacif quer saber:

– Vai voltar para o seu castelo, Kadir?

– Sim, Nacif. Estou tão curioso... Mas, sentirei muito a falta de vocês!

– E quem me auxiliará nas cobranças, meu pequeno?

– Não sei, Nacif... como fará?

– Estou brincando com você, meu querido! Darei um jeito, sossegue! Ficaremos muito felizes sabendo-o ao lado dos seus, vivendo a vida segura que você sempre pediu a Allah. Suas irmãs devem estar ansiosas para conhecê-lo!

– E devem ser muito bonitas! – conclui Betel, amável.

– De fato – intervém Peter –, as duas são lindas.

Caroline saiu à mãe, é meiga e mansa.

Constantine tem temperamento forte, apaixonado. É extremamente impulsiva e dominadora.

– Sua Constantine, *Sir* Peter, deve ter o temperamento das mulheres de Istambul! – exclama Betel, perspicaz como sempre.

Peter conclui que ela tem razão.

Voltando-se para Nacif, declara:

– Senhor Nacif, gostaria de auxiliá-los financeiramente, permitam-me.

– Agradecemos, mas não precisamos. Estamos velhos e o que temos nos basta! – responde ele, delicado, mas firme.

Peter não insiste. Encontrará outro jeito de protegê-los nas debilidades físicas que já se avizinham.

Enfim, os dois se despedem após agradáveis horas de conversação e a degustação de doces, refrescos, geleias e biscoitos deliciosos, tudo feito por Betel.

Ao saírem, prometem vê-los antes da viagem.

Enquanto organiza alguns papéis, Peter observa a luta de Kadir para arrumar as malas, sem contudo, obter sucesso, devido ao grande volume de roupas, livros e objetos. Suando por todos os poros, ele explode:

– Arre! Nestas malas não cabem muitas coisas!

Rindo, Peter aconselha:

– Acalme-se, filho! As roupas serão acondicionadas em malas apropriadas. Depois sobrá lugar para tudo mais.

– Por que compramos tantas coisas? Lá na Inglaterra não tem?  
– Tem sim e muito boas! Mas, estou levando camisas de seda e robes de chambre em tecidos adamascados que somente aqui se encontram em tal variedade e qualidade indiscutíveis.

Para você estamos levando ternos, meias, abrigos de lã e tudo mais que você escolheu.

Alguns dos presentes de Matilde e das meninas também são roupas. Elas vão adorar.

E outras quinquilharias, bonitas e atraentes para os nossos olhos ocidentais.

Estou levando também grande quantidade de sapatos feitos por Nacif.

– E pagou mais caro!

– Sim, porque estes Nacif confeccionou em couro especial, encomendados por mim. O trabalho dele é perfeito e não tem preço.

– Os sapatos que comprou para Matilde e para as minhas irmãs são muito bons e bonitos! Assim, Nacif recebeu de uma só vez uma pequena fortuna!

– Você anotou tudo, hein? De fato, paguei-lhes com certa generosidade para de algum modo auxiliá-los.

– Eles merecem, papai, são muito bons e passam muitas privações...

– Pretendo ampará-los. Por enquanto terão como se sustentar até outras providências.

– E como fará isso? Estaremos longe!

– Encomendarei muitos outros sapatos.

– E o que faremos com tantos?!

– Não serão para nós, meu filho. Serão para as lojas na Inglaterra. Com a exportação de sapatos e dos potes lindíssimos de argila que Betel faz, eles aumentarão o pecúlio, para prevenir a velhice que já se avizinha. Fico imaginando, filho, como farão quando estiverem impedidos de trabalhar?

– Não seria mais fácil dar-lhes uma quantia em dinheiro regularmente?

– Não. Definitivamente não, filho.

Eles são honestos, de caráter ímpoluto e não aceitariam receber um dinheiro que não tivessem feito por merecer.

Kadir silencia. Após alguns minutos, exclama triste:

– Sentirei demais a falta deles!...

– Iremos visitá-los antes da viagem e acertarei com eles as futuras transações.

E agora, deixe estas arrumações e vamos sair. Quero andar por essa cidade enquanto posso.

– E eu também, vamos!

Mais alguns dias e Peter e Kadir visitam novamente o xeique.

Peter e o xeique Amin acertam os detalhes da fundação de uma instituição filantrópica com o objetivo de amparar e educar jovens e crianças.

Omar e Kadir procuram disfarçar a emoção que os invade, face à iminente separação.

Flexa-Dourada é entregue oficialmente a Kadir com os respectivos documentos.

Prometendo visitá-los, o xeique e Omar agradecem a visita. A separação dos rapazes é triste e difícil apesar de disfarçarem o quanto podem. Abraçam-se e, incapazes de falar, olham-se longamente, entre as lágrimas que teimam em cair. Foram longos anos de boa

convivência...

Despedindo-se do xeique, Kadir diz-lhe palavras de gratidão e faz a mesura convencional, profunda e respeitosa antes de sair.

Ato contínuo, segurando o cavalo pelos arreios, sai apressado, sem olhar para trás. As lágrimas caem-lhe abundantes.

Apertando fortemente a mão que o xeique lhe estende, Peter reforça o convite para que vão ao seu castelo, como prometeram.

O xeique Amin está enviando régios presentes para Matilde, Caroline e Constantine.

Além do cavalo, presenteou Kadir também com riquíssima sela ajazada com todos os ademanos orientais de um soberano, ou... de um herdeiro deste.

Dia seguinte, pai e filho vão novamente até a humilde casa de Nacif e Betel, onde as despedidas são mais tristes e comovedoras.

Kadir não contém o pranto que rola à vontade, enquanto abraça fortemente os dois queridos amigos. Será talvez a última vez...

Em seguida, sai correndo pelas ruas, até cansar-se, chorando muito.

Peter beija as mãos calosas de Betel, reverente e grato, abraçando-a em seguida muito comovido e ela deseja-lhes boa viagem e muita sorte, além da proteção de Allah. Em seus olhos claros, muitas lágrimas.

Peter aperta fortemente as mãos de Nacif, enquanto este, a chorar, mal consegue responder-lhe. Sentirão mais do que ninguém a falta de Kadir.

Pai e filho, olhando para trás, divisam-nos ainda abraçados, a acenar até que os perdem de vista...

\*

\* \*

TUDO ARRANJADO, MALAS prontas, passagens nas mãos, eles seguem rumo ao porto.

A Inglaterra os aguarda para um novo tempo.

Já no navio, que aos poucos vai se distanciando, veem Istambul desaparecendo na linha do horizonte...

Peter abraça fortemente o filho, que chora livremente.

Quando nada mais pode divisar, Kadir se desprende dos braços do pai e, descendo rumo ao porão onde está Flexa-Dourada em seus 'aposentos' confortáveis, com tudo que ele aprecia; desabafa sua tristeza. Está inconsolável...

Peter respeita-lhe a necessidade de extravasar a dor da perda e deixa-o à vontade.

Telegrafou para Matilde e para as filhas, avisando-as do dia e hora em que chegarão à Inglaterra...



## EM CASA

NO CASTELO, MATILDE redobra as suas atividades.

Montou com alegria imensa os aposentos de Peterzinho. Cuidou da escolha dos móveis, cortinas, luminárias e o papel de parede. Decorou igualmente com o mesmo carinho o quarto de banho.

Providencial, prepara os empregados dos mais diversos departamentos do castelo de Lancaster para o retorno de Peter.

A alegria explode nos corações pelo regresso de menino. Alguns serviçais, mais amorosos, chegam ao pranto, emocionados.

O condado está em polvorosa. Os assuntos são os mesmos e o bulício fala da expectativa daquela gente simples e agradecida.

– Como estará o nosso querido menino depois de tantos anos? – indaga amoroso um velhinho sentado à de porta de sua casa à sua filha que, diligente, cuida da horta.

– Deve estar muito bonito, papai! – responde ela. – Aquele país, com o seu sol ardente, deve ter-lhe dourado as faces!

Nosso amo também deve ter se beneficiado daquele clima forte e luminoso! Imagino, papai, as lutas que deve ter enfrentado para resgatar o filho, após tantos anos distante... Somente Deus pode tê-lo auxiliado a sair vitorioso, não acha?

– Sim, minha filha! Ele merece, assim como a saudosa *Lady Constance*. Pena não estar viva para ver o filho voltando!

– Do céu ela verá, papai!

Assim falando, a bela rapariga entra na humilde casinha para prosseguir em suas tarefas, enquanto o pai continua tomando sol do lado de fora.

Este se alegra com os passantes, com quem puxa ‘um dedinho’ de prosa. Sua idade é bastante avançada. Nessa alegria saudável, ele vive a sua velhice...

No castelo, as meninas correm de cá para lá atrás de Matilde, tentando auxiliá-la nas diversas providências:

– Caroline – indaga Constantine, – será que o nosso irmão gostará de nós?

– Sem dúvida, Constantine, afinal somos suas irmãs!

– Mas nunca nos viu! Poderá se decepcionar conosco. Deve ter nos idealizado à sua

maneira!

– Mesmo assim, Constantine, ele nos amará! Ah, que saudade de mamãe... Agora que Peterzinho volta para nós, ela não está mais conosco...

– Caroline, esqueceu o que Matilde nos ensinou? Mamãe nos vê sempre e sabe de tudo! Ela, por certo, está mais bem informada que nós, minha irmã!

– É, você tem razão! – e as duas disparam à procura de Matilde, quase colidindo com ela, que chega carregando uma pilha de pratos de porcelana:

– Minhas queridas, tomem cuidado; por pouco estes pratos não se espatifam!

– Desculpe-nos, Matilde! – exclamam as duas em uníssono, com Caroline indagando a seguir:

– Precisa de mais flores, Matilde?

– Sim, meus amores, preciso.

– Vamos pedir ao jardineiro! – completa Constantine.

– São para a capela, minhas queridas! Levem para lá e peçam a Elizabeth que arrume os diversos altares, sim? Vocês poderão auxiliá-la.

Em nova disparada, as duas desaparecem pela porta, rumo ao jardim.

Alguns dias depois, no porto, Matilde, digna, altiva e bela, elegantemente trajada num costume cinza sobre finíssima blusa de cambraia cor-de-rosa, cabelos presos por um coque bem feito no alto da cabeça, nas orelhas o riquíssimo par de brincos que Constance lhe dera, meias de seda e sapatos mocassim pretos, complementados por bolsa do mesmo material e cor, aguarda o navio.

Traz as meninas pela mão, uma de cada lado, vigilante e carinhosa.

Nos seus belos olhos castanhos brilham algumas lágrimas. As meninas percebem-lhe a emoção, mas estão igualmente tocadas pelos mesmos sentimentos.

Olhos fitos no horizonte, as três tentam divisar o navio que chegará trazendo Peter e Kadir.

Um azul forte enfeita a abóbada celeste e Matilde, por várias vezes, já o fitou em prece muda, rogando proteção para a embarcação. Afinal, são tantos os perigos... Que após tantos sacrifícios a fatalidade não os arrebate!

Graciosas nos seus vestidos esvoaçantes, as meninas estão nervosas e inquietas.

Aborrecida, Constantine quer saber:

– Matilde, você acha que eles ainda se demorarão muito?

– Não, minha querida, tenha paciência. Daqui a pouco chegarão!

– Arre, já estou cansada, Matilde!

Matilde a abraça e lhe faz carinhos. Ela se acalma momentaneamente.

Subitamente, Caroline exclama:

– Vejam, lá longe! O navio apareceu! Papai está chegando!

– É verdade, Caroline – conclui Matilde, – eu também estou vendo, finalmente!

Precipitando-se para frente, como a querer voar por sobre o imenso oceano e alcançar o navio, Constantine se solta de Matilde, que lhe sai ao encalço tolhendo-a novamente.

Olhando para Caroline, descobre que precisa tirar o seu lenço da bolsa. Ela está que é um pranto só. Enxuga-lhe as lágrimas e abraça-a fortemente, enquanto o seu próprio coração parece querer sair pela boca.



Saltando sem parar, Constantine grita:

– Mais depressa, navio! Mais depressa!

E, aquele pontinho distante vai-se fazendo maior, enquanto corta velozmente as águas que se lhe contrapõem... Ele parece um grande monstro marinho... No seu bojo, quantas vidas, quantos destinos!...

– Mais depressa! Mais depressa! – prossegue Constantine, enquanto Caroline chora. – Virando-se para irmã, ela exclama:

– Ora, Caroline, agora que ele está chegando, você não precisa mais chorar! – mas, ela também se esforça para conter a emoção que se faz visível em sua voz trêmula e nos olhos brilhantes.

O navio diminui a velocidade e calmamente atraca, fazendo o aglomerado de pessoas se precipitar para ele.

Peter e Kadir aparecem no convés. Peter acena, alegre e emocionado. Já indicou ao filho quem são as suas irmãs, mostrando-lhe igualmente Matilde.

Finalmente em terra, Peter se precipita para as filhas e as abraça fortemente, uma de cada lado. Beija-as inúmeras vezes. Admira-as e exclama, vaidoso:

– Meus amores! Como vocês cresceram! Por ventura eu estive tanto tempo assim longe de vocês?

– Esteve sim, papai! – censura Constantine, dedo em riste.

– Você também pensa assim, Caroline?

– Sim, papai, como você demorou!

– Perdoem-me, minhas queridas! Mas, vejam quem aguarda que terminemos essa sessão de beijos e abraços para ser-lhes finalmente apresentado! – Assim dizendo, ele aponta Peterzinho que, emocionado, sem saber o que fazer, olha para eles.

– É o nosso irmão, papai? – indaga Caroline, analisando-o dos pés à cabeça.

– Sim, filha, graças a Deus consegui trazê-lo de volta, são e salvo!

As duas se aproximam do menino e Constantine é a primeira a falar:

– Seja bem-vindo, meu irmão! Queríamos muito conhecê-lo!

– É verdade, Peterzinho, estávamos ansiosas para vê-lo! – confirma Caroline, aproximando-se mais.

– E eu mal podia esperar para vê-las e dar razão ao nosso pai; como ele disse, vocês são muito bonitas!

Peter vai até Matilde, que chora emocionada. Abraçando-a, fraterno e amoroso, ele declara:

– Minha caríssima Matilde! Como agradecer-lhe pela saúde e beleza dos meus tesouros? Não encontro palavras adequadas e nem suficientes! Jamais encontrarei!

Retribuindo-lhe o abraço, ela enxuga as lágrimas e responde:

– Nem é preciso, Peter! A satisfação nos seus olhos é a minha recompensa! Sinto-me orgulhosa por elas também!

E o nosso querido Peterzinho, como está após tantas peripécias? Neste momento, nossa Constance deve estar vibrando de felicidade, no reencontro desta família que continua sendo dela!

Matilde abraça e beija o menino que controlando-se, emocionado, procura palavras

adequadas para retribuir-lhe o carinho.

Peter os observa e Matilde ouve admirada:

– Muito obrigado, senhora. Meu pai fala muito a seu respeito. Sinto-me honrado em poder finalmente conhecê-la!

Ele se inclina, no habitual salamaleque, diante de Matilde. Ouve as risadas cristalinas das irmãs e cora até a raiz dos cabelos.

Peter abraça-o pelos ombros, solidário.

Kadir descobre que terá muito a aprender naquele país, do qual esteve distante por tantos anos...

Numa confortável carruagem, eles se dirigem ao castelo num alarido agradável e compreensível.

Aproximando-se, Peter divisa uma aglomeração de pessoas a aguardá-los sorridentes no jardim. Todos querem recepcioná-los e rever o querido menino.

Cercam Peterzinho, alegres e barulhentos, cada qual com uma pergunta na ponta da língua para matar as curiosidades.

Peterzinho responde-lhes educadamente e grato pelas demonstrações de carinho e emoção sincera.

Peter não pôde evitar a recordação daquela triste manhã, quando convocou a todos para a busca desesperada e inútil do filho...

Do seu peito desprende-se um profundo suspiro, fazendo Matilde olhá-lo compreensiva, adivinhando-lhe as cogitações íntimas.

Entram e Peter sente-se flutuar, tal a sua ventura em pisar novamente o seu próprio chão... Parece-lhe que esteve séculos distante... Olha cada espaço, por menor que seja, ou tão simples que na rotina da vida não o tenha notado, alegrando-se intimamente.

As meninas falam atabalhoadamente.

Elas fazem mil indagações a Peterzinho, que se esforça para responder-lhes dentro das possibilidades, esclarecendo-as.

Matilde declara:

– Queremos saber todos os detalhes dessa grande aventura! Foi tão longa!... Suponho que também tenha sido difícil e sofrida.

– Sem dúvida, Matilde. Foi mesmo angustiante! Nosso principal personagem dessa ‘aventura’, como diz você, desconhece grande parte dessa empresa, da qual me saí bem, graças a Deus! Não posso negar os medos e as incertezas que me alcançaram ao longo das investigações!...

– Você teve medo, papai?! – inquire Constantine em tom de censura.

– Sim, minha filha. Muito medo de perecer antes de executar os meus planos ou de perder Peterzinho antes de chegar até ele, nos desencontrando, entende?

– Como assim, Peter? – Matilde intervém.

– Ele mesmo poderá responder-lhes.

Filho, o que pretendia fazer no dia em que nos encontramos?

– Sair definitivamente de Istambul; esconder-me num dos navios e fugir.

– Entenderam? Enquanto eu o procurava, sentia que a cada minuto poderia perdê-lo de uma vez por todas! E como puderam constatar, a minha intuição procedia.

Todos se emocionam e respiram fundo, silenciosos. Para descontraí-los, Peter exclama:

– Muito bem! Chega de emoções!

Como diz, muito sabiamente o nosso caro Still, ninguém cozinha melhor que a nossa maravilhosa Matilde! Assim sendo, o que teremos para a nossa refeição? Estamos famintos!

– Na cozinha, estão preparando tudo aquilo de que mais gosta, Peter. Quanto a Peterzinho, ele escolherá, com o seu auxílio, os alimentos que preferir.

Mas, queremos saber de todos os detalhes da procura e do reencontro de Peterzinho, já disse e volto a repetir, não é, meninas?

– É sim, Matilde!

– Papai, onde estão os nossos presentes? – indaga Constantine e, Caroline aprovando a ideia, faz coro com ela.

– Matilde, meninas, nós lhes contaremos tudo, tim tim por tim tim, aguardem, sim? Teremos muito tempo!

Quanto aos presentes, garanto-lhes, superarão as expectativas e materializarão as suas fantasias!

As bagagens estão sendo ainda providenciadas.

Agora, permitam-me, vou fazer uma rápida inspeção no castelo para depois banhar-me confortavelmente na minha banheira preferida!

Enquanto isso, cuidem bem do nosso querido Peterzinho, que se encontra cansado e espantado com essa nova realidade, ou melhor dizendo, realidade antiga mas esquecida. Até a vista!

A passos largos, Peter procura os seus intendentos e em rápidas palavras e algumas caminhadas se informa do andamento de tudo. Sente no contexto geral a competente mão de Matilde, que conduziu tudo, como fazia Constance.

Horas depois, mergulhado em água tépida, refazendo-se do cansaço da viagem, duvida de que esteja mesmo novamente em casa.

Ao redor do irmão, as meninas esticam o interrogatório, crivando-o de perguntas estapafúrdias.

Matilde vem em seu socorro, orienta-o quanto aos seus aposentos e avisa-o de que o seu banho está pronto.

Ele aceita tudo, comovido e desconcertado. Sente-se um estranho diante de tudo e dos costumes do castelo.

Matilde saiu para cuidar de outros interesses.

Sozinho, Kadir descobre o retrato da mãe no corredor.

Parado diante do belo quadro, no qual Constance sorri, carregando uma braçada de flores, ele não consegue desviar os olhos do seu semblante, emocionado.

O cortinado balança e ele se assusta, voltando à realidade.

Vai para os seus aposentos e ali toma o seu banho. Veste, em seguida, roupas elegantes e práticas.

Sente-se cansado. Precisa de algum refazimento íntimo.

Senta-se no desvão da janela e fecha os olhos, interiorizado.

Alguns minutos depois, ele abre os olhos e fita lá fora as folhas das árvores que já começam a ficar vermelhas e amareladas num tom de ferrugem... Os pássaros cantam

alegres e fazem os seus ninhos.

“Aqui foi o meu primeiro ninho – pensa. Um dia me engaiolaram, levando-me para longe, muito longe... Hoje regresso... Allah, faça-me digno herdeiro de todas as expectativas do meu pai! Sinto-me despreparado para tanto!...”

Batem levemente à porta e Matilde entra.

– Meu filho, se não apreciar os pratos que foram preparados, mandarei fazer outros, de acordo com o seu paladar! Vamos descer?

– Sim, vamos e não se preocupe, Matilde. Já estou acostumado com a cozinha inglesa e francesa, gosto muito delas!

– Melhor assim! O que fazia aqui sozinho? Estamos ansiosos por sua presença!

– Desculpe, estava refletindo sobre tudo que me aconteceu e sobre essa mudança radical em minha vida... Temo o que virá. Eu talvez não esteja preparado para corresponder às expectativas de todos vocês...

– Ora, ora, meu pequeno! Tranquelize-se, vamos! Estamos felizes com o seu regresso! Se houver dificuldades, elas serão superadas com facilidade. Suas irmãs que nasceram aqui e nunca se afastaram têm ainda, como você, muito a aprender!

Com o tempo, você se sentirá mais confiante. Este é o seu lar, meu querido, fique à vontade e seja feliz! Venha, suas irmãs esperam por você!

– Onde está papai?

– Ele virá em seguida; deve estar repousando um pouco! A propósito, acabaram de descarregar um imponente cavalo árabe, é seu?

– O Flexa-Dourada já está aqui? Sim, é meu! Onde ele está, Matilde?

– Nas cocheiras. Onde mais poderia estar? – antecede Constantine em sua habitual racionalidade.

– Esperem, por favor, já volto! Ele deve estar assustado; não conhece o lugar e nem as pessoas! E provavelmente sente fome!

– Peterzinho, os tratadores cuidarão dele, descanse! – aconselha Caroline.

– Não e não! Ele precisa de mim! Onde ficam as cocheiras?

– Venha, eu lhe mostrarei – diz Constantine autoritária. – Quero ver esse cavalo!

Aproximando-se das diversas baias, Peterzinho ouve um relinchar muito conhecido.

– Estão vendo? Ele já sabe que estou aqui! Somente eu sei cuidar dele! – Diz ele às irmãs e se precipita para o animal, que sacode a bela cabeça balançando a crina, relinchando forte e alegremente.

Ele beija o focinho do animal, alisa a sua crina e o seu pescoço forte em meio a palavras de alento para acalmá-lo.

Em seguida, procura pelos tratadores, informa-se sobre o tipo de ração que pretendem dar-lhe, acrescenta os nutrientes aos quais o animal está acostumado e declara que somente ele cuidará de Flexa-Dourada. Agradece-lhes e passa a alimentá-lo.

Admiradas, as meninas observam os conhecimentos que Peterzinho demonstra no trato com o cavalo.

Alimentado e calmo, Flexa-Dourada parece entender tudo que o menino diz, balançando a cabeça e relinchando mais alto ou mais baixo como a responder-lhe.

Finalmente os três voltam ao salão de refeições. Matilde já os aguarda, impaciente, com as

iguarias sobre a bela mesa arranjada com classe e delicadeza. Flores e a fina louça fazem um colorido alegre.

Ao chegar, Peter os surpreende barulhentos e gulosos. Junta-se a eles e ouve das filhas as experiências de Peterzinho com o Flexa-Dourada.

Matilde, afável, atende-lhes as mais variadas solicitações.

Profundamente grato e reverente, Peter conclui acertadamente que Paul deve estar saudoso dela... Planeja visitá-lo junto aos filhos e Matilde. Será uma felicidade poder finalmente levar com ele o filho amado que estivera tanto tempo distante...

Finda a ceia, ele pergunta:

– Matilde, já trouxeram todas as bagagens?

– Sim, Peter.

– E quanto ao outro animalzinho? Sabe se o trouxeram?

– Só vimos o cavalo!

– Eu vou conferir pessoalmente. Crianças, venham comigo!

Adiantando-se, ele se dirige ao canil e os filhos o seguem.

Ali, ele indaga:

– Petruccio, já trouxeram o cãozinho?

– Sim, senhor! Como é feio e chorão!

Junto das irmãs, Peterzinho, curioso, aguarda para entender o que se passa.

– Você não imagina, filho, que cãozinho é esse? Magro, feio e chorão?

Espantado, olhos arregalados, o menino pergunta, incrédulo:

– Papai! Por acaso você trouxe... o Chicote?!...

– É esse o nome dele? Eu não sabia, filho!

Petruccio chega trazendo nas mãos um magérrimo cachorro ganindo, inconsolável.

Precipitando-se para o animalzinho, Peterzinho o arrebatou e beija-o seguidas vezes, com os olhos cheios de lágrimas, entre frases entrecortadas de emoção. Atropela-se em variadas perguntas, ora ao pai, ora ao próprio Chicote:

– É você mesmo, Chicote? Como conseguiu pegá-lo, papai? Oh, Allah, eu nem acredito! Que bom, assim você não vai morrer de fome, meu amiguinho!

O bichinho balança freneticamente o rabinho fino, enquanto lambe o rosto e as mãos do menino. Finalmente cansado, deita a cabeça nos braços de Peterzinho e assim fica, feliz, entregue.

– Você pergunta como consegui pegá-lo, filho?

Bastou-me oferecer-lhe comida! Esperei que se alimentasse e logo em seguida enrolei-o numa toalha e levei-o para o navio que já estava atracado no porto. Deixei-o escondido na cozinha, onde trataram dele por uma boa quantia. Não tinha dono, nem destino e agora tem tudo, um dono e uma casa!

– Papai, nem sei como agradecer-lhe!

– Não precisa, meu filho. Ver a alegria dos dois é a maior compensação!

– Chicote! – chama Constantine.

O animal levanta as orelhas, reconhece o próprio nome e saltando do colo de Peterzinho, se acerca dela, farejando com cuidado, tímido, para logo após lhe fazer festa animado. Aos poucos se descontrai e corre ao lado das crianças, numa gostosa brincadeira.

Peter senta-se na confortável *chaise longue* de Constance e fica a admirá-los, extasiado. Matilde se aproxima, senta-se igualmente e fica a observá-los.

Olhando-a com ternura e falando-lhe com delicadeza, Peter conta-lhe alguns detalhes específicos que culminaram com aquela felicidade há tanto almejada por todos.

Naquela noite, em seu próprio leito, ele faz uma real avaliação de tudo que vivera e, relaxando, adormece, grato aos céus por todas as suas vitórias. O seu último pensamento antes de entregar-se ao sono é para Constance.

Despertando pela madrugada, levanta-se e vai procurar os filhos, que dormem profundamente.

Beija as filhas e no quarto de Peterzinho admira-o demoradamente, enquanto relembra o rico berço de sedas e rendas que um dia ficara vazio...

Naquela noite, ele adormecera amado e protegido e despertara assustado e infeliz, sufocado por mãos insensíveis...

Depois a vida difícil e traumatizante, longe, muito longe... O conseqüente esquecimento daquilo que fora e a dificuldade para assumir um contexto estranho à sua alma...

O dia ainda não clareou e ele decide ir à capela.

Surpreende àqueles que durante o sono dos seus senhores vigiam incansáveis. Passa pelos corredores e constata as diversas providências levadas a efeito antes que o castelo desperte. Sorri feliz e conclui que as coisas continuam em ordem.

Atravessa os jardins e admira a lua, maravilhosa, prateada; as sombras das árvores, o seu verde forte e brilhante, os pingos de orvalho, o perfume das flores noctívagas...

As estrelas brilham, faiscando, como a avisar que estão se escondendo para regressarem na próxima noite...

Confortável, no robe de chambre grená que trouxe de Istambul, ele respira a haustos, beneficiando-se do ar balsâmico.

Segue pelo caminho feito de pedras polidas, cercado de florzinhas azuis que conduzem à entrada principal da capela. Contornando-a e abrindo silenciosamente a portinhola lateral, entra respeitoso.

Intimamente aplaude o zelo de Matilde. Tudo está admiravelmente bem cuidado. Flores em profusão e lamparinas que clareiam com tênue luz avermelhada.

A passos lentos, aproxima-se do altar-mor.

Suspira profundamente e eleva o pensamento a Deus:

“Senhor, meu Deus! Graças vos dou por tudo! Por ter resgatado o meu amado filho e por termos regressado sãos e salvos! Espero ser digno de prosseguir contando com a vossa misericórdia, sempre!

Quero oferecer em vosso nome, à minha adorada e saudosa Constance, todas as alegrias que estou sentindo com a volta do nosso herdeiro! Herdeiro da nossa alma e do nosso amor!”

Ajoelha-se, inclina a cabeça reverente e assim permanece, interiorizado por muito tempo. Sente-se em paz.

Em determinado momento, ouve distintamente a voz amada, enquanto dedos ágeis e inconfundíveis acariciam seus cabelos anelados:

“Graças a Deus, meu amor! Você saiu vitorioso sob todos os aspectos!

Principalmente quando soube perdoar e entender as dificuldades daqueles que espiritualmente ainda são tal qual aves implumes! Incapazes de voar!

Estive ao seu lado em todas as circunstâncias, velando e protegendo-o nas aflições que viveu e que estão se encerrando agora, de forma satisfatória e altamente gratificante.

Sejam felizes, pois que já pagamos o preço dessa ventura!

Um dia, estaremos unidos novamente, em nome da vida e desse amor que nos une acima de todas as circunstâncias! Eu os amo, eternamente! Adeus, por enquanto, meu Peter!”

Emocionado, ele implora:

– Amada de minh’alma! Nunca nos abandone! Você faz parte da nossa felicidade! Tudo que vivemos pertence a você igualmente! Que Deus nos abençoe a todos e nos ilumine sempre, minha querida! Aguardarei paciente a oportunidade de reunir-me a você, quando chegar o meu momento e Deus me permitir! Nosso amor é eterno!

O silêncio toma conta do ambiente. Peter levanta-se e retorna aos seus aposentos.

No dia seguinte, ele escreve para o mais recente amigo, o xeique Amin-Abdul-Amah:

“Caríssimo senhor xeique:

Meus cumprimentos respeitosos!

O objetivo desta é informá-lo que fizemos uma excelente viagem. Já nos encontramos em casa e aos poucos, tudo volta à normalidade.

Apesar de estar aqui há apenas algumas horas, Kadir está se adaptando de forma admirável. Após tantos anos, ele dorme novamente entre nós.

Matilde, diligente e perspicaz, preparou-lhe belos aposentos.

Minhas filhas estão felicíssimas com a chegada do irmão que sequer conheciam.

Flexa-Dourada chegou bem e se encontra regidamente instalado nas cocheiras, sob os cuidados carinhosos de Kadir.

Eu trouxe daí um cão vagabundo e sem dono, ao qual ele chamava de Chicote, por causa do rabinho fino.

Assim, ele mantém alguns laços da vida que forçosamente viveu em Istambul, enquanto se adapta totalmente à sua real identidade.

Espero que estejam bem, o senhor xeique e o seu admirável filho Omar, para os quais enviamos saudações fraternas junto à ratificação do convite já feito para que, oportunamente, venham nos visitar aqui em nosso condado de Lancaster.

Encontramos tudo em paz sob a supervisão amorosa e competente de nossa cara Matilde, de quem já lhe falei quando das nossas conversas.

Confirmando a minha gratidão e apreço, subscrevo-me, respeitosamente,

Peter George de Lancaster

P.S.: Ontem recebi de Deus a graça da adorável presença de minha amada Constance. Eu orava em gratidão na capela, quando, subitamente, ela se fez presente e falou-me, como faz muitas vezes.

Como ser suficientemente grato a tantas dádivas, meu amigo?”

\*

\* \*

COM A MISSIVA pronta sobre a mesa, Peter reflete sobre a difícil empresa do xeique e de seu filho... A insegurança faz parte das suas vidas, como a persegui-los, inexorável...

“Enquanto eu possuo paz e segurança para oferecer aos meus filhos, ele espera por Allah, numa vida incerta, cheia de atropelos, exaustiva e por vezes cruel... Que Deus os proteja e ao seu povo, ensejando-lhes paz e prosperidade verdadeiras. Admiro-os, mas lamento-os...”

Ele escreve também para Nacif e Betel, informando-os sobre o sucesso da viagem e das reações de Kadir diante da nova realidade.

\*

\* \*

MATILDE, OBSERVADORA, IDENTIFICOU desde o primeiro instante, ainda no porto, a voz maviosa de Constance a fluir pelos lábios de seu filho.

“Minha querida – pensa, dirigindo-se à Constance – você permanece em tudo e em todos, confirmando a sua amável presença entre nós! Que Deus a abençoe!”

Para ela, durante a ausência de Peter, foram meses de inquietação na condução das meninas e de todo o castelo.

Não fosse a responsabilidade de quantos ali trabalham, felizes e gratos pelos bons tratos que recebem de Peter, e o peso ser-lhe-ia excessivo, certamente!

Os cuidados com as meninas lhe exigiam sempre a maior parte do tempo.

Com o coração apertado a cada diabrura mais perigosa, a um resfriado mais intermitente, aos arranhões ou a algum ferimento durante as brincadeiras, ela temia que o pior viesse a acontecer...

Como daria contas a Peter?! De que forma Peter sobreviveria, caso acontecesse algo às suas filhas?

Graças a Deus ele voltou e está novamente à frente de tudo!

Ainda não sabe se ficará com eles ou se regressará para a Irlanda, ao lado de Paul...

Como a adivinhar-lhe as indagações, na primeira oportunidade Peter aborda o assunto:

– Querida Matilde, felizmente já estou em casa.

Jamais poderei agradecer-lhe o suficiente e de maneira justa tudo o que fez por nós.

Encontrei minhas filhas saudáveis, cultas e principalmente felizes!

Toda essa preleção tem por fim perguntar-lhe o que pretende fazer da sua vida daqui para frente.

Não posso esquecer que o caro Paul abriu mão de sua valiosa companhia para que eu pudesse viajar em busca do meu filho. É minha obrigação deixá-los decidir aquilo que desejam fazer daqui para frente.

Respeitaremos a sua decisão e a de Paul, Matilde querida.

Com o coração aos pulos, enquanto arranja os últimos detalhes da mesa para o almoço, ela responde amável:

– Peter, não precisa agradecer-me! Eu faria tudo novamente e com o mesmo zelo.

Estive aflita pelo seu regresso, devo confessar, porque a cada novo dia, a incumbência de conduzir e zelar pelas suas filhas tornava-se mais difícil, sem a sua autoridade paternal e o seu extremado amor.



– Elas lhe deram muito trabalho, Matilde?

– Não, Peter, apenas os cuidados normais. A cada queda ou elevação de temperatura, eu temia. As coisas acontecem... Somente neste particular é que estive temerosa. No mais, elas são dóceis e amigas e, como pode constatar, estão ótimas!

– Eu nunca duvidei que seria assim, minha boa Matilde.

– Obrigada. Tenho pensado bastante e gostaria de continuar ao lado delas. Estamos muito ligadas e não poderia ser diferente.

Sinto saudades de Celeste, de Paul e de Still, assim como também dos meninos, mas gostaria de permanecer aqui. Com a volta de Peterzinho, você precisará de ajuda para prosseguir educando-os, enquanto retorna aos seus negócios, estou certa?

– Certíssima, como sempre, Matilde! Eu temia que você desejasse regressar para a Irlanda.

As meninas não podem mais dispensar a sua amável solicitude, principalmente porque não têm a mãe. Elas encontraram em você a presença do amor de Constance. Mas apesar da alegria que banha o meu coração, Matilde, eu deixo em aberto a questão, por causa de Paul. Esse querido amigo e parente abriu mão de você, que para ele é a mãe querida e deve sentir muito a sua falta. Converse primeiro com ele, pois que Paul muito nos merece!

Iremos até a Irlanda nos próximos dias, todos nós.

Finalmente Peterzinho conhecerá os parentes de sua mãe. Agora, ouça os planos de filantropia que tenho...

Peter narra-lhe suas intenções de auxiliar as crianças e os jovens desvalidos de Istambul. Sensibilizada, ela ouve aprovando o projeto.

Depois, no seu gabinete de trabalho, Peter chama o filho e indaga-lhe:

– O que pensa do nome que usou durante todos esses anos em Istambul?

– Kadir?

– Sim!

– Eu gosto!

– Gostaria de conservá-lo?

– Sim, mas como? Aqui chamam-me de Peterzinho!

– Podemos legalizá-lo, se desejar.

– Legalizá-lo?

– Sim, acrescentando-o ao seu legítimo nome. Assim: Peter Kadir George de Lancaster, que tal?

– Me agrada muito.

– A mim também, Peter Kadir.

Ambos sorriem satisfeitos e saem abraçados do gabinete.



## OPÇÕES

A VIDA PROSEGUE nas dobras do tempo, flanando aqui e ali algumas novidades que, por sua vez, se transformam rapidamente em rotina.

Dessa forma, vários anos se passaram.

Peter Kadir modificou-se sensivelmente: difícil reconhecer nele o menino de antes, frágil e inseguro. É agora um belo e saudável rapaz, comunicativo e plenamente integrado à nova vida.

Neste momento, ele cavalga pelos campos do condado de Lancaster.

O cavalo relincha feliz e sacode a crina dourada. Os seus olhos redondos e salientes alcançam uma visão plena, sem limites.

– Vamos, Flexa-Dourada, mais depressa! – Kadir o incentiva a uma corrida vertiginosa e ele corresponde, imprimindo força e velocidade às suas vigorosas patas.

Para o rapaz, aqueles sons, repercutindo no chão, parecem bater no mesmo ritmo do seu coração... Os dois estão como a voar àquela hora pelos prados verdejantes, na proximidade do crepúsculo.

Peter, de longe, distingue-lhe o vulto querido e, orgulhoso, fica a admirá-lo. Senta-se no *chaise longue* de sempre e relaxa um pouco.

Suas filhas, agora lindas moças, o descobrem, aproximam-se, beijam-no, amorosas e saem.

Peter fica ensimesmado.

– Entristeceu-se, Peter? É Matilde que chega e indaga.

– Não, Matilde, estou envolvido em minhas recordações... Em minhas saudades.

– De Constance, não é? Jamais superaremos a sua ausência!...

– Veja, Matilde: o arrebol, esta cadeira... O tempo parece não ter passado...

– E quando está na capela, prossegue sentindo-lhe a presença?

– Atualmente, com menos frequência, mas quando se aproxima, quase chego a tocá-la...

– Admiro-os, Peter! Eu jamais conheci o verdadeiro amor! Tive alguns namorados que

não corresponderam às minhas expectativas.

Quando fui trabalhar na casa de Edward, dediquei-me totalmente aos seus filhos. Os anos foram passando e acabei me esquecendo de planejar a própria vida.

– Lamento a sua solidão, Matilde.

– E quem disse que ela existe?

– Não?

– Não, Peter. Com o tempo, descobri que não nasci com inclinação para o casamento. Carrego no meu coração muitos afetos e presentemente amo demais os seus filhos.

– E é igualmente muito querida por todos nós!

– Então, preparem-se para suportar-me na velhice que já se aproxima; com rabugice e tudo!

– Você rabugenta, cara Matilde? Impossível!

– Peter, por que não se casa de novo? É tão jovem, bom e bonito!

– Oh, Matilde! Herdou de Constance os erros tácitos a meu respeito?

Como casar-me se continuo amando-a? Não tenho o direito de enganar alguém. Sinto que Constance se distancia para que eu faça exatamente o que me aconselha agora: refazer a minha vida; todavia, isso não se dará.

– Mas, Peter, você sequer dá oportunidade a quem quer que seja, para conquistá-lo. É visível o interesse que você desperta entre as mulheres! Algumas suspiram a sua simples passagem!

– Você exagera, Matilde! Mas estou determinado a esperar; quero reencontrar Constance, quando Deus nos permitir e ponto final!

– E não se sente só?

– Não! Carrego-a dentro de mim, onde quer que eu esteja! Este amor, Matilde, é definitivo; marcou-me para sempre!

Abstraindo-se, Peter olha ao longe.

Respeitando-lhe a introspecção, Matilde se afasta.

Depara-se com Caroline e Constantine. Elas insistem em engordar Chicote, que resiste bravamente e prossegue magérrimo, ano após ano, apesar de empanturrar-se com as gostosas guloseimas que elas lhe dão. Neste instante, enquanto come, ele olha enviesado para o grande galgo que vez por outra decide dar-lhe uns safanões para mostrar-lhe que ele continua sendo um intruso. Ao ver Peter Kadir que se aproxima, puxando as rédeas de Flexa-Dourada, balança freneticamente o rabicho e se precipita para ele.

Passa por entre as patas do cavalo, desajeitado e ansioso, fazendo-o trotar cuidadoso para não pisoteá-lo. Põe-se de pé, requisitando atenção e carinhos.

Peter Kadir acede e se inclina para acarinhá-lo quando, desastradamente, Flexa-Dourada empurra-o com o focinho e ele cai sobre o animalzinho.

Os dois rolam desajeitados no chão, fazendo as meninas rirem com gosto.

Constantine aplaude e exclama:

– Parabéns, Flexa-Dourada! Nosso irmão só pensa em cavalgar e nos esquece!

Levantando-se, desconcertado, Peter Kadir limpa as roupas e entrega o cavalo ao criado enquanto suspende Chicote que se agita lambendo-o, como a pedir desculpas.

Ao passar pelo pai, beija-o carinhoso e, junto às irmãs, entra em casa.

Peter permanece ali até as estrelas começarem a aparecer, salpicando o céu com as suas luzes. Do seu peito sai um suspiro e ele sussurra:

– Meu grande e único amor, por que se foi?...

Finalmente decide entrar e juntar-se aos outros. Aos poucos se descontraí, alegrando-se com a algaravia dos filhos.

Dias depois, após a ceia, Peter anuncia entusiasmado:

– Tenho no meu bolso algo que vai alvoroçá-los a todos!

– O que é? – perguntam em coro.

– Um telegrama do xeique, avisando-nos que brevemente nos visitarão.

Faz-se um clamor geral.

Matilde sorri satisfeita, as meninas tagarelam animadas e Peter Kadir, silencioso, mal consegue acreditar...

– E então, filho, não diz nada?

– Estou surpreso e emocionado, meu pai. Finalmente, após tantos anos, poderei rever meu amigo Omar!

– E eu, ao xeique!

– E nós vamos conhecê-los! – exclama Caroline.

– Eu não lhe disse, Caroline, que um dia eu conheceria um príncipe? Eu tinha certeza!

Matilde, precisamos decidir logo a minha *toilette*!

– Calma, minha filha – intervém Peter –, eles ainda se demorarão algum tempo!

Como se não tivesse ouvido, ela prossegue:

– Matilde, eu quero um vestido de princesa!

– E para que, Constantine? Você não é uma princesa! – comenta Caroline.

Ignorando a censura da irmã, ela prossegue insistindo:

– Matilde, você me ajudará? Quero ficar deslumbrante!

– Naturalmente, filha. Temos ainda alguns daqueles ricos tecidos que seu pai trouxe de Istambul. Servirão para confeccionar-lhe um vestido principesco! Você vai ficar lindíssima!

– Obrigada, minha Matilde! O que seria de mim sem você?



## O PRÍNCIPE

NO DIA DA chegada da comitiva do xeique, estão todos no porto a esperá-los. Empertigadas nos seus trajes, as meninas estão bonitas e ansiosas.

Constantine, vestida da forma que desejava, parece mesmo uma princesa oriental. Ela definiu com minúcias o traje desejado e foi de tal forma exigente que muitas vezes chegou às lágrimas, quando Matilde não conseguia alcançar-lhe as ideias.

Agora, nas formas bonitas que chegam com a transformação física, naturais da idade, o vestido de princesa, como ela queria, cai-lhe muitíssimo bem, destacando-lhe a beleza loura e sedutora.

Admirando-a, Matilde reflete:

– O que se passará nessa cabeça? Que sonhos Constantine acalenta em seu coração jovem e ardente?

Caroline, vestida à inglesa (aceitara as opiniões de Matilde e da preceptora), está muito elegante.

Expectantes, eles fixam os olhos no horizonte.

Peter e o filho, elegantíssimos, não deixam dúvidas quanto às suas semelhanças físicas e espirituais.

Finalmente, o navio começa a surgir ao longe, como um pequeno ponto sobre as águas.

No castelo, as providências estão à altura da importância e dignidade dos hóspedes. Um andar inteiro foi reservado para eles.

Nele, encontrarão todas as comodidades às quais estão habituadas. Matilde contratou cozinheiros e serviçais turcos.

Flores lindíssimas enfeitam o castelo.

Os diversos segmentos do condado, nas suas mais variadas atribuições, estão à disposição dos régios visitantes.

O que parecia um pequeno ponto no horizonte, sobre as águas, cresce, alarga-se, aproxima-se, cortando com força o imenso oceano, espalhando para os lados as suas vagas marulhasas, rematadas de rendas brancas e espumantes...

Aves marinhas esvoaçam aqui e ali pescando.

Enfim, o grande navio costeia, e aos poucos para.

No convés, Amin e o filho, ricamente ajazezados nos seus trajés típicos, acenam para Peter e seu filho.

Os seus rostos bronzeados se destacam em contraste com o branco refulgente das suas vestes.

Ao redor deles, pares de criados nas suas vestes características vigiam.

É um espetáculo deslumbrante; as meninas estão boquiabertas.

Constantine parece uma bela obra de estatuária.

No coração descompassado, a negação da sua aparente insensibilidade. Suas emoções são surpreendentes; impossíveis de serem racionalmente analisadas por um coração tão jovem...

Aqueles personagens fantásticos se movem teatralmente, morosos, medindo passos e gestos, num ritual fascinante.

A comitiva segue-os de perto, com apetrechos, leques, almofadas, baús, cestos, volumes de todos os tamanhos, pequenos viveiros, jaulas, armas etc.

No centro do grupo responsável pela segurança, pai e filho se inclinam reverentes, na saudação do salamaleque diante de Peter e de Peter Kadir, estendendo-o à Matilde e às meninas como um todo.

Após o cumprimento de mãos, eles se abraçam efusivos.

Peter observa Constantine; ela demonstra estar fascinada, não conseguindo disfarçar seu entusiasmo diante da 'pompa e circunstância' que tem diante dos olhos.

Caroline, por sua vez, sorri divertida; julga estar vivendo uma das histórias que Matilde lhes contava quando pequenas. Procura analisar tudo que vê, imparcial e serena.

Depois das apresentações, uma vez no castelo, confortavelmente instalados, o xeique e Omar concluem que na Inglaterra respira-se uma atmosfera relativa de paz e segurança.

Compreendem *in loco* o porquê das reações de Peter diante das leis da Turquia.

Todavia, ambos, de comum acordo, jamais assumiriam um *modus vivendi* diferente do contexto de sua raça, enquanto isso não lhes chegar naturalmente, como resultado dos processos: religioso, político e social.

Aproveitando a ocasião, orientado por Amin, Peter planta as diversas sementes trazidas por ele numa das estufas do castelo, que nada fica devendo àquela do palácio de Istambul.

À noite, após uma lauta ceia, os jovens reúnem-se no grande salão de jogos.

Na biblioteca, maravilhado, Amin admira um verdadeiro tesouro em obras da literatura mundial de todas as épocas. Esses livros são cuidadosamente compilados por Peter. Junto ao seu anfitrião, ele admira e analisa as referidas obras muito interessado.

Matilde desdobra-se para deixar os convidados à vontade, organizando e conduzindo tudo de acordo com os desejos de Peter.

Nessa intenção estão envolvidas a maior parte dos que trabalham no condado.

Caroline não se cansa de admirá-los nos seus comportamentos para ela surpreendentes.

Mas, nesse conagraçamento, todavia, há alguém que além de estar literalmente encantada, surpreende-se subitamente interessada pelo príncipe. É obvio que este alguém é a nossa temperamental Constantine.

Omar fica envaidecido. Incentivará, sem dúvida alguma, essa fascinação inesperada de jovem tão bela e filha de outra cultura... Excitado, ele aceita o jogo sutil que ela lhe oferece de sedução... E assim, os cabelos dourados e os lindos olhos azuis de Constantine passam a ocupar-lhe os pensamentos.

Nesse momento, aparentemente distraído ante os olhares da jovem e relativamente descansado da viagem, ele conversa com Kadir:

– E então, meu amigo, como se sente nesta nova vida?

– Muito bem, Omar. Sinto-me realizado.

– Isto é patente; basta olhar para você!

Quem diria que aquele garoto raquítico, sujo e assustado se transformaria no belo rapaz que vejo agora! Noutro lugar, eu não o reconheceria, Kadir!

– Peter Kadir George de Lancaster! É este agora o meu legítimo nome, Omar. Adotei o nome Kadir, a conselho de meu pai, para conservar a identidade que usei em Istambul.

– Soa bem, parabéns, Peter Kadir.

– Obrigado! E você, Omar, como pôde crescer tanto assim? Parece uma palmeira batida pelo vento!

– Meu amigo, agora sou um homem e não mais um adolescente. Além disso, como sabe, pratico exercícios físicos intensos.

– Violentos, eu diria.

– Que seja! De minha força física e de minha destreza dependerão, muitas vezes, minha própria vida, as vidas daqueles que estiverem sob a minha proteção e a defesa dos nossos bens. Devo estar sempre preparado.

– Eu sei, Omar. Continuo, à distância, admirando a sua coragem. Curvo-me diante do seu inquestionável valor. Rogo sempre a Deus que proteja você e a seu pai.

– Agradeço-lhe a amizade que, posso constatar, não se ressentiu com a distância e os votos que faz para as nossas vidas. Você está estudando muito?

– O suficiente! Fico empolgado a cada novo ano e a cada nova matéria! Tenho resgatado com esforço e determinação os anos que perdi em Istambul.

– Depende do ângulo de visão, Kadir.

Não foram anos perdidos, porque não é qualquer rapaz da sua idade, oriundo de um país como o seu, que pode ter no seu *curriculum* conhecimentos tão profundos do Oriente.

– Concordo, Omar, tenho consciência disso. Em Istambul, vivi experiências valiosas, algumas sofridas...

– Seu pai deve sentir-se muito orgulhoso de você.

– Espero que sim.

– Não seja modesto! Nota-se um brilho vaidoso nos seus olhos quando ele discorre sobre as suas conquistas!

– Espero, de algum modo, compensar-lhe as dores que sofreu: primeiro com o meu

sequestro e depois com a perda irreparável de minha mãe. Ele a amava demais e nunca se conformou com a sua morte.

– Lamento.

Os dois se interiorizam e silenciam.

Omar reflete sobre a atuação da mãe de Kadir, abnegada e presente nos diversos cometimentos da vida dos filhos. Sua mãe nunca teve autoridade sobre ele. O pai tomou as rédeas do seu destino desde cedo. Todas as suas recordações são feitas da presença paterna.

Ele deseja ser a cópia fiel do pai, soberano de um povo que ele também conduzirá. Neste sentido, protege-se de sentimentos mais profundos, estimulando sempre, em si mesmo, a razão clara e lúcida. Apesar da boa índole, previne-se das emoções que poderiam abrandar-lhe o caráter forte que raia pela temeridade, determinante na sua vida de guerreiro.

Dia seguinte eles decidem cavalgar como nos velhos tempos e realizam esse intento por horas a fio, excedendo-se em habilidade e coragem, rindo gostosamente de tudo ou de nada, pelo simples prazer de estarem juntos.

Descansam à sombra de um frondoso carvalho, respirando fundo, refazendo-se e gozando o ar balsâmico, quando divisam uma bela amazona que se aproxima velozmente. É Constantine.

Omar apresta-se a auxiliá-la a desmontar, enquanto Peter Kadir, atraído por um ninho de pássaros, vai até eles para observá-los mais de perto.

– Obrigada, príncipe Omar! – diz ela faceira.

– Que tal tratar-me apenas por Omar?

– Se lhe agrada, concordo! Omar, diga-me: gosta do meu país?

– Muito!

– E quanto ao seu?

– Amo-o, ardentemente!

– Com sentimento tão extremado, sobrarão lugar no seu coração para mais alguém ou pretende ser um celibatário?

– Dar-lhe-ei as respostas e começarei pela última: não. E quanto à primeira, sim! Um dia amarei uma mulher tanto quanto a minha terra, com a mesma paixão! E você, poderá amar assim, com tal fôlego e determinação?

A moça estreme e Omar, satisfeito, registra-lhe os sentimentos.

Ambos silenciaram.

Ela, arguida, procura a resposta adequada, tateando em terreno desconhecido:

– Eu? Talvez, quem sabe? Se alguém merecer tal sentimento!

– E por um amor assim, deixaria tudo para trás? Omar, ousado, foi mais longe.

Apanhada de surpresa, ela mais uma vez vacila:

– Não sei... mas, minha mãe ao casar-se deixou a Irlanda onde vivia e veio para a Inglaterra. Antes havia saído da sua amada Escócia pela morte de seu pai... Apesar de tudo, ela foi muito feliz!

Sempre existem fatores determinantes, decidindo por nós o nosso futuro. No momento,



falta-me pontos de referência a fim de que possa avaliar os fatos e as consequências daquilo que eu viesse a fazer... por amor.

– Apesar da aparente racionalidade, surpreendo-a romântica e sonhadora.

– Não julgue conhecer-me antes que eu lhe conceda esta prerrogativa! Tenho os pés fincados no chão e minhas ideias são muito práticas!

– Constantine, você é apaixonada, ardente e impulsiva! A razão que exerce muito bem é a sua forma de defender-se!

– Em tão pouco tempo já analisou a minha personalidade, príncipe? Quanto a estar certo ou errado, não lhe direi! Terá que contentar-se com as aparências; pelo menos por enquanto!

– Não se agaste por tão pouco. Se a ofendi ou se fui muito precipitado, desculpe-me!

– Não precisa desculpar-se. Como pôde perceber, também sou franca e por vezes impulsiva. Além de externar tudo que penso, só faço aquilo que desejo.

– Aprecio isso; também sou assim.

– E agora, como entendê-lo? Em seu país as mulheres são extremamente submissas!

– É verdade. Isso faz parte da nossa vida e das nossas leis, políticas e religiosas.

Mas você não é natural do nosso país e, como tal, reflete outro conceito de civilidade. Aqui, as mulheres gozam de mais liberdade. Particularmente, acho isso excitante!

Como guerreiro que sou, gosto de desafios! Mesmo fazendo parte de um contexto antigo, como homem da minha raça, gostaria de esperar das mulheres apenas a submissão ao meu amor!

– Você fala das mulheres de forma generalizada, quase em tese!

– Que quer? É essa a minha realidade!

– Apesar disso, você revela também o seu lado romântico, Omar!

– E dessa forma, continuamos nos afinando. Isso é ótimo!

Kadir retorna da sua contemplação e os interrompe.

Omar e Constantine gostariam de prosseguir o diálogo que prometia...

Afastando-se, ela acena para os rapazes, salta agilmente sobre o seu cavalo e dispara, sem demora, deixando Omar absorto a admirá-la em seu elegante traje de montaria.

Sorrindo complacente, Kadir interroga:

– Atrapalhei vocês? Nossa bela e voluntariosa Constantine será a causadora do seu alheamento?

– Não, Kadir. Conversamos um pouco e foi só.

Ela é uma verdadeira amazona! Sabe que ela me lembra as mulheres da minha terra? Quando a vi, naqueles trajes orientais, no porto, tive uma agradável surpresa!

– Foi ideia dela, quis recebê-los a caráter. Matilde confeccionou aquelas roupas. Os adereços são de Istambul; meu pai os trouxe e ela faz uso deles, frequentemente.

– Confesso que a homenagem superou a expectativa! Meu pai, igualmente, louvou a beleza de Constantine e sua elegância no traje típico do nosso país.

Eles montam novamente, desenvolvem grande velocidade às suas montarias e em poucos minutos chegam ambos ao castelo.

\* \*

ADMIRANDO OS DIVERSOS retratos de Constance, Amin compreende a reverente fidelidade de Peter. Gostaria de tê-la conhecido. Confessa isso a Peter e declara que sentiu vibrações místicas e de muita paz na capela do castelo.

Aos poucos, sente-se parte daquela família e descobre no filho os mesmos sentimentos.

No momento, percebe que Peter está aborrecido.

– O que houve, meu amigo? – solícito, ele indaga.

– Não tenho certeza, mas espero estar enganado.

– Com respeito a quê?

– Desculpe-me, nada tem de pessoal aquilo que vou dizer. Provavelmente são cuidados excessivos de pai, mas creio que Constantine está fascinada por Omar.

– E se isso for verdade, por que a preocupação?

– Conheço-a muito bem, é voluntariosa em excesso e eu poderia perdê-la...

– Por quê?

– Se ela decidir segui-lo! Nossas realidades são muito diferentes! Eu perderia a paz!

– Essas ‘realidades’ não parecem existir para os dois! Você está se precipitando, meu amigo. Aguarde os acontecimentos com serenidade e prudência. Proibições geralmente aumentam os interesses de parte a parte.

– Tem razão, aguardarei. Vamos ceiar? Matilde providenciou iguarias dignas dos deuses!

– Sinto-me tentado a raptar esta valiosa Matilde!

– Que Allah nos livre! Iniciaríamos uma guerra que nada teria de santa e que se prolongaria até que eu pudesse resgatar a nossa queridíssima!

Eles riem gostosamente e saem abraçados, como.

Depois da ceia, em meio aos jogos de salão, Constantine aproxima-se do príncipe:

– Caro Omar, fico pensando que brevemente você regressará para Istambul!

– Deseja que eu me vá, ou gostaria que eu permanecesse mais tempo aqui?

Faceira, ela não responde. Arranja, sedutora, os belos cabelos dourados, enquanto ele, extasiado, esclarece:

– Quando esse dia chegar, Constantine, ficarei dividido entre dois sentimentos: a satisfação do retorno ao meu país e a saudade que levarei de todos vocês, meus bons amigos!

Lá, minha vida é totalmente diferente daquilo que você conhece. Nela não há lugar para essas amenidades que temos vivido aqui. Não é bonita e muito menos romântica.

– Se lhe desagrada, por que não renuncia?

– Bem se vê que você não me conhece, minha cara. Eu não lhe disse que não gosto da vida que levo, muito pelo contrário; aprecio cada particularidade e não pretendo modificá-la!

– E quando se for, como ficará a nossa amizade?

– Como tudo mais, preservada na minha memória.

– Poderia ter dito no meu coração.

– Não se iluda comigo, bela inglesa! Não sou um poeta e sim um guerreiro!

– Acha que não nos veremos mais?!

– Quem sabe? O futuro é uma incógnita! Mal acabamos de nos conhecer! Aproveitemos este presente porque o mais pertence à vontade de Allah!

– Nossos pais são amigos e provavelmente encontrarão recursos vários para se reencontrarem e nós também.

– Pode ser que sim. Todavia são ambos extremamente ocupados e apesar da nossa amizade, devemos considerar que nossas realidades são radicalmente opostas.

– Se desejarmos, de verdade, conseguiremos superar quaisquer diferenças ou distâncias. Somos dois jovens que acabam de se descobrir e que não devem, absolutamente, se separar em definitivo!

Omar certifica-se de que Constantine tem planos de futuro com relação a ele. Decide abrir-lhe os olhos:

– Constantine, ouça-me, não posso e nem devo enganá-la. Estou escravizado a um contexto antigo, cruel e doloroso que espantaria esses belos olhos azuis, ferindo esse coração de inglesa independente e sensível. Pudesse você constatar essa realidade e fatalmente se decepcionaria!...

– Permita-me dizer-lhe, caro príncipe, que está enganado! – ela explode, olhos chamejantes, rosto corado pela exaltação. – Informada de como é a sua vida em Istambul e apesar do que me disse tentando alertar-me quanto aos riscos, sinto um desejo enorme de conhecer o seu país e mais que isso, viver essa vida aventureira, diferente de tudo que conheço!

Omar está boquiaberto. Eis que ela se revela, sem reboços.

Exaltada, olhos coruscantes, ela quer saber:

– E agora, o que me diz? Como pode perceber, jamais desisto daquilo que desejo!

– E o que eu poderia dizer, bela Constantine? Curvo-me, envaidecido, diante de tanto empenho e determinação!

– Pois bem! Façamos um pacto: não recuaremos diante de nada, nem de ninguém! Rejeitaremos dificuldades ou proibições!

Peter, que se aproxima, ouve as últimas frases e indaga muito interessado:

– De que dificuldades e proibições está falando, minha filha?

Conhecendo a perspicácia do pai, ela responde:

– Nada que possa preocupá-lo, papai.

Eu e Omar decidimos prosseguir com a nossa amizade, haja o que houver. Muito nos custa pensar na distância que brevemente estará entre nós.

Omar nota a contrariedade de Peter, diante da declaração da filha.

Peter, de natureza comedida, cala-se. Sente um perigo iminente, diante do comportamento passional e extrovertido de Constantine e decide abordá-la a respeito. Para isso, poucas horas depois, manda chamá-la.

Constantine atende e, ao chegar, surpreende o olhar severo do pai. Senta-se e aguarda. Ele respira fundo e principia, indagando:

– Filha, estou enganado ou você deseja ser mais que uma amiga para o príncipe?

– E se assim fosse?

– Observo-lhe, Constantine, a precipitação e a ousadia, que não é de bom tom! Você,

filha, parece estar oferecendo-se! Omar certamente está perplexo com isso. Os costumes dele são muito diferentes!

– O senhor se surpreenderia se soubesse o quanto ele admira a liberdade da mulher inglesa! E, na verdade, não estou sendo tão ousada como diz, papai! Exercito, como sempre, a minha habitual sinceridade! Além do mais, temos tão pouco tempo!

– Pois aproveite-o com prudência, filha!

– Com prudência talvez perca a oportunidade de conquistar Omar!

– Conhecerá ainda muitos outros rapazes, Constantine!

– Não quero conhecer outros rapazes, papai, já conheço aquele que me interessa! – a essa afirmativa de Constantine, Peter sente-se ameaçado; a filha confessa abertamente o seu interesse por Omar.

Anda pela sala, pigarreia e finalmente volta a se sentar na mesma poltrona do seu gabinete onde conversam.

Decidida, Constantine observa-lhe os mínimos gestos, silenciosa.

Tem na ponta da língua todas as respostas (caso haja mais perguntas). Remexe-se aborrecida na cadeira de alto espaldar, mas espera respeitosa que ele se pronuncie.

Emergindo dos próprios pensamentos, Peter recomeça:

– Filha, sei que é uma moça feita, bonita, inteligente, culta e de ideias independentes. Todavia, penso não incorrer em erro quando digo que você está pisando em terreno minado.

– Não sei o que quer dizer, papai.

– Sabe sim. Sei que está me entendendo perfeitamente!

– Bem, digamos que sim. Onde quer chegar?

– Assim é melhor, minha filha. Minha intenção é instruí-la a respeito do futuro que parece estar planejando de forma temerária, não apenas para você, mas para todos nós.

– Seja mais claro, papai, por favor!

– Serei. Sonhar com príncipes e desejar ser princesa faz parte da infância de qualquer menina. Vai alimentar esses sonhos infantis por mais tempo?

As nossas fantasias acabam quando amadurecemos, porque as realidades chegam cobrando-nos responsabilidades.

– Não sou infantil, papai, e parece-me nunca tê-lo sido, pelo menos na recordação que tenho de mim mesma. Sou, muito pelo contrário, bastante racional; o senhor sabe que a lucidez faz parte da minha personalidade.

– Apesar do que diz, está sendo precipitada.

Nunca imaginei que a visita dos meus amigos me trouxesse intranquilidade! Sou cioso da sua felicidade!

– E não acha, meu pai, que tenho condições para saber onde está a minha felicidade?

– Não é o que está parecendo! Tenta colocá-la longe demais! Nem pode imaginar as surpresas que terá, ao constatar que os seus sonhos de princesa podem transformar-se em horríveis pesadelos!

– Diz isso porque Omar será o próximo xeique?

– Exatamente! Você é inglesa e habituada a uma realidade radicalmente oposta à do caro

príncipe.

Eu tive a chance de comprovar o que lhe digo e, por Deus, lamentei profundamente...

– Meu pai, eu talvez seja de outro estofo. Quem sabe, melhor preparada para experiências que para o senhor são consideradas estranhas e de difícil entendimento?

– Com seu caráter voluntarioso?

– Sim, e por que não? Imagino o quanto isso pode parecer-lhe estranho, mas ao ouvir falar de Istambul, do seu povo e dos seus costumes, identifico-me com tudo, surpreendentemente!

Peter recorda Betel quando analisou o temperamento de Constantine, declarando-a parecida com as mulheres do seu povo, mesmo sem conhecê-la... Estranho...

Constantine prossegue:

– Estou fascinada e convencida de que é exatamente essa vida que desejo para mim. Nenhuma outra me atrairá.

– E quanto a ele? Eu estou enganado ou quem tomou a dianteira nessa conquista foi você?

– Sim, fui eu. Confesso-lhe que antes da sua chegada eu já havia decidido conquistá-lo.

– Por quê, filha?

– Não sei. Desta vez não fui racional. As emoções me assaltaram, tirando-me a capacidade de uma análise crítica.

– E ele, como reage diante do seu patente interesse?

– Não se revela abertamente, mas sinto que igualmente se afeiçoou a mim.

– Devo concluir que não há nada que eu possa fazer para demovê-la dessa ideia?

– Assim é, meu pai. Todavia, descanse, daremos tempo ao tempo. Talvez estejamos nos precipitando.

– Enfim, chegamos a um denominador comum!

– Parece que sim. Não vale a pena gastar tanta munição antes da guerra!

– Parece-me, filha, que estamos queimando fogos de artifício!

– Não aposte nisso, papai!

Assim dizendo, Constantine levanta-se da cadeira aparentemente calma. Abraça o pai, beija-o em ambas as faces enquanto pensa: “Preciso terminar esta conversa antes que chovam as proibições”...

Enquanto recebe os carinhos, Peter indaga, olhando-a bem dentro dos olhos:

– Por que tenho a impressão de que está fugindo, filha?

– Deixe disso, papai! Já conversamos demais! Até a vista!

Assim, ela desprende-se dos braços do pai e sai rapidamente, deixando Peter com a impressão de ter deixado algo muito importante sem uma conclusão satisfatória...



## CREDOS

NA BIBLIOTECA, CONFORTAVELMENTE sentados em luxuosas poltronas de veludo, admirando as belezas da primavera através das vidraças, Peter e Amin trocam ideias a respeito da instituição filantrópica fundada por ambos, que cresce cada vez mais, superando em muito as suas expectativas:

– Peter, hoje, a instituição em Istambul abriga trezentos jovens e crianças, a maioria do sexo masculino. Temos grandes esperanças no futuro deles.

– Essa obra alegra cada vez mais o meu coração. É uma honra ser o representante aqui em Londres, e nos países que auxiliam através de verbas e intercâmbios culturais, Amin.

Sofro menos agora a saudade de Constance. O mundo parece ter novas cores e, imagine, às vezes, julgo ouvir melodias que provavelmente soam somente aos meus ouvidos exaltados.

Minha consciência aprova os recursos que dedico aos meus filhos, na mesma proporção que permito a outros jovens o acesso à educação, à saúde e a um futuro seguro e promissor.

– E eu posso dizer o mesmo: asserenei minh'alma, investindo no futuro dos menos aquinhoados pela sorte.

Independentemente de raça, credo ou posição social, só sobreviveremos se nos unirmos.

– Conjugando vontade, forças e recursos, poderemos melhorar nosso mundo em vez de simplesmente lamentá-lo, como geralmente fazemos.

– Peter, quando recordo como nos conhecemos e de como isso foi providencial, agradeço mais uma vez a Allah.

Acima das nossas diferenças, nos irmanamos no mesmo ideal, de mútuo interesse. O destino nos foi favorável.

– Crê em destino?

– Sim. Faz parte da minha herança cultural e religiosa. E você, o que pensa a respeito?

– Não acredito em fatalismo. Vou mais longe; digo que nós mesmos escolhemos de fato aquilo que chamamos destino, através das nossas ações.

– Assim sendo, acha que teríamos consciência dessas escolhas? Há de convir que com a intensidade da vida e tão pouco tempo para refletir...

À nossa volta tudo nos cobra atitudes rápidas e competentes! Se a vida é como um trem que corre vertiginosamente sobre os trilhos, como refletir adequadamente em muitas ocasiões? Às vezes não temos tempo sequer para pesarmos as nossas ações, como seria de desejar!...

Peter olha ao longe pensativo. Respira profundamente antes de responder:

– O tempo... que é o tempo? O que, ou o quanto sabemos a seu respeito? Os ponteiros do relógio marcam horas, minutos, segundos... E os dias passam, inexoráveis!... Será que o tempo existe da maneira que entendemos, ou nos iludimos?...

– Essas ilações fogem à nossa competência! Sei de minutos que tiveram o sabor amargo de horas e de horas, que passaram vertiginosas como se fossem meras frações de segundos... É nesse sentido que fala?

– Quase! Deixando de lado as questões da física, tomemos como fatores subjetivos para uma soma decisiva: vontade, liberdade, decisão e ação que será igual a destino.

– E retornamos ao ponto de partida.

– Que seja. Quando desejo alguma coisa e empenho o tempo de que disponho naquilo que escolhi, estou criando para mim e para aqueles que venham a sofrer as consequências (boas ou más) dos meus atos um futuro quase fatal. Assim como o presente é resultado das minhas escolhas e decisões do meu recente passado.

– Assim chegamos ao fundamento da reencarnação!

– E como explicar e, acima de tudo, justificar a vida nos seus mistérios?

– Há de convir, Peter, que às vezes a vida nos prega boas peças, que não podem ser evitadas e sequer previstas!

– Tem razão, mas se nos fogem ao controle, devem fazer parte de um contexto justo, mesmo que enigmático para nós.

Mesmo que às vezes possamos de algum modo inspirá-las, somos impotentes para conjurá-las, como seria de desejar, Amin...

Em momentos assim, somente Deus pode sustentar-nos... Geralmente, as grandes dores nos surpreendem despreparados para suportá-las e superá-las, porque vivemos distraídos, envolvidos na rotina diária, em meio a atropelos, como você mesmo disse.

Peter silencia. Recua no espaço e no tempo e situa-se no hospital da Irlanda, após a guerra... Em suas lembranças, suas neuroses, o medo de não ser feliz, apesar de amar tanto a Constance... Ambos tentando conjurar os futuros sofrimentos que lhes pesavam como uma espada de Dâmocles sobre as suas cabeças... Seus presságios, que afinal se concretizaram com o rapto de Peterzinho...

Os avisos de Constance sobre o resgate do filho e a sua partida antes de revê-lo... o adeus

ao seu grande amor!... – os olhos de Peter inundam-se de lágrimas que ele disfarça, indo até a janela.

Ali, absorvido pelos movimentos dos pássaros que buscam abrigo nas árvores, compara-os aos homens, sempre em busca de proteção e segurança.

Relembra a cela de Edward no manicômio e, aos seus ouvidos, parecem soar ainda as palavras daquela voz autoritária e amiga a lhe explicar tantas coisas, em minutos, que valeram por séculos... Por meio do infeliz Edward, a entidade esclareceu-o sobre o passado, o presente e o futuro, quando tomou conhecimento de suas dívidas pretéritas... De como perdoou aquele tio, infeliz e alucinado, todavia seu credor espiritual!...

Reaproximando-se, volta-se para o seu interlocutor e prossegue:

– Caro amigo, se sua crença adota o famoso *maktub*, adota igualmente a lei da reencarnação.

– Sim, vivemos de acordo com esses dois fundamentos.

– Que afinal se completam, explicando-nos aquilo que se nos afigura injustiça, dentro do nosso acanhado ângulo de visão. Para o seu povo, o destino se instala de forma radical, na submissão plena à vontade de Allah.

– Grande parcela, lamento dizer, escolhe a inércia, num fatalismo crônico e outros vivem na constante prática do mal. Nenhum desses dois comportamentos se coadunam com a vontade de Allah.

– Certamente, meu amigo, disso sabemos! Para alcançarmos a perfeição, Deus nos criou livres para fazermos nossas escolhas. O mérito e o demérito igualmente nos pertencerão, assim como suas conseqüências felizes ou infelizes.

Quase sempre essa escolha é difícil e por vezes contraditória...

Quando sofremos pelo bem, lutando pela verdade, construímos um futuro feliz e quando gozamos a vida sem responsabilidades, criamos futuros sofrimentos!

Lembremo-nos de Paulo de Tarso que nos disse, muito sabiamente: “Tudo posso, mas nem tudo me convém...”

Nosso início foi a simplicidade e a ignorância. Nosso objetivo é alcançar estágios d’alma elevados e venturosos. Nessa empresa, teremos que trilhar caminhos diferentes e cada vez mais complexos, conforme o conhecimento e a evolução. Quanto mais esforço, mais mérito; quanto mais saber, mais responsabilidade.

– Meu amigo, que religião Constance professava?

– Ela era católica.

– E a sua?

– A protestante.

– E isso não os separava?

– De forma alguma! Para quem ama de fato não existem empecilhos para a verdadeira felicidade.

Há que haver o respeito aos direitos de cada um, na escolha dos ideais e, entre estes, os credos religiosos.

Duvido, caro Amin, que alguém tenha amado tanto e tenha sido tão feliz! É como se nós tivéssemos esgotado a taça de felicidade nos poucos anos que nos foram permitidos! Oh, Deus como fui venturoso! – Peter emociona-se, novamente.



Amin pode aquilatar a distância que existe entre a sensibilidade dele e a sua... Será devido a culturas tão opostas? Quem poderá saber? Esse amigo ama com força desmedida, de forma definitiva...

– Continua professando a mesma fé? Quero dizer, continua sendo protestante?

– De fato, não. No momento estou numa fase de transição entre algo que serviu-me de esteio por quase toda vida e novos princípios que começam a norteá-la.

Todavia, acima de qualquer credo, procuro agir bem; esse o meu primeiro pensamento e intenção.

Diante das minhas recentes experiências com meu filho, na urgência de conviver com fatos que me surpreenderam, cobrando-me reflexões profundas e a abertura de canais até então esquecidos, associei-me a grupos que estudam metafísica e, mais recentemente, estou fascinado pelo espiritismo.

Grandes vultos da nossa época, respeitáveis e dignos de confiança, têm pesquisado essa nova doutrina que afinal resgata-nos o vero cristianismo, naquilo que tem de melhor, de mais elevado, tirando dos conhecimentos antigos os prejuízos de castas, os dogmas, as superstições e os preconceitos.

Estudando profundamente os escritos novos e antigos, das diversas civilizações que a Terra já viu, as alegorias do passado, os fenômenos de todos os tempos, descobrimos em tudo a verdade e o poder que nos vem de um Deus justo e sábio que conduz a Humanidade acima da nossa vontade e apesar das nossas imperfeições.

Tenho frequentado reuniões sérias e produtivas em casas de amigos. Estou determinado a estudar seriamente essa doutrina que me parece justa, plena de bom senso, clara como água cristalina e, sobretudo, meu caro Amin, consoladora!

Os seus postulados são nobres; visam a transformação da criatura humana, moldando-a em si mesma, em sua maleável argila, numa metamorfose espiritual redentora.

Os seus princípios estão baseados nas leis naturais que promanam de Deus e do seu poder, que se cumpre em nós e em tudo que existe, acima das nossas frágeis vontades e das nossas limitadas liberdades.

Peter se cala. No ar ainda soam as suas últimas palavras.

Amin está em suspense.

São dois homens amadurecidos por experiências vivenciadas com coragem e responsabilidade diante da vida.

Pais extremados, líderes, cultos e viajados. Homens de boa vontade, notáveis nos seus caracteres.

Peter se distancia e passeia pelo amplo salão, meditativo.

Após alguns minutos, retorna devagar, quando Amin quebra o silêncio que se fez naturalmente:

– Peter, ultimamente tenho pensado muito na morte. Minha forma de viver, os perigos constantes, aproximam-me dela constantemente...

Sei que se a matéria apodrece, a alma se liberta pela extinção do corpo, buscando alhures os conhecimentos e a avaliação daquilo que foi e daquilo que poderá vir a ser.

Como sabe, a reencarnação faz parte da nossa crença.

Mas, entre uma vida que já conheço e outra que ainda não sei como será, prefiro ir ficando

por aqui...

– No conhecimento e, principalmente, no entendimento da ideia de múltiplas vidas, minh'alma se enche de expectativas amorosas quanto à minha saudosa Constance. Muitas outras vezes teremos experiências de vida juntos! Onde ela estará agora? Certamente junto aos anjos!

– Crê na beatitude tão proclamada por algumas religiões?

– Não. Quando me refiro dessa forma com relação à Constance, coloco-a no mesmo patamar dos seres espirituais mais elevados que podemos imaginar, é isto.

– Invejo-o, Peter.

– Ora, e por quê? Não é feliz?

– Não como gostaria. É surpreendente como você ama, Peter! A morte de Constance nada mudou. É como se tudo continuasse existindo. Um amor assim é um presente dos céus!

– Concordo, mas sua declaração me surpreende, apesar de jamais ter-me falado sobre a sua vida amorosa.

Perdoe-me, tenho sido egoísta expondo dessa forma os meus sentimentos. Não faço isso normalmente, creia.

Não tive a intenção de colocar-me num nível destacado, apenas desabafo com alguém em quem confio plenamente!

– Descanse, estou fascinado por tanto amor. Entendo-o perfeitamente, não precisa dar-me explicações. Agradeço-lhe a confiança e sou cioso dela.

Como sabe, por deferência do meu posto e pelas leis do meu país, posso ter muitas mulheres.

Nessa pluralidade, meu coração apaixonado entrega-se por algum tempo a alguém, para logo depois desinteressar-se, mudando de direção. Dessa maneira, tenho muitos amores e nenhum amor.

Algumas mulheres falaram alto ao meu coração, principalmente a mãe de Omar, minha querida Solimar, mas o meu coração amante desejaria ter um grande e único amor que me alcançasse de forma transcendente!

– Não amando profundamente, forra-se a muitos sofrimentos, Amin! Talvez por isso vemos tantos homens cínicos com relação ao amor a às mulheres, não é o seu caso; medo de entregar-se e conseqüentemente de sofrer! Hoje sofro tanto a ausência de Constance que anseio pelo 'reencontro'!

– E os seus filhos?

– Sei que tenho compromissos intransferíveis com eles. Prometi a Constance esperar pacientemente a minha libertação.

– E quanto a mim, Peter, com qual das minhas mulheres me depararei ao transpor os limites da vida?

– Provavelmente com aquela que tiver amado de fato.

– Então não reencontrarei nenhuma!

– Ora, não se dê por vencido! Ainda há de amar alguém com um amor incomparável!

– Que Allah me permita tal ventura! E como será o misterioso mundo dos mortos?

– Eu diria mundo dos vivos!

– Então, nós é que somos os mortos, pois caminhamos paulatinamente para o túmulo, e

contra essa realidade não existem sofismas!

– As barreiras que nos separam não são sequer intransponíveis! Aqueles que nos precederam, frequentemente nos visitam. São apenas dimensões diferentes.

Os nossos parcos sentidos, grosseiros ainda, nos impedem uma melhor visão espiritual, ocultando-nos quase por completo esse mundo de brumas.

Mas, veja, Amin! A noite desce como um manto repleto de estrelas! Prosseguiremos esta conversa numa outra hora, se assim lhe aprouver. Os outros já devem estar sentindo a nossa falta!

– Sim, vamos até eles. Estou tão à vontade aqui, no seu castelo e ao lado dos seus, que me custa pensar que em breve partirei.

– Quando esse dia chegar, ficaremos muito consternados, caro amigo.

– Apesar de tudo, devo pensar no meu regresso. O dever me chama e o meu povo ocupa-me os pensamentos.

Matilde aproxima-se solícita:

– Peter, decidimos não interrompê-los e assim todos já cearam! Percebe-se que conversaram bastante e que isso lhes foi agradável e proveitoso.

– Certamente, minha boa Matilde. Confabulamos até sobre assuntos científicos!

– Parabenido-os! Uma das melhores coisas da vida é ter amigos e poder trocar ideias; abrir o coração e descobrir que somos todos semelhantes neste mundo de Deus!

– Bravo, Matilde, da próxima vez, queremos tê-la como nossa interlocutora!

– Terei muito prazer nisso, caros senhores! Vão ceiar agora?

– Sim, estamos famintos!

– Imagine, cara senhora Matilde, que sua pessoa quase foi o pivô de uma grande guerra entre mim e Peter!

– Ah, sim? E como foi isso, podem contar-me?

– Claro, Matilde, ouça... E Peter, abraçando Matilde pelos ombros, narra-lhe a brincadeira.

Rindo muito, os três demandam o salão de refeições e ali, sentados ao redor da grande mesa, prosseguem conversando animadamente.



## DETERMINAÇÃO

OBSERVANDO OS PREPARATIVOS do xeique e de seu filho, na intenção de regressarem a Istambul, Constantine procura por Omar e desabafa:

– Omar, custa-me demais separar-me de você! Desejo revê-lo, continuar a nossa amizade e naquilo que depender de mim, não medirei esforços!

Ele ouve, atento e silencioso.

– Ouviu o que eu lhe disse? – ela insiste. – Nos veremos muitas vezes! E digo-lhe mais: tenho a intenção de acompanhar sua vida mesmo de longe e... quem sabe um dia fazer parte dela? E então, vai continuar olhando-me sem nada dizer? Estou aborrecendo você?

– De forma alguma, bela Constantine! Você jamais me aborrecerá! Estou inclinado a aceitar essa afeição declarada e, mais que isso, secundá-la nesta luta! Juntos, seremos invencíveis! Você me fascina, agradeço-lhe a obstinação em conquistar-me!

– Não quero gratidão, Omar, quero reciprocidade nesse afeto poderoso que despertou em mim!

Veja o quanto sou sincera e como me exponho, diante de um homem de outra raça e de

outra cultura, que pode até mesmo entender-me mal.

– Descanse essa bela cabecinha, Constantine. Aos poucos você tem conquistado a minha admiração. Como já lhe disse, louvo essa liberdade que posso aquilatar através da sua coragem e determinação. Tudo aquilo que desejar você conseguirá, não tenho dúvidas!

Tomando-lhe as mãozinhas ele beija-as, sedutor.

Mergulha o seu olhar inflamado no dela e a atrai para si, beijando-a ardentemente nos lábios. O coração de Constantine bate violentamente.

Amin, aproximando-se, conclui que o amigo Peter terá razões de sobra para se preocupar... Sorrindo, desvia-se sem ser visto e segue por outro caminho.

Contornando os jardins, dirige-se à capela onde medita alguns minutos. Reflete sobre os dias vividos no castelo, ao lado de amigos tão queridos. Já sente saudades antecipadas. Roga a Allah proteção na viagem de volta e que abençoe os seus anfitriões.

O sol, indiferente às emoções humanas, brilha intensamente, espalhando os seus raios luminosos.

Os servos do xeique organizam as bagagens volumosas, as enormes valises, os engradados e os grandes baús.

Além dos régios presentes que receberam, ele e o filho fizeram inúmeras compras.

Peter presenteou Amin com valiosas obras de arte e livros raríssimos.

Caroline, como todos os outros, lamenta a partida dos novos amigos, mas no momento, não tem tempo para pensar nos próprios sentimentos, porque observa condoída a tristeza e as noites insones da irmã. Tem tentado confortá-la, sem muito êxito.

Constantine disfarça e nega os conflitos nos quais se debate. Apesar de ser tão racional, encontra-se visivelmente fragilizada.

Caroline não tem pressa de apaixonar-se; preservará o coração o mais que puder.

Ama devotadamente o pai e pretende estar-lhe ao lado por muito tempo. Observa-lhe as apreensões com relação à Constantine. Conhece-lhe os escrúpulos a respeito dos hábitos e costumes do povo de Istambul, mais especificamente das diversas tribos que o xeique Amin e seu filho Omar governam.

Conclui que Constantine deve ter nascido para aquela estranha vida. Talvez por isso, corajosa, se esforce para obedecer às forças invisíveis e misteriosas que a impulsionam...

Solícita, ela ampara, carinhosa, aos dois: ao seu pai e à sua irmã.

Percebendo-lhe a intenção, Peter admira-se; surpreende em Caroline, uma vez mais, a semelhança com Constance, em todos os sentidos.

Depois da partida do grande navio, que tal qual um leviatã avançou mar adentro, espalhando as ondas enquanto desaparecia no horizonte, silenciosos e entristecidos eles retornaram para casa e em família, na intimidade, reintegraram-se à rotina laboriosa do condado de Lancaster.

As despedidas foram tristes, de parte a parte. Prometendo reverem-se assim possam, abraçaram-se fraternalmente e trocaram presentes.

Peter e Kadir aproveitaram para enviar mimos para Nacif e Betel, além de polpuda soma em dinheiro, resultante das vendas dos sapatos e das cerâmicas, que já fazem grande sucesso nas rodas sociais. Mensagens amorosas acompanharam os diversos volumes. Até

Matilde e as meninas escreveram-lhes, como se os conhecessem.

Peter Kadir, pensativo, parece ter perdido a alegria e o entusiasmo.

Compreensivo, Peter convida-o a acompanhá-lo a uma viagem às Ilhas Canárias. Isso entusiasmou-o de tal maneira que, em poucas horas, ele já parecia ter esquecido os amigos que se foram.

Enquanto isso, num belo quarto, decorado com luxo e bom gosto, Matilde consola, afável, Constantine, que parece ter perdido a vontade de viver.

– Filha, supere essa tristeza e siga o curso da sua vida. Viva por enquanto das boas lembranças.

– Desista, Matilde, nada que diga ou faça amenizará a grande dor que sinto aqui, dentro do meu coração!...

– Afinal, Constantine, é tão sério assim o seu envolvimento com o príncipe?

– Sim, é definitivo! Ontem, ao nos despedirmos, nos beijamos e Omar não pôde disfarçar o quanto esse beijo significou para ele também! Estamos enamorados, perdidamente!

– Filha, distantes os dois, como prosseguir alimentando esse sentimento?

– Ficaré surpresa, Matilde, com a minha persistência! Não vou perder essa chance de ser feliz, haja o que houver e para isso investirei tudo!

– Conheço-lhe a tenacidade, filha, e acredito no que me diz. Tem razão, para o verdadeiro amor não existem distâncias e nem barreiras de espécie alguma! – concorda Matilde.

– Até o meu pai que me censura a intenção de casar-me com Omar continua solitário até hoje por amor à mamãe! Existe impedimento maior do que a morte, Matilde? E no entanto...

– Você raciocina como poucos, querida.

Entendo o seu pai, quando pretende protegê-la de futuros sofrimentos, numa terra distante e estranha para você.

– Nem tão estranha assim. E ele, aqui entre nós, não sofre em silêncio a falta de mamãe? De que lhe adianta estar no seu país?

O que importa, Matilde, é o lugar no nosso coração, que, aliás, é terreno sagrado! Nele plantei a semente de um grande amor e lutarei por ele até as minhas últimas forças! Todos verão!

– Contra sentimento tão profundo, filha, não existem argumentos!

– Obrigada, Matilde, mas temo a austeridade de papai...

– Aos poucos ele irá se conformando, tenha paciência. Aconselho-a a não desafiar-lhe a autoridade.

E não se esqueça de que sua mãe, de onde estiver, estará protegendo-a e auxiliando-a a ser feliz.

– Entendo o que quer me dizer, Matilde; se o meu destino é ser feliz com Omar, mamãe nos auxiliará! Graças a Deus, ganho novas forças, banhada nessa nova esperança!

– É assim que se fala, filha! Confiemos!

Levante-se daí e volte a sorrir para que as rugas não cheguem cedo nesse belo rostinho!

– Deus me livre, Matilde! Quero conquistar o meu príncipe, definitivamente! Com respeito aos hábitos e às leis do país de Omar, você pensa como papai?

– Confesso que sim. Temo pelo seu futuro que pode vir a ser muito diferente de tudo aquilo que conhecemos. Seu presente é fagueiro, filha, você é superprotegida...

Mas, apesar de tudo, seu pai não é capaz de tolher a liberdade de ninguém, principalmente dos filhos.

Quando a vir determinada e mais adulta, consentirá no que você deseja, mesmo que isso o contrarie.

– Espero que tenha razão. Vamos à capela?

– Sim, vamos. Rezaremos para que Deus a proteja e a faça feliz. Lembra-se de quando temia as sombras e o silêncio de lá?

– Coisas de criança! Hoje em dia, aprecio a paz e o silêncio que reinam ali. Se Caroline estivesse aqui, iria conosco, ela gosta muito de rezar.

– No que faz muito bem! Assim ela se protege e se fortalece para os embates da vida.

– Pensei que os prognósticos terríveis fossem somente para mim.

– Quem pode saber, minha querida? Sua mãe era tão boa e sofreu tanto!

– Tem razão...

– Hoje ela deve estar feliz e realizada espiritualmente, após o cumprimento exemplar da sua missão na Terra.

Abraçadas elas se dirigem à capela.

\*

\* \*

NO NAVIO, OMAR é pura reflexão.

Olhar fixo no horizonte, ele sente a dor da separação. As saudades de Constantine começam a inquietá-lo. Sente sua falta; da sua inusitada coragem e determinação, expondo-se, para conquistá-lo, pagando todos os preços... Ela é de fato uma bela e estranha moça. Diferente de quantas já conheceu.

Sente-se dependente, conquistado, subjugado...

“Jamais esperei encontrar neste país progressista e tão diferente do nosso esse encantamento que me tirou a calma e arrebatou-me o espírito...”

Constantine, você me fascina! Nossas almas se reconhecem e desejam entregar-se, fundindo-se numa só! Por Allah que desejo tê-la para mim!

Esse oceano nos separa, mas tenho certeza de que os nossos pensamentos estão unidos, num mesmo sentimento, apesar da distância!...”

Amin, que vem à sua procura, surpreende-o absorto, enlevado, admirando as aves marinhas e as grandes vagas do mar.

Abraça-o fortemente pelos ombros e diz, quando ele se volta para ele:

– Filho, Allah abençoe este sentimento que brota no seu coração jovem. No que depender de mim para vê-lo feliz, conte comigo, farei tudo que estiver ao meu alcance.

Olhando na direção do país que acaba de deixar, Omar suspira profundamente e pergunta:

– Meu pai, eu seria mais feliz se tivesse nascido na Inglaterra? Apesar daquilo que sou e represento, quase chego a desejar isso...

– Posso entendê-lo muito bem. Também fiquei muito à vontade no país dos nossos amigos.

Recordando algumas conversas que tive com Peter, concluo que já vivemos nesta terra que estamos deixando e que nos conquistou de pronto, da mesma maneira que Peter já deve ter vivido na Turquia. Nossas almas provavelmente sentem saudades desses passados...

– Ainda não nos distanciamos muito e já desejo revê-los, estar com eles!

– Principalmente com a bela Constantine!

– Sim, meu pai! Essa inglesa conquistou-me definitivamente!

– Parabenizo-o, mas nós dois sabemos que terá dificuldades enormes a superar, filho, a esse respeito.

– Sim, eu sei. E pensar que a bela Constantine tomou a dianteira nessa conquista! E como uma guerreira, saiu-se vitoriosa!

– Admiro-a pela ousadia e por saber exatamente o que deseja! Meu caro amigo Peter terá motivos para apreensões várias; afinal, filho, somos duas civilizações muito diferentes!

– Fortalecidos no amor verdadeiro, superaremos todas as barreiras, meu pai – Omar responde com o olhar distante, voltando a interiorizar-se.

Sorrindo, Amin se afasta indo em direção aos outros passageiros, enquanto traz nítido na memória os maravilhosos dias vividos junto aos amigos no castelo de Lancaster..

Omar sacode a cabeça e decidido alcança o pai.

Juntos reúnem-se a um entusiasmado grupo de pessoas que fazendo um agradável alarido falam e riem de qualquer coisa.

Não conseguindo entrosar-se, Omar desiste e vai para o seu camarote principesco, onde, deitado, olhos fechados, retoma os pensamentos de minutos atrás.

Inquieto, levanta-se e vai até um dos armários e apanha uma pasta de couro. Dela retira uma pintura a óleo que retratava Constantine.

É um primoroso trabalho de um artista itinerante. No retrato, ela parece sorrir-lhe. No verso, a dedicatória: “Para Omar, com amor eterno. Constantine.”

Abraçado à imagem da bela inglesa que parece ter-lhe roubado a alma, ele adormece.

Sua idade o auxiliará a suportar com galhardia a ausência e a saudade da charmosa conquistadora. A natural inconstância se encarregará de aos poucos apagar as lembranças...

Ao despertar no dia seguinte, estará num outro estado de espírito, o que lhe permitirá aproveitar as investidas das outras mocinhas do navio que se esforçarão numa competição acirrada para serem notadas pelo belo príncipe Omar-Abdul-Amah, de Istambul, tão jovem e rico, além de sábio e corajoso! Que belo partido!

Constantine, todavia, é bem mais forte e inteligente do que Omar pode imaginar. Viverá tramando um futuro encontro. Seu jovem coração entregou-se plenamente e o futuro será seu aliado.

O xeique, por sua vez, namora e seduz a tantas quantas lhe atravessam o caminho e lhe correspondem aos anseios de homem ardente e apaixonado.

Um fato inusitado durante a viagem colocou-os muito mais em evidência (como se fosse



preciso!): uma grande tempestade os surpreendeu em alto-mar.

Amin, Omar e os seus servos, intrépidos, enfrentaram todas as dificuldades decorrentes da borrasca, sem cansaço ou medo. A tripulação e os passageiros, agradecidos, os reverenciam agora mais que antes.

E assim, todos terão mais assunto para o resto da viagem, que diga-se de passagem, será longa, mas não o suficiente...



## O PARADIGMA

AGORA, CAROS LEITORES, convido-os, venham comigo!

Transcendendo os pensamentos terrenos, adentremos essa esfera espiritual, a fim de participarmos do desfecho desta história.

Silêncio! Atentemos para os ensinamentos e para as bênçãos incomparáveis que poderemos haurir nesta rara oportunidade! Sejamos gratos à divina solicitude!

Venham! Estaremos juntos!

Um espírito, envergando túnica lírial, nos sorri afável, convidando-nos a nos acomodarmos da melhor forma possível. Os seus olhos, cheios de vida, parecem reconhecer a todos e a cada um de nós!

Enfim, cá estamos, confortavelmente sentados em amplo anfiteatro, ansiosos, corações aos saltos...

Um grande contingente de espíritos chega e, igualmente surpresos, acomodam-se e aguardam.

De súbito, uma espécie de nebulosa chama-nos a atenção, porque se aproxima vertiginosamente. Em sua esteira, divisamos um grupo de espíritos que pelos laços fluídicos denunciam a condição de encarnados em desdobramento pelo sono.

Apurando a visão e a sensibilidade, constatamos que misteriosa luz devassa-nos, expondo-nos sem reбуços.

Identificamos entre os encarnados e os desencarnados:

Peter e Constance superando as barreiras dos dois planos de vida, num amplexo que os confunde. Os filhos acercam-se deles felizes e harmonizados.

A boa Matilde, elegante e digna, aconchega os filhos de Celeste e a ela própria que, emocionada, tem o rosto banhado de lágrimas, por rever a sua genitora.

Still trabalha intensamente, recepcionando as diversas personalidades, demonstrando grande desenvoltura neste mister.

Paul e Sonja, abraçados, observam expectantes.

Will e Richard, fardados, medalhas ao peito, ladeiam a mãe amorosa, que os aperta de encontro ao coração, enquanto sorri para Paul e Celeste.

Peter, profundamente emocionado, reconhece os seus companheiros de batalha. Eles estão refeitos e joviais!

E, dentre eles, profundamente tocado, identifica o rapaz que expirou em seus braços de maneira trágica... Ao lado dele, bela matrona vestida de azul sorri, enquanto segura pela mão frágil e adorável mocinha, que Peter conclui seja a namoradilha. Durante seus delírios, ele a chamava, saudoso, em meio às dores lancinantes...

Num expressivo olhar, pleno de gratidão, o rapaz demonstra tê-lo igualmente reconhecido.

Em momentos assim, nos quais a alma se liberta, os corações se entendem sem a necessidade de verbalizar sentimentos.

Integrados aos grupos de espíritos luminescentes, os pais de Constance

concorrem para o sucesso da efeméride.

Agora, com o coração descompassado, Peter mal consegue acreditar no que vê: seu amado e saudoso irmão Godofredo, companheiro inseparável de infância e juventude a lhe sorrir com o mesmo semblante de antes: alegre e expansivo!... Neste momento solene, quantas recordações!...

Numa retrospectiva saudosa, ele revê Godofredo ensinando-o a montar pacientemente, segurando as rédeas, enquanto o auxilia a manter-se firme sobre a sela do belo animal.

Ah! O chão parecia-lhe tão distante, um abismo a querer engoli-lo, caso caísse... As botas de Godofredo pisando firmes no chão pareciam-lhe duas colunas negras e luzidias, garantindo-lhe segurança.

Juntos, cavalgavam pelas pradarias. Ele então o carregava em sua própria sela; cabelos ao vento cortava os ares, como se o seu corcel ágil e resfolegante fosse o próprio Pégaso!...

À frente, a desafiá-los, aventuras sem conta: Num belo ninho de pássaros que com cuidado e sutileza era observado; na subida íngreme das montanhas, para do alto admirar a vastidão do condado de Lancaster...

Enquanto o cavalo descansava, eles nadavam juntos no lago, refrescando-se do calor escaldante...

Durante as suas inspeções, nas diversas vilas do condado, Godofredo deixava-o livre para brincar com os filhos dos colonos. E, após horas e horas de peraltices, lá estava Peter: sujo, descalço, desgrenhado, irreconhecível!...

Paciente e providencial, Godofredo banhava-o e trocava-lhe as roupas, arranjando-o bem para que adentrasse o castelo, como a sua posição de pequeno lorde exigia...

Quanto riram juntos, às situações desconcertantes de sua adolescência desengonçada!... O corpo se desenvolvendo rapidamente, anseios novos e desconhecidos se instalando, surpreendendo-o, assustando-o, por vezes... Sua voz de sons graves ou sibilantes, subindo e descendo, fugindo ao seu controle, fazendo-os gargalhar...

A condução sensata, amiga e responsável daquele amado irmão forjou-lhe o caráter; ele lhe ensinou o respeito ao seu próximo e as etiquetas da vida social, transformando-o no resultado da sua solicitude.

Os seus próprios pais sempre lhe pareceram distantes, alheios...

Mas, um dia, oh, recordação dolorosa! – o coração de Peter se confrange dolorosamente – Godofredo chegou em casa carregado, ferido!... Em seu

peito, uma chaga viva jorrava sangue aos borbotões! Aquele sangue nobre e valoroso!...

Deparando-se com o seu olhar apavorado, ele tentou sorrir-lhe entre um e outro ríctus de dor.

Na acústica de sua alma, os seus gemidos surdos, abafados, suportando a dor com estoicismo.

Os médicos tentaram tudo, mas o ferimento fora mortal.

Godofredo enfrentara um bando de desordeiros que se divertia ofendendo uma mocinha no que ela tem de mais sagrado: sua honra e sua dignidade. Interpôs-se entre eles, enquanto em desabalada carreira ela fugia.

Quando ela retornou com ajuda, era demasiadamente tarde!

Godofredo fora atingido em pleno peito! Encontrava-se caído numa poça de sangue, dobrado sobre si mesmo, gemendo. O bando desaparecera...

Após as exéquias que Peter não pôde assistir, porque encontrava-se acamado, o enorme vazio no castelo...

Como viver sem aquele amado irmão?!...

Continuou doente por vários meses, sem nenhuma vontade de continuar vivendo. Emagreceu a olhos vistos, desafiando a todos os tratamentos médicos. Desejava, em verdade, encontrar-se com Godofredo, naquela região misteriosa para a qual ele partira sozinho...

Imaginava-se cavalgando pelos céus, ao seu lado, esquecidos de tudo, felizes!...

Depois de longos meses de dificuldades físicas e espirituais, sua saúde se reequilibrou, mas a alma jamais seria a mesma.

Somente a chegada de Constance, muitos anos depois, resgatou-lhe tal perda, devolvendo-lhe a vontade de ser feliz novamente. Sem ela, teria se arrastado pela vida, sem muito interesse.

Mas, eis que Godofredo ali está! Belo e forte como antes, jovial e elegante! Com o olhar, ele parece abraçá-lo, cheio de saudade, terno e amoroso...

Ainda não totalmente refeito da primeira emoção, Peter distingue ao lado de Godofredo os seus pais, que o olham carinhosos. E não mais se contém: chora livremente.

Tal qual mãezinha dedicada, Constance aconchega-o fortemente de encontro ao peito. Naqueles braços celestiais, Peter desabafa, num pranto que parece ter sido represado há séculos.

Ela beija-lhe os cabelos e murmura-lhe frases carinhosas, consolando-o.

Acalmado, enfim, refeito em parte, ele se depara com a visão do xeique Amin-Abdul-Amah e de seu filho Omar, ao lado de belíssima mulher em trajes orientais, que ele conclui seja Solimar, a mãe de Omar.

Os dois amigos inclinam-se à distância, no habitual salamaleque, saudando-os (inexplicavelmente, a distância parece não separá-los).

Assim como Peter, Amin identifica-lhe a companheira e o olhar dele, admirado, incide sobre Constance, ante a qual se inclina, numa profunda reverência, braços cruzados ao peito. Ela, amável, retribui-lhe o cumprimento com um sorriso.

Nacif e Betel, aconchegados, também estão presentes. Nacif tem a visão normal que ali não padece os efeitos da matéria. Ele sorri deslumbrado.

Jacques, Lucien, alguns pacientes e funcionários do hospital psiquiátrico onde Edward esteve internado contam-se entre os presentes.

Apurando mais a visão, dilatando-a, divisamos à distância um grupo confuso e trevoso de espíritos que parecem agrilhoados mutuamente a se desentenderem, rebeldes e agressivos. Nesta lamentável simbiose, alguns rostos surgem aqui e ali...

Peter, com o coração cheio de piedade, ouve-lhes as blasfêmias e as imprecizações, reconhecendo neles o temível bando de Josafá... Não se recuperaram ainda, apesar das boas disposições das instituições fundadas e ativadas naquele país...

Atentos a uma nuvem espessa e enegrecida que se dissipa aos poucos, bem abaixo de nós, surge-nos uma visão dantesca:

Sobre um promontório negro e pontiagudo, Edward, tal qual estátua formada de sombras, de pé, hebetado, sofre a fúria dos ventos que, fustigando-o, o impede de ouvir outra coisa que não seja a sua própria consciência, acusando-o dos seus desmandos perante a grande lei.

Horrível de se ver; os seus olhos parecem duas brasas acesas a brilhar numa noite sem fim. De quando em quando, ele leva as mãos ao ouvidos e, tapando-os, estremece violentamente, alucinado.

Observando Paul, Peter pode perceber que a misericórdia divina protege-o, impedindo-lhe a visão da tragédia espiritual do pai.

Não muito distante, Yasmine, arrogante e debochada; Andrew insubmisso, Coriolano e alguns outros acusam-se revoltados.

Sentada, um pouco mais acima, cabisbaixa e silenciosa, Jônia reflete. Divisando as luzes que se fazem sobre a sua cabeça, ela cai de joelhos, evoca

o nome de Maria, mãe de Jesus, rogando perdão e auxílio.

Roguemos por eles e por todos nós, que em muito nos assemelhamos, a fim de que o Pai de infinita misericórdia nos perdoe, concedendo-nos as múltiplas oportunidades de redenção!...

\*

\* \*

EXTASIADOS, ASSISTIREMOS AINDA a este grande evento que diz respeito a todos nós.

Nos diversos semblantes, as surpresas, as ansiedades...

Um espírito de semblante grave e ao mesmo tempo fraterno aproxima-se, levanta a mão direita em saudação e se ilumina intensamente. Sem mover os lábios, ele fala aos nossos pensamentos, imensamente lúcidos:

“Irmãos amados, sejam bem-vindos! Há muito velamos por todos vós!

Da Terra, planeta ainda de provas e de expiações, ascendereis planos siderais inimagináveis para o momento.

Viajores do tempo, cansados e sofridos, fareis todos o progresso de acordo com a grande lei que nos governa neste Universo incomensurável.

Todos que se encontram aqui hoje estão de algum modo entrelaçados.

Neste mundo no qual mourejam, o Pai vos deu por misericórdia infinita a bênção da presença do seu filho Jesus!

Deu-vos a bússola, o caminho, a verdade e a vida! Todo aquele que nele crê e o segue fielmente não perece, haja o que houver!

Na Terra, Jesus, aos paralíticos do corpo, devolveu os movimentos; aos cegos, a visão; aos hansenianos, reconstituiu-lhes as carnes apodrecidas, célula a célula, instantaneamente!

Aos aflitos, consolou; aos equivocados, mostrou os legítimos objetivos da vida; às mães de Jerusalém, que o seguiam de perto no caminho do calvário, recomendou-lhes os seus próprios filhos!

À mulher cananita, premiou-lhe a humildade, a fé e a esperança; aos obsidiados, concedeu a libertação; aos arrogantes, confundiu; aos ambiciosos, esclareceu; às crianças, abençoou-as, mostrando-as tal qual o símbolo da pureza que domina nos céus; a João Batista, glorificou; a Lázaro fez ressurgir da morte aparente, a fim de que muitos cressem; à Maria de Magdala resgatou do mal e do vício, com brandura...

Ele, cocriador da Terra! Filho unigênito do Pai!

Com olhar grave e reflexivo, num gesto largo e solene, o espírito aponta em direção ao que todos não saberiam dizer tratar-se de sonho ou realidade: Uma luz translúcida aos poucos ganhava luminosos contornos, fazendo com que todos logo se lembrassem da figura do meigo nazareno.

Nos corações, a perplexidade do momento único e inesperado...

Suas vestes resplendentes toldavam-lhes a visão.

Ouve-se um clamor geral. Os corações batem em unísono e nas mentes faz-se o reconhecimento, iluminado pela visão glorificada do Mestre.

Sereno, ele abre os braços em saudação de paz.

Sem que notássemos, todos os grupos transformaram-se em compacta multidão. Impossível contá-los!

Envolto em luz incomparável, dirige-se a todos, ressoando na acústica de cada alma, vibrando suavemente tal qual sinfonia celestial e indescritível:

Eis que mais uma vez estamos convosco!

Dentro dos vossos corações, o nosso coração vos fala, convidando-vos ao grande banquete, preparado desde todos os tempos!

Concitando-vos ao bem, mostrando-vos o caminho, recomendo-vos ao meu Pai, a fim de que sejamos um só rebanho e um só pastor!

O Pai vos deu ao meu coração para que eu vos cuidasse, assim como o jardineiro cultiva a planta desde a sua semente!

Sede pacientes e bons!

Já nos temos visto em outras oportunidades, pois as ovelhas veem e reconhecem o seu pastor!

Vindos de todos os quadrantes da Terra, tendes todos necessidades de evolução.

Unidos no amor maior, prosseguiremos sempre rumo à felicidade!

Cada ser traz em si como destino a perfectibilidade numa caminhada evolutiva que superará inacreditáveis barreiras. Tudo evolui, incessantemente! Porque o Pai governa o Universo.

Entre o verme que ainda rasteja sob o calor do sol e o espírito angelical mais evoluído, existem os mesmos princípios de potencialidade que se encadeiam, inexoravelmente.

A grande lei se cumpre: sempre, a cada lufada de vento, a cada pingo de chuva, no cair de uma pétala de flor, no desabrochar de uma rosa, no ribombar do trovão ou no relampejar do raio... No homem, criação máxima



de Deus.

Deus é lei, justiça, sabedoria e poder! É perfeição absoluta!

Quando compreenderdes a vontade do Pai, então sereis venturosos, porque tudo vos será possível: as dores cessarão, as lágrimas secarão e as alegrias serão uma constante nas vossas existências, que completarão os ciclos evolutivos num processo infinito de superação.

Jamais estareis sós e eu estarei sempre convosco! Meu amor vos acompanha desde os primórdios da Terra.

Por vezes fugis do meu aprisco, para a ele retornardes, tristonhos, abatidos, carentes de consolo e de amor. E eu vos acolho novamente em meus braços!

Quantas vezes, dentro das tempestades da noite, vos resgatei para o meu coração, cuidando das vossas chagas com o bálsamo do meu amor!

Ao fim da jornada, vos louvo a determinação e a coragem no esforço despendido pela verdadeira transformação!

Ouço o rumor dos vossos pensamentos e compreendo as vossas emoções, incentivando a prática de todas as virtudes, a prática da caridade.

Amai-vos como eu vos tenho amado, hoje e sempre.

Amai o vosso próximo como a vós mesmos, banindo para longe a falta de fé e o egoísmo, frutos do orgulho, ambição e vaidade!

Purificai as vossas almas e endireitai os vossos caminhos.

Serenos e confiantes, prossegui lutando, a cada momento que passa, pelo melhor, mesmo que vos custe lágrimas e sacrifícios. E a cada novo dia, recomeçai o labor da véspera, cada vez mais conscientes das vossas responsabilidades!

Que ressoem em vossas mentes as minhas palavras e os meus ensinamentos.

Aqueles que ainda mourejam na Terra, como encarnados, ao despertarem, estarão mais fortalecidos e corajosos no bem.

Sejamos unos com o Pai!

Amai, compreendei, perdoai, amparai! Sede caridosos e os vossos futuros serão gloriosos.

Que a Terra seja bendita por vos abrigar em vossas peregrinações!

Glória ao Pai, ao Universo, à sua Criação, ao amor e ao progresso incessante!

Deixo-vos a minha paz!”

Diante da multidão extasiada, a imagem rutilante de Jesus se transforma

em poeira dourada, desfazendo-se aos poucos...

Os olhares pregados na imagem que se dissolve, falam do anseio dos corações em retê-lo indefinidamente...

Dos céus partem cânticos de louvor. Nas mentes e nos corações, emoções intensas.

Impossível querer sair dali. As impregnações do Mestre inundam todos os espaços. Sua voz modulada e poderosa ainda ecoa pelos ares.

Algo sublime harmoniza todas as vontades e todos os sentimentos.

Muito lentamente, a multidão se desfaz.

\*

\* \*

UM ESPÍRITO EXTREMAMENTE simpático aproxima-se do grupo de Peter e cumprimenta:

– Paz seja convosco!

Com jornadas por reencarnações interligadas, os irmãos quase sempre têm caminhado pelas mesmas veredas.

Hoje, depois de muitos enganos, sois mais amorosos e conscientes da necessidade de progresso constante, ao longo do tempo, exercendo para isso a razão e o amor, exercitados através do livre-arbítrio de cada qual.

O verdadeiro amor já começa a uni-los, tornando-os mais harmoniosos.

Com a sensibilidade mais aguçada, devido aos sofrimentos, vossos pensamentos mudam aos poucos de teor, alcançando conseqüentemente vibrações mais elevadas e sutis.

O “muito será pedido àquele a quem muito se deu” traduz com justiça a responsabilidade maior daquele que alcançou um patamar maior de conhecimento, tendo o dever de fazer o melhor.

Apesar das vossas dores, as reações corresponderam ao progressos já realizados.

E assim será, na esteira do tempo, no impulso divino da transformação do carvão bruto em diamante sem jaça!

Em meio às batalhas diárias, haverá períodos de repouso e de compensações, para fortalecer-lhes o ânimo, enquanto planejam-se maiores desafios, para definir o padrão real de cada um, aferindo os méritos e os deméritos.

A cada nova etapa vencida, receberão os louros e os recursos para prosseguirem sempre e mais além.

Os anjos guardiães, solícitos, velarão pelos seus protegidos, requisitando-lhes para isso o combustível da fé e do amor.

No surgimento das grandes dores, na instalação dos testemunhos inadiáveis, a presença divina é insofismável.

Prosegui sempre, confiantes e esperançosos em vós mesmos e na providência divina. Um galardão vos aguarda, mais à frente!

Os diversos níveis evolutivos justificam as diferenças entre as criaturas de

Deus, nas suas inúmeras existências.

Diferentes, na grande maioria, nos cobramos muita vez, pelos desníveis consequentes, na convivência sofrida. Frequentemente, aquilo que nos contraria no nosso próximo é, na verdade, a confrontação com os nossos próprios enganos, refletidos no espelho inconsciente da nossa memória.

No “amai-vos uns aos outros”... encontraremos sempre solução para tudo.

Transformemos os instintos primitivos de sobrevivência exacerbados no cadinho redentor da compreensão, da tolerância, da solidariedade, constantes, na forja do bem e da verdade que, enfim, vos libertará das antigas cadeias que vos impedem voos mais altos!

Todos têm, nele, Jesus, ‘o paradigma da Humanidade’, o grande modelo a ser seguido, o espírito mais evoluído que esteve entre nós, neste orbe.

Deixando, aos poucos, as sombras que nos têm acompanhado por nossa própria eleição, com os olhos fitos no porvir, na luz que nos aguarda, intemoratos, prossigamos rumo aos páramos celestiais!...

Avaliando o grupo, podemos dizer que:

Constance há muito conquistou o direito de viver aqui neste mundo mais feliz, mas presa ao grande amor àqueles que ainda mourejam na Terra, por vezes, tal qual um raio de sol, atravessando um charco sem se contaminar, ela aos poucos resgata-os com acendrado amor!

Algumas vezes, vai ao encontro de Peter, com quem ainda tem maiores compromissos de amor.

Na última reencarnação, esteve ao seu lado, incentivando-o a prática do perdão. Vitoriosa, regressou e daqui prossegue inspirando-o.

Presente ou à distância, ela continuará protegendo-os.

Quando reencarnará novamente na Terra? Não sabemos. Somente ela pode decidir.

Os seus, ainda reencarnados, seguem suas programações. Alguns já se aproximam do término da jornada; outros mal começaram o processo redentor.

Constantine se consorciará com o príncipe Omar dentro de alguns anos para viverem situações relativas a um passado que exige reparação.

A vida do futuro soberano daquele povo será extremamente difícil e por vezes cruel.

Constantine será sua âncora, seu porto-seguro, seu oásis, o amor sincero que fortalece e balsamiza, ajudando a transformar as leis de um povo,,

amenizando-os na preparação de um futuro mais justo e mais harmônico.

Omar pensará, por vezes, ser tudo inútil e poderá terminar os seus dias como Moisés no Monte Nebo, sozinho e desolado. Haverá momentos nos quais somente o amor de Constantine o socorrerá, felicitando-o, mesmo que entre dores e tragédias.

Por anos a fio, os dois dedicarão suas vidas a este povo, que lhes cobrará atitudes determinantes para o seu destino, credor que é, dos dois, no espaço e no tempo!

Caroline, muito depois, construirá seu lar, baseado no amor legítimo, exemplificado por seus pais. E isto, somente depois da partida do seu pai, que então terá regressado aos braços de Constance.

Como não conceberá filhos em seu ventre, Caroline irá adotá-los para o seu coração. A exemplo de seu pai, seguirá pela vida, amparando e socorrendo igualmente os desafortunados infantes que aportam à Terra, órfãos de pais vivos ou mortos e que recebem, como herança, o caminho muitas vezes da desorientação.

Peter George Kadir será afamado escritor, levando às mentes e aos corações as histórias fabulosas que conhece muito bem, para o entretenimento dos seus leitores.

Ele assistirá aos últimos momentos de Nacif, amparando Betel em idade bastante avançada, o que se dará no próprio lar dos dois, para onde Kadir retorna sempre que anseia por repouso, como ave de arribação... Nesses dois corações amorosos, ele se sustentará sempre para prosseguir na realização dos seus ideais.

Nacif e Betel, profundamente gratos a Allah, verão o menino sofrido e desorientado de outrora sustentar-se sobre os próprios pés e seguir, forte e determinado, para brilhar tal qual uma estrela de primeira grandeza!

Peter Kadir, digno herdeiro de seu pai, somando esforços, conduzirá com devotamento e muita energia o condado de Lancaster.

As instituições filantrópicas deixadas por Peter e Amin terão, ao longo dos anos, altos e baixos, por dependerem de diversas administrações. O maior objetivo, todavia, se cumprirá: amparar e educar jovens sem família, de qualquer país de origem.

A boa Matilde, em idade avançada, deixará o mundo entre cânticos de hosanas ao Senhor, por sua bela vida de abnegação.

De cabelos nevados, corpo delgado e leve, passos vacilantes, numa noite,

ela buscará o repouso estranhamente fatigada, para despertar nos braços amoráveis de sua querida Constance, a aconchegá-la tal qual filha querida, osculando-lhe respeitosamente as faces banhadas de lágrimas emocionadas...



## EPÍLOGO

E ASSIM, DEIXEMOS que cada um siga o seu destino, que dependerá sempre das suas obras, no exercício constante do livre-arbítrio.

Desejamos que todos cresçam cada vez mais. Por nossa vez, prosseguiremos grafando páginas e mais páginas, com amor e responsabilidade; derramando, hoje e sempre, o perfume da caridade legítima e as luzes do entendimento, incentivando nas mentes e nos corações os anseios naturais de voar alto, de ser feliz, rumo aos páramos celestiais, seguindo o exemplo incomparável de Jesus.

Paz seja com todos, e que o Senhor prossiga nos auxiliando neste empreendimento que é, para nós, a meta maior e o objetivo mais sublime, ao qual nos impusemos por seu amor, na busca constante de nossa própria redenção.

Para tal, confiamos na misericórdia divina.

ROCHESTER

Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1987



Esta edição digital foi convertida com base na primeira edição. O texto original foi composto em Goudy Old Style 11,5/13,7 e o título em Trajan 20/27. Eliana Haddad e Izabel Vitusso fizeram a revisão e André Stenico elaborou a programação visual da capa e o projeto gráfico do miolo.



